

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UMA ESCRITA PROVOCANTE,
INTENSA E SEDUTORAI!»

N.º 1
TOP DE
VENDAS

DESEJO SECRETO

«Foste sempre a minha rainha.
Todos sabiam, menos tu.»

CATHARINA MAURA

MILHÕES DE LEITORES EM TODO O MUNDO

alma
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UMA ESCRITA PROVOCANTE,
INTENSA E SEDUTORAI!»

N.º1
TOP DE
VENDAS

DESEJO SECRETO

«Foste sempre a minha rainha.
Todos sabiam, menos tu.»

CATHARINA MAURA

MILHÕES DE LEITORES EM TODO O MUNDO

alma
livros

CATHArINA MAURA

DESEJO SECRETO

Tradução
Maria Gabriela Ferreira



info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

THE TEMPORARY WIFE

Copyright © 2023 by Catharina Maura

Título: *Desejo Secreto*

Título original: *The Temporary Wife*

Autora: Catharina Maura

Tradução: Maria Gabriela Ferreira

Revisão: Raquel César

Paginação: Maria João Silveira

Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagens de capa: Unsplash e Shutterstock

Impressão e acabamento: Caflesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 534657/24

1.^a edição: Agosto de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

*Este livro é para os que lutam por se libertarem do que os aprisiona.
Só porque algo é o que sempre conhecemos,
não significa que seja o melhor para nós.*

Um Luca

Uma gota de suor forma-se na testa do homem sentado à minha frente, apesar de o

meu gabinete estar gelado. Devia poupá-lo ao sofrimento, mas continuo a olhar para ele.

– Eu... o fundo... nós... nós estamos gratos pelo seu investimento contínuo – gagueja.

Ainda bem que está! A minha família e os nossos clientes investem milhares de milhões por todo o mundo, e a parte que toca à empresa dele está longe de ser insignificante.

– Nunca disse que continuaria a investir – digo com a voz firme, desprovida de qualquer compaixão, apesar do meu esforço por transmitir alguma.

Ele começa a abanar uma das pernas, e eu observo a gota de suor descer-lhe pelo rosto, a respiração a acelerar a cada segundo.

– Não, ah, não está satisfeito com o nosso desempenho? O valor das ações subiu vinte por cento este ano.

A minha secretária executiva, Valentina, entra no gabinete no momento perfeito, como sempre. Já pedi, mais de uma vez, que procurassem aparelhos de escuta que ela pudesse ter instalado no meu gabinete. A equipa de segurança até já verificou três vezes que não se consegue ouvir o que aqui se passa através do telefone. Não sei como faz, mas entra sempre no momento certo, sem que eu tenha sequer a chance de a chamar.

Olho-a e observo a expressão estoica no seu belo rosto. Chamam-lhe «Rainha do Gelo» sem que saiba, e é fácil perceber porquê. Apesar de notoriamente bela, é uma mulher fria. Já a vi orquestrar a ruína de mais do que uma empresa, e fá-lo sem pinga de compaixão. É tão destituída de emoções como eu, e eu não poderia desejar outra coisa.

A Valentina pousa uma pasta de documentos à frente do Jackson Smithson e sorri educadamente enquanto se posiciona ao lado da minha secretária. Sempre odiei esse sorriso que faz. Não que tenha algo errado, nem parece propriamente falso, mas não gosto dele.

Olha-me nos olhos por um momento, pousando também uma pasta à minha frente. Reparo na nota autocolante rosa no topo dos documentos e faço uma careta. Leio «I&D». Não há qualquer contexto, mas, tratando-se dela, é tudo o que preciso de saber.

Lanço-lhe um olhar algo irritado. Ela sabe que odeio rosa, e tenho a certeza de que tem tanto material de escritório dessa cor só para me irritar. É, aposto, uma vingança pelo que a fiz passar nos últimos anos.

Há oito anos que a Valentina me enerva, desde que a minha avó a contratou para ser minha assistente. Fiz de tudo para me ver livre dela, mas é sempre mais esperta do que eu. Temos estado presos numa guerra interminável e, faça o que fizer, perco sempre.

Inclino a cabeça para o documento na minha secretária.

– O valor das ações aumentou vinte por cento, mas o lucro da empresa diminuiu. Como explica isso?

Como que em preparação para a batalha verbal que se avizinha, o Jackson respira

fundo, expandindo o peito visivelmente. Que adorável!

– O que aconteceu foi que investimos bastante em investigação e desenvolvimento este ano. Estamos a criar alguns produtos que vão revolucionar toda a atual indústria financeira.

Sorrio-lhe.

– *Toda a indústria? A sério?* – É o melhor que ele consegue? No mínimo, devia ter escolhido um veículo de financiamento emergente fora da minha área de especialidade.

Ele anui com entusiasmo, o olhar que tenta que seja apaziguador tresanda a desespero. Os encantadores olhos cor de avelã da Valentina encontram os meus, e ela volta a sorrir, irritando-me ainda mais, enquanto põe outro documento à frente do Jackson. A meu ver, nunca fez sentido que uma mulher tão fria tenha sido abençoada com uns olhos tão bonitos e doces.

– O investimento deste ano relativo a I&D é inferior ao do ano passado – diz com uma voz suave, doce e tão enganadora. – Não percebo – acrescenta, hesitante.

Ele olha para ela como se fosse a sua salvação, sem saber que, na verdade, é um tubarão. Pobre homem! Interrogo-me se vai morrer de susto antes de ela o despedaçar.

– Ah, isso é porque a I&D não está no relatório deste ano – diz, de olhos esbugalhados pelo pânico. – Mas estará no próximo relatório trimestral.

A Valentina abre os olhos de forma inocente e eu suprimo um sorriso.

– Então... porque não está o investimento em I&D nos lucros retidos? Como é que está a ser financiada a investigação?

Viro-me para a Valentina e aceno com a cabeça, pensativo.

– Boa pergunta – murmuro. – Tens alguma teoria, Valentina?

Ela anui e olha-me nos olhos.

– Não sou especialista, mas receio que não haja verba para investir em I&D... a não ser que sejamos nós a financiar. O aumento do valor das ações deve-se às declarações extravagantes que o idiota do diretor executivo continua a fazer nas redes sociais, numa clara tentativa de manipulação do mercado. O que ele diz não tem qualquer fundamento, e o mercado *irá* corrigir a situação quando perceber que os objetivos da empresa são inviáveis.

Ela é uma besta cruel no corpo mais sensual que alguma vez vi. Recosto-me na cadeira a apreciar o espetáculo. Posso desprezar a Valentina, mas não é por acaso que é o meu braço direito.

– O meu filho é um visionário – diz o Jackson. – Um de poucos. É disruptivo, um génio. Sim, as suas declarações podem ser bizarras, mas não se arrependerão de investir nele.

Olho para ele de cima a baixo e suspiro.

– O seu filho é um sonhador. Não é o lucro que o guia, Jackson. Ele quer mudar o mundo, o que é um nobre objetivo, mas não é algo em que queira investir. Não faço caridade. – O suor intensifica-se na testa dele e, por um segundo, sinto algo semelhante a pena. Felizmente, dissipa-se quase de imediato. – Dei-lhe uma hipótese de se explicar, mas, em vez disso, respondeu-me com um chorrilho de mentiras. Ele tem de deixar de ser o diretor executivo e o Jackson tem de nomear alguém que torne a empresa novamente lucrativa. Tem três dias para tomar uma decisão, caso contrário, vou retirar todo o investimento.

Ele fica pálido.

– Luca, se fizer isso... entramos em bancarrota!

Cruzo os braços e anuo vagarosamente.

– Sugiro então que pense muito bem no seu património.

Levanto-me e ele imita-me, relutantemente, de olhar suplicante.

– Três dias – relembro-lhe. Ele anui ao sair, resignado e visivelmente atormentado.

A porta fecha-se e a Valentina olha para mim com as sobrancelhas soerguidas e o olhar repleto de desprezo. Comporta-se de forma profissional à frente de outras pessoas, mas, quando estamos sozinhos, humilha-me sem piedade. Não sei bem porque permito que o faça.

– Três dias? – repete. – És um monstro! Ele vai estar em agonia durante três dias quando podias ter convocado uma reunião urgente da direção para substituir o rapaz. Não és o acionista maioritário? Preferiste reunir-te com ele e *torturá-lo*.

Sorriso-lhe.

– Não fui eu que chamei idiota ao filho dele e o ataquei como se fosse uma presa. Além disso, foi ele quem pôs a empresa de pé. Deve ser ele a decidir se o filho pode ou não destruí-la. Três dias é tempo suficiente para encontrar outro investidor. Se acredita verdadeiramente na visão do filho, é o que vai fazer.

Reparo num esgar de desprezo no canto dos lábios da Valentina. Ela abana a cabeça e recolhe os documentos espalhados pela secretária. Trabalhamos juntos há oito anos e permanece indecifrável.

Desvio o olhar e concentro-me no relógio de bolso do meu pai.

– A minha avó está à nossa espera para o jantar semanal de família. Sabes que não gosta de atrasos. Vamos juntos e acabamos o trabalho depois.

Ela anui sem qualquer sinal de protesto no olhar. Há anos que trabalha as mesmas dezasseis horas diárias que eu. Inicialmente, só a obriguei a isto porque queria que se demitisse, mas tornou-se a nossa rotina.

A Valentina segue-me em silêncio até ao carro. Desde que foi contratada que tento perceber a sua relação com a minha avó e nunca consegui. Nem mesmo o Silas Sinclair, o nosso brilhante diretor de segurança, o conseguiu desvendar. Não faço ideia por que motivo, há oito anos, a minha avó contratou para minha assistente uma miúda que tinha acabado de desistir da faculdade e por que razão a Valentina é convidada para eventos familiares. Há algo na Valentina Diaz que me desagrada profundamente e não é apenas a aura de mistério que a envolve.

Dois

Luca

Come mais, Val – diz a minha avó, sobrepondo-se ao barulho da mesa cheia, tratando-a com o mesmo carinho que me dedica e aos meus cinco irmãos. Lança-me um olhar severo e cerro os dentes, servindo relutantemente mais cenoura assada à minha secretária executiva.

Não percebo porque favorece tanto a Valentina. Os nossos jantares semanais são estritamente reservados à família. Só existem duas exceções a esta regra: a Raven, melhor amiga da minha irmã, e a *Valentina*.

Conseguia perceber se fosse convidada de vez em quando, tendo em conta que trabalha para mim há anos, mas nunca foi o caso. Desde que começámos a trabalhar juntos, tem sido convidada a jantar connosco uma vez por mês. Diz-me que não sabe por que motivo a minha avó a trata tão bem, mas acho que é treta.

Tenho tentado perceber se a minha avó lhe paga para que lhe conte tudo o que faço, mas não encontrei provas disso. Bem, se fosse verdade, nunca haveria provas. A minha avó não o permitiria.

A Valentina sorri à minha avó e olho-a, pensativo. Porque será que nunca se comporta assim comigo? Não é só o riso genuíno que lhe escapa dos lábios vermelhos, é também a conversa informal que mantém com os meus irmãos e as piadas privadas que tem com a minha irmã, a Sierra.

A Valentina, a Sierra e a Raven riem-se de algo que me escapa e desvio o olhar, focando-me na comida.

Ela dá-se muito bem com todos os membros da minha família, exceto comigo, que lhe pago um salário exorbitante. Não sei que versão dela é verdadeira. Quando está com a minha família, é tão doce que quase me deixo encantar. Se eles a vissem no trabalho! A ilusão que têm caía por terra num instante.

Bebo um gole de vinho e encaro o meu irmão mais velho, o Ares. Nesta mesa barulhenta, somos os mais calados esta noite. Sigo o olhar dele e percebo que está a observar a Raven. Ela ri-se de algo que a Valentina disse e ele não consegue desviar o olhar.

Abstraio-me, tentando não demonstrar preocupação. A Raven não é só a melhor amiga da nossa irmã, é também a irmã mais nova da noiva do Ares. É a última mulher para quem ele devia olhar desta maneira. Abano a cabeça e esvazio o copo de vinho. Um casamento de conveniência é o que nos espera a todos, mas eu, pelo menos, entrarei no meu sem sentimentos por uma mulher que nunca terei.

– Estás muito calado – diz a Valentina no fim do jantar. – Está tudo bem? Há algo urgente para tratar?

Olho-a surpreso e digo que não com a cabeça enquanto caminhamos em direção à minha casa.

– Nunca pensas em nada senão em trabalho?

Elasorri-me do modo que odeio.

– *Tu* pensas?

Sorrio involuntariamente.

– *Touché!*

A Valentina pressiona o polegar no leitor de impressões digitais e a porta da minha casa abre-se. Suspira quando descalça os saltos altos, deixando-os perto da porta e dirigindo-se para a sala.

Parece tão pequenina quando está descalça. Seria fácil pegar nela e pô-la contra a parede. Saberão os lábios dela ao veneno que as suas palavras destilam?

Passo uma mão pelo cabelo e abano a cabeça. No que raio estou a pensar? A beleza da Valentina não tem comparação, mas imagino que seja igualmente fria e desagradável na cama. Se a tentasse comer, seria queimado pelo gelo, sem dúvida. Estremeço, chateado comigo mesmo por estar a pensar nisto.

– Interessante – diz, olhando para o telemóvel ao sentar-se no sofá. Sento-me também e inclino-me sobre o ombro dela para espreitar o ecrã. Uma lufada do seu perfume de lavanda obriga-me a inalar profundamente. – Pediu ao filho que se demitisse. Não estava à espera disto.

Vira-se para olhar para mim e as nossas caras estão tão perto que o nariz dela quase roça no meu. O meu olhar concentra-se nos seus lábios carnudos e um arrepio de desejo, que não quero sentir, percorre-me o corpo.

– Porquê? – murmuro. Ela não se afasta e eu também não.

– Porquê o quê? – a voz treme-lhe.

– Porque é que não estavas à espera disto?

Ela pestaneja e afasta-se, voltando a colocar a sua irritante máscara de mulher profissional. Valentina Diaz, uma das poucas mulheres que conheço que não me deseja. Imagino que seja por isso que trabalhamos juntos há anos – nunca ultrapassámos qualquer limite. Sempre quis que assim fosse, mas, por algum motivo, esta noite, a indiferença dela enerva-me.

– Não pensei que pedisse ao filho que se demitisse da direção executiva e, mais do que isso, não esperava que lhe desses uma oportunidade para salvar a empresa. Nunca deste uma segunda oportunidade a ninguém durante todos os anos que trabalhamos juntos. Sempre foste decidido e implacável. Que mudou desta vez?

Ela olha-me de forma incisiva. Pergunto-me se terá consciência de que mais ninguém ousaria pedir-me uma explicação – e de que eu também não a daria a nenhuma outra pessoa.

Hesito por um momento e, sem pensar, pego no relógio de bolso, com os dedos percorrendo o brasão dos Windsors gravado nele.

– O Jackson era amigo do meu pai. A decisão de investir na empresa dele foi do meu pai.

Falar dos meus pais custa-me menos agora, mas ainda me dói, mesmo passados vinte anos. Imagino que esta mágoa nunca desaparecerá totalmente. Algumas feridas nunca saram. Esta é uma delas.

A Valentina olha para baixo, escondendo a sua expressão.

– Percebo – diz, num tom despido de emoção.

Por um momento, temi que me fosse perguntar algo sobre os meus pais, mas nunca se intromete. Antes, pensava que era porque tinha medo de perder o emprego, mas acho que é porque não quer mesmo saber. Esta mulher é um bloco de gelo!

– Suponho que seja essa a razão para o continuares a apoiar, apesar de o desempenho da empresa dele piorar ano após ano, há já cinco anos – sorri maliciosamente. – Talvez, afinal, sempre tenhas um coração agures aí dentro.

Os olhos dela brilham ao pressionar-me o lado esquerdo do peito com o indicador. O coração que acha que eu não tenho? Acelera de repente. Não me lembro da última vez que me sorriu tão genuinamente e não me lembro de que *alguma vez* me tenha tocado assim.

Sem pensar no que estou a fazer, agarro-lhe o pulso e pressiono a palma da mão dela contra o meu peito. Os olhos da Valentina abrem-se ligeiramente, apenas isso. Não me parece que a situação a esteja a afetar como a mim.

– Diz-me *tu*. Tenho?

Será que ela reparou que o meu coração está a bater mais rápido do que devia?

– Não – diz, sorrindo –, és um homem sem coração.

Os cantos dos meus lábios formam um sorriso enquanto lhe solto o pulso e lhe liberto a mão.

A Valentina sorri enquanto alcança o meu portátil, que está em cima da mesa, e eu não consigo deixar de olhar para ela. Acho que nunca a tinha visto sorrir assim enquanto está sozinha comigo. Já sorriu assim a todos os meus irmãos, mas nunca a mim.

– Temos de terminar os planos da reestruturação e não te esqueças da prova final do fato para o casamento do Ares e da Hannah. O dia chegará mais cedo do que julgas.

Recosto-me a pensar em tudo o que temos planeado para os próximos meses. Se o conseguir realizar, concretizo os sonhos do meu pai. Estamos tão perto!

Eu e cada um dos meus irmãos dirigimos diferentes negócios. Entre todos, tratamos de mercados financeiros, média e relações-públicas, hotéis, setor automóvel e tecnológico, imobiliário e algumas participações no estrangeiro.

São todos mercados nos quais os Windsors entraram nos últimos cinquenta anos sob a supervisão da minha avó. Temos sido tremendamente bem-sucedidos, mas foi na indústria financeira que começámos. É pela Windsor Finance e pelo Banco Windsor que mais somos conhecidos.

A empresa que dirijo é a que o meu pai dirigiu. Pode já não estar aqui para presenciar o rumo que tomei, mas quero que esteja orgulhoso de mim. Sigo a visão que ele não teve a oportunidade de concretizar.

A Valentina desbloqueia o meu portátil com a impressão digital do dedo indicador e dou conta do quanto tenho vindo a confiar nela ao longo dos anos. É a única que conhece os meus planos de expansão. Posso não gostar muito dela, mas suspeito que a Windsor Finance não seria o que é hoje sem ela.

Quando é que tudo mudou? Odiei-a quando a minha avó a contratou e me forçou a aceitá-la. Ter sido diretamente contratada pela minha avó significava que nunca a poderia despedir, por muito que quisesse – e eu tentei! Tentei de tudo para me ver livre dela, mas nunca consegui. Quando é que parei de a tentar afugentar?

– Serás minha acompanhante no casamento do Ares – informo-a, com os olhos a vagar pelo corpo dela. – Sabes como é, manténs-me afastado das *socialites* ocas e certificas-te de que cumprimento quem realmente nos interessa. Vou dar-te a lista de convidados e espero que saibas *tudo* sobre *todos*. Isto não é apenas um casamento.

Ela anui e sorri de modo forçado.

– Claro! Lá estarei, com todo o conhecimento necessário, incluindo os nomes dos animais de estimação, dos filhos e dos amantes.

Aceno com a cabeça e recosto-me no sofá, com o olhar ainda a percorrer o corpo dela. Quando é que ela deixou de ser a mulher que mais odiava e se transformou na mulher em quem mais confio?

Três Valentina

– Que idiota! – diz a minha mãe com os olhos colados à televisão. Hipnotizada pela cena que se desenrola na telenovela, contorce o rosto quando a mulher não dá importância ao batom na camisa do marido. – É mesmo estúpida!

A voz da minha mãe está tão repleta de amargura que lhe consigo sentir o sabor. Envolve-me e entranha-se de tal forma, que me muda o estado de espírito. Fico apreensiva, o pavor toma conta de mim enquanto me preparo mentalmente para as palavras que se seguirão.

– Não se pode confiar nos homens – diz, talvez mais para si do que para mim. – São todos iguais. Todos traem, espezinham-nos o coração e deixam-nos sozinhas com os destroços da vida que pensávamos que íamos construir juntos.

Observo-a, admirando a sua coragem, mesmo sentindo o desespero tomar conta de mim. Sou a última a negar tudo aquilo pelo que passou, mas ela não percebe o mal que *faz* – a si e a todos os que a rodeiam.

– É isso que eu sou para ti, mãe? Um destroço? Uma lembrança do passado? – as palavras que normalmente silêncio saem-me da boca sem que as consiga parar.

Os olhos da minha mãe brilham quando se vira para mim.

– Sabes bem que não era isso que eu queria dizer. Se sentisse isso, não teria tido três empregos a vida toda para te criar. E se não tivesse trabalhado tanto, não estaria neste estado agora – diz-me, com o olhar a descer para as pernas.

Fico arrasada com o sofrimento no olhar dela e arrependo-me imediatamente do que disse. Se eu não existisse, a minha mãe não teria trabalhado na fábrica que lhe tirou a mobilidade. As pernas dela nunca mais serão as mesmas e ela nunca mais poderá estar de pé mais de uma hora sem sentir uma dor excruciante. Pode não o dizer abertamente, mas sei que me culpa. Se eu não tivesse insistido em ir para a faculdade, ela não teria aceitado aquele trabalho.

A culpa acerta-me em cheio no peito, no entanto, sinto despontar também a amargura que ainda agora notei na voz dela. Pode ter sacrificado muito por mim, mas eu tenho feito tudo para a compensar.

– Enquanto o teu pai criou o outro filho com luxos, deixou-nos a nós a passar fome – resmunga. – Nunca olhou para trás, nem mesmo quando eu não te podia comprar um casaco no inverno ou quando não conseguias pagar as propinas.

Forço-me a sorrir, de coração pesado. É sempre a mesma história! O ódio dela pelo meu pai é profundo e, apesar de não a censurar, gostava que o ultrapassasse. Já se passaram vinte e um anos e o veneno a que se agarra entranha-se nela e em tudo o que toca. O ódio já lhe roubou mais coisas do que o meu pai.

Suspiro e continuo a sorrir enquanto deixo que seja a culpa a articular as

minhas palavras.

– Mas não tens de trabalhar mais nenhum dia na tua vida, mãe – digo-lhe gentilmente. – Ganho mais do que suficiente para nós e para a *Abuela* até ao fim das nossas vidas.

O Luca paga-me um salário desnecessariamente alto e, além do mais, proporcionou-me um apartamento perto do escritório, um carro e um motorista. Pode ser o Diabo em pessoa, mas compensa-me bem pela quantidade ridícula de horas que me obriga a trabalhar.

A minha mãe anui e sorri, desta vez de forma genuína.

– Estou orgulhosa de ti – diz-me com voz meiga. – Sempre soube que ias longe. Tens a minha inteligência. Tiveste oportunidades com as quais só podia sonhar quando tinha a tua idade.

Desvio o olhar e tento afastar a ponta de ressentimento que sinto. Por uma vez, gostava que reconhecesse o meu sucesso sem o fazer refletir-se nela. Adoro a minha mãe, mas ela nunca esteve presente enquanto eu crescia. Ao contrário daquilo em que acredita, não foi ela que me criou. Foi a *Abuela*.

Será que alguma vez vai olhar para mim e ver-me verdadeiramente? Às vezes, parece que não passo mesmo de um reflexo seu. Todas as semanas, tento ao máximo passar tempo de qualidade com ela, mas, de todas as vezes, ela acaba a divagar sobre o passado e não há nada que a faça mudar de conversa e falar de algo mais positivo. Começo a ficar cansada de tentar e ainda mais cansada de como me sinto quando estou com ela.

Só lhe quero mostrar o meu amor e talvez receber um pouco do seu, mas acabo sempre esgotada e desanimada. Quando volto a esta casa, saio daqui com lembretes de que não se pode confiar em ninguém e de que a felicidade é passageira.

Quando era mais nova, tinha a certeza de que a minha mãe estava errada. Pensava que as coisas seriam diferentes e que não me ia acontecer o que lhe aconteceu a ela. Pensava que ia viver um amor épico e encontrar a felicidade que sempre me fugira. Algures, um dia, ia encontrar um lugar meu, onde fosse desejada.

Durante algum tempo, pensei que o tinha encontrado. Mas a minha mãe estava certa. Não se pode confiar nos homens, e as promessas são só palavras deitadas ao vento. A honra só interessa até certo ponto e o amor esvai-se depressa.

A minha mãe faz uma careta quando a mulher na telenovela é forçada a admitir que o marido a anda a trair, e eu olho para o meu telemóvel, completamente tensa. Acho que não aguento mais avisos da minha mãe esta noite.

Aclaro a voz e afasto a culpa que sinto.

– Mãe – digo hesitante –, preciso de ir. Tenho de tratar de uma coisa de trabalho.

Ela anui imediatamente.

– Vai – diz-me –, o teu trabalho é importante. As únicas coisas com que podes contar são a tua educação e o teu ordenado, Valentina.

Observo-a por um momento. Não devia ela estar também na lista? Não devia

poder contar com a minha mãe? Senti-me mal por lhe ter mentido, mas passou-me num instante.

Dirijo-me a ela e beijo-lhe a face antes de me encaminhar para a porta da casa que partilha com a *Abuela*, a casa onde cresci. Este lugar devia encher-me de afeto e felicidade, mas nunca o fez verdadeiramente.

– Val? Vais-te embora?

Paro ao ouvir a voz da *Abuela*. Está encostada à parede da entrada com um copo de *agua de sandía* numa mão e um saco de plástico na outra.

– Sim... tenho de tratar de uma coisa de trabalho.

A *Abuela* sorri-me com um olhar sábio.

– Nunca foste capaz de me mentir, Val.

Está a segurar um saco de supermercado, por certo cheio de caixas de plástico. Adora colecionar caixas vazias de manteiga e iogurte, e nunca sei o que contêm. Adivinhar o que está dentro delas antes de as abrir tornou-se o meu jogo preferido.

– Para ti, Princesa. Ainda estão quentes. Partilha-os com o teu chefe bonitão.

Fito-a de olhos esbugalhados.

– Como... como sabes que vou para o escritório?

Ir-me embora foi uma decisão impulsiva. Como podia ela saber que o ia fazer e ter tido tempo suficiente para preparar as caixas de comida?

– Escondes-te sempre atrás do trabalho quando estás aborrecida. – Passa-me o saco e deixa uma mão em cima da minha. – O coração da tua mãe está no sítio certo, *mi niña*. As intenções dela são boas. Não quer que sofras como ela sofreu, mas a forma como te tenta proteger é errada. Não lhe liguês, está bem?

Ela sabe sempre o que dizer para afugentar o meu desgosto.

– Adoro-te, *Abuelita*.

– E eu adoro-te mais, Val. Para sempre.

Inspiro fundo, emocionada, e abraço-a com força. Parece-me mais frágil do que o costume e isso preocupa-me.

– Impossível – digo-lhe. – Eu é que te adoro mais.

Ela ri-se. o som da sua gargalhada atenua a dor que a minha mãe causou. Graças à *Abuela*, sorrio a caminho do carro, achando que a minha noite não foi assim tão má.

Penso se devo mandar mensagem às minhas amigas, Sierra e Raven, mas desisto. É ridículo, mas sinto-me culpada por ter dito à minha mãe que tinha trabalho. E como foi a desculpa que inventei, acho que devo trabalhar, pelo menos um pouco.

Suspiro ao estacionar em frente ao escritório. O guarda-noturno cumprimenta-me pelo nome e quase me sinto sufocar de autocomiseração quando se fecham as portas do elevador privado do Luca. Tenho vinte e oito anos e zero vida social fora do trabalho. Até as minhas melhores amigas são pessoas que conheci através do meu chefe. É patético!

O escritório está deserto e dirijo-me à minha secretária. Devia sair, estar com amigos, mas aqui estou, no escritório, num sábado à noite.

Paro quando vejo que as luzes do gabinete do Luca estão acesas e fico confusa.
Sei que não tem nada na agenda para hoje à noite, que estará aqui a fazer?

¹ Literalmente «água de melancia». É uma bebida típica do México, feita com melancia, água e açúcar. [N. *da T.*]

Quatro Valentina

O Luca levanta a cabeça, espantado, quando me vê entrar. Tem o seu belo rosto marcado pela testa franzida enquanto o olhar percorre as minhas roupas. Olho para baixo e reparo nas calças de ganga e na *t-shirt* que tenho vestidas, ficando embaraçada e sem palavras. Contam-se pelos dedos de uma mão as vezes que me viu vestida informalmente. Nunca comprometo o meu profissionalismo e ele também não.

Ainda me lembro do aviso que me fez quando começámos a trabalhar juntos. Disse-me que nunca lhe entrasse no gabinete com algo vestido que não usasse numa reunião de direção e, até hoje, nunca o tinha feito.

– Valentina – diz, sem qualquer emoção, como sempre.

Há anos que trabalhamos juntos e, mesmo assim, trata-me pelo nome completo. Toda a gente me chama «Val». Desde o primeiro dia, fez-me ver que não gosta de mim e que quer impor distância. Suponho que alguma da sua cautela venha do facto de ter sido a avó dele a contratar-me, mas, apesar de todas as perguntas que me faz, sei tanto sobre a decisão dela como ele.

– Luca – forço um sorriso e dou um passo hesitante na sua direção.

Não me lembro da última vez que me senti envergonhada ao pé dele, mas é como me sinto neste momento. Não tenho uma razão legítima para estar no escritório e receio que isso levante algum tipo de suspeita. Apesar da sua contínua falta de confiança, nunca lhe dei razões para duvidar de mim, mas estar no escritório num sábado à noite quando ele sabe que não há razão para isso? Tenho de admitir que é uma situação estranha.

– Que fazes aqui? – acaba por perguntar.

Desvio o olhar, pensando no que responder, e decido-me pela sinceridade parcial. O Luca tem de ser tratado com cuidado. Durante anos, usou qualquer desculpa para me tentar despedir, e eu não posso perder este emprego. A avó dele defendeu-me das suas tentativas vãs, mas a minha sorte pode esgotar-se um dia. Quando isso acontecer, será a minha família a sofrer as consequências.

– Eu... bem, não estava a ter a melhor noite e não sabia para onde ir. Acabei por vir para o escritório.

Esperava que o Luca tivesse pena de mim, mas apenas acena com a cabeça.

– Também eu – diz com uma voz suave.

Pensei que tivesse mais qualquer coisa a dizer ou que me fizesse perguntas, mas, em vez disso, fica calado a olhar para o ecrã do computador. Esta é talvez uma das poucas coisas que aprecio nele, além do irritante bom aspeto. O Luca

Windsor nunca se mete na minha vida privada.

Os limites entre nós são tão firmes como há oito anos, quando começámos a trabalhar juntos. Desprezava-me nessa altura, e creio que ainda despreza, mas respeita-me, e isso é o que importa.

– Tens planos para jantar? – pergunto, segurando o saco que a minha avó me deu.

Está a usar um fato de três peças, como de costume, e sei que não tem reuniões marcadas. Irá a um encontro?

Cruza os braços e recosta-se na cadeira a olhar para mim. Há algo cativante no Luca Windsor. Tem este hábito de fazer com que as mulheres sintam que têm a sua atenção plena, e eu não sou imune a isso, apesar de tentar resistir-lhe.

– Jantar? Desde quando é que tenho planos para jantar que tu desconheces? Não tenho encontros e tu sabes isso. Não vale a pena, de qualquer forma.

Pestanejo, surpreendida. Claro. Durante todos os anos em que o conheci, nunca teve uma namorada. Os casamentos dos Windsors são todos arranjados e, a seu tempo, terá de casar com uma mulher escolhida pela avó. Provavelmente, uma qualquer herdeira rica que possa expandir o império familiar. Percebo que alguém como o Luca não se interesse por ir a encontros. Seria uma perda de tempo.

Pouso o saco na secretária e tiro as caixas, secretamente entusiasmada ao abrir a caixa de manteiga que a *Abuela* me deu. O Luca olha-me estupefacto quando lhe passo um *taquito* embrulhado em papel de alumínio e lhe sorrio educadamente. Que pensava ele que lhe ia dar? Um pedaço de manteiga?

– Foi a minha avó que fez e não gosto de comer sozinha. Fazes-me esse favor?

Ele hesita por um momento, mas acaba por assentir. Realmente, é raro estarmos sozinhos de forma inesperada, sem uma agenda de trabalho específica ou uma obrigação social para cumprir.

Comemos em silêncio e aproveito para o estudar. É irritantemente bonito, tem as linhas dos maxilares bem delineadas, o nariz perfeito e o cabelo forte e preto. O seu bom ar não compensa a total falta de personalidade. Não consigo imaginá-lo a ser afetuoso. Saberá sequer sorrir ou tem os músculos da cara atrofiados pela falta de uso?

Suspiro e desvio o olhar. Acredito que é também incomparavelmente inteligente, fiel ao máximo e que ama a família acima de qualquer outra coisa. A personalidade dele é corrosiva, e é demasiado bruto para o seu bem, mas não é cruel ou injusto.

Mesmo quando fez tudo para que eu me despedisse, só me ajudou no longo prazo – tive de aprender várias línguas, obrigou-me a estudar à noite, até o mestrado foi ele que me forçou a fazer. Não saí prejudicada, apesar de o ter odiado na altura. Não gosto de o admitir, mas sei que fará uma mulher muito feliz um dia.

– Sabes quem é? A mulher com quem te vais casar? – pergunto sem pensar e sou surpreendida pela pontada de desespero que sinto. Só faço perguntas pessoais ao Luca por motivos profissionais, mas esta saiu-me sem querer.

Ele gela por um momento e depois abana a cabeça.

– Não faço ideia, mas como o casamento do Ares será em breve, o meu deve ser o próximo.

Recosto-me na cadeira e anuo de pensamentos dispersos.

– Achas que a Raven vai aceitar? – pergunto, de forma meiga.

Na semana passada, a noiva do Ares cancelou o casamento e foi pedido à Raven, uma das minhas melhores amigas e irmã mais nova da noiva, que tomasse o lugar dela como esposa do Ares. É a única forma de as duas famílias fazerem a fusão. A empresa que resultar da união será herdada pelos filhos desse casamento, e sem uma união entre os Windsors e os Du Ponts não haverá empresa.

Eu sei, melhor que toda a gente, o quanto a Raven ama o Ares, mas também sei como será difícil para ela casar com um homem que acha que está apaixonado pela irmã dela.

– Sim – diz o Luca com firmeza. – A Raven e o Ares foram feitos um para o outro. Só eles é que não veem isso. Ainda bem que isto aconteceu, será pelo melhor.

Observo-o, sentindo-me estranhamente nervosa. Tem razão quando diz que será o próximo. Assim que o Ares se casar, a atenção da avó cairá sobre o Luca. Como será quando ele for casado? Que tipo de mulher acabará por ser a sua esposa?

Questiono-me se ele a tratará com a mesma ternura e gentileza com que trata a irmã e a avó. Pensar nisso... deixa-me desconfortável e não percebo porquê.

Cinco

Luca

O ambiente está tenso, e eu e os meus irmãos tomamos os nossos lugares no altar, ao lado do Ares. Um casamento de conveniência já é suficientemente difícil, mas não saber quem irá caminhar até ao altar dá cabo dos nervos de qualquer um. Para bem do Ares, espero que seja a Raven, e não a mulher com quem é suposto casar. Nenhum de nós gosta da Hannah.

Percorro a bonita vinha à nossa volta com o olhar, a sensação é agri-doce. É um lindo casamento, simultaneamente à moda dos Windsors e dos Du Ponts, mas parece vazio. É um enorme faz de conta, uma fusão com duas vidas como danos colaterais. Sempre foi assim na minha família, mas, até agora, nunca me pareceu tão real.

O Ares é o primeiro de nós a casar-se e chegará a hora de todos. Prova-velmente, serei o próximo. Se dependesse de mim, nunca me casaria. Não tenho qualquer desejo de me prender a alguém através de contratos arcaicos e não preciso nem quero alguém a invadir o meu espaço até que a morte nos separe. Não imagino nada pior!

Passo uma mão pelo cabelo, sentindo uma inexplicável sensação de perda. A minha avó e todos os seus irmãos casaram por conveniência, também os meus pais. É a forma de manter a família Windsor bem relacionada e invencível. Sempre foi assim e nenhum de nós se afastará do caminho que nos foi traçado, mas não posso deixar de perguntar como terá sido para os meus pais. Pensar neles já não é um tormento, mas, em dias como hoje, sinto falta deles. Se estivessem aqui hoje, que diriam ao Ares e a todos nós?

– É melhor assim – diz o Lex, e eu anuo em concordância.

– Ela ainda pode mudar de ideias – responde o Ares, e abanamos a cabeça em uníssono. Espero mesmo que a Hannah não mude de ideias.

– Não vai – diz o Zane. – E vais agradecer-lhe por isso.

O Dion respira fundo e vira-se para encarar o Ares.

– O que quer que aconteça hoje, Ares, lembra-te que és um Windsor e nenhum de nós escolhe as suas esposas. É uma tradição que nos serve há gerações, por isso tem alguma fé.

O Ares fica a olhar para ele.

– Vou lembrar-te disso quando for a tua vez.

De onde estou, consigo ver a noiva do Dion, Faye, sentada mais atrás. Esse casamento é o único, além do que está a acontecer agora, que está decidido há anos. Mesmo assim, o Dion e a noiva mal se falam. Suponho que seja porque o Dion vive em Londres, mas poderá haver outras razões.

Será que vê-la o lembra dos nossos pais? Ela perdeu a mãe no mesmo acidente de avião. Já é difícil o suficiente fazer com que um casamento de conveniência funcione sem esse tipo de bagagem. Passo a mão pelo cabelo e abano a cabeça. Ele não a poderá evitar para sempre.

– Seria assim tão mau casar com a Raven? – pergunta o Lex. – Posso ficar com o teu lugar?

O Ares é o mais calmo de nós, treinado para manter a expressão serena quando

enfrenta os *media*, mas o Lex acaba de o fazer perder a paciência. Vira-se para ele com a cara distorcida pela fúria.

– Que foi? – pergunta o Lex de modo provocador. – Não suportas a ideia de ver a Raven com outro homem? Pensei que não a querias para tua mulher.

– Vai-te lixar! – diz o Ares entredentes, para meu deleite. Ele não faz ideia de que a Hannah ter desistido do casamento foi a melhor coisa que lhe aconteceu.

Começa a ouvir-se música e o corpo do Ares relaxa quando vê a Raven com o pai dela ao lado. Sorri, incapaz de desviar o olhar, e eu não consigo evitar abanar a cabeça. Que idiota!

Eu e os meus irmãos suspiramos de alívio quando o pai da Raven lhe põe a mão sobre a do Ares. A eles pode não lhes parecer, mas o dia de hoje resulta da intervenção do destino no caminho que lhes tentaram impor. Fosse como fosse, eu sabia que iam acabar juntos, gostassem ou não da ideia. Fico feliz que seja através de um casamento, porque acho que não seriam capazes de se manterem afastados um do outro mesmo casados com outras pessoas.

Olho para os convidados que assistem à cerimónia, detendo-me na Valentina. Tem um elegante vestido vermelho que lhe assenta na perfeição. Até daqui é impossível não reparar nela e ficar encantado. A Valentina usa a sua beleza como uma arma, e fico feliz por tê-la no meu arsenal. É a armadura perfeita para manter os olhares de cobiça longe de mim.

Hoje, mais do que nunca, preciso dela. A quantidade de *socialites* de olho em mim é ridícula! Posso fingir que não, mas ouço os rumores, as especulações. Toda a gente quer saber quem será a minha noiva, e algumas famílias aqui presentes têm esperança de que seja uma das suas filhas. A forma como estão desejosos de vender alguém do próprio sangue é nojenta. Ver a Valentina a lidar com isto será o ponto alto do dia.

Houve uma altura em que pensei que iria encontrar alguém com quem quisesse casar a qualquer custo, alguém que amaria sem limites. Quem me dera saber nessa altura o que sei hoje. As relações são sempre transacionais, o amor incondicional não existe. Nem acredito que exista amor verdadeiro e, se existir, é volátil como tudo! É algo que não quero voltar a sentir. No meu caso, um casamento de conveniência é uma bênção.

Os convidados aplaudem quando o Ares beija a Raven e eu sorrio mentalmente. O modo como a beija... sim, é tão óbvio que a deseja e nem sequer percebe. Que grande idiota!

Observo como os noivos se afastam de mãos dadas. O Ares não sabe a sorte que tem – e não é apenas por a Raven ser uma das mulheres mais extraordinárias que conheço. O amor não está nos meus planos, mas o Ares não é como eu. É um romântico incurável e quer um casamento de verdade, o que vai acontecer com a Raven. Lá por eu não o querer, não quer dizer que não fique feliz pelo meu irmão.

Sim, mesmo agora que tudo parece um caos e o futuro é incerto, consigo vê-lo. Há algo entre eles que não existia entre a Hannah e o Ares.

Seis

Luca

Só mais uma fotografia – pede a minha avó, sorridente. O Ares e a Raven parecem cansados e inseguros, mas a avó está radiante de felicidade. É como se os tivesse apanhado numa armadilha. Suponho que, de certo modo, foi o que aconteceu. Se não fosse a insistência dela, não estariam aqui hoje.

– Avó – digo com um tom indulgente ao abraçá-la pela cintura. Puxo-a para mim e sorrio. – Que tal darmos descanso ao casal feliz? Está a transformar isto num evento de trabalho para a minha querida cunhada. Ela já posa como modelo horas a fio, todos os dias. Vamos juntar-nos aos outros convidados.

Ela olha-me com um sorriso meigo e anui. É quase possível esquecer que é a matriarca Windsor, que nos criou a todos depois de perdermos os nossos pais. A avó gere a família com punho de ferro, mas, em dias como o de hoje, parece só uma qualquer avó num casamento familiar. Está emocionada e orgulhosa, com os olhos repletos de felicidade genuína pelo Ares e pela Raven.

Questiono-me se estaria assim se o Ares tivesse casado com a Hannah. Não me lembro de alguma vez a ter visto sorrir assim à Hannah. Ofereço-lhe o braço e ela aceita-o.

– Muito bem – resmunga –, mas tens de dançar comigo.

Deixo escapar um sorriso e encaminhamo-nos para a sala do copo-d'água.

– Dançar com a minha mulher preferida? Será uma honra!

Ela semicerra os olhos, e eu pego-lhe na mão.

– És um falinhas mansas, tal como o teu pai.

Paro, espantado. A avó raramente fala dos meus pais, não esperava ouvi-la referir-se ao meu pai de forma tão casual. Sorri-me quando a dirijo para a pista de dança, enquanto uma balada ecoa pela sala.

– É difícil não pensar no James num dia como este – diz com um rasgo de saudade no olhar. – Estaria tão feliz pelo Ares e receberia a Raven de braços abertos. Não há dia em que não pense neles. Só espero ter-vos criado de uma forma que eles aprovassem.

A minha avó é um titã, uma força da natureza. Nunca mostra fraqueza e, por muito tempo, pensei mesmo que não tinha nenhuma.

– Fez um trabalho extraordinário, avó – asseguro-lhe. – Nem quero pensar no que seria de nós se não fosse a avó.

Ela acaricia-me a face gentilmente. Os seus dedos parecem mais magros, e ela mais baixa do que me lembro.

– Sabes que tudo o que faço é por ti e pelos teus irmãos, não sabes?

Há algo no seu tom que me deixa desconfortável e anuo hesitantemente.

– Claro!

As palavras dela parecem um aviso e não consigo dissipar o incómodo que sinto.

– Ainda bem! Lembra-te sempre disso.

Faço-a rodar e continuo a pensar nas suas palavras. É engenhosa e nada do que diz

pode ser levado à letra.

Desperto dos meus pensamentos com o som de uma gargalhada familiar e olho na sua direção para deparar com a Valentina a dançar com um homem que conheço muito bem. Há algo no olhar dela que nunca vi antes e não gosto disso. É raro ouvi-la rir tão genuinamente e interrogo-me o que terá ele dito. Que raio disse para merecer o riso dela?

Ela nunca olhou para mim daquela forma e nunca se riu assim comigo. Ri-se nas minhas costas, suponho, mas nunca comigo. Nunca pensei que pudesse parecer ainda mais bonita, mas vê-la rir assim... sem dúvida, é a mulher mais deslumbrante que conheço. Odeio que esteja a mostrar àquele otário um lado que esconde de mim. Ele não o merece. Ninguém merece. Nem eu.

– Luca?

Pestanejo e dirijo a atenção para a minha avó.

– Sim? Que disse, avó?

Os olhos dela brilham e sorri.

– Estava a dizer que a Valentina fica tão bem a dançar com o Joshua Rivera. Talvez deva tratar de um arranjinho fora da família. Ela não vai ser nova para sempre e tu obrigala a trabalhar tantas horas que nem deve ter vida amorosa. Seria bom encontrar um homem que a amasse e apreciase.

– O quê? – arregalo os olhos perante esta insinuação e olho para a Valentina. – Não! – exclamo. – Claro que não! – O meu tom é ríspido e suponho que surpreenda a minha avó, porque nunca antes lhe falei assim, mas ela limita-se a sorrir.

– Porque não? – pergunta-me enquanto continuamos a dançar. – Ele é bem-parecido e rico e trabalham no mesmo mercado. Será um bom homem para ela e acredito que a fará feliz. Ela não pode trabalhar para ti para sempre, Luca. E já viste como ele olha para ela?

Fico a observar a Valentina, a sua expressão descontráida e o seu olhar sedutor. Sinto uma raiva como nunca senti formar-se no meu estômago e cerro os maxilares numa tentativa de a controlar.

– Dariam filhos lindos – diz a minha avó, entusiasmada. – Não achas?

O Joshua desce a mão ligeiramente, tem as pontas dos dedos já consideravelmente abaixo da cintura dela e puxa a Valentina contra ele. Tenho esperança de que ela o afaste, mas limita-se a sorrir.

Por um instante, o meu pensamento é invadido por imagens dos dois juntos. *Os lábios dele nos dela, um gemido suave a escapar-lhe dos lábios quando se põe em bicos de pés... as mãos dele a percorrerem todas aquelas curvas irresistíveis, os olhos dela repletos de desejo.* Sinto-me torturado por cada pensamento e mal consigo aguentar.

Afasto-me da minha avó com um esgar.

– Desculpe, avó – digo-lhe, mal contendo a minha raiva. – Lembrei-me de que há algo que preciso de tratar com a Valentina.

– Tudo bem, Luca – ela sorri enquanto me afasto, como se soubesse que estou a mentir, mas sem me dizer.

Os olhos da Valentina encontram os meus ao me dirigir a ela, e aquele sorriso lindo desaparece. Porque será que é sempre tão fria comigo quando se ri tanto com um palerma como o Joshua?

Com uma expressão apreensiva, agarro-a pela cintura e transfiro-a dos braços do Joshua para os meus com um movimento gracioso.

Ela sobressalta-se, de olhos esbugalhados, enquanto o seu corpo vem de encontro ao meu.

– Luca? – murmura, com a apreensão espelhada nos seus deslumbrantes olhos avelã.

– Que raio estás a fazer, Windsor? – pergunta o Joshua, denunciando alguma raiva. Olha para ela com tanto anseio, que a aperto ainda mais, sem pensar.

– Desculpa – digo entredentes –, ela é minha.

A Valentina olha estupefacta para o Joshua.

– Ele quer dizer que trabalho para ele – explica, e eu sorrio ao pôr-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Ele sabe o que eu quis dizer – digo-lhe, começando a dançar.

Ela enlaça os braços no meu pescoço, os nossos corpos estão na mesma posição em que ainda agora se encontravam o dela e o do Joshua. É demasiado íntimo. Estar assim... ele sentiu o corpo dela inteiro pressionado contra o dele. Sentir as curvas dela contra o meu peito é quase impossível de aguentar. Sei perfeitamente no que aquele porco estava a pensar enquanto dançava com ela. É impossível não a desejar.

A Valentina franze a testa ao dançarmos ao som da banda.

– Que foi isto? – pergunta.

– Porquê? – indago. – Estás chateada por te ter afastado do Joshua? Estavas tão divertida que parece que te esqueceste de que estás a trabalhar. Para ti, isto não é uma festa, é trabalho.

Ela encara-me e pisa-me, fingindo logo que foi sem querer.

– Ups! – diz. – Desculpa.

Faz de mim o que quer e quando quer. Puxo-a para mim e passo-lhe uma mão pelo cabelo, as pontas dos meus dedos afloram-lhe a nuca. Imagino-a de joelhos à minha frente, o meu pénis a tocar naqueles lindos lábios carnudos, a minha mão a segurá-la como agora.

– Que infantil! – digo-lhe, agarrando-a com força, possessivamente.

– Não mais do que tu – responde. – Não gostas que brinquem com os teus brinquedos, pois não?

Rio-me e baixo o rosto na direção do dela. Mesmo com os saltos altos que está a usar hoje, continua mais baixa do que eu.

– Valentina, se alguma vez brincasse contigo, nunca mais olharias para outro homem. Prendia-te de tal forma, que não serias capaz de desejar outras mãos no teu corpo.

Ela cora e desvia o olhar. A sua irritação começa a dissipar-se.

– Do que... do que é que estás a falar?

A música acaba e agarro-lhe a mão.

– Segue-me – murmuro ao dirigi-la pelas amplas portas para o pátio da vinha iluminado à luz das velas.

Sete Valentina

O Luca agarra-me a mão com força enquanto nos desviamos do caminho iluminado por velas que cruza o lugar onde foi o casamento e a sala do copo-d'água. Parece zangado, mas não sei porquê. Será porque me estava a divertir por um momento? Estou aqui para o proteger e estabelecer contactos e, em vez disso, tenho estado a bebericar vinho e a dançar, sabendo que ele não suporta faltas de profissionalismo, nem por um instante.

Sobressalto-me quando os meus saltos se enterram na relva e o Luca olha por cima do ombro. o seu olhar é sombrio quando liberta a minha mão.

– Em dificuldades? – pergunta em tom gentil, apesar da raiva que lhe brilha nos olhos.

Antes de ter tempo para responder, ele inclina-se sobre mim, surpreendendo-me. Põe-me um braço à volta das costas e outro atrás dos joelhos e pega-me ao colo com facilidade.

– *Luca* – murmuro num tom que denuncia a minha estupefação –, que estás a fazer?

Ele agarra-me com força até eu deitar a cabeça no seu ombro, com os lábios muito perto do seu pescoço. De perto, o seu perfume é ainda mais inebriante.

Sentir o corpo forte do Luca contra o meu desperta algo em mim. A mesma sensação que tive ao dançarmos juntos. Ele afeta-me de uma maneira única. Faz-me sentir segura, irritada e nervosa, tudo ao mesmo tempo.

A música vai-se desvanecendo a cada passo que ele dá, até ser completamente inaudível.

– Luca – sussurro –, para onde me estás a levar?

Ele sorri ao entrarmos num coreto iluminado pela lua cheia.

– Reparei nisto a caminho daqui e fiquei a pensar como seria à noite.

Põe-me no chão, gentilmente, e dou um passo atrás, atordoadas. É lindo e é como se estivesse num sonho. O coreto de madeira está iluminado com grinaldas de luzes e a Lua e as estrelas brilham por cima de nós.

– Que estamos aqui a fazer? – pergunto de coração acelerado.

O Luca sorri sem alegria e aproxima-se de mim, obrigando-me a dar um passo atrás e a ficar contra um dos pilares do coreto. Ladeia-me com os braços, pondo as mãos contra o pilar. A forma como me olha faz-me disparar ainda mais o coração e, esta noite, mais do que nunca, gostava de poder ler o seu sempre indecifrável pensamento.

– Perdeste a cabeça de vez? – pergunto de forma suave. – Levei-te à loucura?

Ele sorri, mas o seu olhar está repleto de solidão. Inclina-se e passa a ponta dos dedos pela minha testa de forma terna. Respiro fundo e encosto-me mais ao pilar, encarando-o. Parece-me perigoso esta noite, com a habitual máscara indecifrável a quebrar-se.

Põe-me as mãos atrás do pescoço, depois sobe-as pelo meu cabelo, até me segurar como quando estávamos a dançar. Volto a respirar fundo quando se aproxima mais de mim até o seu corpo estar quase colado ao meu.

– Sim, acho que levaste. – Agarra-me o cabelo com mais força e volta o meu rosto na sua direção, inclinando-se. – Levas-me completamente, totalmente, desesperadamente à *loucura* – suspira com a testa encostada à minha.

Só mais um pouco e os seus lábios tocarão os meus. Não o devia desejar, mas desejo. Talvez seja do vinho ou do luar. Ou das duas coisas. Só sei que quero quem não devia: o Luca.

– Luca – sussurro, suplicante.

Ele geme e aperta-me o cabelo com força enquanto os seus lábios se apoderam dos meus com a mesma urgência que estou a sentir. Gemo colada aos lábios dele, querendo mais. Todos os pensamentos se desvanecem e abraço-lhe o pescoço com o corpo dele contra o meu.

– Foda-se! – murmura colado aos meus lábios, antes de me agarrar pela cintura. – Sabes tão bem como sempre imaginei. – Levanta-me contra o pilar do coreto e enlaço-o com as pernas. O meu vestido abre-se pela racha lateral. – Um doce pecado.

O toque dele pelo meu corpo é impaciente. A forma como me beija e move as ancas deixa-me louca! Está duro e a forma como se roça em mim é puro pecado. É demais e não é o suficiente, ao mesmo tempo.

Puxo-lhe o laço e ele afasta-se um pouco para que lho possa arrancar.

– Valentina – geme, antes de me beijar outra vez.

Deixo que o laço caia ao chão e desabotoo-lhe a camisa, fazendo voar alguns botões na tentativa de me colar a ele.

– Mais – peço-lhe, sem deixar de o beijar.

Não me lembro da última vez que me deixei guiar pelo desejo, mas nunca nada me pareceu tão certo. Talvez isto sempre tenha sido inevitável.

A camisa dele abre-se e percorro-lhe o torso com as mãos. Sempre soube que era musculado, mas ver não é o mesmo que tocar. Sabe bem tocar-lhe, e a forma como geme quando os meus dedos lhe percorrem os abdominais faz-me sorrir.

– *Valentina* – avisa-me, mordiscando-me o lábio inferior.

Gemo e inclino a cabeça num silencioso pedido por mais, e ele faz-me a vontade, beijando-me profunda e vagarosamente. Mete uma mão entre nós e gemo encostada aos lábios dele quando sinto os seus dedos passarem pelas minhas cuecas de seda.

– Molhada – geme ele, provocando-me com os dedos por cima do tecido. – Estás tão molhada, sinto-o nos dedos, mesmo por cima das cuecas. – Desvia-as e um gemido implorante escapa-me dos lábios quando põe um dedo dentro de mim.

– Luca – gemo, ofegante.

Ele beija-me de forma mais bruta.

– Sim – rosna. – Isso. Quero que digas o meu nome. Só o meu.

Inclino a anca na sua direção e ele reposiciona os braços, segurando-me com um e usando o outro para me provocar. Afasta-se um pouco para olhar para mim e sinto-me corar. Devo estar uma desgraça! Sinto os lábios inchados, o mais provável é que esteja toda despenteada, mas ele olha para mim como se fosse a coisa mais bela que já viu.

– Foda-se! – murmura, movendo os dedos mais rapidamente, com um toque impiedoso.

Desvio o olhar, sentindo-me envergonhada e querendo evitar o seu olhar intenso, mas ele não me deixa.

– Olha para mim – pede, parando os dedos.

Acedo e ele sorri, satisfeito, de olhar ardente.

– Queres vir-te para mim, não queres, Valentina?

Digo que sim com a cabeça e mordo o lábio.

– Então olha para mim. – Esfrega-me o clitóris com o polegar e eu encho de gemidos o espaço entre nós. – Não desvies o olhar, Valentina. És minha. Os teus gemidos, o teu prazer, o teu corpo. É tudo meu. *Só meu*. – Sorri quando percebe que estou no limite e abana a cabeça. – Vem-te para mim. Vem-te.

Não me lembro da última vez que um homem me deu tanto prazer. Implica demasiada confiança e não tenho muita para dar.

– *Por favor* – imploro.

O toque dele intensifica-se e gemo mais alto. Leva-me ao limite e nem me reconheço.

– *Luca* – gemo enquanto os meus músculos se contraem contra os dedos dele e o prazer me percorre o corpo como nunca senti.

Ele sorri e depois inclina-se para me beijar, agora de forma mais meiga. Beija-me de uma maneira tão doce e calma que quase deixo de respirar. Passeio as mãos pelo seu peito, até lhe abraçar o pescoço e pousar as pontas dos dedos na sua nuca. Puxo-o para mim, ansiosa por mais, mas ele afasta-se, deixando de sorrir.

– Da próxima vez que quiseses isto, vens ter comigo – diz-me com uma expressão séria. – Afasta-te do Joshua. Não é homem para ti.

Pestanejo, confusa, quando me põe no chão e me ladeia com ambos os braços. Olho-o nos olhos de coração acelerado, mas agora sem ser por prazer.

– Do que... do que é que estás a falar, Luca?

Ele sorri forçadamente e afasta-me o cabelo do rosto com um olhar gélido.

– Se queres ser amante de um homem rico, faz isso no teu tempo livre. Não uses os meus contactos para ganhos pessoais, muito menos numa ocasião como esta. É completamente vergonhoso ver-te a seduzi-lo quando estás aqui a representar-me. Devo lembrar-te do contrato que assinaste? Se te apanho a fazer isso outra vez, despeço-te. Nem a minha avó te poderá salvar.

O meu coração para e desvio o olhar para esconder a dor que sinto. É raro o Luca deixar-me sem palavras, mas conseguiu-o neste momento. O que acabou de

acontecer... que foi isto? Foi só por causa do Joshua?

O Luca encara-me e aproxima-se.

– Diz-me, Valentina. Estás farta de trabalhar? És igual às outras mulheres que me rodeiam, não és? As mulheres de quem me devias proteger hoje.

Olho para ele, a minha dor transforma-se gradualmente em raiva.

– Estás mesmo a acusar-me de ser uma caça-fortunas? Porque *dancei* com um homem? Perdeste mesmo a cabeça, não foi?

– Chamas àquilo dançar? – exclama. – As mãos dele estavam pelo teu corpo todo e pareceu-me que estavas a gostar. Ele é um dos nossos principais rivais, e sabes isso muito bem. Achas mesmo que se aproximou de ti só para dançar? Ou sabias que ia querer mais? Até onde eras capaz de levar as coisas? Até onde o deixarias ir? Se tivesse sido o Joshua a trazer-te aqui, também o tinhas beijado como me beijaste a mim?

Fico a olhar para ele de coração apertado. Sou apenas uma posse, um brinquedo que não quer partilhar. Não tem qualquer interesse por mim, só lhe interessa que não seja de mais ninguém.

– Foi por isso que me tocaste como tocaste? – pergunto suavemente. – Porque achaste que ia sair daqui com o Joshua? Porque achaste que ele me ia seduzir e eu lhe ia contar todos os nossos segredos profissionais?

Há anos que trabalhamos juntos e tive inúmeras oportunidades para o trair, algumas lucrativas a ponto de não ter de voltar a trabalhar um dia na minha vida. Fui-lhe sempre fiel e fiquei ao seu lado, porque, mesmo que parecesse não gostar de mim, respeitava o meu trabalho e tratava-me de forma justa. Achei que tínhamos um entendimento mútuo, mas estava muito enganada.

O Luca desvia o olhar e o seu silêncio diz muito. Ainda não confia em mim. Ajeito o cabelo e inspiro profundamente antes de me forçar a sorrir.

– Parece-me que te equivocaste, Luca. Não sei o que posso fazer ou dizer para te convencer, mas, sinceramente, estou farta de ter de te prestar provas. Pensei mesmo que me conhecias melhor do que isto. – Empurro--lhe o peito, e ele afasta-se com uma expressão ilegível. – Mas não conheces, pois não? Oito anos e não me conheces minimamente!

Viro-me e afasto-me de olhos marejados, mas recuso-me a chorar. Como posso ter acreditado que o Luca Windsor me queria? Não me devia ter iludido!

Oito

Luca

A Valentina não está na sua secretária quando chego, e olho para o meu relógio de bolso com a cabeça a latejar. São nove da manhã, deve estar numa reunião.

Passo uma mão pelo cabelo, pensando no que aconteceu no fim de semana. Fiz merda! Não lhe devia ter dito nada daquilo e, certamente, não lhe devia ter tocado. Não sou emotivo nem impulsivo e, no entanto, vê-la com o Joshua fez-me perder completamente a razão. Não conseguia pensar em mais nada senão em torná-la minha antes que ele tivesse uma hipótese. Foi tão irracional e tão pouco meu, que não consigo perceber o meu comportamento.

Sinto-me tomado pelo remorso quando vejo uma nota adesiva rosa na minha secretária, rodeada por dois comprimidos e um copo de água. «*Para a tua inevitável ressaca*», leio. Como sabia ela? Não falámos desde o casamento, como poderia ela saber que eu, o Lex, o Dion e o Zane bebemos o fim de semana inteiro? Talvez tenha adivinhado por saber que o Dion não está connosco muitas vezes. Conhece-me melhor que ninguém, e isso arrasa-me.

Oito anos e não me conheces minimamente. Estas palavras ecoaram na minha cabeça todo o fim de semana, intervaladas por outros pensamentos. Tenho estado obcecado por ela, pela forma como me olhou, como estava molhada e como gemeu o meu nome. Como raio posso esquecer isto? Como posso olhar para ela e não a querer?

Pego nos comprimidos e ponho-os na boca, na esperança de que me tirem a dor de cabeça rapidamente para pensar numa forma de pedir desculpas à Valentina. Não consigo mesmo perceber porque lhe disse aquelas coisas.

Ao longo dos anos, nunca tivemos uma verdadeira discussão – em parte, porque a Valentina nunca deixa que cheguemos a esse ponto. Não sei que fazer. Nem sequer me lembro da última vez que pedi desculpas a alguém. Como se pede desculpas pelo que fiz? Será possível voltar atrás, a como éramos antes disto tudo?

Através das paredes envidraçadas do meu gabinete, vejo-a regressar à sua secretária com um monte de documentos na mão. Está dolorosamente bonita hoje, com um vestido bege e batom vermelho. Estou perdido, só consigo pensar em esborratar aquele batom! Se não tivesse intervindo, teria ela ido para casa com o Joshua? Teria gemido o nome dele com aqueles lábios deslumbrantes? Sinto um instinto violento correr-me nas veias só de pensar nela nos braços dele.

Inclino-me sobre a secretária escondendo a cara com as mãos. Que raio se passa comigo? Nunca me meti na vida dela. Não faço ideia se tem um namorado, se há alguém especial na sua vida, mas sei que mal lhe dou tempo para isso. Porque estou de repente interessado em coisas nas quais nunca pensei e como é que paro isto? A minha usual lista de motivos para desprezar a Valentina Diaz parece vazia hoje, mas forço-me a enumerá-la para, de alguma forma, tentar controlar o que ela me fez sentir:

1.

Seria estúpido perdê-la como secretária executiva, porque é a pessoa mais

competente que trabalha na minha empresa;

2.

É amiga da minha irmã e da minha cunhada;

3.

A minha avó adora-a e ficaria furiosa se descobrisse;

4.

Foi-me imposta como secretária executiva e deve ser uma espiã da minha avó;

5.

Vou casar-me com outra pessoa.

Pois, mas nada disto interessa se significa que não poderei voltar a tê-la. Foi exatamente por isto que mantive a distância durante tanto tempo. Sempre soube que, assim que a provasse, não ia querer outra coisa!

O meu dedo paira sobre a tecla de chamada do telefone, mas sou impedido de a pressionar por um repentino ataque de nervos. Que merda! Desde quando fico nervoso?

Pressiono-a e a Valentina olha para cima, encontrando o meu olhar através das paredes envidraçadas.

– Podes chegar aqui? – pergunto num tom mais ríspido do que queria.

Ela assente com a cabeça e levanta-se, nunca deixando de me encarar enquanto entra no meu gabinete. Não parece zangada ou afetada pela situação, e não sei se isso é um bom ou um mau sinal.

– Bom dia, Luca – diz com o seu irritante sorriso educado. Só por uma vez, gostava que se risse comigo como a vi rir com o Joshua.

– Valentina.

Ela olha para mim expectante e recosto-me na cadeira sem saber que dizer.

– De que precisas?

O tom dela é tão educado, tão distante. Esta é a Valentina que sempre conheci, mas começo a perceber que esta versão fria e desligada só existe para mim. Quero-a de joelhos entre as minhas pernas, os seus lindos lábios abertos e os seus bonitos olhos a brilhar de desejo. Quero vê-la a revelar-se, pouco a pouco, até estar perdida de prazer como esteve no fim de semana passado. Cerro os dentes e tento dissipar este pensamento.

– Desculpa – digo suavemente.

Ela arregala os olhos e cruza os braços.

– Devia ser eu a pedir desculpa. – Desvia o olhar por um momento. – Peço desculpa por me ter ido embora mais cedo quando me pediste que te acompanhasse durante todo o casamento. Não cumpri o meu dever. – Volta a olhar-me e força um sorriso. – Tinhas razão. Esqueci-me do meu lugar. Estou tão confortável com a tua família e em situações sociais, como o casamento do Ares e da Raven, que me esqueci de que não pertença a esse mundo, ao teu mundo. Nunca pertencerei. Nunca serei mais do que uma funcionária substituível, uma mulher que seria sempre a amante e nunca a esposa. Foi disso que me acusaste, não foi? De querer ser a *amante* do Joshua, apesar de ele não ter nem namorada nem mulher?

Ela põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha e o meu olhar prende-se nos seus dedos trémulos. A voz dela soa determinada, mas o corpo demonstra a dor que lhe provoqueei. Como posso melhorar esta situação? Como me torno merecedor do seu perdão?

– Ouvi muito bem o teu aviso, Luca. Pisei a linha e o meu comportamento reflete-se em ti. A última coisa de que precisas é de rumores sobre a tua secretária executiva a tentar enganar um ricalhaço. É isso que te preocupa, não é? – Sorri sem vontade. – Peço muitas desculpas. Precisava desse aviso. Não voltará a acontecer. Não terás de te preocupar, não te envergonharei outra vez. Não me posso dar ao luxo de perder o meu emprego.

Foda-se! Que raio fiz?

– Valentina – digo, sem saber como continuar –, eu não... não foi isso que quis dizer.

– Não?

Como posso dizer que está errada sem admitir que foi um ataque de ciúmes? Não tenho o direito a ter ciúmes de quem dança com ela e foi isso que se passou. Não conseguia suportar a ideia de ela estar nos braços dele, de ela se rir com ele, quando a mim mal me sorri. O Joshua nunca tem relações exclusivas e não tem qualquer intenção de se casar. Não a quero ver com mais ninguém, mas, principalmente, não a quero ver com alguém como ele. Ela nunca seria a sua namorada ou mulher – ele brincaria com os sentimentos dela e depois descartá-la-ia.

Esforcei-me para manter uma certa distância entre nós e lembro-me todos os dias dos motivos pelos quais a devo desprezar, e não desejar, mas acho que as coisas não voltarão a ser como eram. Não agora que conheço a expressão do seu rosto quando tem um orgasmo.

– Quero que saibas que te respeito muito, Valentina. És, sem dúvida, o recurso mais precioso da Windsor Finance. Eu pisei a linha. Se alguém o fez, fui eu. Disse coisas que não queria e se pudesse voltar atrás, não as tinha dito. E não são só as palavras. Também mudava as minhas atitudes. Acho que nunca me arrependi tanto de algo como do que aconteceu naquele momento. Tenho-te mais estima do que imaginas e a última coisa que quis foi magoar-te.

Porque lhe toquei quando sei que nunca a poderei ter? Só há uma forma de a manter na minha vida: como secretária executiva, nada mais. Não posso arriscar pôr em maior perigo a nossa relação profissional.

Noto-lhe um esgar de tensão.

– Não és o único que se arrepende, Luca – diz-me sem raiva, mas com remorso. – Preferia que nunca mais falássemos sobre este assunto.

Ajeita o cabelo e, com escárnio, volta à raiva, acompanhada de vingança.

– O *recurso* mais precioso da Windsor Finance – repete com um sorriso malicioso. – É isso que sou para ti, claro! Como me posso ter esquecido disso por um segundo!

Merda!

– Não era isso que queria dizer – apresso-me a responder.

Os olhos da Valentina faíscam de fúria.

– Andas a dizer e a fazer muitas coisas que supostamente não queres – diz. – Talvez seja melhor ficares calado.

Ela disse-me mesmo para estar calado?

– Eu...

– Tens uma reunião daqui a dez minutos – interrompe-me, ainda furiosa. – Vou enviar-te um *email* com tudo de que precisas.

Depois, sai, deixando-me a olhar para o vazio. Como foi possível ter piorado ainda mais as coisas?

Nove

Valentina

– Val?

Olho para cima quando ouço a voz da *Abuela* e a vejo parada à porta do meu quarto.

– *Abuelita*? Que fazes aqui?

Percorre-me o rosto com o olhar, parece preocupada.

– Toquei à campainha duas vezes e não me ouviste. Estava preocupada contigo e decidi entrar. Há algum tempo que não vais a casa.

Levanto-me e pego-lhe nas mãos, notando como estão frias.

– Como vieste?

Ela sorri-me.

– Apanhei o autocarro e caminhei. Liguei-te e não atendeste. Estava com um mau pressentimento, por isso usei o código na porta.

Levo as nossas mãos ao meu rosto e aqueço a dela com a minha face.

– Desculpa, *Abuelita*. Tenho estado muito ocupada com trabalho. Devia ter ido ver-vos.

Ela guia-me até à sala e sentamo-nos.

– Não foste a casa porque tinhas medo de que te fizesse demasiadas perguntas.

Pestanejo, surpresa.

– Que queres dizer com isso? – pergunto de forma hesitante.

Ela lança-me um dos seus olhares sábios.

– Que aconteceu, Val? Porque andas tão chateada? Já se passaram semanas e nem pareces tu. Discutiste com o Luca?

Liberto a minha mão da dela e envolvo-me nos meus braços.

– Não – minto. – Ele é só o meu chefe, *Abuela*. O que é que julgavas?

Ela sorri-me.

– Há anos que trabalhas para ele, *Chiquita*. É mais do que teu chefe. É como se fosse família, não? Talvez mais do que isso.

Enterro as unhas na pele e abano a cabeça ao relembrar a forma como ele me beijou. É difícil explicar como me sinto traída. Para ele foi só um engate, uma forma de me controlar quando achou que estava a sair da linha.

Não faz ideia de que foi a primeira vez em anos que me permiti ser vulnerável. Confiei-lhe o meu corpo e deixei-me perder o controlo. Foi uma decisão estúpida e da qual me arrependo profundamente. Por um momento, ele quebrou as barreiras

entre nós e fez-me querer coisas que sei que nunca poderei ter, só para depois me lembrar de que não signifique nada para ele. Tantos avisos da minha mãe e, mesmo assim, deixei-me enganar.

– Não! É só o meu chefe, nada mais. Devias ver menos telenovelas, porque estás a ver coisas que não existem.

– Estou? – pergunta com as sobranceiras levantadas.

– Estás!

Ela levanta-se e começa a tirar do saco a comida que me trouxe, dispondo várias caixas de plástico na mesa de centro.

– Se isso é verdade, então porque andas chateada desde que foste ao casamento? Olho para ela, admirada. Como conseguiu ver isso?

– Não estou chateada.

Ela olha para mim e abana a cabeça.

– Que se passa então? O casamento fez-te querer assentar? Já é tempo, Val. Com a tua idade, já andava a correr atrás da tua mãe.

Resmungo e enterro-me no sofá.

– *Abuela!* Estou focada na minha carreira. Só quero tomar conta de ti e da mãe.

Ela olha-me nos olhos e fica imóvel com uma caixa de iogurte nas mãos.

– E quem vai tomar conta de *ti*, Princesa?

Cruzo os braços e suspiro.

– Não preciso que ninguém tome conta de mim. Posso tomar conta de mim mesma.

Ela anui.

– Eu sei que sim, Val. Mas, às vezes, é bom poder contar com alguém, mesmo que não seja preciso. Às vezes, é bom não se estar sozinho. A vida passa depressa, Val. Quando chegares à minha idade, que vais ter? Que memórias terás construído? O teu trabalho não te vai aquecer os pés à noite. – Ela hesita e depois senta-se ao meu lado. – Esse teu chefe, ele preocupa-se contigo?

Lembro-me das palavras dele e mordo o lábio. Ele acha que sou uma caça-fortunas. Vi-o nos olhos dele. Pensou que estava a usar a sua rede de contactos, que me ia enrolar com o Joshua só porque ele demonstrou interesse. Pensou que, se não fosse ele que estivesse ali comigo no coreto, teria feito na mesma o que fiz, como se estivesse desesperada pela atenção de um homem rico.

Durante anos, tentei ao máximo afastar-me desse tipo de rumores, com pavor de acabar como a minha mãe. Sei melhor do que ninguém que ele pertence a outro mundo e que se alguma vez tivéssemos uma relação, acabaria mal para mim. Desta vez, arrisco mais do que um coração partido – arrisco o meu sustento.

– Não, *Abuela*. Ele não se preocupa minimamente comigo. Não te disse já? Aquele homem é o Diabo. Não tem coração, não tem sentimentos. Não se preocupa com mais nada nem ninguém a não ser com ele mesmo. – Suprimo a dor que sinto no coração e endireito-me.

Sou apenas uma funcionária para ele, se tanto. A família dele pode receber-me nas suas casas e nos seus corações, mas ele nunca o fez e nunca o fará. Sempre soube que não éramos amigos, mas pensei... se calhar, pensei demasiado. Nunca

devia ter permitido que as coisas chegassem tão longe. Nunca devia ter retribuído o beijo. Devia ter percebido que não me queria verdadeiramente. Só queria controlar-me.

Ela ri-se com mágoa e abana a cabeça.

— Estão juntos há tanto tempo. Suponho que se houvesse um interesse, já teria acontecido alguma coisa entre vocês. Se ainda o odeias como no início, não deve ser o homem que pensava que era. — Inclina-se e afasta-me o cabelo do rosto. — Devias pensar no que te faz feliz, *Chiquita*. Este trabalho? Já não te faz feliz. Já nem sorris e estás sempre sobrecarregada e em stresse. Eu e a tua mãe estamos bem, Val. Já é tempo de começares a viver a tua vida. Não devias trabalhar tanto. Devias encontrar alguém que tome conta de ti.

Pego-lhe nas mãos e entrelaço os nossos dedos.

— Eu *estou* a viver a minha vida, *Abuelita*. Não te preocupes comigo, está bem? Estou feliz e continuo a adorar o meu trabalho. Está tudo bem. As últimas semanas foram só semanas mais difíceis.

Ela volta a abanar a cabeça.

— Não estás feliz e nem sequer o percebes. Sei ver quando a minha neta está feliz. E sei que não estás. — Pega-me no rosto e suspira. — Promete-me só que vais pensar no que te disse, está bem? Pensa no que te faria verdadeiramente feliz e promete-me que o vais tentar alcançar, seja o que for. A vida é mais curta do que pensas, *mi niña*.

Anuo e ponho a mão sobre a dela.

— Prometo.

A minha avó afasta-se e dirige a sua atenção para a comida.

— Toma — diz-me. — Prova este... — franze a testa a olhar para a caixa de *menudo* à sua frente. Fica pálida e sem expressão. — Rosa — chama-me pelo nome da minha mãe —, como se chama isto?

Sinto-me sufocada de preocupação e ponho-lhe um braço pelos ombros.

— *Abuela*? — murmuro de coração descompassado.

Ela olha-me nos olhos e pestaneja.

— Ah, Valentina. Que foi, Princesa?

Que se está a passar?

— *Abuelita*, tens-te esquecido das coisas ultimamente? — pergunto ternamente.

Ela ri-se e relativiza, abanando a mão.

— Estou velha, Val. É normal acontecer.

Pareceu-me mais do que um esquecimento momentâneo. Estava confusa e, por um momento, pensou que eu era a minha mãe.

— Que tal irmos ao médico? Ficava mais descansada.

Fica com uma expressão séria e abana a cabeça.

— Chulos! — diz-me. — São todos uns chulos, só querem o nosso dinheiro. Mesmo que estejas bem, encontram uma maneira de te fazer gastar dinheiro. Não quero ir.

Suspiro e passo a mão pelo cabelo.

— É por isso que temos seguro de saúde, *Abuela*.

Ela volta a abanar a cabeça, com um rasgo de teimosia no olhar.

– Sabes que não cobre tudo, principalmente quando somos velhos. Não vou! Anuo com relutância. Vai demorar, mas tenho de a convencer a ir ao médico.

– Tudo bem, *Abuelita*.

Encosto a cabeça ao ombro dela com mil pensamentos a lutar por espaço na minha cabeça. Estou preocupada com a minha avó e, apesar de não o admitir, ainda estou magoada com o Luca. Sempre me avisou que não ultrapassasse os limites da nossa relação profissional, mas acabei por fazê-lo e tenho de encontrar uma forma de voltar atrás. Não posso perder o emprego, não quando a minha família precisa tanto de mim. Tenho de fazer melhor do que isto.

Dez

Luca

Proponho que nos concentremos nestas três – diz-me a Valentina, pondo um documento sobre a minha secretária. – Se comprarmos estas empresas, poderemos fazer a expansão que pretendes.

Nenhuma nota adesiva rosa, outra vez. Sempre as odiei, mas, para minha surpresa, tenho sentido falta delas. Desde que a beijei que deixou de as usar e é impressionante como o meu mundo ficou mais triste. É engraçado como é das pequenas coisas que sinto mais falta.

Gostava que fosse a única coisa que se recusa a dar-me, mas não é. Também se tem retraído nos sorrisos e no escárnio que eu sempre me convenci de que desprezava. Já não me chama à atenção e tornou-se mais cautelosa. Faz o trabalho sem dar opiniões não solicitadas e tenho saudades da sua inteligência aguçada.

– Fala-me sobre cada uma – murmuro, precisando de uma desculpa para a manter no meu gabinete, para ouvir a sua voz. Mal temos falado. Cada vez mais utiliza o sistema de mensagens em vez de se dirigir ao meu gabinete como sempre fazia e, quando o faz, é sempre rápida a sair.

– O documento que te dei tem toda a informação de que precisas – responde-me secamente.

Dói-me olhar para ela. Tê-la tão perto e saber que não lhe posso tocar é a minha definição de tortura.

– Dói-me a cabeça – minto. – Podes fazer-me um resumo?

Porque continuo a atormentá-la desta forma? Sei melhor do que ninguém que isto só a fará detestar-me ainda mais, mas não me consigo controlar. Quero mantê-la aqui, olhar para ela.

Por um instante, noto o aborrecimento no seu olhar e rezo para que me mande uma boca como costumava fazer. Desfaço-me de desilusão quando ela anui e faz o que lhe pedi com a voz tão calma e profissional que sempre teve.

Nunca tinha percebido o quanto gostava da nossa parceria, porque era disso que se tratava. Há anos que a Valentina deixou de ser apenas uma secretária executiva. Devia tê-la promovido a diretora de operações, que é exatamente a função que tem desempenhado, pelo menos até há pouco tempo.

– Para – murmuro. – Por favor, Valentina.

Apanhei-a desprevenida e ela arregala os olhos.

– Claro – diz, assentindo. Gesticula em direção aos documentos. – Tens toda a informação aqui.

Ela afasta-se e eu abano a cabeça.

– Não – digo-lhe. – Sabes que não era a isso que me referia.

Por um momento, reconheço nos olhos dela a mesma solidão que sinto e o meu coração contrai-se.

– Já te pedi desculpa, Valentina. Posso pedir-te desculpa mil vezes se quiseses. Como podemos voltar a ter o que tínhamos antes?

Ela desvia o olhar com uma expressão ilegível.

– Não sei o que queres dizer com isso – diz-me, mentindo. – Acho que tenho sido bastante profissional e, que eu saiba, não ultrapassei qualquer limite. Há algo com o qual estejas descontente? Se me disseres o que é, posso melhorar.

O meu coração contorce-se de dor e passo uma mão pelo cabelo, fechando os olhos.

– Tu deixas-me louco – murmuro.

O olhar dela brilha de uma forma que me poria de joelhos se não estivesse sentado. É como se as minhas palavras a tivessem lembrado daquela noite. *Dor. Luxúria. Anseio. Solidão.* Tudo misturado naqueles incríveis olhos avelã.

– Éramos uma equipa perfeita, Valentina. Vamos mesmo deixar que uma noite estrague isso? Quanto tempo mais me vais tratar de forma tão fria?

Ela leva uma mão trémula ao rosto e põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Peço desculpa – diz com suavidade. – Não era minha intenção tratar-te friamente, Luca. Estava apenas a tentar ser profissional e a respeitar os limites que impuseste. Esqueci-me do meu lugar uma vez e não quero que volte a acontecer. Estava demasiado confortável e isso quase me custou o meu trabalho. – Faz uma pausa e cruza os braços. Os seus lindos olhos estão repletos de vulnerabilidade. – Não quero que sintas que te estou a usar ou à tua família ou à tua rede de contactos. Receio fazer algo que seja mal interpretado, porque não me posso dar a esse luxo. A minha família depende de mim, Luca. Preciso deste trabalho e...

Fecha os olhos, com uma expressão atormentada. *Foda-se!* Que fui fazer? Ela respira tremulamente e força um sorriso falso. É estranho como até isso me faz acelerar o coração. Há meses que não me sorria assim. Odiava os sorrisos falsos e agora sinto falta deles.

– Desculpa – murmura a Valentina –, vou dar o meu melhor para mudar de comportamento.

Desvio o olhar e respiro fundo.

– Não – murmuro –, esquece o que disse. – Passo a mão pelo cabelo e suspiro. – Valentina, não te vou despedir assim tão facilmente. Sei o que disse e faria qualquer coisa para não o ter dito. Garanto-te que só vais perder este trabalho se não me deres outra hipótese. Não te vou despedir por algo trivial. O que disse foram palavras de raiva e peço-te desculpa por isso.

Ela anui, mas sei que não acredita. Perdi a pouca confiança que ela tinha em mim.

Passaram-se meses e, no início, pensei que iríamos recuperar com o tempo, mas estava errado. Durante anos, afastei-a e disse-lhe para se lembrar do seu lugar. Agora que faz exatamente o que lhe pedi, gostava que me desafiasse como sempre fez.

A Valentina sai e fico a olhar para a porta fechada. Sempre pensei que a odiava, como posso agora sentir que perdi a minha melhor amiga? Tomei-a por garantida e nunca reparei que o fazia.

A porta do meu gabinete abre-se de repente e, bruscamente, torno a levantar a cabeça. Fico de olhos esbugalhados quando vejo entrar a minha avó. Sinto-me desiludido, pensei que a Valentina tivesse voltado para trás.

Franzo a testa ao levantar-me. Embora, na prática, seja a dona desta empresa, raramente visita o escritório.

– Avó – dou-lhe um abraço apertado. – Que faz aqui?

Ela suspira e olha pelas paredes envidraçadas detendo-se na Valentina sentada à secretária. Tem a cabeça baixa e está a escrever no teclado. É impossível ler a sua expressão.

– Só assim a consigo ver – diz a avó num tom acusatório. Olha para mim com as

sobrancelhas erguidas. – Que fizeste para que ela se afastasse? Há meses que não vem aos jantares. Até a Sierra e a Raven estão preocupadas. Isto é mais do que a vossa contenda habitual. Ela afastou-se das amigas, de mim, por *tua* causa.

Desvio o olhar, consumido pela culpa e sem palavras. Como posso contar à minha avó o que aconteceu?

– Isto não pode continuar assim, Luca – avisa-me.

Digo que sim com a cabeça e olho para a Valentina.

– Eu sei – suspiro.

Onze

Luca

— **A** tua avó disse-te porque exigiu a minha presença hoje? — pergunta a Valentina quando entra no carro.

Sou apanhado de surpresa e olho-a de soslaio. Habituei-me ao seu silêncio gelado quando estamos juntos no carro e não esperava ouvir a sua voz. A não ser que tenha algo profissional para discutir comigo, nunca me dirige a palavra.

— Não — admito. — Mas a última vez que nos reunii a todos foi para anunciar que a Hannah tinha desistido do casamento com o Ares.

Sinto o olhar dela em mim, o silêncio entre nós encheu-se de preocupações e coisas por dizer. Ela sabe tão bem como eu o que a minha avó vai anunciar esta noite. Se quer a Valentina presente, vai anunciar algo sobre mim. A avó sempre a inclui em tudo o que me diz respeito, quer eu goste, quer não. Como vai ela reagir se esta noite for mesmo anunciado o que estou à espera?

A Valentina sorri quando nos encaminhamos para a sala de jantar, apanhando-me de surpresa. Não a vejo sorrir há tanto tempo, que o meu coração derrete-se. Sinto a sua falta de uma forma que ela nem imagina.

— Rave! — chama a Valentina antes de se dirigir à minha cunhada.

É óbvio que não se veem há algum tempo e eram tão próximas. Fui eu que causei isto? Foi por minha causa que se afastou da Sierra e da Raven?

A Raven dá-lhe um longo abraço antes de se afastar para ver o que tem vestido.

— Adoro ver-te com este vestido.

A Valentina dá uma voltinha, sorrindo alegremente e mostrando o vestido que a Raven lhe desenhou.

— Só uso o melhor, e esta estilista? É a melhor de todas.

Tenho de agradecer à Raven pela degradação da minha sanidade mental! Passo os dias a pensar na Valentina na minha secretária, nas roupas dela pelo chão. É impossível olhar para ela sem a desejar.

— Meninos — chama a avó, percorrendo-nos com o olhar —, como podem imaginar, tenho um anúncio a fazer.

A sala fica em silêncio, os meus irmãos estão tão apreensivos como eu. A única exceção é o Ares, que está abraçado à sua esposa com uma expressão neutra.

A avó sorri, o seu olhar detém-se temporariamente na Valentina e depois em mim. O meu coração para quando diz o meu nome.

— Luca. — Endireito-me e aceno com a cabeça, resignado. Esperava estar errado, mas, no fundo, sabia que esta reunião familiar era sobre mim. — O teu noivado foi decidido.

Sinto os olhares dos meus irmãos queimarem-me, mas é o da Valentina que procuro. Ela olha-me de olhos esbugalhados, e, por um momento, acho que vejo uma ponta de agonia na sua expressão. Respiro fundo antes de falar.

— Quem é? — pergunto, resignado à minha sorte. Sempre soube que ia ter um casamento arranjado, não sei porque me sinto mal com isso agora. É uma questão de

negócios, nada mais.

– A Natalia Ivanov, filha do Nikolai Ivanov e herdeira de um império de petróleo. É uma indústria onde ainda não estamos presentes e esta é a solução.

Sinto um murro no estômago.

– A Natalia Ivanov? – repito, estupefacto. – A *socialite*? É uma cabeça oca mimada e materialista.

A avó olha-me com reprovação.

– É a tua noiva. É um doce de mulher, Luca, verás.

Fico a olhar para a minha avó por um instante com o coração pesado. Lembro-me das palavras que me disse no casamento do Ares e da Raven, só para me sentir ainda pior.

Sabes que tudo o que faço é por ti e pelos teus irmãos, não sabes?

Como pode isto ser o melhor para mim? A Natalia é o meu oposto em todos os sentidos. Nunca poderei casar com uma mulher assim. Nem sequer me imagino a estar com ela por mais de dez minutos sem me arriscar a perder massa cerebral! Se este casamento tivesse sido combinado no meu melhor interesse, estaria a casar-me com alguém como... a *Valentina*. Calma, sofisticada, inteligente e fria como eu no dia a dia, mas escaldante quando lhe toco.

Abano a cabeça e abandono a sala, preciso de um momento sozinho para digerir a bomba que a minha avó me acaba de lançar. Não sei do que estava à espera, mas não era disto. Sempre achei que iria receber a notícia com calma, contudo, é impossível negar que tenho o coração partido.

Natalia Ivanov. Porquê ela? De todas as mulheres elegíveis, porque teve de ser ela? É uma cabra birrenta e mimada. Nunca poderia ser seu amigo e é suposto casar-me com ela?

Fico angustiado ao ouvir o som dos saltos altos da Valentina atrás de mim.

– Agora não, Valentina – aviso-a sem sequer me virar.

Durante semanas, ansiei pela presença dela. Dia após dia, dei por mim a olhar para ela pelas paredes envidraçadas do meu gabinete, a pensar em formas de construir uma ponte sobre o buraco que abri entre nós.

Em qualquer outro dia, teria abrandado até que me acompanhasse, mas não consigo estar com ela esta noite. É a única pessoa com quem não consigo estar neste momento. Só de olhar para ela sinto-me inundado de um arrependimento que não tenho forças para analisar neste momento.

Era suposto ela ter parado e voltado para trás, mas o som dos saltos altos segue-me até casa. Entro sem lhe segurar a porta aberta, mas isso não a dissuade. Abre a porta com a sua impressão digital e segue-me.

Suspiro ao me encaminhar para o bar e sirvo uma bebida.

– Traz duas – diz ela com uma voz meiga.

Olho para ela, percorrendo-lhe o lindo rosto e detendo-me naqueles lábios que nunca mais provarei. Desvio o olhar e preparo-lhe um *martini*, a sua bebida preferida. Interroguei-me tantas vezes quando voltaria a estar na minha sala. Nunca, em mil anos, adivinharia que isso iria acontecer num dia como este.

Ela pega no copo com um dos seus sorrisos falsos e eu cerro os dentes.

– Odeio quando fazes isso – atiro de forma rude.

Ela abre ligeiramente os olhos.

– Quando faço o quê? – pergunta, cautelosa.

– Esses sorrisos falsos como tudo, odeio-os.

Ela sorri novamente e ergue uma sobrancelha.

– Quais? *Este*? Não gostas do meu sorriso *pepsodent*?

Fico a olhar para ela, confuso.

– Deste-lhe um nome?

Ela ri-se e senta-se no sofá.

– Não ias perceber – diz-me –, porque nunca tiveste de engolir a tua dignidade, mas as pessoas comuns têm um sorriso falso que aperfeiçoaram.

Sento-me perto dela e suspiro. É tão linda quando se ri. É irónico que finalmente a tenha feito rir e que tenha sido numa noite como esta.

– Não tens nada de comum – digo-lhe gentilmente. – Nadinha.

Ela olha para mim e inclina a cabeça.

– Isso talvez seja a coisa mais simpática que me disseste.

Olho-a nos olhos, inundado por um profundo sentimento de perda.

– Já te disse outras coisas simpáticas. Elogio sempre o teu trabalho.

– Sim – admite –, mas nunca me elogiaste como pessoa. A única vez que fizeste um comentário sobre o meu carácter... – abana a cabeça e dá um gole na bebida. – Não interessa.

Viro-me para a encarar e tiro-lhe o copo da mão, pousando-o na mesa de centro.

– Interessa, sim – digo-lhe. – Nunca te quis magoar, Valentina. O que te disse no casamento da Raven e do Ares foi inapropriado e inaceitável e eu... – enterro a cara nas mãos por um momento e respiro fundo. – Valentina, arrependo-me muito de ter dito aquelas coisas e de ter feito o que fiz. Perdi a compostura e portei-me como um idiota de merda. Não te queria magoar nem fazer sentir inferior. Porque não és. Ambos sabemos que não sou nada sem ti.

Ela abana a cabeça e pega novamente na bebida.

– Não quero falar sobre isso, Luca – diz. – Prometo-te que está tudo bem entre nós. Diz-me antes como estás. Estás bem?

Passo uma mão pelo cabelo e respiro fundo.

– Não sei. Não... não estava à espera disto.

A Valentina bebe mais um pouco e anui.

– A Natalia é deslumbrante – diz docemente. – Vão fazer um lindo casal. – A amargura toma conta do meu estômago. Esperava que ficasse magoada ou ciumenta, mas não ficou. – Eu sei que ela é nova e ainda parece imatura, mas é essa a beleza do casamento, não é? Vão crescer juntos. Vão adaptar-se à vida um do outro. Vai correr tudo bem, tenho a certeza. A tua avó não a escolheria para ti se não fosse o caso.

Devia estar grato por ela estar finalmente a falar comigo outra vez, por o ambiente entre nós ter voltado a ser o que era, mas não é isso que quero. Não nestas circunstâncias. Não quero que me console – quero que esteja zangada e ciumenta. Quero que ela me ataque para a poder aproximar de mim e beijá-la até que se derreta.

Olho para os seus bonitos olhos avelã, de coração partido. Não está nem um pouco incomodada com a ideia de eu me casar com a Natalia?

Parece que não.

Porque estaria?

Doze

Valentina

– Val?

Olho para cima, admirada por ver o Theo Miller, um dos nossos gestores de clientes, em frente à minha secretária.

– Desculpa – digo-lhe –, estava distraída e não te vi. Meu Deus, peço imensa desculpa. Em que posso ajudar?

Ele sorri-me meigamente e abana a cabeça. Devia estar aqui há algum tempo e não dei por nada. Preciso de me concentrar!

– Havia um erro no relatório que te enviei e imprimi uma nova versão para a reunião. Espero que ainda vá a tempo.

Olho para o relógio e anuo.

– Ainda temos quarenta minutos. Muito obrigada por teres dado pelo erro e o teres corrigido logo.

Ele abana a cabeça timidamente.

– Não devia era ter cometido o erro. Se o chefe o apanhasse, corria o risco de perder o emprego. Sabes como ele é!

Sorrio com mágoa e digo que sim com a cabeça. Pensar no Luca faz-me franzir a testa.

– Está tudo bem, Val? – pergunta o Theo. – Em todos estes anos, um erro como este nunca te escapou. Se puder ajudar em alguma coisa, diz.

Forço-me a sorrir.

– Não ando a dormir bem e isso nota-se durante o dia. Excesso de trabalho, talvez.

O Theo sorri-me de forma compreensiva e fica a olhar para mim por um momento antes de se ir embora.

Não estou em mim desde o anúncio do noivado do Luca na semana passada e os meus colegas começam a notar. Preciso de melhorar! Continuo a convencer-me de que não me importo e de que estou feliz por ele, mas passa-se exatamente o contrário. Todas as noites, a minha cabeça tortura-me com imagens dele com a Natalia, perverte as minhas memórias até só conseguir pensar nele a tocar-lhe como tocou em mim. Quando fecho os olhos, ouço-o sussurrar-lhe ao ouvido, a dizer-lhe para não olhar para mais ninguém senão ele. Pensar na Natalia nos braços dele, nos olhos dele repletos do desejo que um dia senti por mim... enche-me injustificadamente de ciúmes.

Inspiro tremulamente e tento ao máximo limpar a mente, sem sucesso. As coisas têm estado diferentes entre nós nos últimos dias, mais amigáveis, de alguma forma, mas também estamos mais distantes do que nunca. É como se o noivado dele nos tivesse finalmente permitido esquecer a discussão e isso é agri-doce. Devia estar grata, mas faz-me sentir sozinha como nunca me senti.

O meu telemóvel vibra e olho para o ecrã, relutante. A Sierra e a Raven não param de me mandar mensagens, querem falar sobre o noivado, mas nem sei que dizer. Nunca lhes contei o que aconteceu entre mim e o Luca e quanto mais tempo passa, mais difícil é puxar o assunto. Agora, tenho de fingir que o apoio e que estou feliz por ele, ainda que qualquer referência à Natalia lasque mais um bocadinho o meu coração partido.

Ajeito o cabelo e respiro fundo. Talvez não sejam ciúmes. Talvez seja só medo da mudança. Eu e o Luca trabalhamos bem juntos e temos as nossas rotinas. Será estranho não ser a sua acompanhante em eventos ou ir em viagens de trabalho com a Natalia também. Talvez seja só isso.

Recosto-me na cadeira e recomeço o trabalho. Estar ocupada é a única forma de evitar os pensamentos que não controlo. Desde que tenho memória que escolho perder-me a estudar ou a trabalhar. Sempre senti que essas são as únicas coisas na minha vida que realmente controlo e hoje não é diferente.

Quando estou, por fim, concentrada, sou distraída pelo som de uns saltos altos a percorrerem o escritório. Olho para cima e vejo a Natalia a aproximar-se da minha secretária, com o seu cabelo curto e loiro penteado na perfeição e a maquilhagem impecável. Já a vi em vários eventos e parece sempre acabada de sair de uma revista de moda. É exatamente o tipo de mulher com quem um homem como o Luca deve casar. Não devia, mas há uma parte de mim que a *inveja*.

A Natalia olha para mim de soslaio e sorri presunçosamente antes de se dirigir ao gabinete do Luca sem me perguntar se ele está disponível.

Levanto-me, mas ela é mais rápida que eu e entra no gabinete. Ninguém se atreve a entrar no gabinete do Luca sem a minha autorização expressa, nem sequer a família dele. Entro atrás dela, chocada e sem palavras. O Luca levanta a cabeça e esbugalha os olhos quando vê a Natalia.

– *Querido* – diz ela, entoando cada sílaba. – Ignoraste as minhas mensagens, não tive outra opção senão vir aqui.

Ele olha através dela, encarando-me com uma expressão confusa, mas tudo o que posso fazer é pedir-lhe desculpas com o olhar. Ele levanta-se e fica a olhar para ela durante um instante, detendo-se no rosto. Interrogo-me o que vê quando olha para ela. É incrivelmente bonita e não duvido que o cative. Nunca vi o Luca corar antes e há algo na forma como a olha que... *me magoa*.

– Natalia – diz, com a voz mais doce do que eu esperava.

Pensei que estivesse irritado por ela lhe interromper o trabalho sem avisar, mas parece-me agradavelmente surpreendido por a ver. O Luca odeia mudanças na agenda, mas a sua noiva deve ser uma exceção. É o que devia ser, mas não quero que seja assim.

Fico parada enquanto ela se aproxima da secretária e para junto a ele, a sorrir.

Está tão perto que bem se podia colar ao corpo dele, e ele não se afasta. Mordo o lábio ao vê-los juntos, de coração pesado. Fazem um casal tão perfeito, como sempre imaginei. É uma visão à qual não me vou habituar.

– Que te traz aqui hoje? – pergunta ele, gentilmente.

– Podemos falar? – Ela olha para mim e ergue as sobrancelhas. – Sobre nós. As nossas famílias vão anunciar o noivado em breve, mas mal o discutimos entre nós.

Ele anui.

– E devemos fazê-lo.

Ela olha novamente para mim, de maneira condescendente, e volta a encarar o Luca.

– Sem funcionários presentes – acrescenta. – Não a quero aqui.

Fico apreensiva e olho para o Luca, sem saber que fazer. É irracional, e uma loucura, mas não os quero deixar sozinhos.

O Luca olha para mim, implorante.

– Valentina – diz, suavemente –, eu trato disto. É... um assunto pessoal.

Fico a olhar para ele por um instante, sem palavras de tão surpreendida que estou. *Um assunto pessoal*. Não me lembro da última vez que o Luca me pediu que abandonasse uma sala. Acho que nunca o fez. Cerro os dentes sem querer e aceno educadamente antes de sair, com a mão a tremer quando fecho a porta.

É ridículo que isto me chateie, mas não gosto mesmo que estejam os dois sozinhos. A forma como ela olhou para ele, e a gentileza que ele lhe demonstrou... foi inesperado e não devia ter sido. A Natalia vai ser a esposa dele. Só ela tem direito a este lado. No que estava eu a pensar? Pensei mesmo que só eu é que podia conhecer o seu lado gentil?

Sinto-me inquieta quando me sento à minha secretária, permanentemente a olhar para a porta fechada do gabinete. O Luca fechou as cortinas e deixa-me desconfortável que queira ter privacidade. Não me devia importar e odeio sentir-me assim. Um beijo arruinou a nossa dinâmica por completo. Provei algo que não devia, algo que nunca me foi destinado, e agora fiquei a querer mais de alguém que nunca será meu.

Fico tensa quando a porta se abre, e a Natalia sai com um enorme sorriso. Para na minha secretária e olha-me por um momento.

– Preciso de uma reserva para jantar hoje à noite – diz. – Para duas pessoas. Às oito horas. Num sítio com uma vista bonita.

Pestanejo, confusa. Há anos que deixei de ser uma assistente pessoal e, mesmo se fosse, não receberia ordens dela.

– Trata disso – diz e vai-se embora, deixando-me sem palavras. Levanto-me e dirijo-me ao gabinete do Luca, de coração pesado. Ele está junto à janela, com o olhar distante.

– Luca – digo hesitantemente.

Ele vira-se para mim com uma expressão indecifrável enquanto me encaminha para ele. O meu coração parte-se um pouco mais a cada passo que dou. Sinto uma angústia formar-se no estômago quando reparo na marca de batom que tem no canto dos lábios. Estendo a mão sem pensar no que estou a fazer. O Luca arregala

os olhos e paro com o meu polegar a um centímetro dos lábios dele.

– Batom – murmuro com a voz ligeiramente trémula.

Ele gela e depois vira-me costas. Quanto tempo estive ela aqui? Dez minutos, no máximo. Ainda há dias a chamou uma cabeça oca materialista e mimada e agora já a beija?

– Eu... a Natalia pediu-me para fazer uma reserva para jantar esta noite.

Não gosto de que ela nem sequer se tenha apresentado e de que o Luca também não se tenha preocupado em nos apresentar. Recorda-me que, no fundo, não sou ninguém para o Luca. Sou apenas uma pessoa que trabalha para ele, uma funcionária de quem a avó gosta. Durante algum tempo, esqueci-me disso.

Ele vira-se para me encarar e passa uma mão pelo cabelo. A marca de batom desapareceu.

– Sim – diz. – Disse-lhe que podíamos jantar hoje. Escolhe um sítio bonito, por favor.

Cerro os dentes e olho-o nos olhos.

– Queres que faça uma reserva para ti e para a tua noiva? Tens uma assistente pessoal para isso, Luca.

O meu trabalho, em teoria, é apenas gerir a agenda dele, os orçamentos da empresa e executar outras tarefas de alto nível. É certo que faço muito mais do que isso, mas há anos que não me pede algo tão básico.

– Valentina – implora –, por favor. Sempre tomaste a iniciativa de fazer reservas para mim quando almoço com a Sierra ou a Raven. Preciso que isto seja bem tratado. É importante.

Olho pela janela e inspiro tremulamente.

– Ela já é assim tão importante para ti? – pergunto, sabendo que não o devia ter feito.

O Luca suspira.

– Será a minha esposa – responde.

A sua *esposa*. Ouvi-lo dizer isto não me devia magoar assim tanto.

Treze

Luca

O lho para o ecrã do telemóvel, tentando responder às mensagens da Natalia, mas sem sucesso. Devia estar a fazer um esforço para conhecer melhor a minha noiva, no entanto, optei por ignorá-la durante uma semana, até que apareceu no escritório. Não me imagino a casar com ela, mas não tenho escolha. Terei de aprender a viver com ela. Suspiro e passo uma mão pelo cabelo, os meus pensamentos regressam à noite de ontem.

Jantar com a Natalia foi muito mais difícil do que esperava. Durante toda a noite, falou de desfiles de moda e destinos de férias que quer conhecer. Demonstrou alguma preocupação com a cerimónia, questionando-se se será extravagante o suficiente para o seu gosto, mas não mostrou qualquer interesse em como será o nosso *casamento*.

E eu também não.

Respiro fundo e abano a cabeça. Não é que não tenha tentado. Tentei perguntar-lhe pelos seus interesses e tentei explicar-lhe o meu trabalho, mas parecia que estava a falar para uma parede. Era como se estivéssemos a ter duas conversas distintas. A meu ver, não temos nada em comum, e ela nem sequer consegue perceber o que eu faço. E não parece interessada em descobrir.

Nunca senti isto com a Valentina. Já jantámos juntos mais vezes do que consigo contar e acabamos sempre a conversar por horas a fio. É certo que na maioria das vezes é sobre trabalho, mas mesmo assim. Sempre foi algo que não requeria qualquer esforço e exatamente o oposto do que aconteceu com a Natalia.

No que estava a avó a pensar? Como pôde, sequer por um segundo, acreditar que as coisas entre mim e a Natalia iriam resultar? Não consigo ver um futuro com ela e receio que acabemos por nos tornar miseráveis um ao outro.

Ouçou alguém bater suavemente à porta e vejo a Valentina entrar. O meu coração reage de forma estranha – perde o compasso, apesar da dor que sinto ao olhar para ela. Já não consigo encará-la sem que o meu coração fique pesado. Seria mais fácil se nunca a tivesse beijado e sentido o seu sabor? Se nunca a tivesse visto perder o controlo comigo?

Ela sorri-me educadamente, mas hoje isso nem me perturba. Observo-a, percorrendo com o olhar a sua camisa branca, a saia justa vermelha e os saltos altos a condizer. Cada pedaço dela é belo e isto é dizer pouco. É uma beleza real e avassaladora. Podia olhar para ela durante horas sem me cansar, e não posso dizer o mesmo da mulher com quem vou casar.

Só há uma forma de descrever como a Valentina me faz sentir quando está à frente da minha secretária com o seu longo cabelo a cair sobre o peito até chegar à cintura. *Indefeso*. Deixa-me completamente indefeso. Não é uma emoção que me seja familiar, mas ela tem esse efeito em mim.

A Valentina põe um documento em cima da secretária, mas não me consigo concentrar no que está a dizer. A minha mente insiste na tortura de me fazer pensar nela. Toda a noite, sentado à frente da minha noiva, pensei nela. Cada palavra que a Natalia disse

lembrou-me da Valentina.

– Luca?

Pestanejo, acordando dos meus pensamentos.

– Valentina – murmuro.

O nome dela soa estranho nos meus lábios. Como posso pensar na Valentina quando me devo focar na Natalia? Sinto-me culpado e desvio o olhar. Tenho de me lembrar de que não podemos ser mais que colegas de trabalho, principalmente por causa do que aconteceu depois de a ter beijado. Endireito-me e forço um sorriso.

– Podes encomendar-me flores? – pergunto em voz baixa, derrotada. – Envia, por favor, cem rosas à Natalia.

Os olhos da Valentina abrem-se um pouco e vejo neles algo que não consigo identificar. Fica a olhar para mim, de lábios entreabertos como se fosse dizer qualquer coisa, mas depois fecha-os. Vira a cabeça e olha pela janela por um instante, escondendo de mim a sua expressão.

Algo na sua reação faz aumentar a dor que sinto no peito. Porque parece que tudo mudou entre nós quando tal não aconteceu?

– Luca – repete ela num tom estranho. Olha para mim e sinto um vazio no estômago. Nunca me olhou assim. Remorso e dor bailam nos seus lindos olhos avelã e quase me deixam de joelhos. – Demito-me.

Pestanejo, confuso, e fico calado por um momento, certo de que ouvi mal.

– Tu... o *quê*?

Ela respira fundo e tenta sorrir, mas não consegue.

– Demito-me. Obrigada por tudo o que me ensinaste e pela contínua orientação. Sei que foste forçado a trabalhar comigo e que nunca o apreciaste, mas, mesmo assim, agradeço-te cada segundo que passei contigo. Aprendi mais do que alguma vez poderias imaginar e, graças a ti, cresci de formas que não pensei que fossem possíveis.

Levanto-me e ponho as mãos na secretária, inclinando-me para a encarar.

– Não – digo-lhe.

Ela tenta sorrir novamente e suspira antes de tirar algo da pasta que segura. Estende-me um documento e olho para ele, incrédulo. É uma carta de demissão. Pego-lhe com mãos trémulas e leio-a, convicto de que se trata de um mal-entendido.

– Não – repito –, não te vou deixar ir. – Cerro os maxilares ao rasgar a carta, e os pequenos pedaços de papel caem sobre a minha secretária.

Ela olha para mim com uma expressão cautelosamente neutra.

– Os Recursos Humanos vão receber uma versão digital e tu também.

– Valentina – imploro –, não podes fazer isto. Porque é que me vais deixar?

Ela olha para baixo e abana a cabeça.

– No fim de contas, isto é só um trabalho e não passo de mais um dos teus funcionários. Mereço mais do que isto, Luca. Sabes isso tão bem como eu.

Dá um passo atrás e, finalmente, consegue forçar-se a fazer um dos seus sorrisos falsos. Tem razão, é certo. Podia perfeitamente ter a minha função. Podia ser a diretora executiva da Windsor Finance e faria um trabalho maravilhoso. Assim que a concorrência souber que está à procura de emprego, irão atrás dela. E com razão.

– Por favor – suspiro. Nunca supliquei nada a ninguém, mas ponho-me já de joelhos se isso a fizer ficar.

Ela arregala os olhos e para. Vejo que hesita, mas depois endireita-se e abana a cabeça.

– Não – murmura. – Desculpa.

Vejo-a sair do meu gabinete, deixando-me o coração no mesmo estado da carta de demissão – despedaçado e abandonado.

Catorze

Valentina

Paro à porta da casa da *Abuela* e fico parada a olhar, sentindo-me perdida.

Nunca fui uma pessoa impulsiva. Tudo o que faço é ponderado vezes sem conta. As minhas ações são sempre medidas e calculadas. Desde que me lembro que penso no longo prazo.

Até quando era miúda, nunca sonhava muito alto. A única vez que o fiz, fui logo chamada à realidade e rapidamente recordada de que as pessoas como eu não têm direito a viver a universidade como um tempo sem preocupações, cheio de diversão e festas. Quando fecho os olhos, ainda vejo a expressão da minha mãe a dizer-me que ela e a *Abuela* tinham passado a comer mais enlatados porque o dinheiro do meu trabalho a tempo parcial fazia falta.

Não sei se o disse consciente de que me sentiria devorada pela culpa ou se queria apenas que tivesse noção da realidade que viviam enquanto seguia o meu sonho de ir para a universidade. De qualquer forma, quando a minha mãe teve um acidente, soube que tinha de voltar para casa. As minhas dívidas como estudante e a falta de rendimentos da minha família destruíram-me o sonho e nunca mais ousei sonhar tão alto.

Sempre soube que sustentar a minha família seria um fardo meu e fi-lo sem me queixar. Sei que não tenho o luxo de ser impulsiva quando a minha mãe e a minha avó dependem de mim.

E, no entanto, foi o que acabei de fazer. Demiti-me sem pensar. A pior parte é que não me arrependo. Acho que não me sentia tão livre há algum tempo, mas quanto tempo irá durar? Quanto tempo levará a realidade a vir bater-me à porta de novo?

Tenho poupanças suficientes para me aguentar nos próximos seis meses, mas e depois? Trabalho para a Windsor Finance desde os meus vinte anos e não tenho qualquer outra experiência. Tanto o carro que uso como a casa onde vivo pertencem à empresa. Demitir-me significa abandonar a única vida que conheço.

A preocupação percorre-me a espinha e respiro fundo antes de entrar em casa. Sinto o cheiro a *Fabulosos* e relaxo. A minha avó deve ter limpadado a casa hoje.

Fico parada na entrada a organizar os meus pensamentos. Não sei como explicar à minha mãe e à minha avó o que fiz e temo encontrar desilusão e preocupação nos seus olhos quando tiver coragem para o fazer.

— Que se passa, Rosa? — pergunta a minha avó quando entro na sala.

Detenho-me, confusa.

– *Abuelita?*

Ela franze a testa e abana a cabeça.

– Ah, Val! – corrige-se. – Às vezes pareces tanto a tua mãe.

Sento-me ao lado dela e descanso a cabeça no seu ombro, deixando-me confortar pelo seu abraço. Ela aperta-me com força e beija-me na cabeça, o que só intensifica a minha preocupação.

A *Abuela* já tem várias doenças que não estão cobertas pelo seguro de saúde que, finalmente, consegui pagar, e não está a ficar mais nova. Tem-se recusado a fazer exames, mas terei de a convencer de uma vez por todas. E se precisa mesmo de mais medicamentos?

Em que estava a pensar ao me demitir de um trabalho bem pago? E para quê? Farto-me de perguntar isto e, objetivamente, não encontro motivo nenhum para me ter demitido. O Luca não me trata mal e paga-me bem. As coisas entre nós tinham, finalmente, voltado a ser o que eram. Não devia ter feito o que fiz, mas também não conseguia não o fazer.

– *Abuela* – suspiro com a voz trémula –, demiti-me hoje.

Ela não responde, mas continua a afagar-me o cabelo com o seu toque carinhoso.

– O Luca – pergunta hesitantemente – está noivo?

Endireito-me e olho para ela, surpresa.

– Como sabias? Já saiu na imprensa?

A *Abuela* sorri-me ternamente e abana a cabeça.

– Não. Foi um pressentimento meu. Quando me falaste do irmão dele e da forma como se casou, senti que isto ia acontecer.

Cruzo os braços e desvio o olhar.

– Isso não tem nada que ver com a minha demissão.

A *Abuela* anui.

– Claro que não – diz suavemente. – Ainda assim, é bom que estejas a construir uma vida só tua.

– Demitiste-te ou foi ele que te despediu quando ficou noivo? – Olho para cima quando ouço a voz da minha mãe. Está encostada à ombreira da porta com uma expressão desolada.

– Demiti-me, mãe. O noivado do Luca não teve nada que ver com isso.

Ela franze a testa e cruza os braços.

– E por que razão te despediste de um trabalho tão bom? – pergunta com um rasgo de raiva no olhar. – Devia ter percebido quando aquele homem te deu uma casa que eras uma espécie de amante. Nada de bom vem daquela família. Nunca te devia ter deixado aceitar aquele trabalho. Diz-me, Val, achavas que ele se ia apaixonar por ti? Diz-me que não foste assim tão parva. Homens como ele só querem mulheres do seu círculo social. A diferença entre vocês é muito grande. Diz-me que não desperdiçaste o teu trabalho e o respeito dele por uma reles aventura da qual ele nem se vai lembrar.

Fecho os olhos e baixo a cabeça.

– Demiti-me porque senti que não havia mais progressão de carreira para mim na Windsor Finance e quero um novo desafio.

Não é totalmente verdade, mas fez parte da minha decisão. Era confortável trabalhar com o Luca e, por isso mesmo, menosprezei o meu crescimento profissional para continuar ao seu lado. Aquela *reles aventura*, como lhe chamou a minha mãe, foi a melhor coisa que me podia ter acontecido. Fez-me ver que sou apenas um recurso para ele. Passaram-se anos e ainda não confia em mim plenamente nem me respeita da forma que eu pensava. Sou alguém em quem ele acha que pode mandar sem consequências, alguém que nem interessa apresentar à noiva.

– Espero que isso seja verdade, Val. Não cometas o mesmo erro que eu. Talvez seja bom que te tenhas despedido. Ele vai ter uma esposa, e ela não vai gostar da vossa proximidade. – Ajeita o cabelo e desvia o olhar. – Não quero que te tomem por garantida e depois te abandonem, como me aconteceu a mim. Não poderás envelhecer com ele, Val. Quando estiveres velha e já não fores tão boa no teu trabalho, ele vai substituir-te. É melhor saíres antes de isso acontecer. Vai ser bom para ti ganhares mais experiência antes que seja tarde demais. Nunca terias futuro com ele, não a longo prazo. Não ias sobreviver naquele mundo e ele nunca te iria ver como igual.

Sinto os olhos arder com lágrimas enquanto encaro a parede.

– Achas que não sei isso tudo? – pergunto com a voz a falhar. Vim para casa à procura de consolo e, em vez disso, encontro amargura e desprezo.

– Rosa – avisa a *Abuela*, mas eu abano a cabeça e levanto-me.

– Esquece – digo entredentes –, vou para casa.

– Valentina! – a *Abuela* chama-me. – *Esta* é a tua casa.

Olho para ela quando chego à porta.

– Quem me dera que fosse – digo-lhe e saio.

Vou para casa de coração partido e quando chego ao meu apartamento estou a tremer, com os olhos repletos de lágrimas por chorar.

– Val?

Entro na sala e encontro a Sierra e a Raven sentadas no chão, à frente da televisão, com uma garrafa de vinho e uma embalagem de gelado ao lado. Perco o controlo quando as vejo e desato a chorar, a soluçar, caio de joelhos e tapo a cara com as mãos.

Choro ainda mais quando sinto que me abraçam, como se tentassem manter-me intacta quando o que quero é desaparecer.

– Como sabiam? – gaguejo. – Como sabiam que precisava de vocês?

A Sierra beija-me a cabeça e a Raven abraça-me com mais força. Encosto o rosto ao pescoço dela.

– Claro que sabíamos – murmura a Raven.

Ficamos sentadas no chão, sem perguntas, sem sermões. Dão-me apenas o apoio incondicional de que preciso e compreendem que não consigo articular a minha dor. Rezo para não as perder no rescaldo de tudo o que está para vir.

3 Marca de detergente. [N. da T.]

Quinze Luca

Olho pelas amplas janelas do meu gabinete, lembrando-me do dia em que a Valentina foi contratada. Era tão nova e praticamente não tinha qualquer experiência profissional. Nem sequer era licenciada – tinha desistido da faculdade. Não percebi como podia a minha avó contratar alguém assim, muito menos para trabalhar *comigo*. Acusei-a de nepotismo e tentei despedi-la, mas nada do que fiz a perturbou. Cada tarefa que deveria ser impossível para ela era concretizada na perfeição. Aprendia mais depressa e trabalhava mais horas do que qualquer outra pessoa na empresa – eu incluído. Ao fim de apenas um ano, era-me indispensável.

Acabei por depender dela de uma forma como nunca dependi de mais ninguém e compensei-a muito bem por isso. Dei-lhe tudo o que precisava. Queixou-se uma vez de que levava demasiado tempo a chegar ao escritório e comprei-lhe um apartamento mais perto. Quando chegou aqui um dia, encharcada por causa da chuva, comprei-lhe um carro. Fiz tudo o que podia para a fazer feliz, para lhe mostrar o quanto valorizava o seu trabalho. Porque se despediu? Esta pergunta manteve-me acordado a noite toda e não encontro uma resposta.

Olho para o relógio de bolso e acompanho-o, batendo com o dedo na secretária.

Três.

Dois.

Um.

A porta do meu gabinete abre-se e a Valentina entra. A rotina dela é executada ao segundo. Nunca se desvia. Porquê agora? Porquê assim de repente?

Endireito-me na cadeira assim que a vejo. Percorro-a com o olhar, observando o seu vestido vermelho. É bastante apropriado para o trabalho, mas a forma como lhe assenta nas curvas é um pecado! Vestiu-se para a batalha.

Só usa vermelho em ocasiões especiais ou quando sabe que vai ter um dia difícil. O facto de ter vestido uma saia vermelha ontem era um sinal.

Sorri educadamente e põe a agenda do dia à minha frente, com uma nota adesiva rosa no topo a destacar os aspetos mais importantes. É curioso como gosto delas agora e costumava odiá-las.

– Temos duas reuniões com investidores hoje – diz-me, mas eu levanto a mão, interrompendo-a.

– Vê isto antes. – Passo-lhe um documento e ela pega-lhe, franzindo a testa.

– Que é isto?

– Um novo contrato. Vou duplicar-te o salário e aumentar o subsídio de férias. Inclui também um período de férias com tudo pago por ano, um carro novo e uma casa nova. Ainda assim, é negociável. Qualquer coisa que queiras, sou todo ouvidos.

Ela olha para mim e abana a cabeça.

– Agradeço a oferta – diz, sorrindo de forma reservada –, mas terei de recusar.

Gelo, confuso. *Recusar?* Como assim?

– Que queres tu, Valentina?

Ela fica a olhar para mim durante um instante, pensativa.

– Nada – responde suavemente –, não quero nada de ti.

Olho-a nos olhos, perdido.

– Não te vou deixar ir embora – aviso-a. – Tudo tem um preço.

Ela inclina a cabeça e depois ri-se, sem qualquer felicidade.

– *Eu* não tenho – diz. – Não me podes comprar, Luca. Nada do que me ofereças me fará ficar.

Levanto-me e inclino-me sobre a secretária.

– Diz-me porque te demitiste. – Se o souber, posso encontrar uma solução.

Hesita por um momento, e dirijo-me a ela. Olha para mim, mas parece que nem me vê, está perdida nos seus pensamentos.

– Valentina – a minha voz é suave e gentil, como se temesse falar alto demais ou fazer algo que nos afastasse ainda mais.

Ela olha-me profundamente.

– Queres mesmo que te diga a verdade?

Anuo.

– Acabei de fazer vinte e nove anos, Luca. Em todos os anos em que trabalhámos juntos, não fiz um único amigo que não estivesse relacionado contigo.

Sabes porquê? – Não me dá tempo de responder. – Porque o meu trabalho tinha de ter prioridade sobre tudo se queria ser boa nele. Trabalhei dia e noite, fins de semana e férias, até ao ponto em que já nem sei quem sou. Não sei quais são os meus sonhos ou o que estou a fazer da vida. Não quero acordar um dia e perceber que a minha vida é vazia. Para mais, como te disse, não tenho como crescer nesta empresa. A função que quero é uma que não me podes oferecer.

Ponho as mãos nos ombros dela e agarro-a com força, pensando em como gostaria de a poder abraçar.

– Valentina, talvez só precises de uma pausa. Porque não tiras férias? Posso mandar preparar o avião para ti. Diz-me só para onde queres ir e trato de tudo. Talvez estejas só esgotada, exige demais de ti. Posso reduzir as horas e a carga de trabalho. Posso contratar mais pessoas.

Ela dá um passo atrás e os meus braços caem.

– Não – diz decidida. – Umas férias não resolvem o problema, Luca, e tu sabes isso. Preciso de uma pausa, sim, mas não do tipo em que estás a pensar. Preciso de uma pausa para recomeçar. De um novo começo. De uma oportunidade para encontrar a minha felicidade. Não sei o que me espera, mas sei que não posso ficar aqui contigo.

Entro em pânico e encaminho-me para ela, deixando-a presa entre mim e a secretária. O problema foi tê-la tocado quando não devia. Mudei as coisas entre nós e não o posso apagar.

– A tua felicidade? – pergunto. – Que quer isso dizer? És infeliz a trabalhar para mim?

– Ponho uma mão atrás do pescoço para evitar tocar-lhe e respiro fundo. – Diz-me que desafio queres e farei com que aconteça. Compro-te uma empresa para dirigires. Que achas?

Ela suspira.

– Não. Não quero continuar a trabalhar contigo, Luca. Não sei como explicar para que percebas de uma vez por todas.

Olho para os seus bonitos olhos, notando a frustração e a dor. Não percebo. Porque me deixa quando lhe estou a oferecer o mundo?

A Valentina sorri e passa-me um documento.

– O meu pré-aviso é de seis meses. É tempo suficiente para encontrarmos quem me substitua e para lhe dar formação. Isto é uma lista de candidatos que escolhi. Diz-me quem achas apelativo e começo o processo de recrutamento.

Olho para o documento na minha mão e cerro os dentes enquanto o transformo numa bola de papel e o atiro ao chão. A Valentina sorri e tira uma cópia da sua pasta de pele. Não me passa o documento desta vez, deixa-o na secretária.

– Dá uma vista de olhos aos candidatos – diz-me suavemente. – Eu *vou-me* embora e tu *vais* precisar de alguém que me substitua.

Sai com o seu cabelo comprido a balouçar a cada passo que dá. Posso deixá-la sair do meu gabinete hoje, mas está louca se acha que a deixo sair da minha vida com a mesma facilidade.

Dezasseis

Valentina

As minhas mãos tremem enquanto leio o artigo que o *The Herald* publicou sobre o Luca e a Natalia, anunciando o seu noivado. Foram fotografados a jantar, e a forma como ele olha para ela tanto me parte o coração como me enche de saudade. Não estou apaixonada pelo Luca, mas há algo entre nós que não existia antes. Suponho que o que me magoa é pensar no que tínhamos e no que poderíamos ter tido. A nossa história em comum vai começar a desaparecer, um dia de cada vez, até ser apenas uma memória distante, como me disse a minha mãe.

Respiro tremulamente ao olhar para a lista de candidatos que reuni. Um vai tomar o meu lugar como braço direito do Luca. Se fizer isto bem, nem sequer dará pela minha falta. A pessoa certa fará com que nem note a minha ausência. O que ele receia não é perder-me. É perder a nossa rotina profissional. Não será fácil, mas seis meses será tempo suficiente para formar alguém capaz de fazer o que faço. Ninguém é insubstituível – muito menos eu.

Suspiro ao dispor os documentos no chão da sala. Podia entrevistar cada um, mas acho que não temos tempo para isso. Tenho de seleccionar os dez melhores, porque sei que o Luca não o fará.

Tinha conseguido reduzir a lista a vinte candidatos quando a campanha toca. Dirijo-me à porta com uma expressão intrigada. A Sierra e a Raven teriam avisado se me viessem visitar e, de qualquer forma, conseguem entrar sozinhas. A minha mãe e a minha avó não viriam até aqui, pedir-me-iam que fosse a casa delas.

Fico de boca aberta quando vejo o Luca pela câmara de segurança. Está corado e parece bêbedo.

– Valentina? – chama pelo intercomunicador.

Que faz ele aqui? É a noite mensal de póquer com os irmãos, e ele nunca falta. A família é tudo para ele. Por mais do que uma vez, encurtou viagens de trabalho só para estar presente na noite de póquer. Por que raio está *aqui* esta noite?

Sinto-me nervosa enquanto o deixo entrar, na dúvida sobre que pensar e chocada pelo bater acelerado do meu coração.

– Valentina – diz, encostando-se à ombreira da porta. Sorri-me, e o meu coração derrete-se. Parece tão vulnerável. Acho que nunca me sorriu assim.

– Estás bêbedo – murmuro ao vê-lo entrar aos tropeções no apartamento.

O Luca olha em redor, notoriamente curioso.

– É mais acolhedora do que me lembrava.

– O quê? A minha casa?

Ele anui e eu franzo a testa.

– Tu nunca cá estiveste.

Ele vira-se para mim e estende a mão na minha direção. Passa o indicador pela minha face e depois desvia-me o cabelo do rosto.

– Claro que já estive – diz-me. – Sabes quantos apartamentos vi antes de te comprar este?

Pestanejo, confusa.

– O quê?

Afasta a mão e suspira.

– Claro que não sabes – suspira. – Há tanta coisa que não sabes.

– Luca – digo, hesitantemente –, que fazes aqui?

Olha para mim como se eu fosse uma miragem, como se pudesse desaparecer a qualquer momento.

– Não sei – admite. Agarra uma madeixa do meu cabelo. – Sempre me questionei sobre o toque do teu cabelo. Depois, toquei-lhe e fiquei a pensar como ficaria espalhado sobre as minhas almofadas. Mata-me saber que nunca o vou descobrir.

Larga-me o cabelo e percorre-me o maxilar com os dedos, baixando-os para a garganta, nunca desviando o olhar do meu, até me agarrar a parte de trás do pescoço. Vira-me o rosto para cima, na direção do seu, e quase paro de respirar.

– Luca, estás bêbedo. Não estás a pensar com clareza. Vou ligar ao teu motorista.

Ele abana a cabeça.

– Nunca pensei com tanta clareza. Diz-me, Valentina. Estás a deixar-me por outro homem?

Esubalho os olhos.

– Eu... o quê?

Ele aproxima-se mais, pressionando o corpo dele contra o meu.

– Quem é ele?

Abano a cabeça.

– Luca, não há homem nenhum, mas mesmo que houvesse, que tens tu que ver com isso? Estás noivo.

Abraça-me pela cintura, e, antes de eu perceber o que está a fazer, pega-me ao colo e encosta-me à parede. Enrolo as pernas nele, instintivamente, para me segurar, e ele geme e encosta a testa à minha. Estamos na mesma posição daquela noite e interrogo-me se ele tem noção disso.

– Nem sequer me lembro da porcaria do nome dela – diz-me. – *Não consigo*, porque só consigo pensar em *ti*.

Agarro-o pelo cabelo, permitindo-me ser impulsiva.

– Tretas! – acuso. – Vi o batom na tua cara. Fui eu que fiz a reserva do vosso jantar, fui eu que lhe mandei rosas. Que jogo é este, Luca? Nem penses em brincar com os meus sentimentos só porque não me consegues controlar de outra forma.

Ele olha-me nos olhos, concentrando-se depois nos meus lábios por um momento.

– Nunca a beijei – diz-me. – Nunca. Nem me imagino a fazê-lo. O batom... não sei o que ela estava a tentar fazer. Dar-me um beijo na cara? Não sei, Valentina. Desviei-me, mas não a consegui evitar.

Fico a olhar para ele, não sei no que acreditar nem percebo porque se justifica.

– Não me interessa – murmuro. – Não me interessa o que fazes com a tua noiva. Não tenho nada que ver com isso.

Ele agarra-me com mais força e sobe as mãos, deixando-as debaixo do meu peito.

– Tem tudo que ver contigo – murmura. – Decidiste deixar-me quando ela entrou na minha vida. Diz-me a verdade, Valentina. Ter-te-ias demitido se eu não tivesse sido forçado a ficar noivo?

Fico sem palavras e desvio o olhar, incapaz de o encarar.

O Luca suspira e deita a cabeça no meu ombro com os lábios encostados ao meu pescoço.

– Não te terias despedido – murmura, antes de me beijar o pescoço suavemente.

Arquejo suavemente e ele reposiciona-me contra ele, deixando-me sentir como está excitado.

– Valentina – geme –, *por favor*. Por favor, não me deixes.

Fecho os olhos e tento controlar-me. Ele pode estar bêbedo, mas eu não. Isto não pode continuar. Empurro-lhe o peito e liberto as pernas, obrigando-o a largar-me. Ele fá-lo relutantemente, sem tirar as mãos de mim.

– Deixa-me – digo. – Que estás a fazer, Luca? Achas que não sei o que estás a tentar fazer? Não me conseguiste comprar, agora estás a tentar manipular-me?

Ele afasta-se de mim com os olhos repletos de dor.

– Eu nunca te faria isso, Valentina.

– Então, que estás a fazer? Sabes perfeitamente que tens de te casar com a Natalia antes do fim do ano. Não podes fazer ou dizer nada que mude isso. Achas que isto que estás a fazer é justo para mim? Agora? Consegues mesmo olhar-me nos olhos e dizer-me que não estás a fazer isto só para me controlares?

O Luca passa uma mão pelo cabelo e olha para o teto. Parece tão perdido como eu. Isto é real? Tratou-me quase com desdém durante anos. Sempre fui apenas uma funcionária, mais nada. Parte de mim quer que o desejo dele seja real, mas conheço-o há tempo suficiente para saber que não é. É maníaco por controlo e eu não estou a entrar no jogo dele. Quer-me de volta e fará o que for preciso para o conseguir.

– Preciso que saias. Tendo em conta a nossa história, vou ignorar isto. Amanhã de manhã, vamos fingir que isto não aconteceu e, daqui a seis meses, vais deixar-me ir. Nada do que digas vai fazer-me mudar de ideias, Luca. Estou farta de ser um peão no teu jogo.

Dirijo-me à porta e abro-a, convidando-o a sair. Ele suspira e segue-me, derrotado. Pensei que não tinha mais nada para me dizer, mas inclina-se na

ombreira e olha para mim, com o olhar desfocado.

– Nunca foste um peão – diz suavemente. – Foste sempre a minha rainha.
Todos sabiam, menos tu.

Depois, sai, deixando-me a mente e o coração em pantanas.

Dezassete

Luca

Recosto-me na cadeira e fito a Valentina através das paredes de vidro do escritório.

Fragments da noite de ontem surgem-me como clarões enquanto a minha cabeça lateja dolorosamente. Não me lembro da última vez em que me embebedei a sério. Odeio perder o controlo e foi exatamente o que aconteceu ontem à noite.

Que raio fui fazer? Em que raio estava a pensar? A culpa é do Zane e do Ares. Deviam ter-me mantido entretido na noite de póquer, mas, em vez disso, encheram-me a cabeça de pensamentos sobre a Valentina e o homem com quem poderá vir a casar. Os sacanas até um motorista chamaram para me levar a casa dela. Deviam ter tido mais juízo, e o mesmo se aplica a mim.

A Valentina tem-se comportado normalmente toda a manhã e até me deu paracetamol e água com um daqueles sorrisos irritantes e uma nota adesiva rosa, mas sinto que fiz um estrago irreparável na nossa relação. Se tinha alguma hipótese de a reter, tenho a certeza de que a perdi ontem à noite.

Hesito por um momento antes de pressionar um dos botões do meu telefone. Vejo-a levantar-se e percorro com o olhar o seu vestido vermelho e justo. Não temos reuniões importantes hoje, e ela não me confrontou sobre a noite passada. Se o fosse fazer, já o teria feito.

Então, porquê?

Porque está vestida de vermelho?

– Chamaste? – pergunta, inexpressiva.

Levanto-me e dou a volta à secretária para me encostar ao outro lado. Ela está à minha frente de olhar inabalável.

– Precisamos de falar.

Ela ergue uma sobrancelha e assente.

– Sobre o quê?

Estudo o rosto dela por um momento.

– Quero pedir-te desculpa pela forma como me comportei ontem à noite. Não devia ter bebido tanto e, acima de tudo, não devia ter aparecido em tua casa naquele estado.

Ela olha-me nos olhos, como que procurando um rasgo de insinceridade, mas acaba por anuir.

– Tudo bem – diz-me. – Toda a gente tem histórias de bebedeiras. Não serias uma exceção.

Franzo a testa e encaro-a, confuso. Só isso? Não tem mais nada a dizer?

– Estava a falar a sério – digo-lhe, ternamente. – Não te vou deixar ir.

A Valentina cruza os braços e olha-me de alto a baixo.

– Porquê? Porque insistes em prender-me a este trabalho? É normal resistir à mudança, Luca, mas vai correr tudo bem. Não me vou embora de um momento para o outro, vou encontrar um substituto e dar-lhe formação.

Cerro a mandíbula e estendo uma mão na sua direção, enrolando uma madeixa do seu cabelo no meu dedo.

– Ninguém te poderá substituir, Valentina. Ninguém me conhece como tu. Sou louco se te deixar ir. A Windsor Finance não sobrevive sem ti. *Nem eu.*

Vejo-a vacilar e sustenho a respiração por um momento, com receio de dizer algo que estrague o progresso que fiz.

– Luca – murmura, com o olhar a suavizar-se –, eu...

O que acaba por estragar o momento é a porta do meu gabinete que se abre. Retraio-me e deixo a madeixa de cabelo da Valentina escapar por entre os dedos. Olho para a entrada, com dificuldade em esconder a raiva, e vejo a minha cunhada a sorrir.

– Raven – digo, sentindo-me mais calmo. Pode ser mulher do meu irmão, mas sempre foi como uma irmã para mim. Mesmo agora, não consigo ficar chateado com ela.

– Aqui estás tu – exclama, olhando para a Valentina. – Esqueceste-te disto. – Entrega-lhe um saco da sua marca e eu franzo a testa. – Estes sapatos combinam com o teu vestido. Quero que estejas *perfeita* para o encontro hoje à noite.

Os olhos da Valentina arregalam-se e eu fico tenso, com uma sensação de vazio no estômago.

– *Encontro?* – repito num tom algo ríspido. – Que encontro?

A Valentina vira-se para a Raven com um sorriso e a intenção de se dirigir a ela, mas eu agarro-a pelo pulso. Puxo-a para mim e ela desequilibra-se, caindo-me nos braços.

– Luca! – repreende-me, enquanto se endireita e afasta.

– Tens um encontro? – a minha voz transmite raiva. Ela desvia o olhar, mas eu agarro-lhe o queixo e viro-lhe o rosto para mim. – Responde-me.

– Isto é um assunto pessoal! – diz, perentória, fazendo com que me arrependa imediatamente do que lhe disse quando a Natalia aqui esteve.

– Quem é?

Ela olha para mim de dentes cerrados.

– Não tens nada que ver com isso.

– Não tens tempo para ir a um encontro esta noite – digo, esforçando-me para encontrar uma desculpa. – Preciso que confirmes a informação que vamos dar aos auditores.

– Já o fiz.

– Os orçamentos do próximo trimestre precisam de ser revistos.

– Já foram e já me reuni com cada diretor para os discutir.

Faço uma pausa.

– Preciso de atas pormenorizadas de todas as reuniões que tivemos esta semana.

Ela ergue uma sobrancelha.

– Já tas enviei todas por *email*.

Sinto a frustração subir-me pela espinha. Por que raio é tão boa no seu trabalho?

– Quero ver o relatório sobre a Salazar Finance.

A Valentina franze a testa.

– Combinámos que o entregava no próximo mês.

– Quero vê-lo agora. – Vai levar-lhe no mínimo uma semana. Terá de trabalhar mais horas para o conseguir, será impossível ir a um encontro.

Ela cruza os braços e fica a olhar para mim por um momento.

– Muito bem – diz, hesitante. – Estás com sorte, porque já tenho um rascunho. Vou terminá-lo e envio-o para o teu *email* dentro de uma hora.

– Como... como assim? – gaguejo.

Ela lança-me um dos sorrisos educados que desprezo.

– Se é tudo, vou tomar café com a Raven antes de retomar o trabalho.

Vira-se e afasta-se, caminhando com confiança. Que raio está a acontecer? Em todos estes anos, nunca soube de nenhum encontro.

A porta fecha-se depois de ela sair, e fico a olhar na sua direção com os pensamentos em tumulto. Que raio posso fazer? Não a posso impedir de ir a um encontro.

Hesito por um momento antes de pegar no telemóvel e ligar ao Silas Sinclair, o diretor de segurança. Ele atende quase de imediato.

– Windsor – diz no seu tom monótono de sempre. Nunca o vi animar-se com nada a não ser com a sua esposa. Não sei o que a Alanna vê neste cepo.

– Silas... – faço uma pausa –, preciso que descubras onde a Valentina vai esta noite e com quem.

Ele fica em silêncio por um instante.

– Já tentaste perguntar-lhe?

Odeio este gajo! É irritante como tudo, mas é o melhor no que faz.

– É óbvio que já tentei, Sinclair. Ela não me disse.

Ele suspira, claramente irritado com o meu pedido.

– Já pensaste que não é da tua conta o que a Val faz no seu tempo livre? Não estás noivo? Parabéns, já agora.

Cerro a mandíbula.

– Não te pago para me questionares.

– Tu não me pagas – responde. – É a tua avó que me paga.

Passo uma mão pelo cabelo e olho para o teto. Percebo, finalmente, porque o Ares odeia tanto o Silas.

– Preciso de um nome e do local.

O Silas suspira.

– A minha mulher não vai gostar disto. É amiga da Val, sabes disso. Não faças nada estúpido. Se fizeres e a Alanna descobrir, vou ouvi-la até ao fim dos meus dias.

Este otário! Não tem lealdade a ninguém senão à mulher. É tão rico como eu, por isso, é impossível comprá-lo. Odeio pessoas que não posso controlar e o Silas Sinclair é uma delas.

– O restaurante chama-se Marsella. Vai jantar com o Theodore Miller.

Mal disfarço a raiva quando desligo a chamada. *Theo Miller*. Um dos nossos gestores de clientes? Que raio. Idiota de merda!

Sento-me à secretária e fico a olhar para o ecrã do computador, indeciso sobre enviar ou não um *email* aos Recursos Humanos. Acabo por fazê-lo e sorrio ao ler o conteúdo.

«Com efeito imediato, a norma de conduta de não-confraternização é reforçada. É expressamente proibido manter relações amorosas entre colegas, configurando justa causa para despedimento. Enviem, por favor, uma circular com esta informação.»

A Valentina pode estar disposta a deixar este trabalho, mas o Theo não.

Dezoito

Valentina

Nunca pensei que aceitasses – diz o Theo, despertando-me dos meus pensamentos. Que se passa comigo? Desde que nos sentámos que só penso no Luca.

Não estava à espera que reagisse daquela maneira ao facto de eu ter um encontro, mas, depois, estive silencioso o resto do dia. Talvez tenha sido apanhado de surpresa e não lhe dê assim tanta importância como pareceu, o que me devia fazer sentir mais aliviada do que sinto e *não* me devia desapontar.

O Theo foi buscar-me à minha secretária, e eu estava certa de que o Luca diria ou faria algo, mas não. Limitou-se a olhar de relance para nós do seu gabinete e voltou a concentrar-se no trabalho, como se não se importasse.

– E porque não havia de aceitar?

O Theo sorri e inclina-se.

– Não sabes a alcunha que tens na empresa, pois não?

Sorrio e ponho os cotovelos sobre a mesa, apoio o queixo nas mãos e inclino-me para ele.

– Rainha do Gelo?

Ele abre os olhos ligeiramente e abana a cabeça, rindo-se.

– Devia ter desconfiado. Não se passa nada naquela empresa que tu não saibas. Sorrio-lhe.

– Parte do meu trabalho é saber tudo o que se passa.

Ele olha para mim, e eu reparo numa ponta de incredulidade no seu olhar, quase como se não pudesse mesmo acreditar que estou aqui com ele.

– Não imaginas há quanto tempo te queria convidar para sair. Eu... não sabia se o devia fazer. Nunca te vi com ninguém e nunca falas da tua vida pessoal. Vejo-te sempre com o chefe e pensei que vocês... – abana a cabeça. – Mas depois recebemos a circular sobre o noivado dele e tu não pareceste nada abalada, por isso, percebi que andava enganado. Devia ter tido coragem de te convidar mais cedo.

O meu sorriso gela e desvio o olhar.

– Nunca houve nada entre mim e o Luca.

O Theo coça o pescoço, desconfortável, e olha para o prato.

– Desculpa. Não estava a insinuar nada. Só que... demorei tanto tempo a convidar-te e agora que aqui estamos, estou a estragar tudo.

Sorrio e abano a cabeça.

– Não estás nada.

Ele junta as mãos e lança-me um largo sorriso.

– Paremos de falar de trabalho. Fala-me dos teus passatempos. Quero saber o que fazes fora do trabalho. Quem é a verdadeira Valentina Diaz?

Passatempos? Sorrio, confusa. Estou sempre a trabalhar. Nem consigo pensar em nada que faça para relaxar além de ver televisão. *Passatempos?* Não tenho nenhum.

– Ela adora cozinhar e segue religiosamente canais de Youtube de receitas. Prefere-os aos programas de televisão. E interessa-se muito por culinária em miniatura, também.

Levanto a cabeça, atónita e sem palavras, quando deparo com o Luca junto à nossa mesa.

– Apesar de estar sempre a gozar com a minha irmã, lê todos os romances picantes que a Sierra lhe recomenda e rendeu-se recentemente aos audiolivros. Mantém-se séria quando os ouve no trabalho e pensa que eu não sei o que está a fazer. Além disso, é obcecada por Sudoku. Tem uma pilha de livros de Sudoku numa gaveta da secretária, e sempre que lhe dificulto a vida ou lhe peço que trabalhe mais horas, resolve um, cheia de raiva, lançando-me pragas o tempo inteiro.

O Theo olha para o Luca por um momento, nenhum de nós sabe que fazer.

– Chefe – acaba por dizer. – Está... o que está aqui a fazer?

Aceno com a cabeça, igualmente confusa, mas, no fundo, sinto algo mais. Algo que não consigo definir. É uma sensação vaga de vitória e alívio. Talvez ele se importe mesmo que eu tenha um encontro.

O Luca pega numa cadeira e senta-se na nossa mesa sem qualquer cerimónia.

– És sempre tão eficiente – diz-me, antes de se virar para o Theo. – E tu também, Miller. Se continuares assim, terei de te dar um aumento. Como sabiam que tínhamos adquirido esta cadeia de restaurantes? – Olha para cada um de nós com uma expressão repleta de raiva. – Fico muito feliz por ver a vossa proatividade. Andava para vir testar este restaurante há algum tempo. Que coincidência. – O tom dele não demonstra qualquer emoção, mas está, claramente, a ser sarcástico. – Ou estou errado? Isto não é um encontro, pois não? Não viram a circular que saiu hoje? A norma de conduta de não-confraternização foi reforçada. É proibido ter relações amorosas dentro da empresa. – Olha para o Theo e sorri. – Não queres perder o emprego, pois não?

– De que é que estás a falar? – pergunto, mais alto do que pretendia. É óbvio que vi a circular, mas ignorei-a. Não esperava que aparecesse aqui. – Qual aquisição? – A Sierra ter-me-ia dito se este restaurante fosse dos Windsors e estou certa de que não é. Eu teria estado envolvida se tivesse havido uma aquisição.

Os olhos do Luca encontram os meus e há um aviso silencioso neles, como se me estivesse a desafiar para um confronto. Observo como se inclina, pega no garfo e tem o despalante de provar o meu peixe.

– Delicioso – murmura sem desviar o olhar de mim.

– Quando compraste o restaurante? – pergunto.

O Luca come outra garfada da minha comida.

– Esta tarde.

O meu coração dispara e sinto-me corar. Comprou o restaurante depois de saber que eu tinha um encontro? Também foi por isso que reforçou a norma de conduta? Aclaro a voz e ponho o cabelo atrás da orelha, desajeitadamente.

– Podemos falar em privado, por favor?

O Theo olha para nós, e eu sorrio-lhe educadamente quando me levanto. O Luca continua sentado, como se recusasse, mas eu agarro-lhe o braço e forço-o a acompanhar-me até à varanda.

– Que é que achas que estás a fazer? – pergunto-lhe, omitindo muito pouco a raiva.

Ele sorri.

– Que é que achas que estou a fazer?

– Compraste mesmo este restaurante hoje? Porquê?

O Luca cruza os braços e anui.

– Sim, comprei.

– Perguntei-te *porquê*.

Ele dá um passo na minha direção e eu dou um passo atrás. Fazemos esta dança até eu estar contra a parede. O Luca estica um braço de cada lado, deixando-me encurralada.

– Queres saber a verdade, Valentina?

Digo que sim com a cabeça.

– Toda a verdade.

Ele inclina a cabeça e aproxima-se mais um pouco até termos os lábios bastante próximos.

– Não faço ideia – suspira. – Fazes-me agir irracionalmente e ambos sabemos que eu nunca tomo decisões baseadas em emoções. Assim que soube que tinhas um encontro, percebi que não o podia deixar acontecer. Por isso, sim, Valentina, comprei a merda de um restaurante só para ter uma desculpa para estar aqui esta noite. Sim, estou a tentar sabotar o teu encontro e, sim, não te vou deixar voltar para aquela mesa. – Respira tão sofregamente como eu, com raiva e desespero a desfigurarem-lhe o rosto. – Queres toda a verdade? Odeio que te tenhas vestido de vermelho para ele e não suporto a forma como lhe estavas a sorrir quando entrei. *Nunca* sorriste assim para mim. Nunca!

Ponho as mãos no peito dele, sabendo que o devia afastar.

– Luca, és completamente *louco*! – murmuro.

Ele aproxima-se ainda mais, os nossos corpos ficam colados.

– Sou – admite. Passeia as mãos pelo meu cabelo e agarra-o com força. – Porque *tu* me deixas louco.

Os lábios dele precipitam-se sobre os meus e ponho-me em bicos de pés, deixando escapar um tímido gemido quando nos beijamos. O Luca agarra-me o cabelo com mais força, obrigando-me a abrir os lábios e a aprofundar o nosso beijo. Não devíamos estar a fazer isto, mas não consigo controlar-me.

– O teu sabor é tão doce como me lembrava – murmura colado aos meus lábios

antes de me chupar o lábio inferior.

Afasto-me dele, ofegante.

– Não podemos – digo-lhe com voz rouca. – Sabes que não podemos.

Ele olha-me nos olhos com a mesma mágoa que sinto.

– Valentina – implora.

Abano a cabeça e desvio o olhar.

– Tens de me deixar ir, Luca. Isto tem de acabar antes mesmo de começar. Tu e eu... isto não pode acontecer.

Empurro-lhe o peito e ele deixa cair os braços. O arrependimento no seu olhar espelha o meu na perfeição, e sinto-me totalmente indefesa. Se ele não fosse um Windsor e eu não trabalhasse para ele... poderiam as coisas ter sido diferentes entre nós?

Dezanove

Valentina

Percorro os *emails* no telemóvel enquanto entro no escritório. O meu coração fica destroçado. Vinte e seis respostas negativas a candidaturas e chegaram todas ao mesmo tempo. Tendo em conta as minhas qualificações, isto só pode ter acontecido por um motivo. O Luca pôs-me na lista negra. Dei-lhe tudo durante anos e é assim que me retribui? Parará algum dia de brincar com os meus sentimentos, com a minha *vida*? Ele sabe que nunca poderemos estar juntos e nem acredito que me queira, no entanto, recusa-se a deixar-me ter um encontro. Vai casar-se e recusa-se a aceitar a minha demissão. Porque quer tanto reter-me aqui quando não tem esse direito? Porque me continua a magoar?

Entro, soturna, no elevador privado que dá acesso direto ao escritório. Estou, mais uma vez, vestida de vermelho, mas hoje é por uma razão diferente. A minha mente lembra-se das palavras do Luca.

Odeio que te tenhas vestido de vermelho para ele.

Como é que ele sabia? Durante anos, achei que passava completamente ao lado do Luca. Como pode ele saber que visto vermelho quando preciso de um pouco de coragem e sorte? Como sabia ele sobre os canais de Youtube e os romances que eu e a Sierra lemos?

Paro junto da minha secretária e fico a olhar para ela por um momento, tomada por um profundo sentimento de perda. Oito anos. Não é só do Luca que me estou a afastar. É também da empresa e das pessoas que me moldaram. É da avó Windsor e, de alguma forma, também da Sierra, da Raven e da Alanna. Foi neste ambiente que cresci e aprendi tudo o que sei. Passei tantos momentos na casa de banho deste piso, a chorar, porque um dos meus superiores me tinha repreendido ou porque eu achava que não estava à altura dos outros, tão talentosos e com estudos. Demorei oito anos, mas finalmente senti que pertencia a um sítio.

Olho para o gabinete do Luca de coração pesado. Sinto um misto de sentimentos contraditórios, mas cada um me diz a mesma coisa. Preciso de cortar todos os laços entre nós.

Respiro fundo enquanto bato à porta, antes de entrar, com uma dor no peito que me é desconhecida. Ele olha para cima com uma expressão de dor na qual me revejo.

– Valentina.

Sempre disse o meu nome de forma diferente. Pensava que o seu tom carregava

sempre algum desdém, mas hoje soa-me a reverência. O Luca percorre o meu fato vermelho com o olhar e olha depois para a sua secretária, resignado.

– Precisamos de falar.

Ele anui e olha para mim, relutante. A forma como me encara deixa-me desarmada. Reúno todas as minhas forças para me manter firme e não hesitar.

– Pores-me na lista negra não vai impedir que me vá embora, Luca. Reconheço em absoluto que não seria quem sou sem ti e o teu apoio, mas também acho que te compensei pelo que fizeste por mim, tendo em conta que te dei tudo durante *oito anos*. Sempre te apoiei, Luca. Trabalhei mais arduamente do que qualquer outra pessoa, mais do que devia ser expectável. Que mais queres? Quanto tempo mais me vais castigar por me pôr em primeiro lugar? Já te ouvi dizer que devíamos aceitar que as pessoas se afastem de situações tóxicas. Deixa-me ir embora, Luca. Deixa-me ir. Imploro-te. Não vês que me estás a magoar?

– Não posso – murmura. Esfrega a cara e desvia o olhar. – Faço qualquer coisa que me peças, Valentina, mas deixar-te ir é a única exceção.

– Porquê? – pergunto com a voz sumida. – Vais casar-te com a Natalia dentro de seis meses e devias focar-te nela. – Ele olha para mim tão desesperado, que luto por me manter firme. Passo uma mão pelo cabelo e respiro fundo. – Talvez seja por o nosso tempo juntos estar a acabar, ou talvez seja alguma frustração reprimida que existe entre nós. Não sei o que se passou ontem à noite, mas não pode voltar a acontecer. Não sou alguém com quem podes ter um caso antes do teu casamento e, muito menos, depois dele.

O Luca levanta-se e contorna a secretária. Tenho de me esforçar por ficar quieta quando todo o meu corpo quer reagir à sua presença. Não sei se o que quero é aproximar-me dele ou afastar-me.

– Nunca serias só um caso para mim, Valentina – murmura.

– Como poderia ser outra coisa se te vais casar?

Ele passa uma mão pelo cabelo e fica a olhar para o teto por um instante.

– Eu não me *quero* casar com ela. Só a vi uma vez desde que ficámos noivos, naquele dia em que veio aqui. Vi-a nessa altura e depois à noite, ao jantar. Só isso. Não sinto nada por ela. Não significa nada para mim.

– Não interessa! – exclamo. – É a tua noiva. E eu? Em breve, não serei nada para ti. Até lá, precisamos de impor limites. Se vamos trabalhar juntos mais seis meses...

O Luca desata-se a rir, interrompendo-me.

– Ainda achas que te vou deixar ir? Faz o que quiseres, apresenta a tua demissão. Daqui a seis meses, ficarás aqui, onde sempre estiveste, ao meu lado.

Abano a cabeça.

– Não consigo continuar a fazer isto. Tu e eu... o que aconteceu ontem à noite nunca devia ter acontecido. Trabalhámos tão bem durante oito anos. O que mudou, Luca? Nunca me quiseste até perceberes que me tinhas perdido. Eu não te pertenço. Não sou uma aquisição. A primeira vez que me tocaste foi por causa do Joshua e agora porque me despedi. Não vou entrar neste jogo.

O Luca encaminha-se para mim e levanta a mão, passando os dedos pela minha

testa. Pega no meu cabelo e enrola-o nos dedos com uma expressão pensativa.

– Fizeste com que eu não tivesse mais nada a perder – diz num tom suave. – Foi isso que mudou. – Passa a mão pela minha face e fecho os olhos por um instante. – Fiz merda no casamento do Ares e da Raven e mal recuperámos disso. Nunca faria nada que me fizesse perder-te para sempre. Mas, depois, despediste-te e o meu instinto foi fazer tudo para que ficasses. – Ri e afasta-se. – Pensei... se te vou perder, porque continuo a hesitar? Porque suprimo os pensamentos que tenho? Para quê continuar a mentir?

Mordo o lábio sem saber que dizer.

– Luca, eu não posso ficar. E isto entre nós? Não podemos ceder. O teu noivado pode não significar nada para ti, mas eu não sou esse tipo de mulher. Imaginas como me sinto culpada pelo beijo de ontem à noite? Eu nunca devia... eu não sou...

Ele passa uma mão pelo cabelo e anui.

– Eu sei, desculpa. Nem sequer pensei e, por uma vez, quis ceder e ter o que tanto quero. Não voltará a acontecer, por isso, por favor, não vás. Não saias desta empresa. Não deites fora tudo aquilo por que lutámos. A Windsor Finance não seria o que é sem ti, Valentina. Vais mesmo conseguir abandonar o que construímos juntos?

Olho-o nos olhos e luto contra o instinto de ceder.

– O que vai acontecer se eu ficar? Não há crescimento profissional disponível para mim aqui e tu sabes disso. Se ficar, será por ti e... como pode isso ser correto quando te vais casar em breve? Como é que essa é a decisão correta para *mim*? Este trabalho é tudo o que sempre conheci, mas quanto mais tempo desempenharei este papel? Quanto mais tempo conseguirei trabalhar o número de horas que trabalho? Se ficar, vou continuar a sacrificar a minha vida enquanto tu constróis uma nova vida com a tua mulher. Já não sou uma miúda, Luca. Também quero uma vida própria. Quero descobrir o que é a *felicidade*. Não é encontrar o amor ou um homem com quem passar o resto da vida, não sou assim tão romântica. Mas talvez encontrar um passatempo ou dois e viajar? Adorava fazer isso, pelo menos.

Ele olha para mim com tanto desalento nos olhos, que me faz doer o coração. Parte de mim gostava que ele nunca me tivesse tocado. Se não o tivesse feito, poderíamos ficar amigos?

– Tu e eu... temos de voltar a ser o que éramos. Temos de esquecer tudo o que aconteceu nos últimos meses, tudo o que foi dito. Durante seis meses, vamos voltar ao que éramos. Vamos terminar isto de forma positiva, Luca.

Ele respira fundo e abana a cabeça.

– Não penses que não vou lutar. Sentimentos pessoais à parte, és a melhor funcionária da Windsor Finance. Não te vou deixar ir.

Dirijo-me para a porta e viro-me para olhar para ele, com o coração a vacilar.

– Não tens escolha – digo-lhe e saio.

Vinte Valentina

Sinto-me inquieta enquanto organizo as coisas com a equipa de assistentes pessoais. Estão encarregados de agendar as entrevistas para a minha substituição e é uma situação agriçoce.

O Luca tratou-me tão bem durante tantos anos e, apesar das suas atitudes mais recentes, devo-lhe tudo. Se não fosse ele, não me tinha licenciado ou reunido a experiência que me transformou numa profissional financeira conhecida e respeitada. O Luca Windsor moldou-me e sempre lhe serei grata pelo que me deu.

Não é com o Luca que conheço que tenho um problema. É com o Luca em que ele se transformou quando ficou noivo. Estive ao seu lado durante inúmeras mudanças da sua vida e nada o abalou tanto como isto.

Sou roubada aos pensamentos quando o meu telemóvel toca e franzo a testa. A minha mãe raramente me liga quando estou no trabalho. A preocupação faz-me endireitar imediatamente e sinto o coração acelerado.

– Mãe, olá.

– Val – diz com a voz trémula –, a *Abuela*... saiu de casa há umas horas e ainda não voltou. Estou preocupada.

Levanto-me com o coração a martelar-me o peito.

– O quê? Há quanto tempo foi isso? Não tem o telemóvel com ela?

– Não, deixou-o na mesa de cabeceira. Peguei na minha cadeira de rodas e dei uma volta ao quarteirão, mas não a encontrei em lado nenhum.

– Viste na loja de conveniência? Ela é amiga da dona e às vezes fica lá à conversa.

– Não a viram. Passa sempre por lá, mas hoje não passou.

– E no parque?

– Não a encontrei, Val. Fui ao parque, perguntei aos vizinhos, fui a todas as lojas aqui perto. Não a encontro em lado nenhum. Achas... achas que devo ir à polícia?

– Sim! – grito com lágrimas nos olhos. – Claro que sim, mãe. Temos de a encontrar rapidamente. Não sabemos o que poderá ter acontecido. E se caiu e não nos consegue contactar? E se precisa de ajuda?

As lágrimas caem-me pelo rosto e estremeço.

– Val – diz a minha mãe –, preciso de te contar uma coisa. Não te dissemos antes por já teres tanto com que te preocupar. A *Abuela* insistiu que não te

contasse.

Começo a tremer e agarro no telemóvel com mais força.

– O que foi?

A minha mãe inspira tremulamente.

– A *Abuela* foi diagnosticada com Alzheimer. Tem-se esquecido cada vez mais das coisas. Fica confusa e às vezes nem sabe quem eu sou. Outras vezes, acha que estamos no passado e que o *Abuelo* ainda está vivo. E se estiver a ter um desses episódios e estiver a tentar encontrar o *Abuelo*? Já aconteceu antes, não faço ideia até onde poderia ir. E se estiver a tentar ir para a nossa antiga casa?

– Vou já para aí – digo-lhe. Pego na carteira e saio porta fora, mal conseguindo ver por entre as lágrimas. – Vamos encontrá-la. Vai ficar tudo bem.

A minha mãe já procurou em todos os sítios de que me consigo lembrar. Onde poderá estar a *Abuela*?

Fico nauseada com a preocupação e esforço-me por permanecer calma. Vou encontrá-la, nem que seja a última coisa que faça.

Vinte e um

Luca

Paro junto à secretária vazia da Valentina e franzo a testa, sentindo-me inquieto.

– Onde é que ela está? – pergunto a uma jovem que caminha na minha direção. Acho que é uma das novas assistentes pessoais que a Valentina contratou, mas não sei como se chama.

– Dr. Windsor – diz, baixando ligeiramente a cabeça –, a Val saiu depois de receber uma chamada da mãe. Pelo que percebi, a avó dela está desaparecida. Não sabem onde foi e saiu de casa há horas.

Arregalo os olhos de preocupação. A avó é tudo para a Valentina. Imagino que esteja fora de si. Aconteceu algo como isto e não pensou que eu a podia ajudar?

– Quando saiu a Valentina?

– Há duas horas.

Passo uma mão pelo cabelo e volto para o meu gabinete. Como pode acontecer algo assim e eu não saber? Afastei-a a ponto de não saber que pode contar comigo?

– Dr. Windsor! Terminei a agenda de entrevistas. Pode dar uma vista de olhos?

Levanto uma mão e abano a cabeça.

– Agora não.

A porta do meu gabinete fecha-se atrás de mim e, dez segundos depois, tenho o Silas Sinclair ao telefone.

– Windsor? Antes que me peças qualquer coisa, quero que saibas que a Alanna ainda está chateada por teres estragado o encontro da Val.

– Cala-te e ouve – exclamo. – A avó da Valentina está desaparecida. Precisamos de a encontrar imediatamente. É idosa e está desaparecida há horas. Encontra-a e assegura-te de que está bem. Quero uma equipa médica de plantão também, caso seja necessário.

– Claro! – responde imediatamente. – Ponho-te a par a cada dez minutos. Vamos encontrá-la.

Sento-me à secretária, angustiado de tanta preocupação. Se fosse a minha avó, perdia a cabeça. Espero que o Sinclair não me falhe.

Bato com um dedo na mesa impacientemente, incapaz de me focar no que quer que seja. Devo ligar à Valentina e ir ter com ela? Tenho alguma utilidade neste momento? Ou só lhe vou causar mais stresse?

Silas Sinclair: Temos acesso a todas as câmaras perto da casa dela e estamos a analisar as gravações para tentarmos descobrir para onde foi.

Fico a olhar para o telemóvel, sentindo que devia estar a fazer alguma coisa, mas não sei o quê. Esfrego o pescoço, sem conseguir acalmar o coração.

Batem à porta e endireito-me na cadeira, grato pela distração. A porta abre-se, e a Valentina entra com o cabelo despenteado e o rímel esborratado. Esperava ver pânico nos olhos dela, mas encontro convicção e assertividade.

– Luca – diz, suavemente. Para em frente à minha secretária e fica a olhar para mim.

Nunca a vi olhar-me assim, com tanta confiança em mim naqueles lindos olhos avelã. – Quero fazer um acordo.

Olho para o telemóvel, mas não recebi mais mensagens do Silas e fico inquieto.

– Um acordo? – pergunto, intrigado.

Ela anui.

– Preciso de uma coisa e preciso que dê tudo de ti. Em troca, eu fico. Retiro a minha carta de demissão e continuo a trabalhar contigo sem me queixar. Não te deixarei sem que me peças e vou fingir que as últimas semanas não aconteceram. Volta tudo a ser como era entre nós. Garanto-te isso.

Ergo as sobrancelhas, surpreendido pela bravura dela. Não sabia se ia recorrer a mim e nunca pensei que o fizesse com tanta calma. Imaginei que entrasse pelo meu gabinete a implorar por ajuda. Devia conhecê-la melhor.

– Do que precisas, Valentina?

Ela hesita com uma ponta de dúvida no olhar.

– Luca, preciso que encontres a minha avó. Ela... – a voz dela some-se e aclara a garganta, endireitando-se. – Ela saiu esta manhã e ainda não voltou para casa. Já se passaram cinco horas e estou preocupada. Encontra-a e eu fico.

Encaro-a, observando o desespero óbvio na sua expressão. Não sabe que faria qualquer coisa por ela, que basta pedir? A única coisa que não consigo fazer é deixá-la ir. Sou um otário, eu sei, mas não posso perder esta oportunidade. Como não o vi antes? É a solução para todos os meus problemas.

– Quanto significa a tua avó para ti? – pergunto suavemente.

Os olhos dela faíscam e fica tensa.

– Ela é tudo para mim. Foi a minha avó que me criou e faria qualquer coisa por ela. Imploro se quiseses, Luca. Não há nada que não faça.

Sorrio, esperançoso.

– Significa tudo para ti? Então, dá-me tudo em troca. Vou pôr todos os recursos que tenho à tua disposição, com uma condição.

A Valentina hesita, mas acaba por anuir.

– Estou a falar a sério – diz. – Não há nada que não faça.

Entrelaço as mãos e sorrio.

– Casa comigo, Valentina. – É arriscado, mas é um risco que quero correr. Não há outra forma de a manter ao meu lado e isto resolve os dois problemas. Livro-me da Natalia e prendo a Valentina a mim.

Ela olha-me de olhos arregalados.

– O quê?

Penho um cotovelo sobre a secretária e apoio o queixo no punho.

– Casa comigo. Se casares comigo, farei tudo ao meu alcance para encontrar a tua avó.

– Ela fica a olhar para mim, confusa, e sorrio-lhe, para a sossegar. – Acho que sabes perfeitamente que não quero casar com a Natalia. A minha avó adora-te, por isso, mesmo que se zangue quando souber, vai acabar por aceitar o nosso casamento. Não me vai deserdar se me casar *contigo*.

Não pode mesmo ser mais ninguém senão a Valentina. É a única mulher que a minha avó aceitaria. Não sei como não pensei nisto antes. É bastante arriscado, se a minha avó não concordar com a minha decisão, perco tudo. Mas se conseguir manter a Valentina perto de mim, é um risco que vale a pena correr.

Ela abana a cabeça.

– Desculpa, não percebo. Tu... tu estás noivo, Luca. Isto não...

Abano a mão e sorrio-lhe de forma meiga.

– Semântica – digo-lhe, com o coração acelerado. – Diz-me que te casas comigo,

Valentina. O resto resolveremos depois.

Ela olha-me nos olhos e, por um momento, vejo anseio no seu olhar, mas é o desdém que sobressai.

– Sim – diz-me com a voz frágil e derrotada. – Ajuda-me a encontrar a minha avó e caso contigo.

Sinto um alívio diferente de tudo o que já senti e sorrio. Antes mesmo de conseguir dizer uma palavra, o meu telemóvel toca. Pego nele e, já com o coração em paz, leio as mensagens que o Silas me enviou antes de voltar a encarar a minha futura mulher.

– Encontrámo-la. Está a ser acompanhada a casa neste momento. Está bem, mas tem arranhões nas mãos e não sabe como os fez. A equipa médica está com ela e está a ser tratada. Pelo que percebi, apanhou um autocarro, ficou confusa e continuou no autocarro, a andar para trás e para a frente, sem sair. – Levanto-me e pego no casaco. – Anda, vamos para casa da tua avó. Chegamos ao mesmo tempo que eles se saírmos agora.

Ela fica parada no mesmo sítio com o corpo inteiro rígido enquanto contorno a secretária. Paro à frente dela, e ela olha para mim com uma expressão indecifrável.

– Já estavas à procura dela?

Sorrio-lhe e passo ternamente a mão pela sua face.

– Não fui eu que quis fazer um acordo – lembro-lhe. – E um acordo é um acordo.

Sáímos juntos do meu gabinete, e não consigo parar de sorrir. Até o ter dito, não tinha percebido que era apenas isto que queria. Que a Valentina fosse minha esposa.

Vinte e dois Valentina

Casamo-nos esta noite – diz-me o Luca assim que termino de falar ao telefone com a minha mãe. Estamos a chegar a casa delas, mas não ficava descansada se não ouvisse a minha mãe dizer que a *Abuela* está bem.

Olho para o Luca por um momento e abano a cabeça.

– Não, não casamos.

Ele ergue a sobrancelha.

– Lembras-te de que temos um acordo, certo?

– Tens esse acordo por escrito?

Ele ri-se.

– Não.

– Tens alguma testemunha?

Ele abana a cabeça e sorri sombriamente.

– Sabes que não.

– Então... que vantagem tens sobre mim? É que acabei de falar com a minha mãe e ela disse-me que a avó está bem e em casa.

O Luca percorre-me o corpo com o olhar e sorri sem muita vontade enquanto me desaperta o cinto de segurança. Alcança-me e puxa-me para o colo sem dificuldade, usando a mão livre para carregar num botão que levanta uma divisória entre nós e o motorista.

Empurro-o, mas isso só lhe dá a hipótese de me reposicionar de forma que fique com uma perna de cada lado. A minha saia sobe e eu coro quando o Luca me agarra com força na cintura, mantendo-me quieta.

– Bem jogado, Valentina – diz em voz baixa. Os olhos dele brilham de maneira perigosa. – Devia ter adivinhado, afinal, aprendeste comigo.

O meu coração dispara quando ele enterra uma mão no meu cabelo e me vira o rosto para que o encare. A forma como me olha desarma-me. Pega-me no rosto e passa o polegar pelos meus lábios.

– Diz-me porquê – murmura, soando magoado. – Não te vou pedir nada em troca por ter encontrado a tua avó, Valentina, mas diz-me porquê. Diz-me porque não te casas comigo.

Olho para os olhos castanhos dele com o coração a bater com muita força. Há mil razões para não ficarmos juntos e ele sabe-o.

– Sabes que tens de casar com alguém que seja um ativo para a tua família e eu

não sou. Mesmo que não seja com a Natalia... nunca será comigo que te vais casar.

– Isso não é verdade. A noiva do Dion, a Faye, não é de uma família influente. É uma mulher comum, de uma família de classe média, e a minha avó adora-a tanto quanto a ti. Porque é que não podes ser tu? Odeias-me assim tanto?

Olho-o nos olhos, incapaz de o entender. Perdeu a cabeça de vez?

– Porque quererias casar comigo, Luca?

Ele acaricia-me a face e sorri.

– Eu nem sequer me quero casar, mas, se tiver de o fazer, quero que seja com a mulher que está ao meu lado há anos. Nós trabalhamos juntos na perfeição e nada teria de mudar se não quisesse. Não há nada que não te dê se me libertares da Natalia. Podes não ser a esposa que a minha avó escolheu, mas serás a única que ela aceitará. Além disso, sabes como nos damos bem. Não é segredo que te quero, porque não havemos de gozar da companhia um do outro por uns anos?

Franzo a testa, atingida por mil pensamentos ao mesmo tempo.

– Estás a propor-me um casamento de conveniência?

Ele anui.

– É o mesmo que seria com a Natalia. Eu só tenho de estar casado durante três anos para receber a herança, mas não me imagino a aguentar tanto tempo com ela. Contigo, por outro lado... Já estamos juntos há oito anos. Que diferença faz mais alguns? Terias tudo o que quisesse. De certeza que há algo que te posso oferecer, não?

Encaro-o, desconcertada. Conheço-o bem para saber que está a falar a sério. Nem falaria nisto se não considerasse que é uma hipótese. Primeiro, pensei que estava só a ser impulsivo, mas, agora, não me parece que seja isso.

– Não – murmuro. – Só quero que me deixes ir. Para de sabotar as minhas tentativas de encontrar outro trabalho e deixa-me ir. Estou farta dos teus jogos, de me sentir usada e manipulada. Nunca me casaria com alguém como tu, nem por apenas três anos.

Por um segundo, vejo dor no seu olhar, mas ele vira o rosto e suspira.

– Valentina – sussurra –, pelo menos pensa no que te disse.

O carro para em frente à casa da *Abuela* e afasto-me dele, nervosa.

– Não venhas atrás de mim – aviso-o, saindo do carro e batendo com a porta.

Só me consigo focar na *Abuela* neste momento. Casar? Com o Luca? Perdeu a cabeça! Como pôde pensar que casaria com ele depois de tudo o que me fez nas últimas semanas? Pôr-me numa lista negra é uma coisa, mas usar a *Abuela* para me coagir a casar? É vil até ao tutano!

Dirijo-me a casa e paro na entrada, observando a *Abuela*. Está sentada no sofá, rodeada pela equipa médica, de testa franzida. É óbvio que não percebe bem o que se passa, e isso preocupa-me.

Aproximo-me e ajoelho-me à frente dela, agarrando-lhe as mãos.

– Onde foste? – pergunto com a voz quebrada. – Fazes ideia de como estava preocupada?

– *Rosa* – repreende-me ela –, já te disse várias vezes que fui dar uma volta.

Para de perguntar! – exclama.

O meu coração parte-se quando liberta as mãos dela das minhas. Não me reconhece. Sinto lágrimas formarem-se-me nos olhos e inspiro bruscamente.

– Valentina.

Olho para cima e deparo com o Luca ao meu lado de mãos estendidas. Pensei que se tinha ido embora, mas está aqui. Não há qualquer raiva no seu olhar. Apenas compaixão e apoio incondicional, o que nunca esperaria dele. Dou-lhe a mão e ele ajuda-me a levantar.

– Não te disse para não me seguires? – pergunto com voz frágil.

Ele sorri e afasta-me o cabelo do rosto.

– Pensei que te tinha dito que nunca te deixaria ir embora – responde. – Como posso deixar-te quando mais precisas de mim?

Fungo e uma lágrima cai-me pelo rosto, ele apanha-a com o polegar com uma expressão tão terna que tenho de reunir todas as forças para não desatar a chorar.

O Luca põe-me uma mão no ombro e dirige-me à equipa médica com uma expressão serena. Olho para ele, e sorri-me de forma encorajadora.

– Está tudo bem – murmura. – Ela está bem, Valentina. É tudo o que interessa neste momento.

Anuo e ele põe uma mão nas minhas costas enquanto o médico me explica a condição da minha avó.

– Recomendo que encontre um cuidador – diz, delicadamente, quase como se receasse dizer o que quer que fosse.

Certamente viu o estado da nossa casa. É pequena e tudo o que temos é antigo. É óbvio que não podemos pagar um cuidador a tempo inteiro.

– A condição dela continuará a piorar e, por vezes, poderá tornar-se violenta. Será frustrante para ela esquecer-se das coisas e, em breve, começará a ter dificuldades mesmo com pequenas tarefas. Ela precisa de assistência.

Mordo o lábio, de coração pesado. Não posso pagar isto e nem o melhor seguro de saúde do mundo o cobrirá. Quero dar-lhe o melhor cuidado possível, mas como? Tendo em conta o meu orçamento, nunca poderei ter a certeza de que quem contratar a vai tratar bem. Com o que posso pagar, provavelmente farão o mínimo possível. E daqui a seis meses, nem sequer terei emprego.

Olho para o Luca, afogada em remorso. Terei de manter este emprego, mas, fazendo-o... aguentarei vê-lo casar-se? Recordo as palavras que me disse e encaro-o. Os meus lábios movem-se ainda antes de perceber o que estou a fazer.

– Há algo que quero, Luca – digo-lhe, quase num sussurro.

Ele sorri vitoriosamente.

Vinte e três

Luca

O ambiente entre nós é tenso quando encaminho a Valentina para o meu escritório de casa. Já aqui estivemos inúmeras vezes, mas nunca para tratar de algo tão importante como hoje. Só percebi depois de o ter dito, mas isto é o que quero acima de tudo. Quero que a Valentina seja minha esposa. Estrategicamente, é a decisão correta. Casar com ela faz com que não se vá embora e liberta-me da Natalia. Tê-la na minha cama será uma agradável consequência.

Pego numa folha de papel em branco.

– Não farei o mesmo erro duas vezes – digo, ressentido. – Percebo agora como todos os homens com quem lidaste nestes anos se sentiram. És uma fera implacável, Valentina Diaz.

Ela sorri e cruza os braços.

– Que posso dizer? Aprendi com o melhor.

Sorrio-lhe de volta e abano a cabeça com mágoa. Sim, a Valentina é uma arma que não pode cair nas mãos de um inimigo. É perfeitamente capaz de me esmagar se quiser, não tenho qualquer dúvida.

– Diz-me o que queres em troca de te casares comigo, Valentina.

Ela percorre-me o rosto com o olhar, com uma expressão cautelosamente neutra. Questiono-me o que vê, o que quer. Toda a gente tem um preço e a Valentina não será diferente. Até hoje, nenhuma mulher olhou para mim e me quis pelo que sou.

Eu não seria ninguém sem a minha fortuna e o prestígio do nome Windsor. No fim de contas, um casamento transaccional é o que me serve melhor. Quando há limites e expectativas bem definidos, não há lugar para o descontentamento ou dor.

A Valentina hesita e fico ansioso.

– Tens a certeza de que queres fazer isto, Luca? É possível que a tua avó não o permita e te tire a herança. É um risco que queres mesmo correr?

Sorrio-lhe e pego na minha caneta, pronto para escrever o nosso acordo.

– É um risco mais pequeno do que imaginas. Sabes como a minha avó gosta de ti. Achas que me vai castigar por, alegadamente, seguir o meu coração? Vou dizer-lhe que estou apaixonado por ti e que não imagino um futuro sem ti. Diz-me, Valentina. Que é que achas que ela vai fazer, sabendo que foi ela que te pôs no meu caminho?

Ela desvia o olhar, sabendo que tenho razão. Este plano não resultaria com mais ninguém senão com ela.

– Luca, ela pode gostar de mim e pode achar que sou um bom ativo para a empresa, mas isso não significa que aceite que eu faça parte da *família*.

– Se isso fosse verdade, não insistia que jantasses connosco tantas vezes. – Ela fica calada, quase lhe ouço o cérebro a trabalhar. – Deixa-a comigo – digo-lhe. – Independentemente da reação dela, vou respeitar os termos do nosso acordo. O que te prometer será entregue, mesmo que isto não resulte. – Ela anui hesitantemente e, olho para a folha em branco. – Diz-me as tuas condições.

Pela forma como me olha, estará a questionar-se se pode confiar em mim. Afasta o cabelo do rosto e respira fundo, como que ganhando coragem.

– Quero o melhor cuidado que conseguires para a minha avó, incluindo remodelações da casa que sejam necessárias. Quero que tenha cuidadores a tempo inteiro e que a tratem com respeito e afeto, mesmo quando ela piorar. – Faz uma pausa. – Quando nos divorciarmos, quero dinheiro suficiente para que ela possa continuar a ter o mesmo cuidado enquanto for viva.

Talvez não seja tão inteligente como pensei, ou saberia que lhe daria qualquer coisa, sem contrapartidas, se simplesmente tivesse pedido. Se recusasse a minha proposta e me pedisse ajuda, não lhe ia dizer que não.

– Que mais? É a tua oportunidade de exigires tudo de mim. Se estiver ao meu alcance, será teu.

Ela hesita, mas acaba por se endireitar e sorrir.

– Não serei uma secretária executiva por muito mais tempo. Pelo que percebo, o Stephen vai reformar-se. Assim que isso acontecer, quero o lugar dele. Quero ser a diretora de operações da Windsor Finance. Não preciso que me dê o lugar, mas quero que votes em mim quando o novo diretor for nomeado.

Este pedido não me surpreende minimamente. Já devia ter começado a fazer campanha por ela.

– É justo que a tua carreira continue a evoluir, especialmente quando te peço que fiques e uma das razões para queres ir embora ser a progressão na carreira. Terás o meu total apoio, Valentina.

Tenho sido egoísta com ela e começo a perceber que não a posso forçar a ficar ao meu lado. Mesmo agora, que me vou casar com ela, é porque é uma situação que traz benefícios aos dois. Se a tentar prender demasiado, acabarei por a esmagar.

– Luca – diz em tom firme –, há mais uma coisa.

Endireito-me, intrigado pela expressão do seu olhar. O que quer que me vá dizer agora não é negociável. Interessante!

– Não quero que mais ninguém, a não ser as nossas famílias, saiba do nosso casamento. Vamos divorciar-nos daqui a três anos e não quero arriscar ficar conhecida como tua ex-mulher para o resto da vida. Vou querer começar de novo, sem bagagem, e isso será impossível se estiver para sempre associada a ti. – Suspira e desvia o olhar. – Também não quero que o nosso casamento tenha impacto no meu trabalho. Há anos que há rumores de que ando a dormir contigo para subir na carreira e não quero que nada disso pareça ser verdade. Quero que as nossas vidas profissionais e pessoais se mantenham separadas.

Não gosto disto. Sinto necessidade de a reclamar publicamente como minha, mas tenho de o reprimir se me quero casar com ela. Além disso, não poderei anunciar o nosso casamento, mesmo que queira, enquanto estou preso a um noivado.

– Compreendo. Mas, em troca, também tenho algumas condições.

Vinte e quatro Valentina

O Luca encara-me com um brilho perverso no olhar. Nunca pensei estar nesta situação, a negociar as condições do meu *casamento* com um homem que odiei durante anos.

Mesmo agora, os meus sentimentos por ele são complicados. Odeio que se esteja a aproveitar da minha fraqueza para me coagir a fazer algo que não quero e magoa-me saber que, até neste contexto, sendo a sua futura esposa, não passo de um meio para atingir um fim.

Não sei se vou conseguir sobreviver intacta a estes três anos. Posso fingir que sou feita de pedra, mas não posso negar que o Luca me afeta como ninguém. Só nos últimos meses, magoou-me mais do que pensava ser possível. Que sobrá de meu coração quando nos separarmos?

– Diz-me as tuas condições – murmuro.

Ele anui.

– A minha avó estabelecerá algumas regras que teremos mesmo de cumprir. Suponho que sejam as mesmas que estabeleceu para o casamento do Ares e da Raven. O nosso casamento tem de durar pelo menos três anos e, durante esse tempo, não nos podemos separar por mais de três dias consecutivos.

Aperto os lábios e aceno com a cabeça.

– Isso não será um problema. Há anos que não estamos separados mais do que três dias, tirando umas férias aqui e ali.

O Luca sorri.

– Acho que não percebeste o que quis dizer. Este casamento pode ser temporário, Valentina, mas será muito, muito real. Quero que te mudes para minha casa e quero que durmas na minha cama todas as noites.

Abro a boca para protestar, mas ele levanta uma mão e ri.

– Não é segredo que te quero, mas esta regra não é minha. É uma regra que a minha avó nos vai impor assim que descobrir.

A simples ideia de partilhar a cama com o Luca faz-me corar. Quando me toca, faz-me perder a razão, o controlo. Torno-me numa versão de mim que mal reconheço e isso é assustador, mas também irresistível.

– Olha para mim.

Mordo o lábio e obedeço, corando ao lembrar-me de certas memórias. Da primeira vez que me disse estas palavras, tinha os dedos dentro de mim. Estava a brincar com o meu corpo como brinca agora com a minha vida.

– A partir de hoje, és minha, Valentina. O teu corpo, os teus pensamentos, os

teus sonhos. Durante três anos, quero tudo o que é teu. Pensa muito bem nisto, porque não há volta a dar, não quero nada pela metade.

Anuo e envolvo-me com os braços, sentindo-me estranhamente vulnerável.

– Posso concordar com isso – murmuro, envergonhada pela forma como ainda o desejo depois de tudo o que me fez –, mas, em troca, tens de prometer ser-me fiel. Se me queres dessa forma, tenho de saber que não tocas em mais ninguém. Não tolero traições. Não acredito no amor, Luca, e prefiro um casamento menos complicado, mas a fidelidade não é negociável.

Lembro-me do passado por um momento, de uma altura em que era parva o suficiente para acreditar que a minha mãe estava errada e que o amor verdadeiro existia – ela apenas não o tinha encontrado. Olho para o Luca com o coração em chagas. Mal recuperei dessa vez. se me apaixonar pelo Luca, será o meu fim.

Ele olha para mim com a expressão que faz quando me tenta ler o pensamento, e esforço-me por o esconder. Não preciso e não quero que vasculhe o meu passado.

– Nunca te trairei, Valentina. Enquanto fores minha esposa, só existirás tu. Serás a única mulher em que tocarei, a única que desejarei. Nem em pensamentos te vou trair. Posso dizê-lo com toda a confiança, porque dominas as minhas fantasias há mais tempo do que gosto de admitir. Não acredito que isso mude entretanto, se é que alguma vez mudará.

Sinto-me corar e desvio o olhar. Ele tem... fantasiado comigo? Desde quando?

– Em troca, peço a tua fidelidade também. Realizarei todos os teus desejos, Valentina, não terás de procurar em mais lado nenhum.

Continuo sem o encarar e anuo.

– Não é algo com que tenhas de te preocupar. Sempre te serei leal e fiel, mas isso é tudo o que te darei. Três anos é muito tempo e é provável que em algum momento confundamos o desejo e a intimidade com amor, mas não quero que isso tenha impacto em nós. O amor é passageiro. É uma reação química que se desvanece no tempo e não pode ser relevante no nosso casamento. Não importa o que acharmos que sentimos, quero que o nosso casamento termine dentro de três anos, como acordado. Sem exceções. Prefiro saber quando vai acabar do que esperar pelo dia em que algo tão passageiro como o amor chegue ao fim. Quero comandar a minha vida e não estar à mercê de uma emoção inútil.

O olhar dele perscruta-me como se quisesse saber o que me levou a dizer-lhe isto, se a causa foi outro homem. No entanto, como sempre, o Luca não é bisbilhoteiro.

– Estás a dizer-me para não me apaixonar por ti?

O meu coração parece que para, e baixo a cabeça.

– Acho que sim.

– Olha para mim – diz outra vez, com um tom de voz baixo, perigoso.

Não consigo controlar o meu batimento cardíaco e levanto a cabeça, com a determinação tomada pelos nervos.

– Posso fazer-te essa promessa, mas não te irás arrepender? E se descobirmos que somos incrivelmente felizes juntos e não nos quisermos separar daqui a três anos? E se *tu* te apaixonares por *mim*?

Rio de modo forçado e abano a cabeça.

– Isso *nunca* vai acontecer.

O Luca ergue o sobrolho, e, por um momento, estou certa de que vi alguma dor ou desilusão nos seus olhos, mas tenho a certeza de que foi só impressão minha.

– Muito bem – diz-me –, não nos apaixonaremos um pelo outro.

Sinto-me genuinamente aliviada e respiro fundo. Este acordo trará complexidade e caos à relação que tão cautelosamente construímos. O melhor é minimizar qualquer confusão desde o início. Posso ter acordado casar com ele, mas não tenho qualquer intenção de sair ainda mais magoada disto.

– Além das exigências que a minha avó fará, há outra coisa que te quero pedir.

Anuo, curiosa. Ele soa incerto, e nunca vi o Luca tão atormentado. Que quererá ele?

– Quero que me ajudes a concretizar o legado do meu pai. – O legado do pai dele? O Luca nunca fala dos pais. É, no mínimo, surpreendente que diga isto agora. – Os planos de reestruturação em que me tens ajudado não são meus, são do meu pai. Quando faleceu, eu herdei o caderno onde documentou a sua visão para a Windsor Finance e quero concretizá-la. Vou precisar da tua ajuda. Não acredito que o consiga fazer sem ti, Valentina.

Fico a olhar para ele sem palavras. Sempre me questionei porque avançava com aquisições das quais não precisávamos. Há anos que o Luca tem comprado uma variedade de empresas de modo estratégico, de processadores de pagamentos a empresas de tecnologia de *deep learning*. Interrogava-me porquê, mas ele nunca partilhou o seu raciocínio comigo. Apenas recebia ordens e executava-as na perfeição. Somos agora uma empresa financeira que fornece mais do que serviços bancários – fazemos gestão de ativos, fusões e aquisições, transações em bolsa e muito mais. Tudo sob a orientação do Luca.

– O meu pai imaginou a Windsor Finance como uma empresa que estaria no dia a dia das pessoas. Hoje, isso quer dizer que queremos que as pessoas usem o nosso banco, mas também queremos que os outros bancos usem os nossos sistemas para os pagamentos eletrónicos. A visão teve de ser adaptada devido ao avanço da tecnologia, mas mantém-se a ideologia do meu pai. Ele pode não estar aqui para ver, mas quero concretizar o que planeou. – Passa uma mão pelo cabelo e desvia o olhar. – Quando o meu pai dirigia esta empresa, pouco mais era do que o Windsor Bank. Queria oferecer créditos à habitação, microcréditos, cartões de crédito, mas não era só isso. Ele queria que sempre que alguém pensasse em finanças, pensasse em nós e nos escolhesse. O meu pai não queria que fôssemos apenas mais uma empresa à procura de lucro. Ele queria assegurar lucros consideráveis nos negócios com grandes empresas, nas aquisições, fusões e gestão de ativos, para que a margem de lucro pudesse ser mínima nos negócios com as pessoas comuns. Queria facilitar a vida às pessoas e apoiar os sonhos delas sem as extorquir como faziam os seus concorrentes. O meu pai... ele queria que as pessoas pensassem em nós quando quisessem abrir uma pequena padaria, ou quando precisassem de ajuda para estudar, mas também quando quisessem desenvolver as suas empresas sem

saberem como. Em cada fase da vida, queria que contassem com a Windsor Finance. Ajudas-me a concretizar este sonho?

Nunca o ouvi falar de algo tão apaixonadamente, tão emocionado. Isto é, de facto, muito importante para ele, e fico surpreendida por desconhecer tudo isto. Durante anos, pensei que era um excêntrico. Se conseguiu esconder isto de mim, que mais posso ter interpretado mal? Será que não o conheço tão bem como julgo?

– Suponho que seja natural a tua esposa estar ao teu lado, não é verdade? Vou ajudar-te, Luca.

A expressão dele faz-me disparar o coração e desvio novamente o rosto, incapaz de o encarar.

– A minha esposa? – murmura, com um sorriso doce a formar-se nos lábios. – Falta só fazer uma coisa – diz-me, passando-me o nosso contrato escrito à mão.

Pego nele com as mãos trémulas e leio-o. Uma assinatura e entrego-lhe a minha vida. O Luca sorri quando assino o contrato, o mesmo sorriso que faz quando somos parte de uma aquisição bem-sucedida ou quando ganhamos um cliente importante. Talvez seja tudo a mesma coisa para ele.

– Hoje à noite – diz, suavemente. – Casamo-nos hoje à noite.

Franzo a testa.

– Isso é sequer possível?

O Luca encolhe os ombros e olha para mim, como que para me recordar de quem é.

– O Zach pode casar-nos. Ele deve-me um favor.

Zach?

– É irmão do Xavier – elabora.

Arquejo levemente quando percebo quem é.

– *O presidente Kingston?*

O Luca anui e pega no telemóvel.

– Não sais daqui sem que sejas minha esposa – avisa-me. – Aliás, só vamos sair daqui hoje para ir buscar as tuas coisas.

Vinte e cinco

Valentina

Olho incrédula para o certificado de casamento. Bastaram alguns minutos e umas poucas assinaturas para estarmos casados. Não parece verdade, mas sei que é. Foi o presidente da câmara que nos casou. Nada na cerimónia pareceu real. Foi apressada e tão impessoal como imagino que será o nosso casamento.

– É mesmo necessário mudar-me para a tua casa? – pergunto ao Luca quando estaciona em frente ao meu apartamento.

– É – responde em tom suave. Vira-se para mim e sorri-me de forma terna. Está diferente desde que assinámos os papéis. Está mais calmo, não consigo descrevê-lo melhor do que isto. Imagino que esteja aliviado por ter encontrado uma saída para o seu casamento arranjado, mas não sei em que ponto estamos. Como será o nosso casamento?

Entramos no meu apartamento em silêncio, e lembro-me da última vez que ele aqui esteve. Lembro-me das suas súplicas embriagadas e de como o meu coração vacilou. Estava tão determinada a deixá-lo, como acabei por me tornar a sua esposa?

O Luca para a meio da minha sala e olha à volta.

– Para que isto funcione, temos de fingir que estamos perdidamente apaixonados. Além disso, sabes que há regras sobre o casamento e a minha herança. Não podemos correr o risco de estragar tudo. Preciso de poder contar contigo, Valentina, até ao fim.

Anuo e olho para ele.

– Nunca te deixei ficar mal, Luca.

Ele sorri-me e baixo a cabeça quando dou pelo meu coração a acelerar. De repente, sinto-me vulnerável como nunca me senti e não sei como reagir. Saio, com a desculpa de que vou preparar as malas, mas o Luca segue-me até ao quarto. Estar aqui com ele, num espaço tão pequeno e íntimo... deixa-me estranhamente nervosa. Se mal consigo lidar com isto, como conseguirei partilhar uma cama com ele?

– Valentina.

Fico apreensiva quando sinto as mãos dele nos ombros e o meu coração parece que para. Ele vira-me para si, devagar, até os nossos corpos estarem tão perto um do outro, que o meu peito roça o dele.

– Estás arrependida? – pergunta em tom suave.

Olho para ele e noto preocupação nos seus olhos castanhos.

– Ainda não sei – digo-lhe, sendo honesta. – Não parece real e tenho medo de que nos tenhamos precipitado.

O Luca envolve-me a face com a mão, delicadamente.

– Podemos ter um casamento como deve ser, Valentina, com todos os nossos amigos e famílias presentes. Se é o que queres, tratarei de tudo.

– *Não!* – respondo. – Isto... é o que faz sentido para nós. Quanto menos pessoas souberem o que se passa, melhor.

Ele fica sério.

– De quem é que me estás a tentar esconder? Há mais alguém na tua vida? – Há algo na sua voz que nunca ouvi antes. Será... *ciúme*?

– Não – asseguro-lhe –, mas ambos sabemos que isto vai acabar um dia. Três anos passam depressa e, quando acabar, quero ser realmente livre. Quero viver a minha vida sem estar presa ao passado. Parece que às vezes te esqueces de quem és. Seria impossível escapar ao nome Windsor se o nosso casamento fosse público.

O Luca senta-se na minha cama, pensativo. É estranho tê-lo aqui. Moro neste apartamento há cinco anos, mas ele nunca esteve no meu quarto. Parece enorme sentado na minha pequena cama, e tê-lo no meu espaço deixa-me estranhamente agitada.

Como será viver com ele? Apesar da nossa proximidade profissional, não costumamos passar tempo juntos. Nem sei como ele é quando não está a trabalhar. Vi-o com a sua família, mas não é a mesma coisa.

– Estou pronta – digo-lhe enquanto fecho a minha mala. – Tenho tudo de que preciso para os próximos dias.

O Luca anui e pega nela.

– Vou pedir que uma empresa de mudanças trate do resto.

Olho ao redor do meu quarto com o coração pesado. Esta foi a primeira casa que foi mesmo minha. É agri-doce deixá-la.

– Que vai acontecer a este apartamento? Vais dá-lo a outro colaborador?

O Luca olha por cima do ombro e sorri.

– Senhora Windsor – diz num tom de voz baixo e perigoso –, nunca percebeu que era a única pessoa da empresa que tinha esta regalia, pois não? Este apartamento é teu, sempre será. Só nunca o pus em teu nome porque tive medo de que não aceitasses.

Olho para as costas largas dele enquanto nos dirigimos para o carro. *Senhora Windsor*. Suponho que é quem sou agora. É surreal!

O Luca segura a porta do carro para eu entrar e franzo a testa. Normalmente, é o motorista que faz isso e, quando não há motorista, como hoje, sou *eu* que abro a porta.

– És a minha esposa – diz, sorrindo –, é meu dever e privilégio fazer estas coisas. Não estamos em trabalho, Valentina.

Sinto a cabeça à roda quando me sento. O Luca parece-me diferente, menos corrosivo, e não sei como reagir.

– É verdade? – pergunto quando ele se senta.

Ele vira-se para mim e pega-me na mão. Olha para as nossas mãos e entrelaça os dedos dele nos meus de forma meiga.

– Sim – diz.

– Porquê? Porque me deste uma regalia que mais ninguém na empresa tem?

Fico distraída com a forma como me afaga a mão com o polegar. Não esperava que fosse gentil comigo. Pensei que tudo seria igual, com a exceção de dormirmos juntos ocasionalmente, mas este carinho... deixa-me estupefacta. Quando age assim, é como se não o conhecesse.

O Luca olha-me nos olhos com uma expressão que nunca lhe vi.

– Que importância tem? – desvia o olhar e suspira. – Para ser honesto, nem eu sei. Só sei que queria fazer mais por ti, mas nunca me questioneei porquê. Fi-lo, apenas.

Olho para o perfil dele, admirando o seu nariz direito e o maxilar bem definido. Sempre tentei não olhar para ele durante muito tempo, com receio de estar a ser pouco profissional, mas hoje estou a aproveitar.

– Durante anos, pensei que me odiavas.

Ele sorri.

– No início, odiava. Continuo sem saber porque é que a minha avó te contratou e não gosto disso. Senti-me manipulado e estava convencido de que tinhas segundas intenções... Mas, em algum momento, esses sentimentos transformaram-se noutra coisa, sem que eu percebesse. Tentava convencer-me de que não te suportava e, ao mesmo tempo, confiava cada vez mais em ti, até que te tornaste indispensável. – O Luca olha-me nos olhos e o meu coração para. – Como posso odiar-te se és a única pessoa com quem me vejo a passar três anos? Quando te quiseste demitir, fiquei desfeito, Valentina. Eu não te odeio. Odeio é desejar-te tanto. Odeio o quanto és deslumbrante e o quanto me dás cabo da cabeça. Acima de tudo, sempre odiei que não fosses minha.

Desvio o olhar, corada e com o coração descompassado. O homem que me segura a mão não é o Luca frio e indiferente que conheço. Não reconheço esta versão dele e isso assusta-me.

Assusta-me porque esta versão do Luca... Este é um homem por quem facilmente me posso apaixonar.

Vinte e seis

Valentina

O coração quase me salta do peito quando me sento na cama do Luca com o meu pijama mais conservador a tapar-me dos pés à cabeça. Escolhi propositadamente o pijama mais feio e antiquado que tenho. É um conjunto de duas peças, aos quadrados brancos e pretos, e faz-me parecer um dálmata. Acho que nunca estive tão pouco atraente. Nem sequer consigo perceber porque estou a agir desta forma. Não sou medrosa, não me deixo intimidar, no entanto, a ideia de passar a noite com o Luca deixa-me estranhamente ansiosa. Aconteceu tudo tão depressa, que ainda não o consegui digerir. Como passámos de semanas de discussões e distância para... o que quer que isto seja? Não é possível.

Fico atenta ao som da água do duche a correr, cada vez mais nervosa. Já estive em casa do Luca muitas vezes, mas tudo me parece agora uma novidade. Ainda me lembro de quando fez remodelações, dois anos depois de termos começado a trabalhar juntos. Nessa altura, ainda tentava que eu me despedisse e fez-me decorar-lhe a casa inteira. Fui eu que escolhi esta cama e estas almofadas. Nunca pensei que um dia a partilharia com ele. Nunca poderia ter imaginado que, um dia, seria mulher dele.

Os meus maxilares ficam tensos quando me lembro de como recusou vinte almofadas, só para me chatear. Foi nessa altura que percebeu que me podia pedir qualquer coisa. Eu fazia tudo com um sorriso, mesmo quando sentia que não estava a aprender nada, ou quando sabia que me pedia coisas que não eram da minha competência. Terá sido nessa altura que as coisas começaram a mudar entre nós? Pouco tempo depois, começou a confiar-me trabalho mais importante. A mudança foi gradual, mas esse foi um momento de viragem.

— No que estás a pensar tão seriamente?

Fico de olhos esbugalhados quando o vejo na entrada do quarto vestido apenas com uns *boxers* pretos. Percorro-lhe o corpo com o olhar e coro imediatamente. Sempre achei que ficava incrível de fato, mas fica ainda melhor sem ele. Detenho-me na cintura dele, no V muito bem delineado abaixo dos abdominais. Sei que faz exercício todos os dias, mas nunca tinha pensado no resultado disso.

— Valentina? — diz, em tom divertido.

Desvio o olhar, tenho a certeza de que estou vermelha como um tomate!

— Fico feliz por descobrir que as almofadas que escolhi são tão confortáveis como me lembrava.

O Luca ri-se e olha para ele, reconhecendo-lhe algum remorso. Ele afaga o próprio pescoço e desvia o olhar.

– Acabaram de ser substituídas – murmura. – Obrigado por isso, já agora. Acho que nunca te disse isto, mas quando fazes uma coisa, fazes sempre bem.

Sorrio genuinamente e abano a cabeça. Quando comprei aquelas almofadas, também pedi que fossem substituídas de dois em dois anos. Nem pensei que ele fosse reparar, pensei que fosse algo tratado por uma empregada. O Luca tem uma equipa doméstica que trata de tudo enquanto ele está no trabalho.

Encaminha-se para a cama e engulo em seco.

– Vais... dormir *assim*?

O Luca enfia-se na cama e vira-se para mim, com as costas contra a cabeceira. Está a exhibir-me o tronco nu de propósito?

– Porquê? Incomoda-te?

Aperto o colarinho do pijama e abano a cabeça.

– Não, claro que não. – Não posso admitir que me incomoda, seria admitir uma derrota.

O Luca ri-se, e eu olho para ele com o coração descompassado. Está tão ridiculamente sensual, enfiado na cama assim. Acho que nunca o vi tão relaxado, tão desarmado.

– *Perdita* – murmura. Ergo as sobrelanceiras, surpreendida por ele saber o nome de um dos 101 Dálmatas. – Há um aspeto importante da nossa cerimónia de casamento que nos falhou.

– Que parte? – pergunto, confusa.

– A parte em que beijo a noiva.

Arregalo os olhos e desvio o olhar, corada. O meu embaraço provoca-lhe um novo sorriso e, olhando-o de soslaio, vejo-o abanar a cabeça.

– És tão gira – murmura. – Nunca pensei que pudesses ficar mais bonita, mas acho que esta é a tua versão que prefiro. O cabelo solto caído pelos ombros, sem maquilhagem. Acentua a sua beleza natural, Senhora Windsor.

Senhora Windsor. Acho que nunca me vou habituar a ouvi-lo dizer isso. Como pode parecer tão pouco perturbado? Como é que não acha isto tudo um absurdo?

O Luca inclina-se sobre mim, fazendo-me suspirar quando me levanta e me põe ao seu colo, como quando estávamos no carro. Parece que foi há tanto tempo, mas passaram-se apenas algumas horas. Põe as mãos nas minhas coxas e olha-me nos olhos, atentamente, como se estivesse a tentar decorar todos os pormenores do meu rosto.

Desvio o olhar, confusa pelo modo como o meu coração acelera. Ainda estou chateada com ele, mas quando me olha assim, só o quero desculpar.

– Valentina – sussurra com voz rouca –, olha para mim. – Mordo o lábio, o meu corpo inteiro enrijece ao ouvir estas palavras. Sabe o que me faz quando as diz? Imagina as memórias que estas palavras despertam em mim? – Olha para mim, esposa.

Faço o que me pede com o coração a saltar-me no peito. Tenho o rosto corado e mal consigo levantar os olhos para ele.

– Obrigado – murmura. Arregalo os olhos e ele sorri. – Não me ouves dizer isto muitas vezes, pois não? – Passa os dedos pela minha testa ternamente. – Se

não fosses tu, teria de passar três anos em tormento. Sei que não é a situação ideal para ti e que te pedi muito, mas farei tudo ao meu alcance para que não te arrependas disto, Valentina. Posso nunca ter sido um bom chefe para ti, mas serei um bom marido. Prometo.

Olho para ele, incrédula, surpreendida pela sinceridade no seu olhar. Tem-me surpreendido desde que nos casámos. Tem sido gentil e generoso, nada como o homem que conheço.

– Luca – murmuro de voz trémula. Não sei como lhe perguntar isto. – Estamos casados, mas, na prática, ainda estás noivo da Natalia. Preciso de saber o que isso significa e o que esperas de mim.

Ele continua a olhar-me, roda o pulso e passa as costas da mão pelo meu rosto.

– Vamos aproveitar os próximos dias para nos habituarmos um ao outro antes de contarmos à minha avó, para termos a certeza de que é algo natural e íntimo, que vamos parecer um verdadeiro casal. Achas que alguém vai acreditar se continuares a olhar para mim como se me quisesse matar durante o sono?

Sorrio-lhe, inevitavelmente, e abano a cabeça. É engraçado como é difícil odiá-lo de verdade. A dor que me causou nos últimos meses não se dissipou, mas, aqui e agora, parece-me fácil esquecê-la.

– Assim que sentirmos que conseguimos enganar a minha avó, contamos-lhe. Não será fácil terminar o noivado, mas que alternativa terá, já estando eu casado? Pode levar algum tempo, mas tudo se resolverá. Só precisamos de encontrar uma forma de o fazer sem prejudicar a nossa relação com os Ivanovs. Entretanto, pedi à equipa médica que tratasse de contratar enfermeiros para a tua avó. É a prioridade máxima, não quero que te preocupes com nada. Faz o teu papel de esposa e eu farei o meu.

Anuo com preocupação. Não será fácil enganar a avó dele, teremos de ser muito convincentes. Há uma química e desejo óbvios entre nós, mas será difícil fingir amor.

– Temos de ensaiar – murmura. – Já há muito tempo que não te saboreio. – Pega-me no rosto, passando o polegar pelos meus lábios e baixando o olhar. Inspiro bruscamente quando sinto que está a ficar com tesão. – E então, esposa? Vais deixar-me beijar-te?

O meu coração quase para, e o desejo no olhar dele incendeia o meu. Acho que o Luca nunca foi tão carinhoso comigo. É um desconhecido que me é familiar e que quero conhecer melhor, mesmo sabendo que não devia.

Detenho o olhar nos lábios dele e sinto-o ficar mais duro, mas não se move. Fica só a olhar para mim, à espera, pacientemente. Inclino-me um pouco, com os meus lábios a pairar sobre os dele. Passei meses com ciúmes, ressentida, queria agredi-lo, magoá-lo como me magoou, fazê-lo sofrer por me ter posto na lista negra. Isto tudo e acabamos assim, nos braços um do outro.

– Acho que te odeio – sussurro.

As mãos do Luca agarram o meu cabelo com força.

– Odeia-me o quanto quiseses. Fica ressentida. Despreza-me por te prender a mim quando te devia ter oferecido ajuda incondicional. Tortura-me por te ter

usado, Valentina, mas não me deixes.

– Não posso – murmuro, diminuindo a curta distância entre nós, com os lábios a roçarem nos dele. – Não te posso deixar.

Tentei e aqui estou, na cama dele. Cedo e beijo-o, fazendo o que desejava havia muito tempo. O Luca geme e agarra-me o cabelo, beijando-me ardentemente. As mãos dele vagueiam pelo meu corpo com tanta urgência que quase acredito que isto é mais do que pura luxúria.

– Foda-se, Valentina! – geme, descendo os lábios para o meu pescoço. Arquejo e afasto-me, sentando-me nos joelhos e impondo alguma distância entre nós.

Ele deixa cair as mãos e olha para mim com desejo.

– Para – murmuro com a cabeça em rodopio. – Tenho... temos de trabalhar amanhã e já é tarde.

Ele suspira e passa-me uma mão pelo rosto com ternura.

– Muito bem, Senhora Windsor – diz-me, sorrindo timidamente.

Deito-me na cama de coração acelerado. Nunca me senti tão dividida. Ele faz-me sentir de uma forma que nunca senti antes. Não posso negar que o desejo, mas o seu toque destroça-me o coração.

Vinte e sete

Luca

Olho para a minha esposa pelas paredes envidraçadas do gabinete, apreciando a sua beleza. Quando acordei esta manhã, ela já tinha saído, privando-me de uma experiência pela qual tenho ansiado. Sempre odiei ter pessoas no meu espaço pessoal, mas quero saber como é acordar ao lado dela. Ela não faz ideia de que fantasio há *meses* com os seus cabelos espalhados pelas minhas almofadas.

A Valentina chegou ao escritório antes de mim e interrogo-me se me está a evitar. Suponho que está a digerir tudo o que aconteceu ontem e a tirar as suas conclusões. Passo uma mão pelo cabelo, também incerto sobre o que será este casamento.

A mensagem que está a passar com o pijama horrível que vestiu ontem, e por ter saído de casa ainda antes de eu acordar, é clara. Quer distância, e eu devia estar contente com isso, mas quanto mais se afasta, mais perto a quero. Quero ouvi-la gemer o meu nome outra vez. Quero que me deseje até que se eliminem todas as más memórias que tem de mim.

Endireito-me quando vejo o Theo Miller dirigir-se à secretária dela com um ar atordoado. Que raio faz ele aqui? Este piso é reservado a mim, à equipa de direção e à administração. Que razão terá para estar aqui? Têm falado desde aquele encontro?

Inclina-se sobre a secretária e ela sorri-lhe quando o devia ter mandado embora. O Theo diz-lhe algo e ela ri-se. Só de olhar para ela, sinto o coração apertado. A minha esposa é desnecessariamente bonita, e irrita-me não ser o único a reparar nisso.

Olho para o meu relógio de bolso e cerro os dentes. Três minutos. É quanto tempo tem para o mandar embora antes de eu intervir.

A minha irritação cresce a cada segundo. Levanto-me a fumar no fim dos três minutos. Por que raio se continua a rir com ele?

Saio do gabinete e ela olha para cima, ficando séria. É como se ver-me lhe roubasse toda a alegria e odeio que assim seja. O Theo olha para mim surpreso e afasta-se da secretária dela com o sorriso a desvanecer.

– Parece-me que interrompo algo – digo com a voz mais calma do que eu. A Valentina tem a decência de parecer minimamente embaraçada e desvia o olhar. – De que se riam dessa maneira?

Pareço um professor chato e irrita-me que ela desperte o pior de mim. Desde quando é que me preocupo com o facto de uma mulher com quem ando se rir com outra pessoa? Nunca senti algo assim e não gosto da sensação. A minha esposa transforma-me num idiota infantil e mesquinho, e não o consigo evitar.

A Valentina aclara a voz e olha para mim, sorrindo-me daquela maneira irritante, quando ainda agora, com este otário, se ria com prazer.

– De nada – diz, no seu habitual tom frio. – O Theo estava só a dar-me um relatório que lhe pedi.

– Porquê? – exclamo. – Se há algum problema com a tua caixa de *email*, devias falar

com a Informática – digo-lhe, olhando para os documentos na secretária. Que raio de desculpa é esta? Quem é que ainda imprime relatórios?

O Theo afaga a parte de trás do pescoço, visivelmente incomodado, e a Valentina levanta-se. Olha-me, chateada, e isso só me irrita mais. Está mesmo a tentar defendê-lo?

– Podemos falar? – pergunto à minha esposa.

Ela anui e pega numa caixa que está na sua secretária.

– Claro. Chegou isto para ti, ia agora entregar-to.

Anuo e sinalizo-lhe o meu gabinete com a mão. O Theo observa-a a afastar-se, e eu levanto a sobancelha de forma inquisidora. Ele percebe e acena-me com a cabeça antes de se ir embora, desconhecendo que está agora na minha lista negra. Vou observá-lo de perto e se fizer a mais pequena asneira, despromovo-o ou despeço-o. Provavelmente, despeço-o. Não quero saber que seja um dos nossos melhores funcionários. Dei-lhe uma oportunidade depois de ter tido um encontro com a minha esposa. Uma oportunidade é o suficiente.

Entro no meu gabinete e vejo a Valentina de pé em frente à secretária, com a caixa nas mãos. É a única pessoa autorizada a aceitar coisas que cheguem para mim, e espero que isto seja o que estou a pensar. Chegou mais depressa do que esperava.

Fecho a porta e pressiono o botão que fecha as persianas. A Valentina arregala os olhos enquanto me dirijo a ela e dá um passo atrás, batendo contra a secretária.

Sorrio ao inclinar-me e prendo-a entre mim e a secretária.

– Já tinhas saído quando acordei. Evitar-me não nos vai ajudar a sermos convincentes.

Ela desvia o olhar, corada.

– Luca, estamos no escritório.

Sorrio e aceno com a cabeça na direção das persianas.

– Ninguém nos está a ver, Valentina. Disseste-me que não querias que se soubesse, e estou a respeitar isso. Se dependesse só de mim, o Theo Miller tinha ficado a saber que és *minha*.

Ela semicerra os olhos.

– Eu não sou tua, não de verdade.

Cerro os maxilares involuntariamente.

– Parece-me que houve algum mal-entendido. – Pressiono o meu corpo contra o dela e agarro-lhe no cabelo, levantando-lhe o rosto em direção ao meu. – Fui gentil contigo ontem à noite porque era óbvio que estavas nervosa, mas as coisas entre nós não vão ser assim. Disse-te claramente que quero o teu corpo. Nos próximos três anos, cada centímetro teu pertence-me, Valentina. Cada sorriso que gastaste com o Theo devia ter sido *meu*. Como me vais compensar?

– Estás doido – sussurra, baixando o olhar para os meus lábios. Um olhar e fico com tesão. Ela é irresistível!

– Sim, esposa – digo-lhe. – Já tínhamos percebido que tu me deixas completamente doido, a responsabilidade é tua.

Aperto-lhe o cabelo com força e chego-a para mim, beijando-a com uma urgência incontrolável. Ela geme contra os meus lábios e enlaça-me o pescoço com os braços, pressionando-se contra mim enquanto me beija. Nunca me irei cansar dela. Diz que me odeia, mas o corpo dela diz o oposto.

Agarro-a pela cintura e sento-a na secretária. A Valentina abre as pernas e encosto-me a ela, roçando-a com a pila ao beijá-la. Ela deixa-me louco! Nunca ninguém me fez perder o controlo como ela.

Afago-lhe a coxa e ela afasta-me, com os olhos arregalados e a respiração ofegante.

– Temos uma reunião daqui a minutos, Luca. Não podemos fazer isto.

Afasto-me um pouco para olhar para ela e abano a cabeça.

– Alguns minutos bastam para te fazer vir. – Ela cora e morde o lábio quando sente os dedos entre as suas pernas. Aquele olhar de desejo apaga a raiva que sentia. – Da próxima vez que o vir fazer-se a ti, vamos ter um problema – digo-lhe suavemente.

– Eu sei – responde, rouca –, desculpa.

Sorriso satisfeito enquanto lhe rasgo as meias no meio das pernas e adoro o som do tecido a rasgar. A Valentina geme com o olhar repleto de desejo. Pensei que ia protestar, mas parece que quer isto ainda mais do que eu.

– Molhada – murmuro –, tão molhada e ainda só te beijei. – Ela arregala os olhos, e eu sorrio ao passear os dedos por cima das cuecas. – És a minha esposa – digo-lhe, desviando as cuecas e quase perdendo a cabeça quando a sinto. Gemo e penetro-a com dois dedos, até lhe pressionar o ponto G. – Não te esqueças disso.

Ela geme e abana a cabeça agarrando-me a lapela do casaco.

– Não – suspira –, claro que não me esqueço. – Pressiono o polegar contra o clitóris e ela fecha os olhos.

– Não – digo –, olha para mim.

Ela pestaneja, corando quando os seus olhos encontram os meus.

– Linda menina – murmuro. – Gosto de ti assim, a desafiáres-me com o olhar enquanto o teu corpo me quer. És minha, Valentina. Não tens de gostar, mas tens de te lembrar disso.

Acaricio-lhe o clitóris com força e ela geme. É tão sensual vê-la assim. Afinal, parece que é mesmo minha.

– Que diriam os outros se vissem a Rainha do Gelo de pernas abertas na minha secretária, com a saia na cintura e as meias rasgadas? Que pensaria o Theo se te visse desesperada a montar a minha mão? Talvez lhe devesse mostrar, para que perceba que não tem qualquer hipótese. Abro as persianas?

– *Não* – geme, empurrando-se mais contra a minha mão, a querer vir-se. – Luca, *não* podes.

Eu rio-me, deleitado com ela.

– Não te preocupes – murmuro. – Esta visão é só para mim, mais ninguém.

Ela fica mais ofegante, e acelero os movimentos, levando-a ao limite.

– Queres vir-te para mim, esposa?

Ela anui e agarra-me mais o casaco, aproximando-me dela. Rio-me a olhar para os lábios dela.

– Diz-me que vais manter distância daquele otário, e talvez te deixe vir.

A Valentina acena com a cabeça, de olhos vidrados de desejo.

– Vou, Luca. Prometo. – Nunca a vi tão desesperada, tão honesta sobre o que sente. Vê-la perder-se de desejo comigo é o meu novo vício.

– Linda menina, mereces uma recompensa.

Ela olha para mim tão desesperada, que o coração quase me salta do peito. É a realização de todas as minhas fantasias.

Não.

É melhor do que isso.

– Vem-te para mim – digo-lhe, intensificando o movimento no clitóris.

– *Luca* – geme, enquanto sinto os meus dedos a serem pressionados dentro dela. Como vai a minha pila sobreviver-lhe? Já sei que não serei o mesmo depois dela. Ainda vai fazer de mim mais tolo.

Tiro os dedos de dentro dela e levo-os aos lábios para a provar. Ela geme quando me vê chupá-los.

– Não te preocupes, vais conhecer a minha língua em breve.

Percorre-me o rosto com os olhos e cora quando limpa as marcas de batom que me

deixou.

Dou um passo atrás, imensamente satisfeito. Fiquei inquieto quando a vi com o Theo, mas as minhas preocupações dissiparam-se quando a ouvi gemer o meu nome.

– Estou a falar a sério – digo-lhe. – Não o quero ver a rondar-te assim. Ou o pões no sítio ou faço-o eu.

A Valentina levanta-se da minha secretária e ajeita as roupas, visivelmente agitada.

– Não voltará a acontecer – diz e sorri-me de forma meiga e reconfortante. Há uma ponta de timidez na expressão dela e é surreal como isso faz disparar o meu coração.

É engraçado vê-la a tentar recompor-se – quase tão divertido como fazer com que perca a compostura. Dois minutos. É o tempo que leva a recuperar aquele irritante sorriso profissional.

– Isto chegou para ti – acaba por dizer, alcançando a caixa com mãos trémulas. Voltou ao modo trabalho e é melhor acompanhá-la antes que se zangue.

Levo algum tempo a abrir a caixa e sorrio quando vejo o seu conteúdo. Passo-lhe os documentos, e ela fica a olhar para eles de olhos bem abertos.

– Passaporte e carta de condução atualizados – explico. Ver o nome «*Valentina Windsor*» neles enche-me de alegria. – E isto – digo, passando-lhe um cartão de crédito preto com o brasão Windsor – é uma cópia do meu cartão de crédito. – Também diz «*Valentina Windsor*». – Enquanto formos casados, podes gastar o que quiseres no que quiseres.

Ela fica a olhar para o cartão com uma expressão indecifrável.

– Podes querer esconder o nosso casamento, Valentina, e posso ter concordado com isso, mas és a minha esposa e quero que te lembres disso. Em privado, és a *Valentina Windsor*. Só porque acordámos que o nosso casamento é temporário, não quer dizer que não seja real. Nunca te esqueças disso.

Ela anui e encosta o passaporte ao peito. Gostava de saber no que está a pensar neste momento. Inúmeras mulheres fariam qualquer coisa para ter o meu nome, para ser a minha esposa. No entanto, a mulher com quem casei não parece assim tão contente com isso.

Vinte e oito

Valentina

Então foi aqui que te escondeste – diz o Luca, encostado à ombreira do escritório de casa. – Devia ter adivinhado que te ia encontrar aqui.

É estranho vê-lo vestido de forma casual. Acho que nunca o tinha visto vestido com calças de fato de treino cinzentas e *t-shirt* branca e, curiosamente, fica bastante sedutor. Há algo na visão do Luca Windsor relaxado que me faz disparar o coração. Olho para o pijama horrível que tenho vestido, sentindo-me incomodada.

– Porque não esperaste por mim? Podíamos ter vindo juntos para casa.

Abano a cabeça e alheio-me dos meus pensamentos.

– Conduzi para o trabalho, não queria lá deixar o meu carro. – Embora tenha um motorista, não gosto de o chamar. Prefiro ser eu a conduzir.

O Luca encaminha-se para mim com um olhar decidido. Algo nesse olhar me lembra da forma como me tocou e das coisas que me disse hoje.

És minha, Valentina. Não tens de gostar, mas tens de te lembrar disso.

Tratou-me outra vez como um objeto, como uma posse, mas, por algum motivo, isso não me incomodou desta vez. Costumava pensar que o Luca era louco, mas quem parece estar a perder lentamente o juízo sou eu. Como o posso desejar tanto apesar de tudo?

– Estás a trabalhar no quê? – pergunta.

O Luca levanta-me da cadeira, senta-se no meu lugar e põe-me ao seu colo. Envolve-me com os braços para chegar ao rato, com o queixo pousado no meu ombro.

– Planos de expansão?

– *Luca* – tento levantar-me, mas ele agarra-me com força.

– Desculpa – diz, inclinando o rosto, com os lábios a roçar no meu pescoço.

Apanhada de surpresa, gelo.

– Por quê, ao certo? – pergunto, incisiva. – Há várias coisas pelas quais devias pedir desculpa. Por qual delas é?

Ele ri e abraça-me.

– Eu sabia que não me deixavas escapar tão facilmente.

– Devia? – exclamo. – Não fazes nada pela metade, pois não? Se vais pedir desculpa, pede como deve ser.

Esperava que ele se risse, mas, em vez disso, enlaça-me com os braços pela

cintura e reposiciona-me no seu colo de forma a poder olhar para mim. O remorso inesperado nos olhos dele deixa-me sem palavras por um momento e respiro fundo quando me pega no rosto. Há semanas que os meus sentimentos andam num rodopio, agora mais do que nunca. Num momento, estou zangada com ele e no momento seguinte, o meu coração dispara por ele. Ele deixa-me confusa e odeio isso. Não gosto de sentir que não me consigo controlar.

– Para começar, peço desculpa por não ter admitido que tive ciúmes do Joshua Rivera no casamento do Ares e da Raven. Vi-te a dançar com ele e estavas a rir-te de algo que ele tinha dito. Foi o suficiente para só pensar em vocês juntos. Fiquei tão furo, que parei de dançar com a minha avó, só para te separar dele. Não estava preparado para ser sincero contigo, ou comigo, por isso menti, a ti e a mim. As mentiras que disse custaram-nos muito e este pedido de desculpas é-te devido há meses e continuas a merecê-lo.

Olho para ele em choque. Devia haver algo de verdade nas palavras que me disse naquela noite. Não teria escolhido aquelas palavras se não acreditasse minimamente nelas. Ter-me-ia acusado apenas de espionagem. Não me teria acusado de querer ser amante do Joshua. As palavras que disse foram escolhidas para me magoar.

– Também te peço desculpa pela forma como te tratei em frente à Natalia. Não consigo expressar em palavras a culpa que sentia sempre que olhava para ti com ela presente. Era a ti que eu queria e era com ela que ia casar. Precisava de forçar uma distância entre nós e tratei-te como uma mera funcionária. Tinha de me lembrar que era tudo o que serias, porque me ia casar com outra mulher, mas, ao mesmo tempo, não te queria perder. – Suspira e deixa cair a mão. – Fui extremamente egoísta, Valentina, eu sei. Afastei-te, e quando te quiseste ir embora, castiguei-te, pus-te numa lista negra e tornou-se impossível conseguires outro emprego. E como se não bastasse, usei o desaparecimento da tua avó para te coagir a casares comigo. Sei que me tenho comportado como um louco e sei que pedir desculpas não é o suficiente. Sei isso tudo, mas, mesmo assim, aqui estou, a pedir que me perdoes.

Sinto-me em conflito quando reparo no tormento no olhar dele.

– Porquê agora?

Ele pega, gentilmente, numa madeixa do meu cabelo e enrola-a no dedo.

– Não sei. Talvez por me teres dito que achas que me odeias ou porque me pareceste desagradada quando te dei os teus novos documentos. Não sei porque é que, de repente, senti que tinha de te pedir desculpas, Valentina. Só sei que não quero passar os próximos três anos das nossas vidas com tanta coisa entre nós. Não quero passar os próximos três anos com feridas por sarar que só parecem momentaneamente esquecidas quando nos deixamos levar pela paixão. – Faz uma pausa e desvia o olhar. – Aquilo que os meus pais me disseram ser o mais importante no que toca à família é a comunicação. Isto não é fácil para mim, Valentina, mas és a minha esposa e quero tentar. Sei que não podemos começar do zero, mas quero resolver as coisas do passado. Não posso deixar que definam o que serão os próximos três anos.

O Luca nunca fala dos pais e sei que mencioná-los não é fácil.

– Comunicação? – repito. – A minha família não comunica. Cresci num ambiente onde não se pede desculpa e não se fala de sentimentos. Mas não quero continuar a fazê-lo. Não é o que quero para mim e tens razão quando dizes que o passado não deve determinar o futuro. – Paro, hesitante. – Aceito o teu pedido de desculpas, Luca, mas isso não significa que esteja menos magoada. Consegues aceitar isso?

Ele anui.

– Claro – diz, respirando fundo. Passa a ponta dos dedos pela minha testa e, por um momento, parece-me tão perdido como eu.

– Tomaste-me por garantida – murmuro com a voz embargada. – Sempre o fizeste. Ainda o fazes e não o posso impedir. Brincas com a minha vida e com os meus sentimentos como se tudo fosse um jogo para ti, e sempre que achei que estávamos em sintonia, que me respeitavas, provaste que estava errada. Não estou zangada com o que se passou com a Natalia ou com o Joshua. O que me magoa é que me tenhas tratado tão mal e tenhas tido a lata de pôr em perigo tudo aquilo por que trabalhei.

Ponho-te sempre em primeiro lugar, mas, quando precisei que fizesses o mesmo por mim, desiludiste-me.

Duvido que ele consiga perceber o que o meu trabalho representa para mim, para a minha família. Sinto que lhe dei tudo durante anos e que o meu trabalho árduo e a minha lealdade não significaram nada para ele. Não me respeita e fez-me sentir que não passo de um peão num jogo do qual nem conheço as regras.

O Luca pega-me ternamente na nuca com um olhar sincero.

– Não te volto a desiludir – diz-me. – Não te posso prometer que não vá cometer erros, Valentina. Mas prometo-te que, a partir de hoje, te vou pôr em primeiro lugar.

Anuo e sinto um dos nós no meu coração a desatar-se. Nunca pensei que algo tão simples como um pedido de desculpas me fizesse sentir tão bem.

– Achas que podemos voltar a ter o que tínhamos? – pergunta o Luca com voz suave. – Hoje, quando olhaste para mim com paixão... foda-se! Foi a primeira vez em meses em que pareceu que confiavas em mim. Por favor, confia-me mais do que o teu corpo, Valentina. Prometo que não te vou desiludir outra vez.

Ele tem razão. Não podemos deixar que o passado nos controle tanto, mas também não o quero esquecer. Olho-o nos olhos, a sinceridade que vejo neles deixa-me cautelosamente esperançosa.

– Se queres o meu perdão, terás de o conquistar.

Ele anui e beija-me a testa, deixando os lábios lá pousados por algum tempo.

– É o que farei – promete.

Vinte e nove

Valentina

Lúcifer: Não venhas já para casa. Dá-me 45 minutos.

Franço a testa e paro à porta quando leio a mensagem que o Luca acaba de me enviar. Ele sabia que eu ia ver a *Abuela* depois do trabalho e que voltava tarde. Está a tentar esconder-me alguma coisa? Há algo nesta mensagem que não me agrada.

Começo a pensar em mil coisas e as mãos tremem-me quando ponho o polegar no leitor de impressões digitais. Mesmo que esteja cá a família dele, isso não seria razão para me afastar. É comum trabalhar em casa dele. Não seria uma surpresa verem-me aqui.

Quem terá trazido para casa? A Natalia? O meu estômago contorce-se quando entro em casa. O raciocínio tolda-se. Convenci-me de que não sentia nada pelo Luca, que estava ressentida por tudo o que me fez passar, no entanto, a simples ideia de o ver com outra mulher faz-me querer fazer tudo para o prender a mim. *Por favor, que não seja a mesma coisa outra vez.*

Tenho o coração apertado e sigo na direção da voz do Luca. Parte de mim questiona-se se não seria melhor ir-me embora. Não sou de evitar situações difíceis, mas, de alguma forma, gostava de evitar esta.

– Foda-se! – ouço o Luca resmungar. – Foda-se, foda-se, *foda-se!* Que é que fiz mal?

Entro na cozinha e deparo com ele sozinho, rodeado pelo maior caos que já vi. Sinto-me aliviada e respiro fundo. No que estava a pensar?

– Luca?

Ele vira-se e consigo ver um vídeo do Youtube no ecrã do *tablet*.

– Foda-se, *Valentina!* – exclama, surpreendido. – Que merda! Pensei que te tinha dito para não vires já para casa. Que...

Resmunga e vira-se de costas. Movimenta-se freneticamente enquanto tenta parar o vídeo. Escondo um sorriso quando começo a perceber o que se passa.

– Luca? Que foi?

– Que ideia de merda! – grunhe e esconde o rosto com as mãos. Nunca o vi tão desastinado como agora e é estranhamente comovente.

Continuo a evitar sorrir enquanto me encaminho para ele e olho para os ingredientes dos quais nada se aproveita.

– Que estavas a tentar fazer? – pergunto, confusa.

O Luca olha para mim com uma expressão de completa derrota. Nunca o vi tão desapontado. Aproxima-se de mim e passa-me a mão na face, gentilmente.

– Disse-te que ia conquistar o teu perdão, mas não sabia por onde começar. Queria fazer algo por ti e lembrei-me da comida que levaste para o escritório há uns meses, os *taquitos* que a tua avó fez. Na altura, pareceu-me que te deixavam feliz e procurei uma receita em todos os teus canais de Youtube favoritos. – Olha atormentado para o caos em que está a cozinha. – Parecia ser mais fácil.

Um riso tímido escapa-me dos lábios e pego-lhe no rosto.

– Fizeste isto por mim?

Ele acena com a cabeça, repleto de desânimo.

– Não, o que fiz foi uma porcaria. Não sei fazer isto. Só faço asneira contigo, só asneiras, por mais que me esforce.

Observo o rosto dele e o meu coração quase para.

– Não fizeste asneira nenhuma – murmuro, aproximando-me mais.

Deslizo as mãos até à parte de trás do seu pescoço e ergo-me em bicos de pés. Ele olha para mim com tanta vulnerabilidade e esperança, que é impossível não sorrir. O meu olhar desce-lhe para os lábios e ele inclina a cabeça ligeiramente, como se quisesse um beijo, mas não o quisesse pedir.

– Valentina – implora num sussurro.

Aproximo-me ainda mais e puxo-o para mim, beijando-o. Ele geme e agarra-me a cabeça, entrelaçando os dedos nos meus cabelos e agarrando-os com força, denunciando o seu desespero. Nunca me vou cansar do quanto me quer. Nunca ninguém me fez sentir tão desejada como o Luca.

Com a língua, obriga-me a abrir os lábios e beija-me devagar, profundamente, expressando mais do que apenas paixão com o seu toque. Quando me beija assim, sinto que me está a fazer promessas que não ousaria dizer em voz alta.

Geme quando deslizo a mão por dentro da *t-shirt* dele, com os dedos a percorrerem-lhe os abdominais. Puxo-a para cima e ele despe-a. Suspiro ao olhar para ele.

– Gostas do que vês? – murmura.

Anuo e ele agarra-me pela cintura. O olhar dele é ardente quando me senta na bancada da cozinha e me abre as pernas. A impaciência faísca-lhe nos olhos.

– Deixas-me doido, Valentina. Fazes-me agir de formas que não achava possíveis. Que é que me estás a fazer?

Subo as mãos pelo peito dele até as entrelaçar atrás do seu pescoço.

– Tu também me deixas louca – admito, enrolando as pernas à sua volta. Sou fraca quando o assunto é o Luca e ele sabe disso. – Mal me reconheço quando estou contigo.

Ele paira com os lábios sobre os meus e sorri, beijando-me no canto da boca.

– Ainda bem – murmura. – Quero ter uma parte de ti que mais ninguém tem. Mesmo agora que és a minha esposa, quero mais. Receio não te ter o suficiente.

Subo a mão pela nuca dele e agarro-lhe o cabelo com força, beijando-o com toda a paixão que sinto e com o coração estranhamente sossegado. Estou farta de lutar contra ele e contra mim. Não quero discutir com o Luca, e odeio a distância

que há entre nós. Tenho saudades dele e do que tínhamos.

Ele afasta-se ligeiramente para olhar para mim com uma expressão tão magoada, que me aproximo de imediato. Ponho-lhe o indicador entre as sobrancelhas e sorrio.

– Porque estás a franzir a testa?

Ele abana a cabeça.

– Só quero que continues a olhar para mim assim. Acho que não percebes como me afeta ver-te olhar para mim com desprezo. Mata-me saber que a culpa é toda minha. Quero corrigir o que fiz, mas não sei como.

Percorro-lhe o rosto com o olhar, notando a sua frustração e sinceridade.

– Passaste a tratar-me de forma diferente desde que assinámos a nossa papelada, Luca. É quase como se fosses uma pessoa completamente diferente. Não consigo... não consigo ficar zangada contigo quando me tratas assim.

Hesito e pego-lhe no rosto. Durante anos, odiei o modo como a minha mãe se agarrava ao ódio que tinha pelo meu pai. Culpei-a de só ver o lado negativo quando tinha tantas coisas boas na vida. Sempre disse que queria ser diferente, mas não estarei a fazer exatamente o mesmo? Não estarei a perpetuar algo de que queria fugir?

– Do zero – digo. – Vamos tentar começar do zero, Luca.

Ele arregala ligeiramente os olhos e perscruta o meu rosto, como se não acreditasse no que digo.

– Isso quer dizer que me perdoas?

Anuo.

– Sim – murmuro –, perdoo-te, mas nunca mais me tomes por garantida. Não me faças sentir usada e não me trates como um brinquedo, um recurso, um *objeto*.

Ele pega-me no queixo e encosta a testa à minha.

– Não o farei – murmura. – Pelo menos, fora da cama. No que toca ao teu corpo, és minha! Disso não abdicó.

Escapa-me dos lábios um riso surpreendido e coró. O Luca sorri-me e beija-me terna e demoradamente na face.

– Não te preocupes – sussurra. – Em troca, eu sou teu. Podes usar-me como quiseres, esposa.

Trinta Valentina

Sorrio ao recostar-me na cadeira enquanto vejo as fotografias que tirei com a *Abuela*. Tenho ido vê-la dia sim, dia não, depois do trabalho, e ela parece estar a melhorar. As enfermeiras são gentis e incrivelmente profissionais, a ponto de me enviarem mensagens sobre o estado dela de hora a hora. É um enorme alívio saber que está em boas mãos. Devo-o ao Luca e à sua equipa.

Sorrio e mordo o lábio quando penso nele. Ele parece estar a esforçar-se a sério por ser carinhoso e por se redimir da dor que me causou. Quando me disse que ia conquistar o meu perdão, pensei que era uma promessa bonita, mas vazia. Devia ter confiado. Ele nunca faz nada pela metade. Tem sido paciente, nunca me pedindo mais do que quero dar, e carinhoso comigo como nunca foi.

Os meus pensamentos são interrompidos pelo piscar da luz vermelha do telefone fixo, indicando que há um problema. Olho, confusa, para o gabinete do Luca, mas ele está imerso no seu trabalho sem qualquer indício de preocupação.

Momentos depois, ouço o som de saltos altos a aproximarem-se. O meu estômago dá um nó quando vejo a Natalia a caminho do gabinete do Luca com um ar entusiasmado. Quem a deixou entrar?

– Desculpe, Senhora Ivanov – digo de maxilares cerrados –, não a posso deixar passar.

Vê-la provoca-me uns ciúmes estranhos. Em teoria, continua a ser a noiva do Luca, e odeio não a poder deter da forma que gostaria.

Ela ri-se e segue em frente, irrompendo pelo gabinete do Luca. Eu sigo-a, sem saber como proceder.

– Querido! – exclama. – Surpresa!

Parada à porta, fico atordoadada por uma raiva desconhecida, vendo-a dirigir-se a ele. Querido? *Querido*? A fúria ferve dentro de mim enquanto o Luca se levanta de sobranceiras erguidas. Olha através dela, para mim, confuso. É óbvio que não a esperava, e sabê-lo acalma-me um pouco, mas não totalmente.

A Natalia envolve o pescoço dele com as mãos e o Luca dá um passo atrás, criando alguma distância entre os dois. Lança-me um olhar de pânico, mas limito-me a encostar-me à parede e a cruzar os braços.

– Vi que foste ao Laurier – diz, efusiva, referindo-se a um joalheiro muito exclusivo. – Tens um anel de noivado para mim, não tens? Não quero um pedido elaborado. Já estamos noivos, querido. Dá-me só o anel.

Ele passa uma mão pelo cabelo e suspira.

– Onde ouviste isso?

Ela ri-se e, por um momento, sinto-me impotente. Fica tão bonita quando se ri assim. Nunca fui de me comparar com outras mulheres, mas ela faz-me sentir inferior.

– O *The Herald* publicou que te viu a visitar o Laurier.

O Luca pega no telemóvel e resmunga.

– Foda-se!

Olha para mim e o remorso no olhar dele faz-me doer o estômago. Não faço ideia do que foi publicado, mas não pode ser boa coisa.

– Natalia – diz ele num tom demasiado amigável para o meu gosto –, parece que houve um mal-entendido. Em breve, poderei explicar-te tudo. Por enquanto, peço que te vás embora.

Ela faz beicinho, e irrita-me profundamente como até assim é bonita. Sem dúvida que está habituada a seduzir homens e o Luca não é exceção. Eu fui a escolha conveniente, mas ele ia preferir tê-la a ela na cama. A ideia dos dois juntos dá-me náuseas, e cerro os punhos involuntariamente.

– Mas vim até aqui para te ver! Além disso, o meu pai quer que fale contigo sobre a fusão.

– Estou a trabalhar, não é o melhor momento. O meu motorista leva-te e eu ligo ao teu pai mais tarde.

Soa preocupado, e eu desvio o olhar, atingida por uma pontada de culpa. Sei que não sente nada por ela, e ofender os Ivanovs não lhe trará nada de bom, mas estou irracionalmente zangada.

Os olhos da Natalia faíscam quando se vira e sai do gabinete do Luca, focando-se em mim por um momento antes de fechar a porta. Não será possível cancelar o noivado sem falar com a avó dele antes, mas gostava que fosse. Gostava que ele lhe tivesse dito simplesmente que estava tudo acabado entre eles.

Olho para o Luca com uma expressão de fúria.

– Queres que faça uma reserva de jantar para vocês os dois, *querido*? Ou devo antes enviar-lhe mais cem rosas?

O Luca suprime um sorriso, com a expressão muito mais calorosa agora.

– Anda cá, Valentina.

Dirijo-me a ele, a ferver de raiva. Ele ri-se quando me tem à sua frente e enlaça-me a cintura, sentando-me com facilidade na secretária. Olha-me nos olhos ao abrir-me as pernas, fazendo com que a minha saia suba.

– Luca!

Ele ri-se para mim e senta-se na cadeira, ficando no meio das minhas pernas.

– Então era isto que era preciso para começares a agir como minha esposa? Não fiques zangada – murmura, agarrando-me pela anca.

Sinto-me corar e olho para trás, para a parede envidraçada que dá para a minha secretária. Este é um piso calmo, mas se alguém entrar, seremos apanhados.

– Não fazia ideia de que ela ia aparecer aqui. Já só faltam alguns dias para contarmos tudo à minha avó. Consegues aguentar até lá?

Olho para ele com o coração acelerado.

– Porque estaria zangada? – pergunto, soando, de facto, bastante zangada.

Ele ri-se e recosta-se na cadeira para olhar para mim, descendo as mãos para as minhas coxas. As minhas cuecas pretas de renda estão à vista e a forma como o olhar dele obscurece quando as vê faz-me contorcer involuntariamente. Depois da forma como me rasgou as meias da outra vez, passei a usar meias de liga e o olhar dele diz-me que isso lhe agrada.

– Não me vais perguntar pelos rumores?

– Que rumores? – pergunto, nervosa.

– Sobre eu visitar o Laurier.

Desvio o olhar, com o coração a contorcer-se de dor. Não quero pensar nele a escolher um anel para a Natalia. Se o *The Herald* o publicou agora, é porque o fotografou recentemente. Não seria para mim, casámo-nos tão abruptamente. Além disso, nunca me daria um anel do Laurier. Os Windsors usam-no exclusivamente para peças de herança. Não me compraria um anel do Laurier sabendo que não vamos ficar juntos para sempre.

– É verdade – murmura –, eu fui ao Laurier.

Os olhos dele encontram os meus e tento disfarçar a dor que as palavras dele me provocam. O Luca sorri e pega-me no rosto, abanando a cabeça. Depois, estica uma mão em direção à gaveta. Inspiro subitamente quando o vejo pegar numa caixa preta com o brasão Laurier.

– O *The Herald* enganou-se num pormenor. Não fui comprar um anel de noivado. Fui comprar alianças de casamento.

Ele abre a caixa e eu esbugalho os olhos quando vejo a minha enorme aliança de diamantes ao lado da simples aliança de ouro dele.

– Três diamantes – diz, pegando na aliança –, um por cada ano que me prometeste. Sei que fiz asneiras no passado, e nem sempre te tratei bem, mas deixa-me emendar os meus erros. Sou um chefe horrível, mas farei tudo ao meu alcance para ser um bom marido para ti.

Pega-me na mão e põe-me a aliança no dedo. Serve-me na perfeição, mas é demais para mim. Este tipo de joia é para alguém que possa realmente fazer parte da família Windsor.

– Toma – diz o Luca, pegando na sua aliança. – Põe-ma. Não o fizemos na nossa cerimónia de casamento, mas nada diz que não o podemos fazer agora.

– Não podemos! – exclamo, tirando a aliança do dedo. – Acordámos que não diríamos a ninguém, a não ser às nossas famílias, não podemos ser vistos a usar alianças de casamento!

A expressão do Luca torna-se sombria quando ponho a aliança na secretária e cerra os maxilares quando pousa também a sua. Ri-se e passeia um dedo pela minha coxa, descendo até chegar ao tornozelo. Gemo timidamente quando me põe a perna sobre o seu ombro e me beija no interior da coxa, logo acima das meias.

– Tens medo de usar algo que te marque como minha – diz em tom suave, mas perigoso. – Quero ser gentil contigo. Quero ser paciente e tratar-te bem, mas não me facilitas a vida! Fazes-me querer ser teu dono, marcar-te. És a *minha esposa* e

não sinto que sejas minha. Porque é que insistes em deixar-me louco?

O Luca beija-me a pele antes de a chupar com força, uma e outra vez, deixando inúmeras marcas na minha coxa enquanto vai subindo. Mordo o lábio e entrelaço uma mão no cabelo dele, agarrando-o com força e tentando conter os gemidos.

– De quem me queres esconder? – sussurra, passando os lábios pelas minhas cuecas. – Disseste que me perdoavas, mas rejeitas-me sempre que podes.

É porque sabes que isso me deixa louco? – Beija-me por cima das cuecas e gemo, as minhas ancas dançam involuntariamente.

Ele ri e morde as cuecas, afastando-as com os dentes.

– Parece-me que precisas de te lembrar a quem pertences – murmura encostado à minha pele. – Talvez tenha sido demasiado generoso, demasiado paciente. Isso acaba aqui.

– Luca – aviso-o –, alguém pode passar e ver-nos.

Ele olha para cima com os olhos raiados de raiva.

– Achas que me importo? – pergunta antes de me agarrar a outra perna, pondo-a também sobre o seu ombro. Puxa-me para si até me ter deitada na secretária com as pernas abertas para ele.

Olha-me nos olhos e lambe-me a vulva. Fecho os olhos.

– Não – diz-me. – Sabes a regra. Olha para mim, quero que me vejas a lamberte. Olha e memoriza esta imagem. Mesmo sem uma aliança, és minha, Valentina Windsor.

Agarra-me as ancas com força, lambendo-me o clitóris a um ritmo constante, levando-me lentamente à loucura. Ri-se encostado à minha pele.

– Deliciosa e tão molhada. O teu corpo sabe a quem pertence, mas a tua cabeça precisa de um lembrete.

Põe a língua dentro de mim, tocando num ponto que me faz implorar por mais.

– Luca – gemo –, *por favor*.

A língua dele desenha círculos no meu clitóris, fico ofegante e em delírio. A forma como me leva ao limite é injusta, e agarro-lhe o cabelo com mais força, empurrando-me contra a cara dele.

Quase me venho quando enfia dois dedos dentro de mim e os pressiona contra o ponto G, enquanto a língua permanece imparável no meu clitóris. Sempre que me deixa perto, abranda, como se me estivesse a castigar.

– Por favor, Luca, *por favor*.

Ele para um pouco para olhar para mim.

– A quem pertences?

– Sou tua – prometo –, só tua.

– Linda menina – murmura antes de me chupar o clitóris, levando-me outra vez ao limite.

– Esta cona – murmura com a boca encostada a mim – é de quem?

Puxo-lhe o cabelo, desesperada.

– É tua, Luca. Toda eu sou tua, prometo.

Ele sorri e dá-me o que lhe estava a implorar, fazendo-me, por fim, vir na sua

língua. O som dos meus gemidos enche o escritório e nem tento evitá-lo.

Ele beija-me a coxa e desperto do meu êxtase com a respiração errática e a roupa em desalinho. Sorri-me daquela forma genuína e doce que me faz palpitar, e tenho de desviar o olhar. É bruto na intimidade, mas, fora isso, trata-me como se fosse preciosa para ele. É doentio e viciante.

– Vou comprar-nos colares – murmura encostado à minha pele. – Usa a aliança no colar, se quiseres, mas, seja como for, quero-a em ti. Não me faças castigar-te outra vez, Valentina. Para de me tirar do sério.

Anuo, de coração descompassado. Se é assim que me castiga, terei de o fazer zangar-se outra vez.

Trinta e um Valentina

Entro no quarto de vestir do Luca e paro a meio quando o vejo a vestir uma camisa, com o peito e os abdominais à vista. Há algo infinitamente sensual em vê-lo a vestir-se.

Os olhos dele encontram os meus através do espelho e, por um momento, é impossível mover-me. A forma como olha para mim faz-me disparar o coração e não quero que pare. Desde que me recusei a usar a aliança que me comprou que não me olhava assim.

Durante muito tempo, pensei que não significava nada para o Luca, mas começa a tornar-se óbvio que não o conheço tão bem como ele me levou a pensar. Sempre achei que era uma das poucas pessoas que sabiam como funcionava a mente dele, mas estava errada.

– Chega aqui, Valentina – diz, virando-se para me encarar.

Dirijo-me a ele com a saia vermelha que estou a usar balançando a cada passo. O Luca come-me com os olhos e sorri satisfeito. Nunca me cansarei disto. Olha sempre para mim como se eu fosse a mais bela mulher que já viu, quando sei que estou longe disso.

O olhar do Luca foca-se no meu colar e enrola um dedo nele, franzindo a testa. Puxa o colar, e sobressalto-me enquanto me aproximo, receosa de que o parta.

– Usa-a hoje, pelo menos – murmura com um ligeiro desapontamento. – Ou vais fazer com que a minha avó pense que nem te dei uma aliança?

Olho para a aliança pendurada no meu colar e anuo.

– Uso-a se ma puseres no dedo – digo sem pensar.

O gelo no olhar do Luca desaparece e sorri-me.

– Ai sim? – sussurra ao abrir o colar, libertando a aliança. Pega-me na mão e põe-na na ponta do meu dedo, olhando depois para mim. – Assim? – pergunta e empurra-a vagarosamente pelo meu dedo com o olhar repleto de anseio.

Anuo e levo a minha mão livre ao rosto dele, tocando-o ternamente na testa.

– Não a volto a tirar a não ser no escritório, está bem? – prometo. – Pensei que não significasse nada para ti, Luca.

Ele pega na minha mão e beija-a suavemente.

– Sim – diz –, significa, esposa.

Olha para mim com uma expressão enigmática e suspira. Gostava de poder decifrar este olhar. Parece-me saudade, mas como, se estou aqui mesmo à sua

frente?

Estendo a mão e passeio os dedos pelos seus abdominais e peito até chegar ao colar que tem ao pescoço. Abro-o e deixo cair a aliança. O meu coração bate com um ritmo estranho enquanto ele me continua a olhar daquela maneira.

Ponho-lhe a aliança no dedo e afago-a com o polegar.

– Acho que percebo – murmuro, satisfeita a olhar para a aliança dele. Entrelaço os nossos dedos e levanto o rosto para o encarar. – Adoro como te fica, mas, mais ainda, adoro o que me faz sentir.

Ele sorri e, com um gesto meigo, põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Sentes que sou teu, não é?

– Sim – sussurro.

– Ainda bem – diz-me, agarrando-me pelo cabelo e puxando-me para si. – Porque sou.

O Luca inclina a cabeça e baixa os lábios até aos meus. Fecho os olhos e ele beija-me ternamente e devagar. Há algo diferente neste beijo. É, de alguma forma, mais íntimo e faz-me sentir uma dor estranha. Ponho-me em bicos de pés e beijo-o mais fogosamente, precisando de mais. Não sei exatamente o que estou a pedir, mas quero que afaste o desconforto que sinto.

Ele encosta a testa à minha e inspira tremulamente.

– Não quero parar, mas vamos atrasar-nos. – O Luca afasta-se e devo estar visivelmente relutante, porque ele sorri e beija-me a testa antes de se virar outra vez para o espelho. – Ajuda-me a convencer a minha avó hoje, meu amor, e serás recompensada assim que chegarmos a casa.

Sorrio e anuo com o meu olhar no dele através do espelho. Observo-o a abotoar a camisa com o coração em desatino. Luca Windsor... há algo nele que se está a tornar cada vez mais irresistível. Quando me casei com ele, tinha a certeza de que o meu coração estaria a salvo, mas começo a perceber que calculei mal o risco.

O Luca oferece-me o braço, e saímos juntos da casa que agora considero o meu lar. Vamos informar a família dele do nosso casamento e não sei como me sentir. Tenho medo de que a Sierra e a Raven fiquem zangadas por não lhes ter dito nada e preocupa-me que a avó Anne fique desapontada comigo. Há muito em risco para o Luca, mas eu também tenho muito a perder hoje.

– Vai correr tudo bem – promete-me ao entrarmos no carro a caminho do desfile da Raven, mas custa-me acreditar nele. É o primeiro grande evento público onde estarão todos os Windsors, até o Dion vem de Londres. Sou consumida pela ideia de eles ficarem horrorizados com a notícia e colo o olhar ao chão quando entramos na sala.

Sinto o Luca a olhar para mim, mas não consigo levantar a cabeça. Estou aterrorizada com a ideia de desiludir os Windsors depois de tudo o que fizeram por mim.

O Luca enlaça os nossos dedos ao caminharmos para a primeira fila, onde já estão sentados a sua avó e alguns dos irmãos.

– Avó – diz o Luca ao sentar-se ao lado dela, antes de eu me sentar logo a

seguir a eles –, a Valentina e eu casámo-nos. Preciso que cancele o meu noivado.

Olho para ele de olhos esbugalhados, chocada por ser *assim* que escolheu dar a notícia. Esperava mais delicadeza. Pensei que íamos ver o desfile e anunciaríamos o nosso casamento depois, durante o jantar, mas ele parece relaxado, como se o que acabou de dizer não fosse tão surpreendente como as expressões dos seus irmãos fazem parecer. A Sierra olha para nós de boca aberta e semicerra os olhos, abanando a cabeça enquanto sorri. Sinto-me aliviada quando percebo que não está zangada comigo.

Entretanto, a avó Anne olha para mim e para ele e abana a cabeça.

– Veremos – diz, virando-se para encarar a passarela. Sinto desaprovação e isso mata-me. Deu-me uma oportunidade quando nem eu acreditava nas minhas capacidades e apoiou-me ao longo dos anos, ficando do meu lado sempre que o Luca me tentou despedir. Sinto que a estou a trair da pior forma possível e mordo o lábio numa tentativa de reter as lágrimas que se formam nos meus olhos.

Nunca devia ter concordado em casar com o Luca sabendo o quanto isto a magoaria. O acordo com os Ivanovs é muito valioso para a família e eu devia ter respeitado isso. Nunca me devia ter metido onde não sou chamada. Devia ter arranjado outra forma de conseguir juntar o dinheiro de que precisava para ajudar a minha avó. Não seria fácil, mas talvez um empréstimo bancário tivesse sido uma solução. Qualquer coisa teria sido preferível a magoar a única mulher que acreditou em mim quando mais ninguém o fez.

O Luca leva as nossas mãos unidas aos lábios, distraíndo-me. Beija-me a mão ternamente antes de levantar o rosto com um sorriso.

– Não te preocupes – promete. – Vai ficar tudo bem.

Olho-o nos olhos, não conseguindo acreditar no que diz. Ele inclina-se sobre mim, beija-me na face e fecha os olhos por um momento, respirando fundo.

– Sorri – sussurra, com os olhos a brilhar – ou acaba-se o jogo.

Inclina-se ainda mais, roçando o nariz no meu antes de me beijar. Beija-me de forma meiga e demorada. Depois, encosta a testa à minha com a respiração irregular.

– Como é que és tão bom ator? – murmuro. – Há algo de real nisto? O carinho que demonstras é apenas porque achas que é assim que se deve tratar uma esposa? Estás a enganar-me a mim também?

Ele beija-me a bochecha, perto da orelha.

– Diz-me tu, Valentina. *Há* algo de real nisto?

Trinta e dois

Luca

Explica-te – diz a minha avó com as mãos pousadas no colo. Tudo nela lembra uma matriarca sofisticada, até a expressão apreensiva no rosto.

Ponho um braço sobre os ombros da minha mulher numa tentativa silenciosa de a tranquilizar. Estamos na sala de estar da minha avó e nenhum de nós sabe o que esperar do interrogatório que se avizinha. Normalmente, a Valentina safa-se muito bem sob pressão, mas hoje não. Subestimei o quanto a minha avó significa para ela.

– Que posso dizer? – murmuro, abraçando a minha esposa com mais força. – Apaixonei-me e pareceu-me certo seguir o coração. Tinha medo de me arrepender para o resto da vida se deixasse escapar a Valentina, quando era óbvio que não me imaginava a envelhecer ao lado de mais ninguém.

A avó olha ora para mim ora para a Valentina com um olhar de suspeição.

– E então casaram-se? – pergunta suavemente. Pensei que a conhecia bem, mas, neste momento, acho impossível lê-la.

Pego nos documentos que guardei no bolso interior do casaco e entrego-lhos.

– Isto é uma cópia da nossa certidão de casamento – digo-lhe. – Mas está à vontade para ligar ao presidente Kingston para verificar se ele, de facto, nos casou.

Ela olha incrédula para os papéis antes de nos voltar a encarar com a raiva a ganhar forma no rosto quando percebe que não se trata de uma artimanha.

– No que estavas a pensar? – pergunta, exasperada. – E tu, Val? Como pudeste fazer isto sem sequer falar comigo?

Atira os papéis para cima da mesa de centro e desvia o olhar por um instante. O seu desapontamento é notório. Discretamente, a minha esposa começa a tremer e aperta as mãos uma contra a outra, cabisbaixa. Puxo-a para mim num instinto protetor e fixo o olhar na minha avó.

– Não pensámos – admito. – Estamos apaixonados, avó. Pode culpar-nos? Há anos que isto se vinha a cozinhar, e a avó, mais do que ninguém, devia ter reparado nisso.

Ela olha para mim e abana a cabeça.

– Queres que eu acredite que, de repente, te apaixonaste pela Val, quando a atormentaste durante *anos*? És obrigado a ficar noivo da Natalia Ivanov e, do nada, decides que estás apaixonado pela mulher que durante anos não suportaste?

A minha esposa encolhe-se, e eu engulo em seco, calado pela culpa. Ela tem razão, claro que sim. Durante anos, odiei a Valentina e entendo bem o que ela quer dizer com isto. Pensa que estou a usar a Valentina, e não está enganada.

– Não acredito que estejam apaixonados, Val – exclama em tom severo. – Diz-me a verdade, ele ameaçou-te?

A minha esposa levanta a cabeça e olha para ela cheia de remorsos.

– Peço desculpa, avó Anne – diz com a voz a tremer. – É verdade. Eu... nós estamos apaixonados. Sei que a nossa decisão de casar foi repentina, mas o Luca tem razão. Há

anos que isto se vinha a adivinhar.

A avó cruza os braços e ergue as sobrancelhas.

– Digam-me lá, então, o que foi que vos fez perceber, assim de repente, que estavam apaixonados, depois de anos em que mal se toleravam um ao outro?

A Valentina cora e olha para baixo por um momento.

– Foi no casamento do Ares e da Raven – murmura. – O... o Luca... eu... bem, aconteceu algo que nos fez perceber que... quer dizer...

– Eu beijei-a – admito. – Beijei-a nesse dia e nada voltou a ser igual desde então.

A avó franze a testa, claramente a refletir sobre o que estamos a dizer.

– Isso foi há meses e lembro-me perfeitamente de que mal se falavam a seguir ao casamento. A Val até deixou de vir aos jantares.

A minha esposa olha para o colo e eu pego-lhe na mão, apertando-a na minha.

– Nenhum de nós sabia como gerir esta mudança na nossa relação, e depois anunciou o noivado com a Natalia.

A avó olha para a minha esposa.

– Foi aí que percebeste que estavas apaixonada pelo Luca? – pergunta, agora num tom mais meigo.

A Valentina abana a cabeça.

– Foi quando me despedi. Percebi que não conseguia estar perto dele sabendo que se ia casar com outra mulher. Pensar nele a apaixonar-se pela Natalia era uma tortura e sabia que não ia aguentar vê-los juntos.

A avó arregala os olhos.

– Tu despediste-te? Como é que nunca me disseram nada?

– Não lhe disse porque não tinha qualquer intenção de a deixar sair.

A avó sorri, por fim. Durou apenas uma fração de segundo, mas foi um verdadeiro sorriso.

– O que me estão a dizer é que se apaixonaram dessa forma e foram a correr casar-se?

– Há oito anos que a Valentina está ao meu lado, avó. Porque iria querer esperar mais um segundo que fosse se isso significaria perdê-la para sempre? Depois do noivado, só havia uma forma de lhe mostrar o meu compromisso com ela.

– Casaram-se – diz a avó, abanando a cabeça. Fica calada por um instante, olhando alternadamente para cada um de nós. Aponta-nos o dedo. – Não acredito em nada do que me estão a dizer, mas é um facto que estão casados. – Inclina-se para a frente e suspira, fechando os olhos. – Vou congelar todos os teus ativos familiares, Luca – diz. – Não só te casaste às escondidas como nos puseste em risco de transformar um importante aliado num inimigo. Não vai ser nada fácil cancelar o teu noivado.

A Valentina olha para mim, preocupada, mas eu limito-me a sorrir. Há anos que não uso os ativos da família. Ganho dinheiro suficiente, e a avó devia saber isso.

– Muito bem.

– Se – continua a avó –, se vocês ainda estiverem casados daqui a três anos, terás a tua herança. – Volta a levantar o dedo, claramente chateada. – E só porque é a Val. Tivesses feito isto com outra mulher e era o teu fim.

Anuo e respiro de alívio. Foi uma aposta certa achar que apoiaria a Valentina.

– No entanto, haverá regras.

Afago a mão da minha esposa com o polegar. Sabia que ia estar nervosa, mas nunca vi assim. Já a vi a presidir reuniões com líderes mundiais e multimilionários sem hesitar, mas torna-se um cordeirinho na presença da minha avó. É tão surpreendente como enternecedor.

– Vocês têm de partilhar a vossa vida, ou seja, têm de viver juntos e partilhar uma cama. Não podem ter quartos separados ou viver vidas separadas e não podem passar

mais de três noites consecutivas separados nos próximos três anos. – Esforço-me por parecer surpreendido quando, na verdade, o Ares já me tinha avisado. – Têm também de ser fiéis, Luca e Val. Se, por um segundo sequer, eu desconfiar de que um de vocês é infiel ou desleal, ou de que me estão a enganar com esta história, perdes a herança, Luca. Val, se isto acontecer, serás despedida e vou garantir que entras numa lista negra. Nunca trabalharás em mercado *nenhum* onde estejamos presentes.

A Valentina olha para cima abruptamente, com uma ligeira expressão de medo. Levo as nossas mãos unidas aos lábios e beijo-lhe a mão, tentando tranquilizá-la silenciosamente. Nenhum de nós irá trair o outro. Isso não é algo que me preocupe.

– Por enquanto, peço que mantenham o casamento confidencial – diz a avó, fechando os olhos. – Não será bom que os Ivanovs descubram por terceiros. Temos de agir com tacto. – Semicerra os olhos. – E se cancelarmos o noivado e eu depois vier a descobrir que isto é uma artimanha, pagarão os dois por isso.

– Entendido – digo-lhe, sem qualquer preocupação.

O meu contrato com a Valentina durará três anos, não há motivo para preocupação. Eu vou receber a minha herança e a Valentina receberá todos os fundos de que precise.

Olho para a minha esposa, vejo como tenta esconder a culpa que sente. Três anos. Só precisamos de sobreviver juntos aos próximos três anos sem sermos desmascarados.

Trinta e três

Luca

O lho para o telemóvel enquanto ele toca, sem saber que fazer. Por esta altura, a Natalia já deve ter sido informada de que os Windsors cancelaram o noivado e a fusão, mas devia ter falado com ela pessoalmente. Posso não gostar dela, mas merece ser tratada com o mínimo de cortesia.

Mas se nunca fui tido em conta quando este noivado foi combinado, porque devo ser eu a cancelá-lo? Sendo realmente sincero comigo, a razão pela qual rejeito as chamadas é o olhar que a Valentina faz sempre que surge o tema «Natalia». Já a magoei o suficiente, e a minha esposa merece mais que isso. Ficou tudo bem depois de termos anunciado o casamento à minha família, e ela tem usado a aliança mais vezes, mas ainda há uma distância entre nós que gostava que desaparecesse. É estranho como sinto falta dela, mesmo agora que é minha esposa. O único momento em que baixa a guarda é quando tenho as mãos no corpo dela, e quero mais do que isso. Quero os sorrisos dela, o riso dela. Quero-a por inteiro.

A Valentina entra no meu gabinete, e endireito-me na cadeira com um arrepio de culpa a percorrer-me a espinha ao olhar para o telemóvel.

– A Natalia ligou e pediu uma reunião contigo. Marquei-a. Deve chegar dentro de dez minutos.

– Tu fizeste o quê? Por que raio fizeste isso?

A Valentina põe o cabelo atrás da orelha e olha para baixo.

– Porque se fosse comigo, também ia querer falar contigo. Se o que me dizes é verdade, vocês só se viram duas vezes enquanto estiveram noivos, mas não fazes ideia do que esses momentos significaram para ela. Durante alguns meses, ela pensou que ia passar o resto da vida contigo, e tu terás pensado o mesmo. Não merece que tenham uma conversa final?

Fico a olhar para a minha esposa, tentando ler a sua expressão.

– Tu mereces muito mais.

Ela olha para baixo outra vez e sorri muito timidamente.

– Então, faz isto por mim – pede. – Não acho correto que fiquem coisas por dizer entre vocês dois. Prefiro que acabem as coisas de forma transparente.

Sorrio, imensamente satisfeito. Não é no bem da Natalia que ela está a pensar, o que quer é que eu termine tudo da melhor forma e para sempre.

– Gosto que agora uses falinhas mansas comigo. É algo só reservado ao teu marido?

Os olhos dela brilham surpreendidos e, depois, sorri, corando. Não pensou que eu ia perceber? Subestima o quanto a conheço bem.

– És mesmo excecionalmente irritante! – diz-me.

Sorrio-lhe.

– Irrito-te? Será que há uma forma de te compensar por isso? Há algum tempo que a única coisa que me deixas fazer é beijar-te. Isso mata-me, sabias? Preciso de sentir o teu

sabor!

Ela abre os lábios ligeiramente, como sempre faz quando me vai repreender, mas depois abana a cabeça e ri-se. Deslumbrante! Ali de pé, naquele vestido preto, o cabelo ondulado caído pelas costas. Foda-se!

– Talvez – diz ela com os olhos brilhantes. – Se tiveres sorte!

Foda-se!

Levanto-me de rompante, com a intenção de a agarrar, mas antes de o conseguir fazer, a porta abre-se e a Natalia entra. Porra!

A Natalia olha para mim e para a Valentina com uma expressão diferente da usual. As únicas vezes em que a vi, tinha um ar mimado e prepotente, como se tivesse direito ao meu tempo e à minha atenção. Hoje, olha-me de modo contido, sem qualquer malícia no olhar.

A Valentina olha para mim ao sair do gabinete e, por um instante, estou certo de que li insegurança no seu olhar. É uma loucura *querer* que ela sinta alguns ciúmes?

– Estavas praticamente incontactável – diz a Natalia, parecendo chateada. – Deduzo que não me quisesses ver, por isso, agradeço-te por teres aceiteado uma reunião comigo mesmo assim.

Suspiro e olho pela janela envidraçada. A Valentina tem os olhos colados ao ecrã. Pensei que estaria curiosa, mas não parece estar. Porquê?

– Obrigado por teres vindo, Natalia. Lamento ter cancelado o nosso noivado de forma tão abrupta.

Ela olha para mim e abana a cabeça, sorrindo de forma triste.

– Para ser honesta, Luca, fico feliz por teres seguido o teu coração. Se nos tivéssemos casado, ficaríamos presos num casamento sem amor. Soube-o desde a primeira vez que vos vi juntos, mas fui teimosa, e se não tivesses cancelado o noivado, eu teria pagado um preço alto por isso.

Olho novamente para a Valentina. Um feroz instinto de proteção deixa-me imóvel por um momento.

– O nosso noivado foi cancelado porque acho que somos incompatíveis. E, além disso, também não se conseguiu chegar a um consenso quanto à fusão – digo cautelosamente.

A Natalia ri-se e olha para a Valentina.

– Claro, essa é a razão oficial, mas nós dois sabemos a verdade. Não fazes ideia dos trabalhos em que me meteste, pois não? O meu pai acha que fiz algo errado, mas antes assim. Se ele soubesse a verdade, seria mais complicado, o ego do meu pai não ia aceitar. – Entrega-me um documento e sorri. – Se ele soubesse que me estás a deixar por outra mulher, sentir-se-ia ofendido em meu nome e não permitiria que te desse isto.

Olho surpreso para o documento nas minhas mãos.

– Estás a propor-me uma parceria?

Ela anui.

– Precisamos de um bom parceiro financeiro e isso não mudou. Se não estou em erro, os Windsors ainda querem entrar no mercado do petróleo. Assim, ambos teremos o melhor de dois mundos. Não terei mais nada que ver com isto a partir de hoje, por isso não causará nenhum conflito. – Olha para a Valentina pela parede envidraçada e sorri. – Honestamente, ela tem tanto de assustadora como de inspiradora. Não podias ter encontrado melhor par. Desde que soube do nosso noivado que me comparo com ela. Toda a gente sabe que sempre estive ao teu lado, e eu sabia que nunca estaria à sua altura. Nem sequer devia ter tentado. Fiz figura de parva à frente dela, só porque me intimidava. – Sorri-me. – Achas que me perdoa se lhe pedir desculpa?

Olho para a minha esposa e assinto com a cabeça.

– Acho – murmuro, sabendo que esta palavra é também uma admissão de culpa. –

Acho que sim. Se não fosse ela, nem sequer estarias aqui neste momento.

Ela anui, e eu levanto-me para a acompanhar até à porta. A Valentina levanta-se, tem aquele sorriso irritante nos lábios. Dava tudo para saber no que está a pensar neste instante, mas a expressão dela não revela coisa alguma.

– Vemo-nos por aí, querido – murmura a Natalia com um sorriso malicioso.

Abano a cabeça e ela ri-se ao se encaminhar para a secretária da Valentina. Encosto-me à ombreira e fico a observar a minha esposa.

– Peço-te desculpa – diz a Natalia. – Pela reserva para jantar, pela forma como te falei sempre que nos cruzámos. Foi tudo injustificado e em nada reflete quem sou. – Olha para mim e sorri antes de se virar novamente para a Valentina. – É estranho, porque tenho verdadeira admiração por ti e, noutro contexto, gostava que fôssemos amigas. Talvez um dia, quem sabe? Entretanto, desejo que sejam muito felizes. A sério.

Sorri-nos aos dois e sai. Fico a olhar para a minha esposa, que observa, de testa franzida, a Natalia a afastar-se.

– Ela sabe. Vai ser um problema?

Abano a cabeça.

– Não – murmuro –, não me parece.

Talvez a Natalia não seja tão má pessoa como eu imaginava. Nunca a teria feito feliz, mas espero que encontre alguém que faça. Estava relutante em vê-la, mas a minha esposa tinha razão, tem sempre. Livrar-me de toda a culpa que sentia em relação à Natalia foi libertador.

Trinta e quatro

Valentina

Olho para a casa da *Abuela*, preparando-me mentalmente para sair do carro.

Decidimos contar hoje à minha família, mas temo que a minha mãe perceba a verdade – ou pior, que diga ao Luca o quanto me queixei dele ao longo dos anos. Como lhe explico que me casei com ele?

– Valentina – diz o Luca, quebrando o silêncio. Estivemos os dois calados no caminho até aqui, ambos perdidos nos nossos pensamentos. – Lembras-te do que disseste em casa da minha avó? Disseste que te despediste porque não suportavas ver-me com a Natalia. É verdade?

Olho para ele surpreendida. Pensei que estava calado a pensar em todo o trabalho que nos espera quando voltarmos para casa, mas parece que estava enganada. Ajeito o cabelo e olho pela janela. Não, se for verdadeiramente honesta comigo, sei que não é por isso que se tem comportado de forma estranha nos últimos dias, mas tenho estado em negação. Está diferente desde que falou com a Natalia, mas, de alguma forma, tenho tido medo de lhe perguntar o que se passa. Parte de mim tem receio do que vai dizer. Tenho-me esforçado tanto para fugir ao passado, mas há feridas que ainda sinto abertas. Tenho medo de que me traia ou perceba que sou inútil e me abandone. Tenho medo de fazer demasiadas perguntas e descobrir coisas que não quero. Ele transformou-me numa cobarde, e odeio isso. Nunca lhe quis dar a importância que lhe dou agora.

– Sim – admito, sentindo-me corar. Prometemos que íamos comunicar e arrependo-me disso neste momento. – É verdade.

– Então e as outras desculpas que me deste?

– Também são verdade – digo-lhe. – Quero ter vida própria. Desde que tenho memória que não tenho vivido, deixo-me ir, e tenho medo de um dia olhar para trás e sentir que a minha vida é vazia. Mas... há anos que sinto isto e nunca me levou a demitir-me.

O Luca sorri com os olhos a cintilar.

– Já paraste para pensar porque agiste por impulso, quando nunca o fazes?

Foi tudo injustificado e em nada reflete quem sou. Foi o que a Natalia me disse. Foi isto que o fez pensar no meu comportamento ao longo do tempo? Tem estado a pensar nela este tempo todo? Sei que é irracional, mas não a quero na mente dele, mesmo que seja só porque algo que ela disse o fez pensar em *mim*.

O meu coração dispara e aclaro a voz, voltando a olhar para a casa da minha

avó.

– Acho melhor dizermos à minha família que começámos a namorar. Se lhes dissermos que nos casámos, não vão acreditar – digo, mudando de assunto.

O Luca ri-se e anui. Está recostado com uma mão no volante.

– É a tua família, Valentina. Farei o que quiseres.

Olho para ele por um momento, surpreendida.

– Nunca pensei que pudesses ser tão compreensivo. Fizeste da minha vida um inferno durante anos, quando podias ter sido gentil. Sinto-me tão enganada!

Ele sorri e aproxima-se de mim. O seu toque é meigo quando me afaga o cabelo.

– Então deixa-me compensar-te, Valentina. *Isto...* é exclusivo para a minha esposa. Para *ti*. Aproveita-o o quanto quiseres. Enquanto me quiseres, sou teu. Vou tratar-te como a pessoa mais preciosa da minha vida, com uma exceção.

Pestanejo, confusa.

– Qual é a exceção?

Ele ri-se.

– Não serei gentil a comer-te. – Os olhos dele ficam sombrios e eu desvio o olhar, de coração descompassado.

– Como sabes que vou dormir contigo? – pergunto com a voz trémula.

Temos estado mais confortáveis com o corpo um do outro, mas sempre que as coisas aquecem, evito-o, usando o trabalho como desculpa. É só sexo, mas, mesmo assim, acho que não estou pronta. Já me deixei envolver mais do que queria. Tenho medo de que me consuma por completo se lhe entregar o corpo.

O Luca ri e olha pela janela.

– É engraçado que aches que me vais conseguir resistir muito mais tempo. O dia de hoje não acaba sem que me implores que te coma, esposa. – Olha para mim com uma expressão ardente. – Quando fecho os olhos, ouço-te a gemer o meu nome, Valentina. Fazer-te vir é uma delícia, mas não é suficiente. Quero estar dentro de ti.

Coro, e ele ri-se.

– Nunca te vou *implorar* por nada – digo-lhe, indignada.

O Luca ri-se e estende uma mão em direção ao meu rosto, pondo-me um dedo entre as sobrancelhas e descendo-o vagarosamente pelo nariz.

– Vais, sim – diz, parando nos meus lábios. – Primeiro, vais implorar que te faça vir outra vez e depois vais implorar que te coma.

Abro a boca para protestar, mas ele pressiona o dedo contra os meus lábios e abana a cabeça.

– Por enquanto, temos de entrar. Parece que chamámos a atenção de alguém.

O Luca retrai a mão e eu olho pela janela, deparando com a minha mãe parada à porta de casa. A silhueta dela está iluminada pelas luzes da entrada e está claramente a tentar olhar para dentro do carro, inclinada sobre a sua bengala. Rezo para que não nos consiga ver. Que figura estávamos eu e o Luca a fazer?

O Luca sai do carro e, surpreendentemente, contorna-o para me abrir a porta. Não sei se me vou habituar a esta versão dele. Pensei que o conhecia melhor do

que ninguém, mas estou a aprender todos os dias que há um lado dele que desconheço por completo. Ele oferece-me a mão e aceito-a, hesitante. Tenho medo de que façamos alguma asneira e a minha mãe perceba. A última vez que mencionei o Luca foi quando lhe disse que me tinha despedido.

O Luca entrelaça os nossos dedos e encaminha-nos para a casa, enquanto a minha mãe olha para nós de testa franzida. Baixa o olhar para as nossas mãos dadas e pressiona os lábios.

– Mãe – digo com a voz a tremer –, a última vez que aqui viemos foi tudo muito caótico, com os médicos e a polícia, e não consegui apresentar-vos. – Ela olha para mim de alto a baixo e a expressão dela deixa-me nervosa. – Este é o Luca Windsor, o meu namorado.

A minha mãe arregala os olhos quando percebe quem ele é. Durante anos, falei do Luca, mas ela nunca o tinha visto.

– Luca? – repete. – O teu *chefe*? – Olha para ele e, por um momento, é como se reconhecesse algo, mas faz uma expressão de raiva. Talvez o tenha visto na televisão ou em alguma das revistas de fofocas de que tanto gosta. Espero que não tenha sido isso, porque, para meu desespero, a imprensa tem andado louca para descobrir coisas sobre ele e a Natalia.

O Luca liberta a mão e estende-a à minha mãe.

– Muito prazer em conhecê-la finalmente – diz, sorrindo de forma meiga. – A Valentina falou-me muito de si. Desculpe-me por não me ter apresentado em condições da última vez que nos vimos. Foi um momento difícil para todos nós, e a minha prioridade era saber que a Valentina estava bem e que a equipa que contratei para encontrar e cuidar da sua mãe tinha tudo de que precisava.

O olhar dela torna-se menos gélido, mas continua a encará-lo com uma expressão desconcertante. É a mesma expressão que tem quando fala do meu pai.

– Por favor, entrem – diz, relutante. Talvez a devesse ter avisado de que vinha com ele. Pensei que era melhor tratar já disto, mas devia ter pensado com mais calma.

– Os médicos – diz a minha mãe –, foste tu que os contrataste?

O Luca anui e põe uma mão na minha lombar, como se fosse natural fazê-lo. Mantivemos uma distância corporal apropriada durante anos, mas ele representa o novo papel com bastante facilidade. Foi sempre tão bom ator? De alguma forma, deixa-me inquieta, porque não sei o que é e o que não é verdade.

– A Valentina tem estado muito preocupada com a avó dela, pensei que isso a ia tranquilizar. Espero não ter sido intrusivo.

A minha mãe abana a cabeça e equilibra-se na bengala, um tique que tem quando está a pensar.

– De modo algum – responde. – Estamos muito gratas. Mas pensei que tinha sido a Valentina a tratar disso. – Olha para mim com uma expressão acusadora. – Nunca me disste nada. Porque é que só agora é que sei que temos andado a aceitar ajuda do teu chefe sem qualquer pudor?

O olhar da minha mãe brilha de desalento e eu baixo a cabeça. Acabámos de entrar, e isto já está a correr mal. Parece que tem mais coisas para me dizer, mas

leva-nos para a sala de estar, onde a *Abuela* está a ver televisão.

– Val? – diz a *Abuela*.

Dirijo-me a ela e abraço-a com força, feliz por estar lúcida. Parte-me o coração quando não me reconhece e mata-me saber que será cada vez mais frequente.

– Quem é este borracho? – pergunta a *Abuela* a sorrir. Aprecia o Luca sem qualquer vergonha e eu olho para ele e reparo que está envergonhado, até um pouco corado. O meu coração acelera e reprimo um sorriso.

Ele estende-lhe a mão e sorri.

– Sou o Luca Windsor. É um prazer conhecê-la.

A *Abuela* ri-se e olha para mim.

– O Lúifer? O teu chefe?

Arregalo os olhos e aclaro a voz de forma desajeitada.

– *Luca* – corrijo-a. – O nome dele é Luca.

Para uma mulher que está a perder a memória, tem-na muito desperta hoje. Como se lembra que tenho o número dele guardado como «Lúifer» no telemóvel? É melhor mudá-lo antes que o Luca descubra.

A *Abuela* olha para nós, e o Luca abraça-me com um olhar inquisidor. Percebeu que ela disse «Lúifer», e tenho de arranjar uma desculpa válida. Aclaro a voz e forço um sorriso.

– *Abuelita*, o Luca... é meu namorado.

Ela dá uma gargalhada e abana a cabeça.

– Eu sabia! – diz. – Sempre que dizias que ele era o Diabo em pessoa, eu sabia que havia aí alguma coisa. Só me surpreende que tenha levado tanto tempo.

O Luca inclina-se sobre mim, roçando o nariz na minha orelha.

– O Diabo em pessoa? – sussurra, e sinto-me corar, inundada de remorsos.

A minha mãe põe um tabuleiro com quatro chávenas de *café de olla* na mesa e senta-se ao lado da *Abuela* com uma expressão distante. Cruza os braços e aponta para o outro sofá com a cabeça.

– Sentem-se.

O Luca segue-me com uma expressão serena, apesar da óbvia e repentina falta de educação da minha mãe.

– Há quanto tempo é que namoram?

O Luca dá-me a mão e entrelaça os nossos dedos, a sua cabeça baixa diz-me que quer que seja eu a falar.

– Começámos a namorar recentemente, mas, como disse a *Abuela*, era inevitável. Percebemos que queríamos estar juntos pouco depois de eu me ter despedido.

A minha mãe começa a abanar uma perna. O seu rosto denuncia a raiva que sente.

– *Tu*... estás noivo, não estás? Que estás a tentar fazer? Queres que a minha filha seja tua amante?

Devia ter adivinhado que esta ia ser a preocupação dela. Talvez tivesse sido melhor admitir que nos casámos. Teria sanado esta preocupação, mas é tarde demais para o dizer ao Luca, especialmente porque já o apresentei como meu

namorado.

O Luca fica nervoso e aperta-me a mão com mais força.

– Não foi por minha escolha ou desejo que fiquei noivo, e esse noivado já foi cancelado. Fique descansada. Não me vou casar com aquela mulher.

A minha mãe resmunga e revira os olhos.

– Vais enrolar a minha filha com essa conversa durante quanto tempo? É sempre a mesma história, não é? Prometes deixar a tua noiva ou mulher, mas isso nunca acontece. E se o fizeres, acabas por voltar para ela.

Conheço o Luca o suficiente para saber quando começa a ficar zangado, apesar da sua expressão neutra. Olha para mim por um momento, e eu sorrio-lhe de forma tranquilizadora.

– Mãe, eu conheço o Luca há oito anos e prometo-te que ele não é esse tipo de homem. O noivado foi mesmo cancelado. Só ainda não foi noticiado na imprensa.

– Sou contra isto – diz-me. – No que estás a pensar, Val? Acaba com isto *imediatamente*. Vai ter impacto em tudo o que conquistaste e no teu trabalho. As pessoas vão pensar que subiste na horizontal e, no fim, ele vai querer alguém com mais para oferecer. Está cego de paixão, mas isso passa e ele vai abandonar-te. Acaba isto *agora*, antes que percas tudo por que trabalhaste. Nunca devias ter ido trabalhar para aquela família. Eu sabia que isto podia acontecer. Achas mesmo que podem ultrapassar as vossas diferenças? *Não podem*. Devias ter mais juízo, Valentina.

Começo a tremer, incerta sobre como refutar as palavras dela. Sabia que esta conversa não ia ser fácil, mas não esperei que reagisse assim à frente do Luca.

Ele põe-me o braço à volta dos ombros e olha para a minha mãe.

– Minha senhora – diz, educadamente –, antes de mais, peço desculpa por lhe ter mentido. A verdade é que me *casei* com a sua filha. Ela disse-lhe que éramos namorados porque pensou que seria difícil aceitar que nos tivéssemos casado às escondidas, mas foi o que fizemos. A Valentina é a minha *esposa*. Concordo que estarmos juntos vai ter impacto no trabalho dela e, sim, o noivado que me foi imposto não nos facilita a vida, mas só uma coisa me importa. Eu amo a sua filha e quero passar o resto da minha vida com ela, independentemente das dificuldades que tenhamos de enfrentar.

A *Abuela* sobressalta-se e depois ri-se.

– Fico feliz por ti, *mi niña* – diz com os olhos a brilhar. – Já se passaram oito anos. Não fazia sentido esperarem mais. Fizeram bem em casar.

O Luca sorri-lhe, grato, mas a minha mãe olha para nós com choque e consternação.

– Como pudeste fazer isso? – pergunta-me, suavemente. Fico a olhar para o meu colo sem saber que dizer. – Vais arrepender-te disto, Valentina.

A minha mãe levanta-se e pega na bengala. A dor é visível no rosto dela enquanto sai da sala. Olho para ela de coração partido. Como é que, mais uma vez, me deixou a sentir assim? Só é amarga.

-
- 4 Bebida mexicana feita num recipiente de barro e que leva café torrado e moído, canela e *piloncillo*, um doce feito da cana-de-açúcar. Pode ainda ser aromatizado com raspas de laranja, cravinho-da-índia e anis-estrelado. [N. da T.]

Trinta e cinco

Luca

A Valentina está calada quando entramos em casa, visivelmente perturbada pelo comportamento da mãe. Foi inesperado, até para mim. Nunca pensei que se opusesse tanto e interrogo-me se será habitual falar assim com a Valentina.

– Desculpa a minha mãe – diz, descalçando os saltos altos e deixando-os ao lado dos meus sapatos. – Não sei do que estava à espera, mas isto correu, provavelmente, da melhor forma possível.

Caminha descalça para a sala e eu sigo-a, estranhamente afetado pelo seu melancólico estado de espírito. Não era suposto isto ser mais do que um casamento de conveniência, mas odeio como ela tenta esconder de mim a sua dor. Nunca quis ser um homem que as mulheres procurassem para consolo, mas é exatamente isso que quero que a minha esposa faça.

– A tua avó é extraordinariamente gentil e adorável.

Ela senta-se no sofá com os joelhos encostados ao peito e os braços em torno deles.

– Pareceu-me estar bem. Sei que não há cura, mas sinto-me aliviada por saber que estás a ter os melhores cuidados. Só saber que não é possível que desapareça outra vez já me deixa mais descansada. Nunca te poderei agradecer o suficiente, Luca. Nunca poderia pagar este tipo de cuidado. A ideia de ela não ser bem tratada ou de ter enfermeiras que nem se conseguissem ocupar dela por excesso de trabalho... nem consigo imaginar.

Viro-me para ela e recosto-me no sofá.

– Sabes que mais, Valentina? Achei extremamente adorável quando ela me chamou «Lúcifer» – murmuro, sabendo que isto desviará os pensamentos dela noutra direção.

A Valentina arregala os olhos e lança-me um olhar culpado. Quase sorrio, mas consigo disfarçar.

– Ela também disse alguma coisa sobre eu ser o Diabo em pessoa, não foi?

Ela aclara a voz, desajeitadamente, e eu abraço-a, continuando a tentar não sorrir. Ela cede aos meus braços e eu puxo-a para a sentar ao colo, encarando-me.

– Queres explicar-me isso, esposa?

Ela desvia o olhar, parecendo perturbada de uma forma completamente diferente. Deslizo uma mão pelos seus cabelos e obrigo-a a olhar para mim, detendo os olhos nos seus lábios.

– Hum... – gagueja – é uma longa história.

Ergo as sobrancelhas, confuso.

– Ainda bem que temos a noite toda.

Sorrio quando percebo que ela está a dar voltas à cabeça para decidir o que dizer. Acaba por me enlaçar o pescoço com os braços, com uma expressão tímida no olhar.

– Luca – diz, num tom fofinho –, não sejas assim!

Com que então a minha mulher sabe ser sedutora. É um lado dela que desconhecia e que, surpreendentemente, adoro. Sempre odiei quando as mulheres se faziam de tímidas comigo, mas gosto de ver a Valentina a fazer este jogo. Vê-la a desarmar-me assim? Mais,

por favor!

Ela cora quando sente que estou a ficar duro e move-se, sentando-se melhor para sentir o meu pau. Tem noção do que fez ou fê-lo sem pensar?

As minhas mãos descem da cintura dela para o rabo, apalpando-lhe as curvas, deliciado com o toque dela.

– Que outras alcunhas me deste?

Ela morde o lábio e olha para mim.

– É melhor que *nunca* descubras. Não sabes que às vezes é melhor não fazer perguntas?

Sorrio e abano a cabeça.

– Eram assim tão más? Tudo bem, diz-me antes como me vais compensar pelo tempo todo que estive em casa da tua avó. Sabes que o meu tempo é precioso, não sabes? Tens de pagar.

Ela volta a morder o lábio e franze ligeiramente a testa.

– Bem, eu tenho um cartão de crédito super vistoso do Windsor Bank. Achas que serve?

Semicerro os olhos, tentando esconder o meu divertimento. Receava que ficasse chateada toda a noite, mas fico feliz por a ter animado.

– O meu tempo vale mais do que dinheiro, Valentina. Quanto tempo lá estivemos? Uma hora? – Ela anui, sorridente. Olhar para ela é um vício e eu quero mais. Como pode pensar que a vou deixar ir ao fim de três anos? – Deves-me uma hora, então – murmuro, aproximando-me. Roço os lábios nos dela e sorrio. – Uma hora com o meu nome nos teus lábios e o teu corpo à minha mercê.

Agarro-lhe a parte de trás do pescoço e beijo-a. Não com a habitual urgência, o que me deixa ainda mais excitado. A forma como a respiração dela fica suspensa, como move as ancas no meu colo, como entreabre os lábios a pedir mais. É um vício e ainda nem sequer a comi.

Geme e desce as mãos pela lapela do meu casaco. Eu sorrio e paro de a beijar.

– Despe-me – murmuro.

Ela tira-me o casaco, atira-o para o chão e desabotoa-me a camisa com o olhar tão repleto de desejo como o meu. Gosto que não faça jogos. Deixa-me ver que está excitada e age como tal. Finalmente! Ela tem-se andado a conter, e eu pensei que ia enlouquecer.

A Valentina respira fundo quando a minha camisa se abre e eu sorrio, beijando-a outra vez, agora com mais luxúria. Abro-lhe os lábios, roubando-lhe cada gemido. Agarro a blusa dela pela bainha e dispo-a impacientemente, parando o nosso beijo apenas o tempo suficiente para que isso aconteça.

– Foda-se! – rosno quando vejo o sutiã que está a usar. É impossível desviar o olhar daquela renda preta. – Vais matar-me! – sussurro enquanto lho tento despir.

A minha pila começa a latejar quando o tiro, deixando à vista as suas mamas perfeitas com os mamilos tesos para mim. Agarro-a pela cintura e ponho-a de joelhos sobre mim, com as mamas onde devem estar, na minha cara.

Chupo-lhe um mamilo, e ela geme o meu nome, deixando-me louco. Podia vir-me já, só de a ouvir. Ela agarra-me o cabelo, e olho para cima, fitando-a enquanto a provoco com a língua.

– Luca – sussurra com os olhos a espelhar desejo.

Sorrio e continuo a provocar a minha esposa. As minhas mãos descem por ela vagarosamente, desaparecendo debaixo da saia. A respiração dela é ofegante quando lhe desvio as cuecas molhadas, passando-lhe o polegar pela vulva.

Ela fecha os olhos e tensiona as ancas.

– Deus – suspira. É surreal tê-la assim ao meu colo, seminua, com a saia enrolada na cintura. Pensava que as fantasias que tinha com ela eram excitantes, mas não estava

preparado para a realidade. Nunca me vou fartar disto.

A Valentina procura as minhas calças e desaperta-as impacientemente com dedos desastrados. Rio-me e levanto as ancas, puxando as calças e os *boxers* para baixo, tão perdido de desejo como ela. Não me lembro da última vez que me senti assim.

A minha esposa volta a sentar-se no meu colo, com a minha pila perfeitamente posicionada contra ela, e abraça-me o pescoço, com as mamas contra o meu peito. Está tão perto, mas ainda não é o suficiente.

– Valentina – murmuro, aproximando os lábios dos dela –, isto está aqui a mais – digo, com os dedos enrolados nas suas cuecas. Quero sentir a vulva dela contra mim e não este pedaço de tecido. Rasgo-as e ela arqueja, mas beijo-a antes que possa reclamar.

– Sim – gemo, encostado à boca dela, quando começa a roçar-se em mim –, isso. – Ela geme e perdemo-nos num beijo com as mãos dela no meu cabelo e as minhas no rabo dela, apalpando-a, provocando-a.

A cada movimento, o meu pau vai entrando nela e beijo-a com mais intensidade, perdendo cada vez mais a sanidade. A forma como geme deixa-me louco e não sei quanto tempo vou aguentar.

– Para – gemo quando ela volta a tirar a ponta do meu pau de dentro de si, provocando-me. Viro-a, à bruta, até a ter deitada de costas com o cabelo espalhado pelo sofá.

Ela olha para mim de olhos semicerrados e lábios ligeiramente abertos. Sabe perfeitamente como me deixa louco.

Sorrio ao despir-lhe a saia, tendo-a, por fim, completamente nua.

– Não imaginas quantas vezes fantasiei com isto – sussurro, percorrendo-a com o olhar –, mas as minhas fantasias não te faziam jus.

Ela cora e o meu coração parece que para. Valentina Windsor. Sim, é oficial, estou obcecado. Tiro impacientemente a camisa que ela desabotoou e pontapeio as calças para longe, não quero sentir nada entre nós.

A Valentina esbugalha os olhos quando lhe abro as pernas e me ponho entre elas, fixando-se no meu pau. Morde o lábio, com o peito a subir e a descer em movimentos rápidos. É a mulher mais sensual que já vi e não acredito que é a minha *esposa*.

Inclino-me sobre ela e agarro-lhe os pulsos, pondo-os sobre a sua cabeça, seguros com uma mão, enquanto pego na pila com a outra.

– Luca – diz em tom preocupado –, sê gentil...

O meu coração acelera e anuo.

– Não te vou magoar – murmuro, penetrando-a com a ponta. – Estás tão molhada que escorre pelas coxas. Prometo que não te magoo.

Ela abana a cabeça quando entro mais um pouco, gemendo timidamente. Há um laivo de tormento no olhar dela, como se isto fosse demais, mas não o admitisse. Nem neste contexto a Valentina admite uma derrota.

Paro e seguro-lhe os pulsos com as duas mãos, pondo o meu peso sobre ela enquanto a olho nos olhos.

– Estás a ir tão bem – sussurro, gentilmente, penetrando-a mais um pouco.

Ela geme o meu nome sem tirar os olhos de mim.

– Linda menina – murmuro. – Continua a olhar para mim, Valentina. Só existimos eu e tu no mundo.

Observo-a a arquear as costas, a roçar o peito contra o meu. Beijo-a no pescoço, penetrando-a mais fundo.

– Estou quase todo dentro de ti. – Beijo-lhe o pescoço devagar em direção à orelha, até àquele ponto que a faz gemer o meu nome.

– É demais – geme com a voz trémula.

Saio quase totalmente de dentro dela e volto a entrar, devagar.

– Ê? – pergunto com movimentos meigos.

Os meus olhos encontram os seus e o meu coração fica descompassado. Há algo na forma como me olha que mexe comigo. É comum esconder um lado seu do mundo, e acho que nem sabe que o faz. Aqui, agora, enquanto a penetro... é minha. Quero que só pense em mim, que só tenha olhos e cabeça para mim.

– Que tal agora? – murmuro, entrando e saindo de dentro dela, devagar, até ela ficar ofegante e dominada pelo desejo. Não faz ideia de como é difícil resistir a penetrá-la bem fundo, mas, com ela, consigo ter uma paciência infinita.

– Sim – geme, movendo as ancas de forma coordenada comigo.

– Linda menina – murmuro, penetrando-a mais, fazendo-a gemer outra vez. Só tenho metade da pila dentro dela e não sei se aguenta mais.

– Luca – geme, e eu entro mais, beijando-a. Beijo-a devagar enquanto a penetro aos poucos, louco de desejo. Quero estar todo dentro dela, mas tenho medo de a magoar. Não me lembro da última vez em que me preocupei mais com o prazer de uma mulher do que com o meu.

Saio de dentro dela, e ela geme, surpreendida e desagradada, e ponho-me de joelhos entre as suas pernas. Agarro-lhe as coxas e ela arqueja e cora.

– Luca – suspira, tapando as mamas com as mãos.

– Não – digo-lhe –, mãos acima da cabeça. Não te escondas de mim, Valentina. Lembras-te do que me prometeste? – puxo-a para mim e mantenho as ancas dela erguidas enquanto a penetro e lhe esfrego o clitóris com o polegar. Ela põe as mãos sobre a cabeça e cora, sabendo que tem o corpo à minha disposição.

– És minha – lembro-lhe. – Cada pedacinho teu é *meu*. Olha para mim, meu amor. Vê como me deixas louco.

Mantenho o polegar no clitóris dela enquanto entro e saio, ainda receoso de a magoar. Sentir-me dentro dela quase me faz vir. Não me lembro da última vez que uma mulher me deixou neste estado.

Olho para ela enquanto a como, os seus gemidos são cada vez mais profundos. Coordeno os movimentos com os dos meus dedos, até a ter no limite.

– Queres-te vir para mim, esposa?

– *Sim* – geme –, sim, Luca, faz-me vir.

Sorrio e desenho-lhe círculos no clitóris, pressionando-lhe o ponto G com a pila. Adoro como geme o meu nome, como me deseja, como sempre devia ter sido.

– Queres muito vir-te?

Ela move-se, mostrando-me o que quer que faça com os meus dedos, comendo-me a mão e o pau ao mesmo tempo. Ver a Valentina revelar-se desta forma é a visão mais rara e mais fantástica que já tive. A minha secretária executiva, sempre tão controlada, está desesperada pela minha pila, desesperada por que a faça vir.

– *Luca* – geme.

– Diz-me de quem é este corpo – murmuro, apreciando a forma como a provoco. Deixou-me louco durante anos, atormentando-me em fantasias e sonhos.

– É teu – responde, suplicante. Ouvi-la dizer que é minha é tão excitante. Nunca me vou fartar disso. Finalmente! *Finalmente* é minha. – Sou tua, Luca. Toda tua, marido. Mais, por favor. Faz-me vir, Luca.

Foda-se! Valentina Windsor! Sempre que acho que estou em vantagem, ela muda o jogo. Ouvi-la chamar-me «marido» quase me faz vir dentro dela.

Sorrio e acelero o ritmo com que movo os dedos, esfregando-lhe o clitóris com força até ela não aguentar mais.

– *Oh, sim, Luca* – geme, e entro todo dentro dela, fechando os olhos por um momento,

sentindo-a contrair-se contra mim, quase me fazendo vir. Ainda agora comecei a comê-la e estou quase lá.

Inclino-me sobre ela e reposiciono-nos, sentindo uma necessidade desesperada de estar mais perto dela.

– Quando gemes o meu nome dessa maneira, é difícil não me vir logo.

Ela sorri sedutoramente, com os olhos ainda vidrados pelo orgasmo que acabou de ter. Percorre-me a nuca com as mãos de forma inebriante. Só existimos os dois neste momento e nunca senti nada tão real.

Saio e entro dentro dela vigorosamente, fazendo-a gemer. Ela arregala os olhos quando a penetro até ao fundo e abre ligeiramente os lábios.

– Eu sabia que aguentavas – murmuro antes de o fazer outra vez, com movimentos brutos, comendo-a, finalmente, como sempre desejei, quase a perder o controlo.

Ela entrelaça as pernas à minha volta, movendo-se comigo, com as unhas cravadas nas minhas costas.

– Não aguento – gemo, no limite. – É bom demais.

Não acredito que passei anos a mantê-la à distância, quando podíamos ter tido isto desde o início. A Valentina puxa-me a cabeça, beija-me e é a gota final. Como-a violentamente enquanto me venho dentro dela.

Acabo de me vir e já a quero outra vez. Três anos não será tempo suficiente.

Trinta e seis

Valentina

O Luca leva-me ao colo para o quarto, deixando as nossas roupas espalhadas pela sala. Segura-me tão ternamente, que é impossível não me sentir vulnerável. Sempre pensei que estar com ele fosse incrível, mas isto foi mais do que só sexo. Senti que ele *realmente* me queria. Por completo. Senti que era um pedido de desculpas pelo passado e uma promessa do que está por vir, tudo ao mesmo tempo.

Ele sorri e deita-me na cama, juntando-se a mim debaixo dos cobertores. Puxa-me para ele, calado, e acaricia-me as costas com uma mão, enquanto com a outra põe uma das minhas pernas em cima dele. Pensei que quisesse alguma distância depois do que acabámos de fazer, e esta intimidade surpreende-me. Faz-me disparar o coração e intensifica a minha vulnerabilidade.

Ponho uma mão sobre o peito dele e aninho-me, relaxando. Quando foi a última vez que me senti tão satisfeita? Acho que nunca.

– Como te sentes? – pergunta em tom grave.

Olho para ele, apreciando a linha do maxilar tão bem delineada e o brilho nos seus olhos.

– Dorida – admito –, mas num bom sentido.

Ele ri-se e beija-me a testa, surpreendendo-me. Nunca pensei que pudesse ser tão carinhoso. Será assim com todas as mulheres que leva para a cama ou isto foi tão especial para ele como foi para mim? Não devia querer ser a exceção, mas quero.

– És deliciosa – murmura. – Não sei como vou conseguir fazer qualquer outra coisa. Como serei capaz de olhar para ti sem pensar em estar dentro de ti?

Enterro o rosto no pescoço dele, envergonhada, mas isso só faz com que se ria novamente. O Luca abraça-me com mais força, provocando-me sentimentos que nunca deveria sentir. Afinal, isto é temporário. Se me sinto assim depois de estar com ele uma vez, como me vou sentir daqui a três anos? Não me quero voltar a magoar.

Afasto-me um pouco, mas ele não esmorece o abraço.

– Fica – resmunga –, fica aqui nos meus braços, onde pertences.

Parte de mim quer rebelar-se contra ele e mantê-lo à distância, como faço com toda a gente, mas ele sempre foi diferente. Nunca consegui dizer não ao Luca.

O meu nariz roça-se no pescoço dele, e beijo-o levemente na garganta, por impulso. Não sinto que seja meu, mas o homem que me abraça é, de facto, o meu *marido*. Será errado usufruir de alguns momentos com ele, mesmo que esses

momentos não me devessem pertencer? Irei arrepender-me? Estou estranhamente amedrontada, porque o tipo de felicidade que sinto neste momento é normalmente seguido de um desespero enorme. Aterroriza-me que a minha mãe possa estar certa.

O Luca enterra uma mão no meu cabelo e agarra-o com força, ainda ofegante. Nunca pensei estar abraçada a ele e assusta-me como isso me faz sentir bem. Se as coisas vão ser assim entre nós, em privado, não será difícil convencer as pessoas de que estamos apaixonados, porque até eu me deixo enganar. Talvez devêssemos ter feito isto antes de termos visitado a minha família. Talvez a minha mãe não tivesse respondido daquela forma.

– Luca – murmuro, com os lábios encostados à pele dele –, desculpa a minha mãe por ter sido tão mal-educada contigo hoje. Não há justificação, e sinto-me envergonhada.

Ele afaga-me o cabelo vagarosamente. Fecho os olhos, apreciando o toque, permitindo-me este momento de paz que me está a oferecer.

– Não me peças desculpa, Valentina. És a minha mulher e estamos juntos nisto.

As palavras dele sobressaltam-me. Estou tão habituada a estar sozinha e a não ter em quem me apoiar, que tê-lo ao meu lado me deixa confusa. Mesmo durante estes anos em que temos trabalhado juntos, a atmosfera entre nós tem sido antagónica, manchada por alguma desconfiança e algum desdém de ambas as partes. Eu estava sempre receosa de fazer algo que me custasse o trabalho, e o Luca sempre sentiu que não podia confiar totalmente em mim porque tinha sido contratada pela avó dele. Isto que está a acontecer agora é uma novidade para os dois.

– Disseste que valorizas a comunicação e, apesar de não ser o meu forte, concordo contigo. Quero ser melhor – murmuro. – Se vamos sobreviver juntos durante os próximos três anos, acho importante que percebas porque é que a minha mãe é assim. Não quero que não gostes dela ou que a culpes por ser rude. Ela tem boas intenções, mas foi constantemente magoada e desiludida ao longo da vida.

O Luca anui e a sua barba por fazer roça na minha testa. Continua a afagar-me o cabelo enquanto ganho coragem para lhe falar da minha infância. Tenho medo de que isso mude a ideia que tem de mim, mas não lhe posso esconder o meu passado.

Ele beija-me a testa e abana a cabeça.

– Não tens de me contar se não quiseres. A última coisa que quero é pressionar-te a contares-me algo antes de estares preparada para isso. Aqui, agora, não és a minha secretária executiva, Valentina. És a minha *esposa*. O teu futuro é comigo, mas o teu passado não tem de me dizer respeito.

Estendo uma mão na sua direção e percorro-lhe o contorno do rosto com os dedos.

– Acho que mereces saber. Talvez... talvez te ajude a compreender.

Ele anui e afasta-me o cabelo, carinhosamente, dedicando-me toda a sua

atenção.

– O meu pai... nasceu em berço de ouro, e a minha mãe... bem, para ser honesta, era quem limpava o pó a esse berço. Era uma das muitas empregadas da família dele. Nunca se deviam ter misturado. Eram de mundos distintos, mas, ainda assim, apaixonaram-se. – Respiro fundo, sentindo-me nervosa. – Quando a família do meu pai descobriu, ameaçou deserdá-lo, mas, por essa altura, a minha mãe já estava grávida de mim. Disseram que ela o tinha feito de propósito, que era uma caça-fortunas. Tentaram dar-lhe dinheiro, na esperança de que abortasse, mas o meu pai descobriu. Levou-a embora e foram morar juntos. Acho que estava a tentar fazer o que era certo, mas que não tinha noção do que isso implicava. De repente, perdeu todas as mordomias a que estava habituado e, como tinha sido deserdado, a maioria das pessoas que conhecia passou a desprezá-lo. Acho que ele pensou que ia correr tudo bem, que o iam perdoar quando eu nascesse, mas nunca o fizeram. Nunca quiseram saber de mim.

O Luca brinca com o meu cabelo enquanto me ouve atentamente.

– E depois? – pergunta, suavemente.

– Os meus pais passaram dificuldades durante anos e ainda me lembro das discussões constantes. Só percebi passado muito tempo, mas o meu pai começou a encontrar-se com a mulher com quem a família dele tinha pensado casá-lo. Lembro-me de que era misterioso com o telemóvel e de que a minha mãe passava a vida a interrogá-lo. Era tão nova, mas ainda me lembro de fragmentos das conversas deles. Dos gritos, das acusações e, acima de tudo, da forma como eu me sentia. Era um inferno. – Fecho os olhos por um momento e respiro fundo novamente. – Ele traiu a minha mãe durante um ano e acabou por nos deixar quando eu tinha sete anos. Lembro-me vividamente desse dia, porque era suposto ter-me ido buscar à escola e nunca apareceu. A escola teve de ligar à minha mãe e, quando chegámos a casa, ele tinha-se ido embora, não havia qualquer vestígio dele. Levou tudo o que tinha e desapareceu.

Inspiro tremulamente, e o Luca pega-me no rosto, amparando com o polegar as lágrimas que nem percebi que estava a chorar.

– Já mais velha, consegui encontrá-lo. Só queria uma explicação. Fui ao escritório dele, mas negaram-me a entrada. Saí de lá e escondi-me cá fora, convicta de que era um mal-entendido. Esperei horas até que um carro estacionou em frente ao prédio, e depois ele saiu. Do carro, saiu um rapazinho a correr. Ele abraçou-o e fê-lo girar nos braços. Depois, uma mulher juntou-se a eles, e ele beijou-lhe a testa com tanta ternura. Faziam um casal tão bonito, que eu percebi porque é que não me queria ver. – Fecho os olhos com força e volto a inspirar. – Anos mais tarde, descobri que tinha casado com a tal mulher que a família dele tinha escolhido, para que os pais o aceitassem de volta. Durante um ano, a minha mãe acusou-o de a trair e estava certa. Ele acabou por se apaixonar por aquela mulher e deixou-nos por ela. Enquanto ele começava uma vida nova, tudo o que eu tinha era a minha avó. A minha mãe nunca mais foi a mesma depois de ele a ter abandonado, e acho que era difícil para ela encarar-me. – Afasto-me um pouco para olhar para ele, tocando hesitantemente no seu cabelo. – Por isso é que ela

ficou tão desanimada e se preocupa tanto comigo. Acha que me estás a usar, ou que sou só um interesse passageiro. A minha mãe tem a certeza de que me vais deixar por outra mulher, uma que pertença ao teu mundo, como o meu pai fez. Ela não confia em pessoas ricas e nunca gostou que eu trabalhasse para ti. – Desvio o olhar e tento acalmar a dor que sinto no coração. – Ela está certa, claro. Daqui a três anos, cada um de nós seguirá o seu caminho. Vais encontrar alguém com quem queiras mesmo passar o resto da tua vida, e eu serei apenas uma memória distante. A mulher com quem vais envelhecer será, provavelmente, um ativo para ti, alguém tão influente como tu. Eu estou preparada para isso, mas a minha mãe não está. Ela acha que tem de me proteger e não será fácil convencê-la do contrário. Sei que lhe vou partir o coração daqui a três anos, mas, até lá, ajudas-me a acalmar as preocupações dela?

Ele anui e afaga-me o rosto. Passa o polegar pelos meus lábios e suspira.

– Então, a tua mãe... sempre foi assim? Desde criança que só conheces esta versão dela?

Anuo e desvio o olhar.

– Tenho boas memórias, antes de o meu pai se ter ido embora, mas não depois disso. Ela não esteve muito presente. Fui criada pela minha avó, porque a minha mãe trabalhava muitas horas. E quando estava em casa, era o que viste hoje. Magoada e a resmungar por tudo e por nada. Agora que sou mais velha, percebo. É uma mulher destroçada e quem se tenta aproximar corta-se nos pedaços quebrados. Não quero que as palavras dela te magoem, Luca.

Ele anui de olhar indecifrável.

– Não te preocupes, esposa – murmura. – Não me vai magoar. – Cala-se por um momento, observando o meu rosto. – Quando me pediste fidelidade, pareceu-me que tinhas dores tuas. Foi só pela história dos teus pais?

Arregalo os olhos e desvio o olhar, incapaz de o encarar.

– Não – sussurro, sem querer falar sobre isso, mas incapaz de lhe mentir.

Fico à espera de que me faça mais perguntas, mas ele apenas anui, inclinándose para me dar um beijo na testa.

– Entendido – murmura. – Serei paciente com a tua mãe e farei o possível para a tranquilizar.

Sorrio-lhe, grata, e ele afaga-me o cabelo. A expressão dele não é exatamente de compaixão, nem de pena... mas é uma expressão de *algo*. Faz-me sentir aliviada por ter partilhado a minha história, apesar de ser costume escondê-la. Alguma coisa no Luca me faz sentir confortável, e preocupa-me que tenha esse poder sobre mim.

– Valentina – diz, docemente –, desculpa ter-te chamado caça-fortunas no casamento do Ares. Foram palavras feias de qualquer forma, mas saber que a tua mãe teve de lidar com a mesma acusação e que provavelmente te advertiu sobre isso... desculpa. Percebo agora porque ficaste tão magoada, e se pudesse voltar atrás, tinha ficado calado.

Abano a cabeça, de coração pesado.

– Não faz mal. Não tinhas como saber.

– Mas estive mal na mesma e isso não me desculpa.

Percorro-lhe a face com a ponta dos dedos e sorrio.

– E, mesmo assim, eu desculpo-te.

– Diz-me, tens medo de que eu faça algo assim? Achas que te deixava por alguém como a Natalia?

O meu coração contorce-se de dor e desvio olhar.

– Teria, se o nosso casamento fosse verdadeiro, mas não é.

Daqui a três anos, cada um seguirá o seu caminho em total liberdade. Não devia sentir qualquer preocupação, mas, a cada dia que passa, torna-se cada vez mais difícil imaginar a minha vida sem o Luca.

Trinta e sete

Valentina

O lho para o relógio e suspiro enquanto entro em casa às onze da noite.

Ando a evitar o Luca há alguns dias, trabalhando até tarde e fazendo questão de sair antes dele de manhã. Desde que dormimos juntos que me sinto estranhamente nervosa e desconfortável, mas não por causa do sexo. A questão foi a intimidade que se seguiu.

O Luca trata-me como sempre no trabalho, mas a forma como me olha mudou. Receio que tenha descido na consideração dele ou que tenha pena de mim. Trabalhei arduamente para construir a minha imagem profissional e acho que a arruinei numa única noite. Além disso, preocupa-me que os limites da nossa relação se estejam a desvanecer. Havia muito tempo que não partilhava tanto de mim com alguém e talvez tenha falado demais.

A última vez que desabafei assim com alguém, acabei com o coração partido.

O Luca tem-me deixado confusa, não sei como lidar com esta versão dele. Pensei que sabia exatamente quem ele era e o que podia esperar deste casamento de conveniência, mas já nada me parece assim tão conveniente. Quando me pediu para casar com ele, fez com que parecesse algo tão simples. Pensei que ia fingir ser a esposa dele perante a família e, em privado, nada mudaria. Não podia estar mais enganada. A cada dia que passa, mais receio tenho de me magoar novamente e de, desta vez, ficar magoada para sempre.

Paro a caminho da cozinha e escondo-me, instintivamente, ao ouvir a voz do Luca.

– Ai sim? – diz suavemente. Pensei que já estaria deitado.

Espreito de trás da esquina e vejo-o junto ao fogão, com os auriculares postos. Está de calças de fato de treino cinzentas, o que já não ajuda, e a *t-shirt* preta que tem vestida cola-se ao peito de uma maneira que me dificulta desviar o olhar.

– Não fiques assim – murmura, gentilmente.

Fico tensa, sinto um nó no estômago. Com quem estará a falar? Nunca o ouvi falar assim com mais ninguém, só comigo, e, mesmo assim, só o começou a fazer depois do casamento. Quem o está a fazer expor um lado seu que me escondeu durante anos?

– Eu sei. Eu trato disso, prometo.

Fico com o coração apertado e respiro tremulamente. Será a Natalia? Ainda me lembro de como olhou para ela quando ela apareceu no escritório. Quando ficaram

noivos, pareceu-me paciente, embora relutante, com ela, mas, da última vez que falaram, agiu de forma diferente. Foi mais amável, mais gentil. Algo nessa altura não me caiu bem e deixou-me irracionalmente ciumenta. Escondi-me atrás da porta e continuo a ouvir, incapaz de reprimir a minha curiosidade. As notícias do cancelamento do noivado saíram esta manhã, talvez esteja a assegurar-lhe de que isso não a afetará negativamente.

Observo-o a tirar os auriculares, de coração instável.

— Quanto tempo vais ficar aí, Valentina? — fico tensa, ele ri-se e vira-se para me encarar. — Já chega de me evitares, não?

Aclaro a voz e desvio o olhar. O Luca fica incrível de fato completo, mas prefiro quando se veste de forma casual.

— Não te estava a evitar.

Ele desliga o forno e encosta-se à bancada. Uma mão desaparece no bolso das calças, de onde tira o relógio de bolso de ouro que tem sempre consigo.

— Já passa das onze e só agora é que estás a chegar a casa. Tiveste reuniões todos os dias desta semana e vens sempre tarde para casa. Porque é que te estás a esconder?

Aproximo-me e tiro um copo do armário atrás dele, dando o meu melhor para parecer despreocupada.

— Tenho estado ocupada, só isso — digo-lhe, mas até a mim soou pouco convincente.

O Luca aproxima-se e envolve-me a cintura com um braço, ficando atrás de mim. Empurra-me contra a bancada e pressiona o corpo contra o meu, deixando-me presa no seu abraço.

Respiro fundo quando me desvia o cabelo e se inclina, encostando os lábios ao meu pescoço.

— Ai sim? — sussurra. — Ou será que é isto que queres evitar? — Beija-me o pescoço, subindo suavemente até à orelha. — Estás ocupada ou estás com medo de não resistires a isto que está a acontecer entre nós?

Sobe uma mão para o meu peito e gemo quando me beija abaixo da orelha. Sinto-o ficar com tesão, e ele esfrega-se contra mim, mostrando-me o quanto me deseja.

— Responde — pede-me, movendo uma mão até ao meu cabelo e abraçando-me com mais força.

Agarra-me o cabelo e puxa-o, expondo mais o meu pescoço. Os lábios dele descem-me pela garganta e eu tremo de desejo.

— Só ocupada — minto, com a voz rouca.

Ele ri-se e liberta-me, fazendo-me gemer, contrariada.

— Ah! — diz, afastando-se. Encosta-se a uma bancada e passa uma mão pelo cabelo, claramente a exhibir a ereção através daquelas calças de fato de treino. — Erro meu, então — acrescenta.

Pestanejo, incrédula, desapontada por ele ter parado. Ele olha-me nos olhos com uma expressão provocadora, como se me estivesse a desafiar a ir até ele para pedir mais. Mordo o lábio e desvio o olhar, detendo-me no telemóvel dele. Fico a

olhar para ele por um momento, incapaz de sossegar a inquietação que sinto. De certeza que estava a falar com uma mulher. Tenho acesso ao telemóvel profissional, mas não ao pessoal, por isso não consigo descobrir quem era.

Prometeu ser-me fiel, mas não é algo que o possa forçar a cumprir. Pode ter-se arrependido de ter casado comigo e querer retificar o erro. No fim de contas, a Natalia é uma melhor escolha para ele do que eu alguma vez serei.

O Luca olha para o telemóvel e ri-se quando lhe pega. Fica a olhar para ele por um instante, abana a cabeça e depois entrega-mo.

– O código é uma combinação do aniversário da minha avó com o da minha mãe: 327812.

Franzo a testa e olho-o de forma interrogativa, mas ele limita-se a sorrir com a generosa paciência que sempre escondeu de mim.

– Toma!

– Eu... porquê? Eu...

– Faz o que te digo, Valentina.

As minhas mãos tremem quando pego no telemóvel de coração acelerado. Fico nauseada só de pensar nele com outra mulher.

– Vê a última chamada – diz ele em tom meigo.

Olho para cima, e ele inclina a cabeça e olha para mim. O seu olhar está repleto de algo que não consigo identificar.

Os meus dedos tremem quando digito o código. Parte de mim não quer fazer isto porque tem medo do que vai encontrar, mas uma parte maior de mim precisa de saber.

– Sierra – murmuro, sentindo-me aliviada.

O Luca aproxima-se e pega-me no rosto, fazendo-me olhar para ele.

– Não sei o que vai nessa cabeça, Valentina, mas posso dizer-te isto: nunca, nunca te vou trair. Nunca te vou maltratar ou desrespeitar. Sei que já estive mal no passado. Tratei-te mal e fui longe demais quando te demitiste. Eu sei. Mas foi tudo porque não te queria perder. Nunca farei nada que te leve a queres deixar-me.

Olho-o nos olhos, absorvendo a sua profunda sinceridade.

– Porque estás a fazer isto? – pergunto com a voz trémula.

Acordámos que não nos íamos apaixonar, por que raio olha para mim desta forma?

Ele passa o polegar pelos meus lábios e sorri, mas o olhar dele parece desfocado, como que perdido numa memória só sua.

– Porque reconheço as tuas preocupações nas perguntas que não fazes. Eu sei o que é ser traído, Valentina. Não sei quem ele era, e não quero saber, mas ele não sou eu. Enquanto estivermos casados, não haverá mais ninguém além de ti.

Uma estranha forma de ciúme instala-se no meu estômago.

– Quem era ela?

O Luca afasta-se e sorri timidamente.

– Alguém que vai permanecer no passado, onde espero que também mantenhas o homem que te fez duvidar de mim por estar a conversar com a

minha irmã. A forma como olhaste para mim... não foi o trauma dos teus pais que vi. Era mais do que isso. Eu não sou ele, não me olhes com essa desconfiança.

Como pode ter havido uma mulher de quem nunca ouvi falar? Ou aconteceu antes de nos conhecermos ou conseguiu esconder uma relação de mim e da família dele. Magoa-me ouvir a dor que a voz dele transmite.

– Para de te esconderes de mim, está bem? – Desvia o olhar e despenteia o cabelo. – Se continuares assim, será difícil convencer as nossas famílias de que estamos apaixonados.

Coro e desvio o olhar. É estranho estar aqui com ele, nesta situação. É o homem que adorava odiar, mas parece-me que, se calhar, não fazia sentido odiá-lo e não sei como reagir.

– Entendido – murmuro sem saber que dizer.

Ele sorri e afasta-me o cabelo da cara num gesto terno.

– Espera aqui – diz-me antes de sair da cozinha, deixando-me nervosa. Esta é uma das razões por que o tenho evitado. Ele faz-me sentir fraca e vulnerável e não me quero voltar a sentir assim. Só me trará desgostos.

O Luca regressa com um par de chinelos felpudos rosa na mão e ajoelha-se à minha frente.

– Comprei-os para ti. Usa-os em casa, Valentina. Não andes descalça – diz, levantando-me um pé e calçando-me um dos chinelos. – O chão está frio.

Olho para ele estupefacta, incapaz de não me derreter. Porque me trata assim quando é suposto o nosso casamento ser uma farsa?

– Pensei que odiavas a cor rosa.

Ele ri-se e desvia o olhar, passando uma mão pelo cabelo num gesto estranho... *tímido*.

– Odeio, mas tu adoras.

O Luca volta para o fogão e liga-o.

– Afinal sabes cozinhar – murmuro, sorrindo.

Ele olha-me por cima do ombro e sorri-me humildemente. Nunca pensei que o Luca pudesse ser *fofo*, mas é exatamente isso que é.

– O cozinheiro está de folga e não me apetecia encomendar comida. Para ser sincero, só sei mesmo fazer este estufado. É extremamente difícil que saia mal, por isso, não te preocupes, não vou fazer explodir a nossa cozinha.

A *nossa* cozinha. Ele continua a fazer e a dizer coisas que me fazem disparar o coração. Quando nos casámos, estava tão certa de que não me apaixonaria novamente, de que este seria um casamento de negócios. Se o Luca tivesse continuado a tratar-me como sempre, estaria tudo bem, mas ele insiste em deitar abaixo as minhas defesas e não sei como o impedir. A cada dia que passa, conquista mais partes minhas às quais nunca sequer devia ter tido acesso.

– Falaste com a tua mãe? – pergunta.

– Não. Liguei-lhe várias vezes, mas ela não me atende. Normalmente, ia a casa uma vez por mês, pelo menos. Queres... vir comigo? Talvez ver-nos juntos a tranquilize. A minha mãe não é uma pessoa fácil, mas não quero que se preocupe comigo.

O Luca olha-me por cima do ombro e anui.

– Claro – diz, virando-se depois para o fogão –, tudo o que quiseres.

Fico a olhar para ele, incapaz de o decifrar. Três anos pareceu-me tanto tempo, mas começo a recear que não seja tempo suficiente.

Trinta e oito

Valentina

Como é que me pudeste fazer isto? – pergunta a Sierra, de olhar atormentado. – Às duas – diz, dando uma cotovelada na Raven, sentada ao seu lado.

Chegaram quando o Luca saiu para a noite de póquer, e acho que não se vão embora enquanto não terminarem o seu interrogatório.

De alguma forma, estava mais preparada para enfrentar a avó Anne do que isto.

Temos falado no nosso grupo de mensagens desde o desfile da Raven, mas, além de me terem desejado felicidades, não disseram muito mais. Pensei que o faziam por saberem quão desconfortável é para mim falar sobre a minha vida privada, mas parece que as subestimei. Estavam só à espera de uma oportunidade para me encurralar pessoalmente.

– Eu... desculpem por não vos ter dito nada – murmuro de faces coradas. A ideia de as desiludir parte-me o coração. Eu sei que lhes é difícil aceitar que eu tenho dificuldades em deixar que as pessoas invadam o meu espaço pessoal e, ao longo dos anos, sempre perdoaram os períodos em que, involuntariamente, as afastei, mas até eu admito que esconder-lhes isto foi demais. Acho que as fiz sentir que não são verdadeiramente minhas amigas e não sei como sair desta situação.

– Eu e o Luca decidimos manter as coisas em segredo até termos oficialmente comunicado à avó Anne, mas devia ter-vos contado. Desculpem.

A Sierra semicerra os olhos na minha direção.

– Não é com isso que estou preocupada. Como é que me pudeste privar da oportunidade de organizar a tua despedida de solteira? Não chega a Raven se ter casado a correr e me ter privado dos meus deveres de dama de honor? Como é que me pudeste fazer o mesmo?

A Raven suprime um sorriso e abana a cabeça.

– Para de a atormentar – diz à Sierra e vira-se para mim. – Além disso, sabemos bem que eu seria a escolhida para dama de honor.

Olho para elas com doçura e suspiro de alívio quando percebo que não estão zangadas comigo.

– Vocês... eu estava tão preocupada. Pensei mesmo que não me iam perdoar o secretismo. Fazem ideia de quantas vezes ensaiei esta conversa na minha cabeça?

A Sierra e a Raven olham uma para a outra e depois sorriem.

– O Luca estava de rastos quando te despediste – diz a Raven. – Era óbvio que

não te ia deixar ir embora. Não estou nada surpreendida com isto.

O Luca estava de rastos? Não o consigo sequer imaginar. Calculo que estivesse apenas chateado por eu estar a desfazer os seus planos. Ele não gosta de mudanças, e apanhei-o desprevenido.

A Sierra olha-me nos olhos, cruza as pernas e inclina-se para mim.

– Então, é de verdade? O casamento?

Olho para baixo numa tentativa de disfarçar o choque, com o coração a mil. Que respondo a isto? Uma coisa é esconder-lhes o casamento, outra, completamente diferente, é mentir-lhes. Mas não posso não cumprir o contrato. Que faço?

– Percebo – diz a Raven com um sorriso. – Achas que não é? És tão engraçada!

Olho para ela, confusa, e ela sorri-me.

– Resolveram ver no que dava durante três anos, até o Luca ter a sua herança?

Respiro fundo e desvio o olhar.

– Não posso responder a isso – digo-lhe, com honestidade, deixando as minhas palavras transmitirem a verdade que não posso verbalizar.

– Quando dormes com ele, parece-te mais do que sexo? – pergunta com os olhos a brilhar.

A Sierra resmunga, enojada, e tapa as orelhas com as mãos, até decidir que quer saber mais, porque baixa uma das mãos.

– Sim – admito, de certeza corada como um tomate.

– Ele tem ciúmes e é possessivo?

Lembro-me de como reagi quando o Theo passou pela minha secretária, dos documentos novos e das alianças.

– Sim, mas o Luca é assim.

A Sierra ri-se e abana a cabeça.

– Não, Val. O Luca é assim quando o assunto és *tu*. Ele não quer saber de mais ninguém. Lembras-te de quando fomos apanhadas a entrar no escritório do Xavier? Eu sou irmã dele e, quando fomos presas, ele deixou-me atrás das grades sem qualquer misericórdia. Se não estivesse comigo, ele nem tinha aparecido. Tinha deixado que o Xavier tratasse do assunto.

Desvio o olhar e tento ao máximo suprimir a ponta de esperança que sinto. Não devia sequer querer que o Luca se preocupasse comigo – não foi esse o acordo. Então, porque sabe tão bem sentir que ele se preocupa?

– Enfim – exclama a Raven –, se o teu casamento não é real, ele não se vai importar se sairmos esta noite, certo? A Sierra tem razão. Eu nunca tive uma despedida de solteira e tu também não.

Fico especada a olhar para ela.

– O Luca pode não se importar, mas o Ares não vai gostar.

A Raven sorri.

– Nunca vão saber, estão na noite de póquer.

A forma como a Sierra sorri é um prelúdio de problemas e eu não devia ceder.

Mas, por algum motivo, passada uma hora, estamos numa discoteca, e eu estou a usar um dos vestidos que a Raven desenhou para mim. Estou um pouco tocada e

não paro de sorrir, cortesia do vinho que bebemos enquanto nos preparávamos. Será que sabiam que precisava disto, de uma noite com as minhas melhores amigas e sem qualquer preocupação?

– ‘Bora – diz a Sierra, fazendo-me rodopiar. Agarra-me pela cintura, ficando atrás de mim, e dançamos como se fôssemos um casal bêbedo e demente. Vou rindo dos péssimos movimentos de dança da Raven. Que está ela a fazer? A fingir que é um robô? É ridículo ver uma mulher tão bonita como ela a ser tão parva, mas é exatamente isso que adoro nela. A Sierra e a Raven encurralaram-me, mas estou a adorar cada minuto desta noite.

– Val?

Sinto um braço a envolver-me a cintura e fico angustiada quando olho para cima e vejo uns olhos azuis que conheço tão bem.

– Ben? – o meu coração desfaz-se ao vê-lo, a dor reaviva-se. Passaram oito anos desde a traição, mas parece que foi ontem. – Que fazes aqui?

– Conheces? – pergunta a Raven, sendo protetora. Anuo, não as quero preocupar.

Pelo que sei, o Ben tinha-se mudado para a Austrália por motivos profissionais. Que faz aqui? Porque me cruzei com ele aqui, agora?

Ele percorre o meu rosto com o olhar. A sua expressão está repleta do mesmo tormento que sinto.

– Tive saudades tuas – murmura-me ao ouvido. – Tinha esperança de te encontrar. Só voltei há alguns dias e aqui estás tu. É o destino!

Afasto-o e tento não parecer afetada pelas suas palavras. Se isto é o destino, o meu deve estar amaldiçoado.

– Preferia que tivesses ficado onde quer que estivesses – digo ríspidamente, com o coração acelerado.

O Ben agarra-me um pulso e tento que me largue imediatamente, mas ele segura-me com força.

– Val, por favor, podemos falar? Deixa-me, pelo menos, pedir-te desculpa.

A Sierra aproxima-se, mas depois para e muda de ideias, de olhos arregalados. Não demoro muito tempo a perceber porquê.

– E que tal tirares as patas de cima dela antes que fiques sem elas? – ameaça o Luca. Viro-me para deparar com o meu marido atrás de mim de olhos raiados de fúria.

Trinta e nove

Luca

Olho para a pista de dança através das paredes envidraçadas do escritório do Hunter. O Ares e o Xavier estão ao meu lado.

O Xavier olha irritado para o irmão, mas o Hunter apenas abana a cabeça.

– Liguei-vos assim que elas entraram, e os seguranças têm estado atentos. Não tenho nada que ver com isto.

Olho para o Xavier com má cara, surpreso com a sua raiva. Porque está *ele* tão chateado por elas terem vindo a uma discoteca? Percebe que o estou a observar e ergue as sobrancelhas.

– Que foi? – pergunta. – Arruinaram a noite de póquer. Sabiam perfeitamente que vocês vinham a correr quando soubessem. Aposto que a Sierra escolheu esta discoteca porque sabe que é do meu irmão. Está a tentar irritar-me outra vez.

Ignoro-o e olho para a Valentina, a Sierra e a Raven a dançarem juntas. Estão tão divertidas que não resisto a sorrir. Quando foi a última vez que vi a Valentina rir-se assim? Acho que nunca – nunca o fez ao pé de mim.

O Ares passa uma mão pelo cabelo e resmunga ao dirigir-se à porta, certamente com vontade de levar a sua esposa para casa, mas paro-o agarrando-o pelo braço.

– Deixa-as – digo, gentilmente. – Estão tão divertidas.

Volto a olhar para a minha esposa com o coração cheio de um sentimento que não sei identificar. É uma espécie de arrependimento e de ciúme e de dor, tudo ao mesmo tempo. Gostava de a fazer rir assim.

Nunca pensei no que ela deve ter perdido por trabalhar para mim. Nunca lhe dei a oportunidade de ter vida social, estava sempre de plantão para mim. Passou a década dos vinte anos a trabalhar para mim, sem nunca ter feito uma pausa decente. Até as férias eram passadas com a família. Suponho que foi essa a razão para se despedir de um momento para o outro. Não o percebi na altura, mas percebo-o agora. Vê-se pela forma como se ri e como dança com a minha irmã. Quando, finalmente, tinha ganhado coragem para se pôr em primeiro lugar, eu cortei-lhe as asas.

Sinto um arrepio na espinha quando vejo um homem aproximar-se dela. Fala com o segurança perto delas e, para minha irritação, ele deixa-o passar. Assim que o braço dele se posiciona na cintura da Valentina, saio porta fora com o sangue a ferver.

Demorei menos de um segundo a perceber que ela o conhece, e o olhar dela revelou-me tudo o que preciso de saber. Pode ter passado a vida ao meu lado, no trabalho, mas arranjou tempo para quem quer que aquele tipo seja. Há uma história ali, e vou garantir que se mantém no passado.

Está a agarrar a minha esposa pelo pulso quando me dirijo a eles, vermelho de fúria.

– E que tal tirares as patas de cima dela antes que fiques sem elas? – ameaço, sacudindo-lhe a mão.

Agarro a Valentina pela cintura e puxo-a para mim. Segundos depois, um segurança

leva o tipo embora. Os braços da Valentina podem estar à volta do meu pescoço, mas os seus olhos seguem aquele homem.

– Valentina – resmungo –, quem raio era aquele?

Ela olha para mim, envergonhada e um pouco bêbeda.

– Ninguém – diz, sorrindo da forma que odeio.

Porque têm a Sierra e a Raven direito a gargalhadas genuínas e eu só tenho estes sorrisos falsos?

– Não me pareceu que não fosse ninguém.

Ela olha para mim com tanta vulnerabilidade, enquanto me abraça com mais força, colando-se a mim.

– Luca, está tudo bem. Não foi nada – garante-me.

– Vamos para casa – digo-lhe, pegando-a ao colo.

Ela sobressalta-se e olha à volta.

– E a Sierra e a Raven?

– O Ares leva-as a casa – digo, enquanto a carrego até ao carro.

A Valentina mantém-se calada enquanto o motorista levanta a divisória entre nós, dando-nos privacidade. Olha para mim com uma expressão que me deixa louco de ciúmes. Parece assombrada, destroçada, e tenho a certeza de que aquele sacana é o motivo. É ele a razão pela qual ela me disse que não queria amor? É ele a razão pela qual ela insiste em terminar o casamento ao fim de três anos, aconteça o que acontecer?

– Quem é ele? – pergunto em tom suave. Nunca a vi olhar para um homem daquela maneira. Nunca olhou para *mim* daquela maneira.

– Luca – murmura, virando-se para mim. Num movimento rápido, ponho-a ao meu colo, o vestido curto dela subindo até às ancas. Olha para mim como se não visse mais nada, como se o homem que a deixou destroçada desaparecesse quando a abraço. Só queria que fosse verdade, mas não creio que seja.

Agarro-a pela cintura e ela suspira, passeando as pontas dos dedos pelo meu peito. Desliza as mãos para trás do meu pescoço, puxa-me para me beijar, e a minha determinação vacila. Devia afastá-la e continuar a fazer perguntas, mas sou um fraco perante ela. Faz isto de propósito, sem dúvida. É uma armadilha, e eu sou uma presa fácil.

Gemo quando sinto a língua doce dela a roçar-se na minha, o toque vagaroso, mas urgente. Puxa-me o casaco, e eu dispo-o. Depois, deslizo as mãos pelas coxas dela até debaixo do vestido.

– Valentina – gemo –, responde ao raio da pergunta.

Ela afasta-se um pouco para olhar para mim, a luxúria no olhar dá lugar à melancolia. Passa os dedos pelo meu rosto com um sorriso fraco.

– Ele é a razão pela qual não tens de te preocupar com que eu me apaixone por ti.

Sinto um murro no estômago quando desvio o olhar, tão ansioso como triste. Nunca me ocorreu que o coração que fingi não querer tivesse estado, afinal, sempre fora do meu alcance.

– Porque é que me estás a fazer isto? – sussurro. – Porque é que tens sempre de me deixar doido? Gostas de me ver sofrer? É vingança?

Ela pega-me no rosto, passando o polegar pelos meus lábios antes de me beijar sofregamente, como se quisesse apagar as palavras que não devia ter dito. É tão fácil perder-me nela, mas, se o fizer, nunca sairei disto inteiro.

Puxo-a para mim e retribuo o beijo e a sofreguidão, levando algum tempo até a ter a contorcer-se no meu colo com as ancas a denunciarem o seu desejo.

– Luca – geme encostada aos meus lábios. Nunca me cansarei de a ouvir gemer o meu nome. É tão excitante! Não se compara a nada.

Não posso ser o único a sentir-me assim. Não posso ser só eu que me estou a

apaixonar.

– Valentina – sussurro, precisando de mais do que me está a dar –, olha para mim.

A respiração dela é ofegante quando levanta a cabeça e me desabotoa a camisa.

– Linda menina – murmuro. – Não quero que olhes para mais ninguém além de mim, ouviste? Não te atrevas sequer a pensar em mais ninguém além de mim.

Ela anui, deixando transparecer alguma vulnerabilidade.

– Só tu, Luca – promete. A minha mão desaparece entre as pernas dela e sorrio quando percebo como está molhada. Só preciso disto. Aquele olhar... como se lhe enchesse a mente até quase transbordar, afastando qualquer outro pensamento.

A minha esposa desaperta-me as calças e pega-me na pila, fechando os olhos por um momento com um sorriso malicioso.

– Queres o meu pau? – pergunto com a voz grave.

Ela diz que sim com a cabeça, de olhar suplicante, e é impossível não sorrir.

– Monta-me. Faz o que quiseres. Sou todo teu, Valentina.

A expressão dela transforma-se, parece mais do que apenas luxúria, e o meu coração dispara como nunca o fez. Olhamos um para o outro enquanto ela me faz penetrá-la, devagar, até ao fundo.

– Sim – gemo. – Isso, põe-me todo dentro de ti.

Ela monta-me devagar, gemendo, enquanto a agarro pelo cabelo. É deslumbrante olhar para ela, e é minha.

Tenho de garantir que não se esquece disso.

Quarenta

Luca

Tento ao máximo parecer desapontado quando o Stephen Harris, o meu diretor de operações, comunica à administração que se vai reformar. Já não era sem tempo! Mal posso esperar para ver o sorriso da minha esposa quando lhe der a notícia. Ela é perfeita para esta função e, verdade seja dita, há anos que anda a fazer o trabalho deste tipo. Agora terá o devido reconhecimento.

Esta notícia é a única coisa que alegra a manhã merdosa que estou a ter. Na noite passada, não consegui dormir, com a mente a repetir as palavras da Valentina. *Ele é a razão pela qual não tens de te preocupar com que eu me apaixone por ti.*

É alguma espécie de carma? É uma vingança por a ter atormentado durante anos, por não ter percebido o que tinha? Ela é minha esposa agora, mas, de alguma forma, sinto que nunca será verdadeiramente minha. Deu-me o seu corpo, mas não é só isso que quero.

– Compreendo que isto seja um choque para alguns de vocês, mas não se preocupem. Ficarei até o meu sucessor completar a formação, claro – diz o Stephen.

Ninguém foi apanhado de surpresa. Concordamos todos que até tardou a acontecer. Tudo neste homem é moroso. Até a forma como fala é irritantemente lenta. Por que raio fala assim?

– Seria bastante difícil passar anos de conhecimento, mas tenho o candidato perfeito em mente.

Ergo uma sobranceira, surpreso. Qualquer pessoa nesta mesa sabe que só há uma pessoa qualificada, a minha esposa. Sabem tão bem como eu quem tem vindo a fazer todo o trabalho.

– Permitam-me que vos apresente o meu filho, Ben. Contratei-o recentemente para a minha equipa, na expectativa de que me venha a substituir.

A secretária do Stephen abre a porta da sala de reuniões e entra uma cara familiar. Levanto-me da cadeira no topo da mesa e cerro a mandíbula. É ele. O homem com quem a Valentina estava a falar na discoteca. Que raio está a fazer na minha reunião?

Os olhos dele encontram os meus quando para junto do pai, claramente reconhecendo-me. Por um momento, parece aflito, mas muda rapidamente de expressão. Parece que se lembra de me ver com a Valentina.

– O meu filho foi o diretor de operações da Ferie Finance, na Austrália, durante anos. Quando me disse que estava pronto para regressar a casa, soube que me podia reformar descansado e passar a pasta. Decerto concordarão que a experiência profissional dele é extremamente relevante e é exatamente o que procuramos.

Vejo os outros anuir e começo a bater com o dedo na mesa, impaciente. Que raio se está a passar? Os olhares que o Stephen troca com toda a gente denunciam que já os tinha amolecido antes. Este plano de sucessão não é recente e apanhou-me de surpresa. É raro isso acontecer.

– Terei de analisar o seu percurso, mas, pelo que diz, creio que o podemos considerar

um candidato – digo cautelosamente. Até herdar as minhas ações, sou apenas um empregado como qualquer outro, e adoram lembrar-me disso quando podem. Não posso mostrar raiva, senão todos ficarão do lado deste otário.

O Stephen sorri-me, claramente satisfeito com o meu comentário.

– Está feito. Ele pode assumir a função assim que me reformar. Começarei a sua formação imediatamente.

Recosto-me na cadeira e encaro-o com uma expressão fria.

– Eu disse que seria considerado um candidato, mas não será o único. Quero nomear alguém e imagino que os outros membros terão também as suas recomendações.

O Stephen parece surpreso, como se estivesse mesmo à espera de que o assunto estivesse encerrado.

– Outro candidato? – franze a testa, o que o faz parecer ainda mais um porco.

– A Valentina.

O Ben encolhe-se discretamente e arregala os olhos. Quem raio é este idiota? Se fosse mesmo o diretor de operações da FERIA, seria qualificado para este lugar, mas parece-me que não fez o seu trabalho de casa. Devia saber que ia competir com a Valentina. Claramente, é um cabrão de um convencido preguiçoso, tal como o pai.

– Mas... é a tua secretária – diz atabalhoadamente o Stephen. – Como... como pode ser diretora de operações?

Franzo a testa e inclino-me, pondo o cotovelo sobre a mesa.

– Como não? Já faz o teu trabalho, não já? Porque não reconhecê-lo e compensá-la por isso?

Ele fica branco e depois vermelho, o que me diverte. Dá-me paz saber que o Ben irá envelhecer como o pai. Tão pouco atraente!

– Temos dois nomeados – diz o James Lee, diretor de tecnologia. – Devemos testá-los.

Ouvem-se murmúrios pela sala, enquanto trocam ideias uns com os outros. Entretanto, eu estudo o Ben. Até o nome é estúpido. Lembra-me de uns desenhos animados que via quando era criança. O meu olhar perturba-o, pois começa a ficar inquieto, passando as mãos pelo fato, depois pelo cabelo. Começa a abanar as pernas e vai olhando ora para mim ora para os seus sapatos.

Com que então é um medíocre! Sorrio, satisfeito. Não sei o que a Valentina viu neste otário, mas talvez seja a minha oportunidade de fazer com que o esqueça. Por vezes, as nossas memórias são distorcidas, lembramo-nos do passado como sendo mais doce do que foi. Talvez ela só precise de uma boa dose de realidade.

– Não vale a pena complicar as coisas. São ambos qualificados, o que nos trouxe o maior cliente para o fundo de especulação fica com o lugar – digo, sabendo que a Valentina o conseguirá facilmente. Não há quem não a conheça no meio e é muito respeitada. Será fácil para ela, especialmente competindo com alguém cujos contactos estão na Austrália.

– Parece-me justo – diz o James.

Os restantes membros da administração anuem e eu levanto-me.

– Têm dois meses para fechar um acordo. Empenhem-se.

A porta fecha-se atrás de mim e deixo cair a máscara. Nunca pensei ver aquela cara outra vez, mas aqui está, na minha empresa. Será a vida a fazer pouco de mim? Que merda é esta?

Só a ideia de a Valentina olhar para ele outra vez como o fez ontem à noite põe-me a arder de fúria. Estou apreensivo a caminho do meu gabinete, sentindo-me inquieto, quando vejo a minha esposa. Está a teclar na sua secretária e para com uma mão no ar. A sua aliança reflete a luz. Esta manhã, sem ela dar por isso, meti-lha no dedo. Pensei que ia demorar mais tempo a perceber. É absurdo o quanto quero que o mundo saiba que ela é

minha. Quero que saibam que está fora de alcance e, agora, mais do que nunca. Quanto mais me dá, mais medo tenho de a perder. Era suposto isto ser um acordo simples, com uma validade estipulada, mas as minhas intenções falharam todas assim que ela adormeceu nos meus braços. Não vou permitir que me deixe.

Ela olha para mim e percebe que a observo. Sorri-me docemente. Pensei que poderia estar a ruminar sobre o Ben, mas parece-me bem-disposta. Até acho que está mais doce hoje. De alguma forma, sinto-me mais próximo da Valentina, como se ela tivesse baixado algumas defesas para mim. Será que ver o Ben no escritório vai fazer regredir os progressos que fizemos?

Encaminho-me para ela e inclino-me, passando uma mão pelo seu cabelo enquanto lhe roubo um beijo rápido. Pensei que me ia afastar e repreender, mas agarra-me o pescoço e retribui o beijo. Não faz ideia do que me faz sentir. É uma loucura!

– Estamos no trabalho – murmura com os lábios contra os meus. – Alguém pode ver.

– Talvez queira que vejam.

A Valentina afasta-se e lança-me um olhar de aviso, mas o brilho nos olhos anula o ar sério.

– Não te atrevas – diz, sorrindo discretamente.

Vejo o dedo nu e ela a segurar na aliança.

– Puseste-me isto no dedo ou estou doida? Disse-te que não a ia usar no escritório.

Sorrio-lhe de coração pesado.

– Talvez queira que toda a gente saiba que és minha. Consegues culpar-me?

Ela esbugalha os olhos e cora deliciosamente, fazendo disparar o meu coração. É tão dolorosamente linda!

– Valentina – murmuro –, há algo que tenho de te contar. – Ela ergue o sobrolho, inquisidora. – O Stephen vai reformar-se, e nomeei-te candidata ao lugar de diretora de operações.

Ela salta da cadeira e cola-se a mim, as mãos contra o meu peito e o rosto tão perto do meu. Está a desafiar-me a beijá-la novamente?

– Diz-me que não estás a brincar, Luca. Não te vou perdoar se estiveres.

Agarro-a pela cintura e encosto a testa à dela, inspirando por um momento. Sou um viciado, agarrado ao cheiro dela como um idiota. Afasto-me um pouco para a observar e abano a cabeça.

– É verdade.

Ela arregala os olhos, põe-se em bicos de pés e beija-me, ignorando o cenário onde nos encontramos. Só queria pegar nela e comê-la no meu gabinete até a inquietude que sinto se apagar, mas não posso. Quer queira quer não, terei de jogar este jogo.

– Valentina – murmuro com os lábios encostados aos dela –, não és a única candidata.

Ela afasta-se quando ouve passos e eu suspiro, desejando poder apenas enviar uma circular a dizer a toda a gente que ela é minha. Odeio brincar às escondidas com ela.

– Como assim? Quem mais poderia... – Olha para lá de mim. Os seus olhos faíscam de choque e sofrimento. – Ben – murmura.

Sinto o estômago contorcer-se dolorosamente. Cada pedaço de mim reage violentamente ao ouvir o nome dele nos lábios dela.

Ele para em frente à secretária, e eu ponho-me ao lado da minha esposa.

– Ele é o outro candidato – digo-lhe, relutante.

A mágoa no olhar dele reflete a dela. É óbvio que a história entre os dois deixou marcas. Como a posso apagar? Como posso apagar qualquer vestígio dele se ele está mesmo aqui e olha para a minha esposa como se a quisesse de volta?

Quarenta e um Valentina

Val – diz o Ben com o olhar repleto do mesmo arrependimento que mostrou ontem à noite –, podemos falar?

O Luca, ao meu lado, está angustiado e toca-me ao de leve na mão. Olho para ele e lança-me um olhar tão implorante, tão incomum, que não me consigo focar em mais nada. É como se me pedisse, silenciosamente, que não vá com o Ben, que fique aqui, com ele.

– Val? – repete o Ben, acordando-me dos meus pensamentos.

Viro-me para ele, tão estupefacta, que fico sem palavras. Nunca pensei voltar a vê-lo e aqui está ele, pela segunda vez à minha frente em menos de vinte e quatro horas. É sinistro, parece que a vida me está a lembrar do que pode acontecer se me deixar levar pelos sentimentos que o Luca desperta em mim. Parece um lembrete de que não tenho direito a momentos felizes.

– Que fazes aqui? – pergunto com a voz firme.

Estava em choque e emotiva ontem à noite, mas, olhando para ele agora, percebo que não faz qualquer sombra ao meu marido. É-lhe inferior em todos os aspetos e não é só por ser um sacana de um traidor.

– É o filho do Stephen – informa-me o Luca – e o candidato com quem vais disputar o lugar.

Arregalo os olhos e cerro os dentes. Quando namorámos, costumava gabar-se da posição sénior que o pai tinha numa grande empresa. Sempre soube que o Stephen tinha um filho no estrangeiro, devia ter percebido. Surpreendentemente, nunca associei uma coisa à outra.

Sorrio sem vontade, com o estômago às voltas. Matei-me a trabalhar para ser, pelo menos, considerada para a função de diretora de operações, e ele simplesmente entra por aqui adentro, do nada. Vê-lo magoa-me, mas o que me mata é saber que me pode roubar ainda mais do que já roubou.

– Por favor, Val. Podemos falar? Vamos trabalhar juntos durante algum tempo. Não achas que seria melhor...

– Seria melhor o quê? – interrompo-o. – Lembrar o passado? Para quê?

Ele passa uma mão pelo cabelo e olha para mim com a expressão que dantes me fazia disparar o coração. Anseio. Desejo. Reverência. Foi o que me fez dar-lhe uma oportunidade. Não quis saber do meu contexto e do facto de não pertencer ao grupo dos alunos ricos que o rodeavam. Foi a primeira pessoa que me fez sentir

vista, e deixá-lo entrar no meu espaço pessoal foi o princípio do meu fim.

– Como está a tua mãe?

Sinto um arrepio na espinha e luto para não perder as estribeiras. A dor transforma-se instantaneamente em raiva e mal consigo forçar um sorriso.

O Luca cruza os braços e olha friamente para o Ben.

– Se queres discutir assuntos pessoais, sugiro que o faças fora do horário de trabalho – diz. O tom dele é perfeitamente educado, mas noto a raiva que está a tentar esconder. Sei que reconheceu o Ben e será impossível evitar as suas perguntas.

Não quero que saiba. Levei anos a ser a pessoa que sou hoje e não quero que descubra que é tudo uma charada.

– Não há problema – digo ao meu marido. O Ben tem razão, vamos trabalhar juntos e competir pelo mesmo lugar. O melhor a fazer é ter já esta conversa. – Vem comigo, Ben.

O Luca fica apreensivo e segura-me um pulso com força. Olha-me nos olhos com uma expressão indecifrável.

– Não – murmura.

Sorrio-lhe para o tranquilizar, e a expressão dele muda enquanto me larga o pulso. Cerra os dentes e, por um momento, hesito. Algo na sua postura faz-me doer o coração. Parece-me derrotado.

Observa-me enquanto encaminho o Ben para uma sala de reuniões, e não consigo evitar virar-me para trás e olhar para ele. A forma como me olha faz-me sentir que o estou a desiludir. Estarei?

Abano a cabeça quando percebo que estou demasiado focada no Luca até quando me sento em frente ao Ben. Sempre pensei que seria fraca e patética quando o visse novamente, mas, afinal, nada disso aconteceu. O que sinto não é o coração partido. Estou desapontada e envergonhada. Alguém como ele nunca deveria ter tido o poder de me magoar.

– Nunca te esqueci, Val. Há anos que te tento contactar. Abandonaste-me sem uma palavra e mudaste de número de telemóvel.

– E nem assim percebeste?

Ele encolhe os ombros, e eu suspiro, irritada. Não sei o que mais me chateia – o facto de ele me lembrar de como eu era fraca ou de ter de competir com ele, tendo ele uma vantagem óbvia. O que sei é que o que ainda sinto por ele não tem nada que ver com amor. É ressentimento manchado de humilhação.

– Nunca me arrependi tanto, Val. Ver-te acelera-me o coração como dantes. De certeza que também sentes o mesmo. Nunca consegui amar ninguém como te amei a ti. Nunca te esqueci, Val. E se tu me tivesses esquecido, não me tratarias com tanta frieza. Enquanto estiveres chateada comigo, sei que tenho uma hipótese, certo?

Franzo a testa com a raiva a aumentar.

– Passaram oito anos, Ben. Porque seria calorosa contigo quando apareceste aqui do nada e estás a competir comigo pelo meu trabalho de sonho? O teu ego continua tão inchado como sempre. Quem achas que és? Só aceitei falar contigo

para não alimentares esses delírios. Não tenho qualquer interesse em falar do passado.

Ele olha para mim como se não acreditasse no que digo, e suponho que a sua incerteza seja certa. Ele tem razão. Sinto ressentimento e ódio e, por uns segundos, o meu coração vacilou. Vê-lo fez-me sentir tudo outra vez, mas foi um sentimento fugaz.

– É por causa do Luca Windsor? Era ele que estava contigo na pista, não era? Andas com ele?

Cerro os dentes por um instante enquanto decido como lhe responder.

– Não viste as mulheres com quem estava? Eram a irmã e a cunhada do Luca. Achas que estariam ali sem seguranças?

Por algum motivo, não quero esconder o nosso casamento. É mesquinho, mas quero que o Ben saiba que casei com um homem muito melhor do que ele alguma vez poderá ser, mas, se o provocar dessa forma, será o último a rir-se quando nos divorciarmos. Não vale a pena.

Ele desvia o olhar e anui, como se o que eu disse fizesse todo o sentido. Suponho que lhe seja impossível sequer imaginar que eu e o Luca estamos juntos. Isso faz-me sentir mais amargurada do que devia.

– Quero-te de volta – diz em voz suave. – Era novo e parvo e não sabia o que tinha. Sei que não mereço, mas farei tudo para ter outra oportunidade contigo.

Franzo a testa, irritada.

– Namorar contigo foi e sempre será um dos maiores erros que cometi.

Estou a ponto de lhe dizer que sou casada, mas, se o nosso casamento for público, pode arruinar as minhas hipóteses. Ninguém se importa com o nepotismo se for o Stephen e o filho dele, mas seria diferente se soubessem da minha relação com o Luca.

– Dás-me outra oportunidade se desistir deste trabalho? Só te peço que jantes comigo. Dá-me a tua companhia por uma noite.

Deixo escapar um riso sobressaltado e ele arregala os olhos, surpreso.

– És um idiota pretensioso e arrogante – digo-lhe, revelando a raiva que sinto. – Só por pensares que tens qualquer hipótese de ganhar o lugar quando estás a competir *comigo*, vejo que não me conheces minimamente. Não preciso que desistas, porque não és nenhuma ameaça, seu idiota condescendente.

Não pensei que fosse ter tanta clareza de pensamento quando o enfrentasse e quem me dera ter reagido assim ontem à noite. É verdade que me lembra das razões pelas quais não ando à procura do amor, mas não é por ainda ter sentimentos por *ele*. É porque me lembra da dor inevitável que se sente quando se abre o coração a alguém.

Reviro os olhos e levanto-me.

– Não quero voltar a falar disto – aviso-o. – Não há nada entre nós e assim continuará.

Sinto o olhar dele em mim quando me afasto, mas, pela primeira vez desde que acabámos, sinto que houve uma conclusão.

Quarenta e dois

Luca

– **Q**ue achas da Azure como alvo? – pergunta a Valentina no tom profissional de sempre. Saímos juntos sob o pretexto de a ajudar a preparar a batalha que a espera, e é ridículo. Não devia ter de arranjar desculpas para sair com a minha esposa, mas aqui estamos. Quero-a mais a cada dia que passa. A Valentina faz-me desejar coisas que jurei nunca vir a desejar.

Passo uma mão pelo cabelo e respiro fundo.

– É uma opção, mas são conhecidos por terem uma carteira muito diversificada. Investirão, mas não tanto quanto precisas.

É a mesma pessoa que sempre foi – sem coração e fria como gelo. O que pensava que era a sua maior qualidade tem-se tornado o meu maior obstáculo. Sou louco por querer que me olhe calorosamente fora da cama também? Perdi a cabeça? Possivelmente, porque a quero por inteiro.

– Era mais fácil se me deixassem participar, investia eu os meus fundos – murmuro.

A Valentina abana a cabeça.

– Não. Eu consigo. Não preciso que...

– Eu sei – interrompo-a, pegando-lhe na mão. – Sei que não precisas de mim, mas *quero* ser a pessoa a quem recorres quando precisas. Sou o teu *marido*. Às vezes, parece que te esqueces disso.

Ela tira a mão de debaixo da minha e fica a olhar para o prato. Tem-me parecido ainda mais fria e apostado que o Ben é a razão disso.

– Luca – diz, apreensiva –, este casamento é temporário. Não me posso apoiar em ti. Não achas que o tempo está a passar a correr? Preciso de aprender a safar-me sozinha.

Desvio o olhar e cerro os maxilares.

– Porque estás tão desejosa de me deixar?

– Não estou – diz, sem qualquer emoção –, mas como em qualquer acordo de negócios, isto vai terminar. Acho melhor não complicarmos ainda mais as coisas. Não quero que as nossas vidas se entrelacem ainda mais. Quando isto terminar, quero ter uma vida só minha, não quero ficar presa ao passado. Desde que tenho memória que a minha vida não é *minha*. Vivi sempre para outra pessoa e não quero continuar a fazê-lo.

Olho para a minha esposa com o coração pesado. Ouvir isto devia animar-me. porque me sinto, em vez disso, atormentado?

– A Elena e o Alexander Kennedy – digo-lhe em tom suave. – O Alec é meu amigo de longa data e sei que está à procura de um novo fundo para investir o capital da família. A empresa anterior não teve um bom desempenho, por isso, estará recetivo à nossa proposta. Vão organizar um baile de solidariedade em breve, podemos falar com eles nessa altura.

Ela parece surpreendida, a digerir a informação.

– Ótimo! – exclama. – Têm capital suficiente para ganhar a qualquer cliente que o Ben

traga.

Cerro o maxilar, irritado pela menção do nome dele. Não quero o nome daquele idiota nos seus lindos lábios. Ela deixa-me doido e, no entanto, não me parece minimamente afetada. Olho para o seu dedo nu e suspiro. Desde que o Ben apareceu que, todas as noites, lhe ponho a aliança às escondidas e todas as manhãs ela a tira. Disse-me que a usaria fora do escritório, e não sei se apenas se tem esquecido ou se não quer ser vista a usá-la.

Fico a olhar para ela por um momento, a apreciar a sua beleza. Há oito anos que está ao meu lado, mas, durante esse tempo, nunca senti nada por mim. Terei alguma hipótese?

– Valentina, qual foi o significado de me teres dito que o Ben é o motivo pelo qual não tenho de me preocupar com que te apaixones por mim? – Desde que ele apareceu que ela me parece ainda mais inalcançável. Tenho-me esforçado por não mostrar como me sinto quando ele olha para ela, quando paira à volta dela, mas estou quase a perder a cabeça. – Ainda sentes alguma coisa por ele?

Parece apanhada desprevenida, e eu respiro tremulamente, com medo da resposta.

– Não – responde-me em tom firme –, não sinto.

Observo-a, tentando perceber se está ou não a ser sincera.

– Então que querias dizer? Diz-me a verdade. Prometemos que íamos comunicar, não foi? Isto é importante para mim, preciso de saber.

Ela olha-me nos olhos. A sua expressão torna-se mais vulnerável a cada segundo que passa. Odeio que alguém, além de mim, a possa fazer sentir-se assim.

– É complicado, Luca – diz, respirando fundo. – O Ben é... para mim, é a prova de que um homem como tu nunca ficará com uma mulher como eu. É o lembrete de que eu precisava, só isso.

Passo uma mão pelo cabelo e inspiro com todas as forças que tenho.

– Valentina, que raio queres dizer com isso?

Ela desvia o olhar, fechando os olhos por um instante.

– Não interessa. Fomos muito claros sobre a nossa relação desde o início, o que é e o que não é. Porque estamos sequer a falar sobre isto?

Não me deixa entrar no seu espaço. Sempre que acho que progredimos, damos dez passos atrás. Devia estar grato por ela ser tão boa a manter os limites, mas odeio-o. O contrato que assinámos será o meu fim.

– A mim interessa-me. Desde que ele apareceu que ando louco. Disseste-me uma vez que pensares em mim com a Natalia te atormentava, não foi? – Ela anui e eu desvio o olhar enquanto esvazio o copo de vinho. – É isso que sinto agora. Só consigo pensar em que raio de poder tem ele sobre ti e isso preocupa-me. É muito difícil para mim admitir isto, mas estou a tentar. Ele incomoda-me! Se calhar não tenho o direito de me sentir assim, mas não consigo evitar. Odeio ouvir-te dizer o nome dele e não paro de pensar no que me disseste. Porque é que ele é a razão pela qual não te vais apaixonar por *mim*? Só pode ser por ainda estares apaixonada por *ele*.

Ela olha fixamente para o prato, com uma expressão ausente, e depois levanta a cabeça. Nunca vi tanta incerteza no seu olhar.

– Ajuda se eu te contar o que aconteceu entre mim e o Ben?

Aceno que sim com a cabeça, de coração pesado. Não sei o que ela me fez, mas não reconheço quem sou. Parece que ela também reparou nisso.

A Valentina suspira e desvia o olhar.

– Falei-te sobre os meus pais, certo? A minha mãe sempre me disse para não confiar em homens ricos e para me lembrar sempre do meu lugar. Não tinha qualquer intenção de me apaixonar, muito menos por um homem rico, mas o Ben foi implacável. Conhecemo-

nos na faculdade e ele arranjava qualquer desculpa para estar comigo: escolhia as mesmas disciplinas opcionais ou aparecia no café onde eu trabalhava a tempo parcial. Estava em todo o lado e a única coisa que me pedia era que saísse só uma vez com ele. Pareceu-me inofensivo e esforçou-se realmente para me encantar. Acabei por ceder, e começámos a namorar. Pensei que tinha encontrado a felicidade e, por uns meses, senti que tinha saído da sombra da minha mãe. É engraçado pensar nisso agora. Como pude acreditar que tinha direito àquilo? – ri-se, sombriamente, e parte-me o coração. Ninguém merece mais ser amado do que ela. – Depois, a minha mãe teve um acidente e eu tive de deixar a faculdade para tomar conta dela e da minha avó. O Ben garantiu-me que íamos manter a nossa relação a distância e que nada mudaria. Eu acreditei. Ele fez-me acreditar. Ligava-me todos os dias e mandava-me mensagens o dia todo. Acreditei mesmo que era a única na vida dele e que a nossa relação sobreviveria a qualquer coisa. Pelo aniversário dele, poupei dinheiro e fui visitá-lo. Pensei que o ia surpreender e que ficaria feliz por me ver... – respira tremulamente e baixa o olhar. – Entrei no quarto dele e ele estava em cima de uma amiga nossa. Fiquei devastada, mas foi mais do que uma simples traição. Era a prova de que a minha mãe estava certa. Pensei que a minha vida seria diferente, que não me aconteceria o que lhe aconteceu, mas a minha primeira relação acabou exatamente como ela me disse que acabaria. Acho que foi aí que deixei de acreditar no amor. – Olha pela janela e suspira. – Não há nada com que tenhas de te preocupar. Não sinto nada por ele, Luca. Algum ressentimento, talvez, só isso.

– Percebo – murmuro, sem saber o que sentir.

Pensei que seria difícil competir com os presságios que a mãe lhe meteu na cabeça, mas saber que os ignorou uma vez e saiu magoada faz com que seja quase impossível convencê-la de que sou diferente. A traição de que foi vítima deixou marcas profundas, e o seu coração, que tanto desejo, poderá não ter espaço para mim.

– De que falaram há duas semanas, quando ele apareceu no escritório pela primeira vez? – Quem me dera que ela não lhe tivesse dado essa oportunidade. Vejo-lhe culpa no olhar e fico ansioso.

– Ele disse que me quer de volta – diz com voz suave.

Sinto um murro no estômago, a minha cabeça cria imagens dos dois juntos. Estão a disputar o mesmo lugar, mas, por causa disso, veem-se demais para o meu gosto. E se um serão de trabalho se transforma numa conversa, num pedido de desculpas... num beijo roubado?

Gemerá o nome dele como geme o meu? Fará a mesma expressão de desejo com ele? Conhecerá ele o corpo dela melhor do que eu? É óbvio que foi o primeiro amor dela, mas é provável que tenha sido o primeiro noutras coisas. Dizem que uma mulher nunca se esquece do primeiro amor, e começo a recear que seja verdade.

– Luca – diz ela em tom amável. Olho para cima, tentando manter uma expressão neutra. – Disse-lhe que era louco e discutimos. Não tens de te preocupar, mas também não te queria mentir.

– Ele sabe que somos casados?

Os olhos dela abrem-se ligeiramente e abana a cabeça. Claro que não sabe. Ela não quer que ninguém saiba. Terá sido ele um dos motivos para isso? Pode dizer-me que só sente ressentimento, mas a linha que separa o amor do ódio é muito ténue. Saber que ainda sente alguma coisa quando olha para ele deixa-me preocupado.

O empregado limpa a mesa e ficamos calados até chegar a conta. Não foi assim que imaginei esta noite. Os nossos dedos roçam-se ao caminharmos para a saída, e ela afasta-se sem que tenha tempo para lhe dar a mão, deixando-me ainda mais frustrado. A minha esposa não me dá a mão em público, e isso deixa-me furo! Pode dizer-me que não sente nada pelo Ben, mas ele fez com que ela se afastasse de mim.

– Luca Windsor?

A Valentina fica nervosa, rígida, e viro-me para dar de caras com Miguel Garcia. Está em frente ao restaurante, e olha para mim e para a Valentina alternadamente. Estica a mão e aperto-a, hesitantemente, confuso por o diretor executivo da maior seguradora do país estar a olhar com hostilidade para a minha esposa. Quererá ficar sem um olho?

– É difícil encontrar-te, Luca – diz-me, olhando novamente para a Valentina. Ergue uma sobrancelha e sorri. – Liguei várias vezes para o teu escritório e enviei *emails* à tua secretária, mas, por algum motivo, e por maior que seja a quantia que tenho para investir, é-me sempre dito que não tens disponibilidade.

Quando olho para a Valentina reparo numa ponta de pânico nos seus olhos e ela baixa a cabeça. Não é normal ignorar propositadamente potenciais clientes, principalmente se já temos alguma relação com eles. Que se passa? Ela sabe que ele gere todas as apólices de seguro da família Windsor. Por mais pequeno que fosse o investimento dele, mudaria tudo.

A família Garcia é tão influente e vasta como a Windsor. Comparados com o resto do império deles, o Miguel e a sua ReInsure são peixes pequenos – tal é o poder dos Garcias. O Miguel não é o patriarca, mas é poderoso o suficiente para ter sido nomeado diretor executivo de uma das suas mais rentáveis empresas. É alguém com quem tenho de lidar com tacto.

Olho para o Miguel, e ele não desvia o olhar da Valentina. É mais velho, mas não posso negar que seja atraente. Já tenho de lidar com o *Ben* e agora aparece-me este parvalhão também? Talvez tenha de ocupar a minha esposa ainda mais, para que não tenha tempo de atrair estas moscas mortas.

– Se calhar não te lembras – diz-me ele –, mas eu ainda me lembro de ti sentado ao meu colo quando eras pequeno. Eu era amigo do teu pai.

Cerro os dentes.

– Não me lembro, de facto. Não sou uma pessoa sentimental, Dr. Garcia, mas se há coisa que não suporto é que pessoas que não conheço tragam à baila os meus pais.

Ele parece arrependido pelo que disse e anui.

– Compreendo. – Pega na carteira e passa-me um cartão de visita. – Dei um cartão meu à tua secretária quando a vi há alguns meses, mas, claramente, nunca o recebeste.

Encaro-o e ponho uma mão nas costas da Valentina.

– Sim, parece que houve algum mal-entendido – digo-lhe em tom suave, apesar da raiva que sinto. – Dá-me a sensação que pensa que a Valentina é apenas uma secretária. Está enganado. É a pessoa em quem mais confio, o meu braço direito, na prática, codiretora executiva da empresa. Se ela não lhe concedeu uma reunião, por alguma razão terá sido. Não preciso de saber qual foi e, sinceramente, não me interessa. Se ela disse que não, é não. Respeito a opinião dela acima de tudo e sugiro-lhe que faça o mesmo.

A minha esposa olha-me tão chocada e com tanto apreço que o meu coração se contorce. Não sabe ela o quanto a tenho em consideração? Se calhar não. Afinal, nunca o expressei. Talvez as palavras que não disse tenham causado mais estragos do que julgava.

Aponto a porta à minha esposa, pronto para a levar a casa. A noite inteira foi um fracasso. Queria que passássemos tempo juntos, mas acabou por nos afastar ainda mais.

O arrumador dá-me as chaves do carro, e abro a porta à minha mulher. Ela nem sequer olha para mim, está focada no Miguel.

Sinto-me inquieto ao ligar o carro e recosto-me.

– Primeiro o Ben e agora o Miguel – murmuro, fechando os olhos por um momento. – Que têm eles que eu não tenho?

A Valentina vira-se para mim com um olhar atormentado.

– Luca – diz com a voz tremer –, não é nada disso, juro. O Miguel... ele... ele é o meu

pai.

Fico a olhar para ela de olhos esbugalhados. Miguel Garcia, o diretor executivo da maior seguradora do país, é o *pai* dela? Como é que isso escapou a toda a investigação que fiz sobre ela?

Só há uma forma de isto se ter mantido um segredo. *A minha avó*. Ela sabe de certeza, e escolheu não o revelar. Mas porquê?

Quarenta e três

Luca

– **Q**ue fazes aqui tão cedo? Porque não trouxeste a Valentina? – pergunta a minha avó, sentando-se à minha frente na mesa de jantar. Os empregados servem-nos o pequeno-almoço, mas eu estou sem apetite.

– Ela tinha uma reunião – respondo com a verdade –, e também não a queria presente nesta conversa.

O sorriso doce da minha avó desvanece-se e dá lugar à frieza que normalmente reserva às pessoas que não são da família.

– Ai sim? – pergunta, indicando-me com um gesto que continue.

– Miguel García.

Fica séria e suspira.

– O diretor executivo da ReInsure?

– Não se faça de desentendida – digo-lhe impacientemente. Adoro a minha avó tanto quanto qualquer dos meus irmãos, mas a nossa relação sempre foi diferente. Nunca fomos tão próximos, em parte, porque, ao contrário dos meus irmãos, nem sempre acho que aja no nosso melhor interesse. Se o fizesse, nunca me teria obrigado a ficar noivo da Natalia. Também não gostei de que não tivesse encorajado o Ares a procurar a sua felicidade mais cedo, quando toda a gente sabia que era a *Raven* que ele amava, e não a irmã dela. Não acredito que ponha a nossa felicidade e os nossos sentimentos acima do lucro. Os meus irmãos adoram-na cegamente, gratos por nos ter acolhido quando os nossos pais morreram, mas eu não.

– Quando descobriste? – pergunta, desapontada.

Observo-a, esforçando-me por encontrar as palavras certas. A única coisa que sei é que o Miguel é o pai da Valentina, tudo o resto é especulação. Mas ela não sabe disso.

– Quando a Valentina me disse quem ele era, não foi difícil juntar as peças. Só havia uma forma de eu não ter descoberto: se a avó tivesse pedido ao Silas que não me contasse. Depois disso, foi fácil descobrir o resto. Porque o fez?

Ela olha para o prato e suspira.

– Surpreende-me que a Val te tenha falado dele. É um assunto doloroso para ela. Nunca pensei que falasse. Afinal, trata-o como se ele estivesse morto. – A minha avó põe uma madeixa de cabelo atrás da orelha e noto que a sua mão treme. Estranho. Acho que nunca a vi nervosa. – Que querias que fizesse, Luca? – pergunta, cabisbaixa. – Quando vi o nome dela na lista de candidatos, reconheci-a imediatamente. Ainda me lembro de ir com os teus pais visitar os da Val quando ela nasceu. O teu pai foi colega de faculdade do Miguel e, quando ele saiu de casa da família, foi das poucas pessoas que o apoiaram. Lembro-me de que torcia por eles e ficou bastante chateado quando o Miguel as abandonou. A amizade do teu pai com o Miguel terminou no dia em que ele abandonou a Val. Eu sei que se os teus pais ainda estivessem vivos, fariam tudo para a ajudar. Ela era demasiado pequena para se lembrar, mas eles adoravam-na.

Bebe um trago do seu chá e fica em silêncio por um instante, dando-me tempo para digerir toda esta informação. A avó quase nunca fala dos meus pais, e esta é uma história que nunca ouvi antes. Por algum motivo, consigo imaginar o meu pai a cortar relações com o Miguel pela forma como abandonou a Valentina e isso deixa-me orgulhoso. Penso no que diriam se soubessem que acabei por me casar com ela.

– O currículo dela estava vazio, e preocupava-me que não conseguisse encontrar um trabalho. Pensei que não havia mal nenhum em dar-lhe uma oportunidade. Ainda bem que o fiz, porque contratá-la foi a melhor decisão de recrutamento que alguma vez tomei. É perfeita no seu trabalho. – Para por um momento e abana a cabeça. – Mas se ela soubesse que tinha conseguido o trabalho em parte devido à relação entre os vossos pais, ter-se-ia despedido. Não quer ter nada que ver com ele e, infelizmente, ele também a quer manter escondida. Pela calada, ele andava a sabotá-la. Nunca permitiria que ela conseguisse um trabalho onde desse nas vistas, porque ele não quer que se saiba que abandonou a família. Só admitirá que ela é sua filha se tiver algo a lucrar com isso. – Olha-me nos olhos, suplicante. – E tu? Se soubesses que eu tinha um motivo para a contratar e que se tratava de nepotismo, ter-lhe-ias dado uma oportunidade? Odiaste-a quando a contratei e fizeste de tudo para lhe infernizar a vida. Que aconteceria se soubesses? Terias usado essa informação contra ela, não é verdade?

Recosto-me, consumido pela culpa. Torturei-a durante anos, dizendo-lhe que tinha recorrido a meios desonestos para conseguir o trabalho, e, durante esses mesmos anos, ela matou-se a trabalhar para provar que eu estava errado. Se descobrir a verdade, o sucesso que alcançou com o seu trabalho árduo ficará manchado.

– A minha esposa não pode descobrir – digo de forma assertiva.

A avó sorri.

– Não disse uma palavra durante anos, Luca. Porque o faria agora?

Fico a olhar para ela por um momento, como se a visse pela primeira vez.

– Porque é que a põs a trabalhar comigo?

Ela ri-se e inclina a cabeça, sorrindo pretensiosamente.

– Porque sabia que ela iria prosperar ao teu lado. Eu sei o que lhe dizias, mas também vi como te esforçavas para a formar e as inúmeras oportunidades que lhe deste. Continuaste a apoiá-la mesmo quando ela cometeu erros que nunca perdoarias a qualquer outra pessoa. Podes ter gritado com ela e feito com que ela se sentisse pessimamente, mas sempre a apoiaste e corrigiste os seus erros. Até os escondeste por vezes, pensando que eu nunca descobriria que algumas das perdas da empresa eram consequência direta de erros da Val. Foi por isso, Luca. Porque sempre disseste uma coisa, mas fizeste outra, e sabia que, apesar da tua relutância, lhe darias a oportunidade que ela merecia. Apostei nela, em ti e no que poderiam ser juntos.

Franzo a testa, com os pensamentos a irem numa direção que nunca pensei que tomassem. Não terá, com certeza, posto a Valentina ao meu lado sabendo que nos poderíamos apaixonar? Abstraio-me dessa ideia e suspiro. Claro que não! Se nos quisesse juntos, ter-me-ia feito casar com ela, não?

Quarenta e quatro

Valentina

Tens mesmo a certeza de que queres ir? – pergunto pela décima vez, parte de mim com esperança de que ele mude de ideias. É suposto ficarmos em casa da *Abuela* hoje, mas estou nervosa por ele ir comigo. Há meses que o ando a adiar, mas não consigo pensar em mais desculpas. Se mantiver a distância, só vou magoar a *Abuela*.

Já é difícil fingir à frente da minha mãe, mas agora que o Luca sabe tudo sobre o meu pai, ainda me preocupo mais. Além disso, ele tem estado estranho, e não sei o que se passa. Tem estado mais gentil, mas também mais calado e muito mais distante. Pensei que teria perguntas sobre o meu pai, mas não fala sequer no assunto, e não percebo porquê.

– Posso ir sozinha. Não estaríamos a quebrar as regras, será só uma noite.

Não me envergonho do meu passado, mas assusta-me mostrar-lhe um lado meu que é o exato oposto da imagem que lhe tento passar. Num único aspeto da minha vida, quero ser confiante e respeitada. Quando estou com o Luca, no trabalho, posso ser a versão que sempre quis ser. Tenho medo de que passe a olhar para mim de forma diferente se conhecer o meu verdadeiro eu.

A cada mês, tenho-me tornado mais insegura e assustada. A mulher com quem pensa que casou e aquela que verdadeiramente sou não são a mesma, e morro de medo de que me abandone quando o perceber. Ao mesmo tempo, uma pequena parte de mim tem esperança de que, mesmo que descubra, continue a querer-me. É um sentimento perturbador querer tão desesperadamente algo que prometi a mim mesma que nunca desejaria.

O Luca encaminha-me para o carro em silêncio.

– Sei que a tua mãe ainda está preocupada contigo – diz, finalmente, com uma voz suave. – Mal recomeçou a falar contigo. Que pensaria se aparecesses sem mim?

Ele tem razão. Mas não paro de pensar no que seria pior: ir visitar a minha família sem ele ou ele ver como é verdadeiramente a minha família? Já é mau ouvir comentários desagradáveis sobre o meu pai, mas é ainda pior agora que sabe quem ele é.

Estou tão perdida nos meus pensamentos que nem reparo que já estamos a estacionar em frente à casa da *Abuela*. Parece que acordo de um transe quando o Luca me abre a porta do carro. Oferece-me a mão e eu seguro-a delicadamente, detendo o olhar na minha aliança.

Três diamantes. Um por cada ano que vamos passar juntos. Estou cada vez mais preocupada com o efeito que este casamento vai ter em mim. Quando terminar, terá feito estragos ou conseguirei sair disto intacta?

– Val – diz a minha mãe, com uma expressão fria, quando entramos. Não parece feliz por nos ver, mas também não parece tão chateada como previa. – Luca – a voz dela vacila quando diz o nome dele. É óbvio que lhe é difícil vê-lo como algo mais do que meu chefe. – Entrem, vão arrumar as vossas coisas. Eu vou fazer um chá. A *Abuela* está a dormir, não façam barulho.

Anuo e encaminho o Luca escadas acima, sentindo os nervos a subirem-me pela espinha.

– Valentina – diz –, não estejas tão nervosa. Estiveste em casa da minha avó tantas vezes! É a mesma coisa.

Olho para ele e abano a cabeça. Não, não é nada a mesma coisa. Ele cresceu rodeado de luxos e de irmãos que o adoram. A minha vida é o completo oposto em todos os sentidos, e, por alguma razão, tenho medo de que perceba como somos incompatíveis. Não devia, porque nada disto é a sério, mas *tenho* medo.

O Luca ri-se quando entra no meu quarto antigo, tão fascinado, que os seus olhos se iluminam. Olha para as inúmeras notas adesivas amarelas nas paredes e percorre-as com a ponta dos dedos, sorrindo maliciosamente.

– Estou a ver que o teu amor por estes papelinhos começou cedo...

Ponho-me ao seu lado e olho para as frases motivacionais que cobrem as paredes do quarto. Toda a vida acreditei que daria a volta à minha situação se mantivesse a esperança e foi exatamente o que fiz. Apesar de as probabilidades não me favorecerem, continuei a lutar e a ter esperança numa vida melhor. Todas estas pequenas notas eram uma tentativa de me motivar quando queria desistir.

– Que é isto? – pergunta, apontando para a fotografia de uma árvore enorme à beira de um lago que reflete nitidamente o céu. É a única fotografia que tenho na parede e destaca-se entre tantas notas adesivas.

Sorrio ao olhar para ela.

– Nem sei onde é – admito. – Vi-a *online* um dia e inspirou-me muito. Deves pensar que é uma parvoíce, mas acho que sou como esta árvore. Olhar para ela faz-me sentir que eu também posso prosperar em condições adversas e que, mesmo que esteja sozinha, posso ser forte. Cresceu rodeada de água, sem outras árvores por perto, e é uma visão admirável, inabalável, que não se dá por vencida. Rodeada pelos elementos, de certeza que se curva, às vezes, mas nunca se parte. Gostava de a encontrar. Sinto que será um dia que nunca esquecerei.

Desvio o olhar da fotografia e vejo que o Luca está espcado a olhar para mim com uma expressão que me faz palpar o coração.

– E isto? – pergunta, apontando para uma nota adesiva. – *Aut viam inveniam aut faciam* – murmura. – Que quer dizer? Escreveste isto em várias notas e também o tens na tua secretária, no escritório.

Ergo as sobranceiras, surpreendida por ele ter reparado.

– É qualquer coisa como «encontrarei um caminho ou criarei um». É a minha citação favorita e, ao longo dos anos, tem-me motivado a não desistir.

Ele encosta-se à única parede vazia do meu quarto e puxa-me para ele. Desvia-me o cabelo do rosto com um gesto meigo.

– E encontraste? Um caminho?

Olho-o nos olhos com o coração a mil. Às vezes, olha para mim de uma maneira que faz com que tudo o resto desapareça, só ele existe.

– Ainda não sei – sussurro.

O Luca pega-me no rosto com ternura.

– De que é que precisas para ter a certeza? – pergunta e, de repente, já nem sei do que estamos a falar. Tem estado assim, o olhar dele torna-se melancólico, como se sentisse a minha falta mesmo quando estou ao lado dele.

O Luca inclina-se devagar, aproxima os lábios dos meus, uma vez, duas vezes, antes de me beijar. Geme ao puxar-me para ele e vira-nos ao contrário, até me encostar à parede, agarrando-me pelo cabelo. Perco-me nos beijos dele, nisto que há entre nós. Ele faz-me querer fazer a única coisa que prometi que nunca mais faria.

Pega-me ao colo e envolvo-o com as pernas. Sentir como está com tesão acende o meu desejo. Saber que me quer sempre tanto faz-me sentir poderosa.

– Valentina – geme encostado aos meus lábios, descendo até ao pescoço. O toque dele é desesperado, e eu divirto-me com isso. Tenho sentido a falta dele mais do que quero admitir. Os últimos dias foram estranhos, a distância entre nós parecia intransponível, mas tudo desaparece quando me toca assim.

Arqueio as costas, quero mais.

– Não devíamos fazer isto – sussurro. – E se a minha mãe aparece?

Ele ri-se e sinto os dentes dele a mordiscarem-me o pescoço.

– É melhor sermos rápidos, então.

O Luca percorre-me a barriga com uma mão, metendo-a por dentro da saia até o seu polegar encontrar as minhas cuecas de renda. Geme quando percebe que estou molhada e encosta a testa à minha.

– Isto é uma das coisas que mais adoro em ti – murmura. – Estás sempre pronta para mim.

Coro quando me puxa as cuecas para o lado.

– Preciso de ti. Agora. Já.

Anuo e desabotoo-lhe as calças à pressa, com a razão toldada pelo desejo. Adoro o olhar que me lança quando lhe agarro no pénis. Olha-me como se estivesse à minha mercê, como se todo o seu mundo girasse à minha volta.

O Luca não para de me olhar nos olhos enquanto o ponho dentro de mim, e o desejo que leio na sua expressão deixa-me ainda mais excitada.

– Sabes tão bem – geme, penetrando-me mais profundamente.

Gemo e ele abana a cabeça, tapando-me a boca para me silenciar.

– Não – sussurra –, sem barulho.

Come-me assim, contra a parede do quarto, com uma mão a tapar-me a boca e a outra por baixo de mim, segurando-me.

– Mais – peço, e ele destapa-me a boca, agarrando-me pelas ancas. Vira-nos ao contrário, ficando ele contra a parede. Em vez de entrar e sair de dentro de mim,

move-me para cima e para baixo, com movimentos rápidos. Segura-me com tanta facilidade, como se eu não tivesse peso.

– Assim? – pergunta, segurando-me num certo ângulo.

Arquejo e escondo um gemido.

– Luca – sussurro. Ele sabe exatamente o que me faz quando me põe neste ângulo, e a forma como sorri diz-me que está a gostar de cada segundo. – Não aguento – gemo. – É demais. – Sinto-o demasiado fundo e o modo como ele se move dentro de mim deixa-me louca. A cada impulso, come-me como eu gosto e sabe isso.

– Agentas – promete-me. – Vais ver que agentas.

Agarra-me com mais força e morde o lábio, movendo-se mais rapidamente. Não aguento quando olha assim para mim.

– Eu... não aguento...

– Vem-te para mim, esposa. Dá-me o que adoro ver, Valentina. – Vira--nos outra vez e empurra-me contra a parede à bruta, penetrando-me fundo enquanto os meus músculos se contraem à volta do pau dele. Tapa-me a boca, abafando os gemidos, enquanto me venho.

– Foda-se! – geme ele, encostando a testa à minha, com a respiração ofegante.

– Nunca me vou cansar de ti. Vamos ser velhinhos e vou continuar a querer-te assim.

Esbugalho os olhos e ele ri-se, substituindo a mão pelos seus lábios e beijando-me devagar.

– Também não me canso de ti – admito de coração palpitante. Estará mesmo a pensar num futuro comigo além do nosso contrato? Nem sequer me atrevo a considerar isso.

– Val? – o som da voz da minha mãe perto da porta do quarto faz-me empurrar o Luca e arregalar os olhos em pânico. Ele liberta-me imediatamente e passo as mãos pela roupa à pressa, para garantir que estou decente. O Luca move-se tão rápido como eu e só leva um segundo a subir as calças e a afastar-se de mim, assumindo uma expressão inocente quando a minha mãe entra.

Ela franze a testa e olha para um e para o outro erguendo as sobrancelhas. Estamos mais afastados do que seria normal e aposto que estou corada. De certeza que temos um ar suspeito e, de repente, sinto-me uma adolescente malcomportada.

– Desçam – diz de forma assertiva. – A *Abuela* está acordada e quer ver-te.

Anuo e ela sai, claramente descontente connosco.

– Ela não percebeu, pois não? – pergunto, bastante envergonhada. Precisava deste momento com ele, mas não podia ter acontecido em pior altura.

O Luca ri-se e abana a cabeça com os olhos a brilhar. Avança para mim com uma expressão que me faz disparar o coração outra vez, e dou um passo atrás.

– Claro que percebeu – diz, abraçando-me pela cintura. – Mas nós somos casados, não há problema. Vamos dizer «olá» à tua avó antes que eu seja expulso desta casa. – Beija-me demoradamente, com a testa encostada à minha. Quero que seja sempre assim. Não sei o que provocou a distância entre nós, mas dava tudo

para a eliminar.

Quarenta e cinco

Valentina

Olho de soslaio para o Luca enquanto a *Abuela* lhe conta quão reguila eu era em criança. A sensação é agridoce.

– Olha para isto – diz ela, mostrando-lhe um álbum de fotografias antigas. – Ela gostava tanto desta boneca, que chorava se lha tirássemos. Acho que gostava mais da boneca do que de mim.

A *Abuela* parece estar ótima, e devo-o a ele. Garantiu que ela tivesse atenção permanente e até mandou vir uma equipa avaliar se algo na casa poderia ser perigoso. Parece-me que deitaram coisas fora e criaram mais espaço, sem se desfazerem de nada do que a *Abuela* gosta. Garantiram que a casa continuava a ser confortável e reconhecível, e eu não podia estar mais grata por isso.

– Val – murmura a minha mãe, sentando-se ao meu lado no sofá e olhando para o Luca.

Ele está entretido a conversar com a *Abuela*, tratando-a com uma paciência e uma ternura infinitas. Não sabia o que esperar, mas não me devia ter preocupado. Ele trata a minha família como trata a dele e não me parece nada desconfortável.

– Diz-me – a voz da minha mãe é suave –, estás feliz?

Olho para ela, surpresa com a pergunta. Não me lembro da última vez que se preocupou minimamente com a minha felicidade. Pode ser uma pergunta que uma filha deva esperar de uma mãe, mas não no meu caso. Volto a olhar para o Luca por um instante e sorrio.

– Sim – murmuro –, estou muito feliz.

Ela segue o meu olhar e suspira.

– Espero ter estado errada – diz, tão baixo que quase não ouço.

Fico instintivamente apreensiva, com medo de que comece a falar do meu pai e de como a enganou. Não quero que o Luca ouça, principalmente agora que sabe quem é o meu pai. Talvez seja parvo, mas quero manter a minha fachada. Não é comum termos um serão tão agradável como este e, só hoje, quero enganar-me e pensar que sou só uma mulher feliz no seu casamento, rodeada por uma família que a ama.

– Mas tem cuidado – diz-me. – Os homens são todos iguais. Só querem uma coisa. As coisas podem estar a ser boas e divertidas agora, mas vão perder o brilho. Com o teu pai foi igual. Estou muito preocupada contigo, Val. Nunca quis que te casasses com ele. O casamento deve ser entre iguais. Não quero que te magoes.

Fecho os olhos por um instante.

– Não, mãe, por favor – murmuro. – Esta noite não.

Ela franze a testa, e preparo-me para a inevitável enxurrada de queixas. Na opinião da minha mãe, devia ser mais grata por a ter, mais consciente de tudo o que ela fez. Na maioria das vezes sou, mas esta noite não consigo.

A minha mãe entreabre a boca, mas, antes de conseguir dizer uma palavra, vejo o Luca hesitar pelo canto do olho. A *Abuela* bate-lhe no braço com força e viro-me para eles, chocada.

Ela olha para mim, visivelmente confusa. A sua expressão mostra preocupação e medo.

– Quem és tu? – pergunta com um olhar de pânico. – Porque estás na minha casa? Não tenho nada de valor – diz ao Luca.

Levanta-se e dá um passo atrás, quase caindo quando tropeça na mesa de centro. A enfermeira aproxima-se dela imediatamente, com movimentos rápidos, mas gentis.

– *Abuelita* – digo, levantando-me e falando calmamente –, é o meu marido, *Abuelita*. Está tudo bem.

Ela vira-se para mim, mas não me reconhece. O meu coração despedaça-se quando ela levanta um braço e me tenta bater. Dou um passo atrás em choque.

A minha avó sempre foi o meu mundo e vê-la olhar para mim sem me reconhecer mata-me. Destrói-me ver a sanidade dela esvair-se assim, quando sempre foi uma das pessoas mais inteligentes e corajosas que alguma vez conheci.

– Saiam – diz a minha mãe em tom urgente. – Vão para o quarto. Se estiver muita gente à volta dela, ela só fica mais agitada. Está tudo bem, Val. Vai ficar tudo bem, mas não podem estar aqui.

O Luca pega-me na mão e leva-me da sala enquanto os gritos da minha avó sobem de tom. É óbvio que não percebe porque tem uma enfermeira na sala, e não consigo esquecer a sua expressão angustiada.

O Luca senta-me na minha cama e ajoelha-se à minha frente com as suas mãos sobre as minhas.

– Valentina – murmura num tom pesaroso –, estás bem?

Foco o olhar na aliança dele e sinto cair uma lágrima. O Luca pega-me no rosto e seca-me as lágrimas com o polegar com uma expressão preocupada.

– Não chores – sussurra. – Por favor, meu amor. Eu prometo-te que a equipa médica está a fazer tudo o que pode pela tua avó.

Anuo, mas choro ainda mais. O Luca senta-se ao meu lado e abraça-me. O meu coração parte-se por tantos motivos. Ele não diz nada. Limita-se a fazer-me deitar ao seu lado, abraçados, até eu ter o rosto encostado ao seu pescoço. Abraça-me com força enquanto me desfaço em lágrimas. O toque dele é tranquilizador.

– Eu... gostava que a tivesses conhecido mais cedo. A minha *Abuela* é o meu mundo. Sem ela, não seria a pessoa que sou hoje. Sempre foi a minha luz, o meu farol quando só tinha escuridão à minha volta. Tu terias adorado a minha avó. É tão engraçada, tão perspicaz e a melhor cozinheira do mundo.

Ele beija-me a cabeça e anui.

– Eu sei, meu amor – murmura. – Lembras-te de quando tentei fazer os *taquitos* dela? Foi um desastre, mas, um dia, vou pedir-lhe que me ensine. E, sim, ela é muito engraçada. Lembras-te de como gozou contigo quando lhe contaste sobre nós e me chamou Diabo? – Pega-me no rosto e sorri. – Eu sei que é difícil, mas, estes episódios, isto não é ela. Ela fica confusa e com medo, e é natural que reaja assim. Nunca pensarei mal dela por causa disso, não te preocupes com o que eu penso. Se foi ela que te criou, só pode ser uma pessoa maravilhosa.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas outra vez, mas, agora, por um motivo diferente.

– Luca – murmuro –, para ser sincera, estava com muito medo de vir a casa contigo. Não queria que visses como a minha família é imperfeita. Sempre me viste como uma parceira muito competente, mas, em casa... eu... eu perco a noção de quem sou. Não queria que visses isso e mudasses a forma como me vês.

Ele vira-nos e ficamos de lado, virados um para o outro.

– Calculava. Desde que chegámos aqui que tens estado nervosa e mal falaste. Estás contida e ansiosa e tu não és assim. – Põe-me o cabelo atrás da orelha e suspira. – Não há nada que possas fazer ou dizer que me faça querer-te menos. És a minha esposa, Valentina, para o melhor e para o pior. Não quero só o teu lado bom. Quero-te por inteiro.

Olho-o nos olhos com o coração em cacos. É por isto que ando tão assustada – porque, a cada dia que passa, ele rouba mais de mim do que aquilo que estou disposta a oferecer.

Quarenta e seis

Luca

Recosto-me na cadeira e olho para o meu relógio de bolso, que tem a imagem esbatida da minha mãe a olhar para mim. Interrogo-me se os meus pais estariam orgulhosos. Estou próximo de tornar realidade o sonho do meu pai, mas teriam orgulho da pessoa em que me tornei e das escolhas que fiz? Iriam aplaudir-me ou repreender-me pelo que estou prestes a fazer?

A porta do meu gabinete abre-se e fecho o relógio. O Miguel Garcia entra com um sorriso presunçoso. Consigo ver as parecenças. A Valentina tem os olhos dele – foi a única coisa boa que lhe deu. Como pôde ele ter olhado para aqueles lindos olhos cor de avelã e tê-la abandonado?

Ainda me lembro do quão empobrecida parecia quando começou a trabalhar comigo. Ela não sabe, mas é por sua causa que o almoço é gratuito no refeitório da empresa. Implementei-o quando vi que comia *noodles* instantâneos todos os dias, apesar do salário que lhe pagava. Não demorei muito a perceber que todo o dinheiro que ganhava ia para a sua família.

É impossível que ele não soubesse. Se o que a minha avó disse é verdade, e ele estava ativamente a tentar impedi-la de conseguir um bom emprego, devia saber que tinha desistido da faculdade. Devia saber da situação em que estava a família e do fardo que ela carregava nos seus delicados ombros. Ele sabia e escolheu, mais uma vez, abandoná-la.

– Sabia que ias acabar por me contactar – diz, estendendo-me a mão.

Olho para a mão dele com desdém e aceno em direção à cadeira oposta à minha.

– Sente-se.

Ele franze a testa por um momento e encolhe o braço esticado, sentando-se. Tenho cerca de meia hora antes de a reunião da Valentina com o *Ben* e o Stephen acabar e quero-o fora daqui antes disso, não quero que os lindos olhos dela o vejam. Ele era um dos motivos pelos quais ela temia levar-me a sua casa, pelos quais escondia de mim uma parte de si.

– Há meses que quero investir no teu fundo, mas a tua secretária não te tem passado as minhas mensagens. Depois do que me disste naquela noite, não pensei que voltássemos a falar. Acredito que percebeste, finalmente, que é uma incompetente e que andas a perder dinheiro por sua culpa. É difícil contratar bom pessoal, não te censuro. Afinal, aqui estamos.

Como? Como pode um homem assim ser pai de alguém como a Valentina? Talvez tenha sido uma bênção, e não uma maldição, como ela pensa, não o ter tido na sua vida. Seja como for, não há redenção possível para a dor que lhe causou. O que o espera é um acerto de contas.

– Pedi que viesse aqui para o informar de que não vou renovar qualquer apólice que as empresas Windsor tenham na ReInsure. O mesmo acontecerá com as apólices das empresas Kingston e da empresa do Silas Sinclair. Se tudo correr bem, todos os meus contactos farão o mesmo. No total, estimo que a perda será na ordem das centenas de

milhões.

Até hoje, tratou de todo o tipo de seguros que temos, do seguro contra litígios ao seguro de saúde que oferecemos aos funcionários. A empresa dele é uma referência no mercado, mas deixará de o ser em breve. Não posso tocar na família Garcia como um todo – é demasiado poderosa. Mas isto? Isto está perfeitamente ao meu alcance. O Miguel e a ReInsure não são difíceis de destruir. Vou destruí-lo e nem o líder da família Garcia, o Hugo, o conseguirá salvar. Com alguma sorte, o Hugo nem sequer se importa com o seu primo em segundo grau. A perda de uma empresa tão rentável irá chamar a sua atenção, mas estou pronto para as consequências que daí advenham.

– O Ares fará um anúncio formal numa conferência de imprensa e todos os meios de comunicação que detemos farão a sua cobertura. Vamos garantir que *toda* a gente ouve falar disto. Quantos clientes acha que vai perder? Quantas empresas vão assumir que sabemos algo que eles não sabem?

O pânico no olhar dele diverte-me, mas não basta. Quero que sofra como fez sofrer a minha esposa. Vou tirar-lhe tudo aquilo pelo que a abandonou, até o edifício onde lhe recusou a entrada.

– Porque farias isso? – pergunta com a voz trémula. – Fizemos algo que não devíamos? Achar as apólices caras? Podemos sempre renegociar, Luca. Falamos e farei uma proposta irrecusável. Quero reinvestir os fundos da seguradora e escolhi a Windsor Finance para isso. Será um enorme investimento.

Rio-me e passo uma mão pelo cabelo.

– Pareço-lhe alguém que precisa de dinheiro?

Faço uma pausa e fico a apreciar o desespero absoluto no olhar dele. Não é estúpido. Sabe que isto pode facilmente levar a seguradora à falência e a sua reputação pode não sobreviver.

– Por favor – diz com visível dificuldade –, diz-me o que se passa. Encontrarei uma solução se me disseres porque é que estás descontente.

Sorrio e cruzo os braços.

– Muito bem. Reconsiderarei se *implorar* à Valentina que lhe perdoe a dor que lhe causou. Se conseguir que ela o perdoe e a reconhecer não só como filha, mas também como herdeira, fica tudo como está.

Ele levanta-se com tanta rapidez que tomba a cadeira. Suspiro, irritado. A Valentina empenhou-se na escolha destas cadeiras. Se uma se estragar, ficará chateada. Talvez tenha sido um erro oferecer-lhe clemência.

– Não sei o que aquela vaca te disse, mas olha que ela sai à mãe. É uma choramingas, e deves estar com pena dela porque te contou uma treta qualquer. Seduziu-te como a mãe dela me seduziu a mim? Acredita em mim, Luca. Vais arrepender-te disto. Eu já estive nesse lugar e sei o que é estar cego de paixão. Ela não merece que destruas uma relação de negócios tão sólida. Que achas que as pessoas vão dizer quando souberem que cortaste relações comigo por causa de uma mulher? Serás ridicularizado.

Sorrio e inclino-me, pondo o cotovelo sobre a secretária e apoiando o queixo na mão.

– Não, serei aplaudido por fazer o que os Windsors sempre fazem: pôr a família em primeiro lugar. Aconselho-o vivamente a implorar o perdão da minha mulher. Se não o fizer até ao final do dia de hoje, tirar-lhe-ei tudo aquilo pelo que a deixou. Vai arrepender-se do dia em que a deixou à espera na escola, esperançosa de que ia aparecer. Partiu-lhe o coração para sempre e não vou descansar enquanto não o fizer sentir como ela se sentiu: desesperado e abandonado. Haverá sempre um preço a pagar pelas lágrimas da minha esposa, Miguel. Farei com que pague por cada uma, nem que seja a última coisa que faça.

– *Esposa?* – repete ele, empalidecendo.

A porta do meu gabinete abre-se e a Valentina entra. Para a meio caminho, olhando

para o Miguel. *Foda-se!* Mata-me ver a dor na sua expressão, mesmo que só por um instante, até se recompor. Como não reparei nisto da última vez? Também olhou para ele assim nessa altura?

– Implore – sussurro – ou saia do meu escritório antes que chame o segurança.

Ele olha para mim repleto de ódio, o que só me traz satisfação. Depois, vira-se e vai-se embora, passando pela Valentina como se ela não existisse. Reparo em como ela se encolhe. Farei com que ele se arrependa de ter agido assim. De uma maneira ou de outra, farei com que se ponha de joelhos em frente à minha esposa.

– Que estava ele a fazer aqui? – pergunta a Valentina com o olhar cheio de acusações. – Deixaste-o investir?

Desvia o olhar, como se não me conseguisse encarar. Vejo-o na sua atitude. Acha que a trai como ele a traiu. Percebo agora porque mantém toda a gente distante, como se acreditasse que dói menos se for ela a afastar as pessoas, antes que alguém tenha hipótese de a abandonar.

– Anda cá – estico-lhe a mão, e ela cerra os dentes. – Por favor.

O corpo dela liberta alguma da tensão enquanto se encaminha para mim com um rasgo de esperança no olhar, como que desejando que prove que está errada. Está a dar-me uma oportunidade.

A Valentina dá-me a mão, e levo-a aos lábios.

– Diz-me, minha esposa, queres que lhe tire tudo e te dê a ti? Queres ficar com a empresa dele ou devo destruí-la? Se quiseses, compro-a para ti depois de afundar o preço das ações. Pode ser a Windsor Insurance.

Ela olha para mim de olhos esbugalhados.

– O quê? Que... Luca... Não podes. Ele... o meu pai é implacável. Por favor, não...

Nunca a vi tão agitada. É sempre tão confiante, mesmo nas situações em que não tem motivos para isso, mas está insegura e preocupada por culpa daquele otário. Pego-lhe no rosto e sorrio.

– Esqueceste-te de com quem casaste? Prometi que poria todos os meus recursos ao teu dispor, por isso usa-me. Não tens de continuar a mostrar-te superior, Valentina. Isso é só para quem não tem poder para fazer a diferença. És uma *Windsor*. És a minha *esposa*. Terás tudo o que quiseses. Diz-me e a empresa será tua.

Ela sorri-me de forma genuína. O seu desconforto começa a desaparecer.

– Fazias mesmo isso, não fazias?

Anuo.

– Faço qualquer coisa por ti, Valentina.

– Porquê? – murmura, com o olhar, mais uma vez, cheio de dor.

Não sabe mesmo porquê? Passo uma mão pelo cabelo e suspiro.

– Valentina, fazes-me desejar que fosse possível arrancar uma estrela do céu, só para te fazer sorrir. Fazes-me fazer coisas que nunca fiz. De certeza que já deste conta disso. Se calhar, fizeste-me enlouquecer de vez. Deve ser isso, de que outra forma explicarias que eu tenha começado uma guerra por ti?

De muitas formas, as palavras que acabei de dizer ao Miguel darão início a uma guerra. A cobertura mediática será um massacre, e a empresa dele será a principal vítima. Não me arrependo. A Valentina merece-o. Pode não o pedir, mas merece ter a sua vingança. Seja a que custou for.

Quarenta e sete

Luca

O meu coração falha uma batida quando a minha esposa sai do quarto de vestir com um vestido comprido vermelho a acentuar-lhe cada curva.

– Devíamos ficar em casa – murmuro.

A Valentina ri-se, e eu derreto-me. Há algum tempo que não sorria assim. Presenciar o episódio da sua avó afetou-a muito e ver o pai no meu gabinete piorou as coisas. Imagino que ter o Ben sempre por perto no trabalho também não ajude. Para onde quer que se vire, algo a relembra do passado, e por mais que me esforce, não posso apagá-lo por completo.

Espero que ela consiga relaxar um pouco esta noite. Sei que vamos a este evento de solidariedade em trabalho, mas vou aproveitar para lhe roubar uma ou outra dança.

– Que se passa? – pergunta, girando devagar. – Não foste tu que escolheste este vestido? A Raven contou-me que lhe ligaste e exigiste que eu usasse vermelho para *ti*. Não me digas que ainda estás chateado por causa do Theo? És assim tão mesquinho, Luca?

Sinto-me corar e praguejo contra a minha cunhada. *Raios partam, Raven*. Não lhe devia ter dito nada. Claro que foi logo contar tudo à minha mulher.

– Não te mexas – digo-lhe quando se aproxima de mim. – Deixa-me tirar uma fotografia para a tua avó. – A *Abuela* tem-me ligado com alguma frequência desde que passámos a noite em casa dela. Em parte, porque acho que quer que eu me sinta aceite. Penso que se sente mal por me ter batido e não sei como convencê-la de que não há problema nenhum. É fácil perceber porque é que a Valentina a adora.

A minha esposa abre o olhar ligeiramente e lança um sorriso largo enquanto posa para mim. Por um momento, gelo e fico apenas a olhar para ela.

– Luca?

Desperto e, com o coração acelerado, tiro umas quantas fotografias. É tão bonita que se torna irreal. Quando me sorri assim, fico completamente à sua mercê. Acredito mesmo que está, pouco a pouco, a levar-me à loucura.

– Vamos, Luca, senão atrasamo-nos.

Escolho a última fotografia que lhe tirei para imagem de fundo do meu telemóvel e envio-a à *Abuela*, sentindo-me estranhamente orgulhoso. Eu e a *Abuela* temo-nos dado muito bem, e a Valentina nem desconfia, mas sei várias histórias embaraçosas da sua infância. Estou sempre expectante pela próxima chamada. Às vezes, só pergunta se eu e a Valentina já comemos, outras vezes, fica a contar-me histórias do passado delas. A mãe da Valentina pode não gostar de mim, mas já conquistei a *Abuela*.

– Estás demasiado bonita – resmungo quando entramos no salão do baile de solidariedade. É cada vez mais difícil manter o nosso casamento em segredo. Quero que todos saibam que é minha, que se alguém lhe tocar, invocará a minha ira.

Ela sorri-me com os olhos a brilhar.

– Obrigada, marido.

Raios! Está a fazer jogo sujo propositadamente.

– É bom que te lembres – murmuro.

– Do quê?

– Que sou o teu marido.

Ela ri-se e ajeita as lapelas do meu *smoking*. Reprimos um sorriso quando reparo nos diamantes da aliança dela a cintilarem.

– Como me poderia esquecer? – pergunta-me.

– Foda-se! – resmungo –, és mesmo uma linda menina. – Não tirou a aliança do dedo desta vez e isso deixa-me imensamente satisfeito. – Vamos despachar isto para irmos para casa. Mereces uma recompensa por estares a usar a tua aliança num evento destes.

O olhar dela torna-se misterioso e desvia-o do meu.

– Vou reclamá-la – murmura num tom baixo.

Oh, céus! Será que posso levá-la já para casa e subornar os Kennedys?

– Ali estão eles! – diz a Valentina, dando-me a mão. Puxa-me até que me larga, corando, só então percebendo que estávamos de mão dada. Adoro como se tem distraído ultimamente. É sinal de que está a considerar que podemos ser um casal em público. Faltará pouco. Se aguentar mais um pouco, vou convencê-la a tornar público o nosso casamento. Com ela, nada pode ser apressado.

– Luca? – diz o Alec, surpreso. – Há algum tempo que não te via. Como estás?

Apertamos as mãos, e a mulher do Alec, Elena, dá-me um abraço apertado, para desgosto do marido. Ele puxa-a para si e abraça-a pela cintura, possessivamente, fazendo-me sorrir. Sempre o achei obcecado pela esposa, mas já não o posso julgar.

– Alec, Elena, creio que já conhecem a minha es... – faço uma pausa, mesmo a tempo de me corrigir –, a minha extraordinária secretária executiva – termino, petrificado. Que raio acabei de dizer?

A Valentina olha para mim mostrando-se nervosa, mas, surpreendentemente, não me parece zangada. Há algumas semanas, teria ficado furiosa com um deslize destes. Talvez esteja mesmo a começar a aceitar a ideia de ser, de facto, minha esposa.

Deixo-a brilhar e encantar o Alec com o seu conhecimento e profissionalismo, sem me envolver. Quando se comporta assim, não consigo parar de olhar para ela. Adoro cada versão sua, mas esta é a minha preferida. A Valentina em missão, consumida pela paixão e pela confiança, é uma visão maravilhosa. Levou duas semanas a preparar uma proposta para o Alec, e sei que ele será incapaz de a recusar. Quando a minha esposa quer uma coisa, não falha.

Na verdade, nem precisa de se esforçar tanto. Não lhe posso dizer nada, mas sei que cliente foi angariado pelo Ben. Mesmo que o Alec diga que não, a Valentina conseguirá derrotar o Ben facilmente. Qualquer cliente que traga será melhor do que qualquer angariação feita por aquele palerma.

– Estás apaixonado por ela – diz a Elena, pondo-se ao meu lado, um pouco afastada do Alec e da Valentina.

Viro-me para ela, surpreso.

– Desculpa... o quê?

Ela ri-se e vira-se para a Valentina.

– Quase lhe chamaste esposa. – Merda! Pensei que ninguém tinha reparado. – Olhas para ela como o meu marido olha para mim – observa a sorrir. – Deixa-me dizer-te um segredo, Luca. Quando eu e o Alec nos casámos, foi um casamento de conveniência, em segredo. Era suposto ter sido só uma combinação, sem qualquer amor.

Viro-me para ela de olhos esbugalhados.

– O quê?

Ela sorri perante a minha incredulidade.

– Vocês podem estar a conseguir enganar toda a gente, mas a mim e ao Alec não nos

enganam, porque já estivemos exatamente na mesma situação.

O Alec e a Elena são tão apaixonados um pelo outro que seria impossível o casamento deles ser de conveniência.

– Vou dizer-te outro segredo. – Olho para ela, desconfiado. Não me agrada que tenha descoberto tudo tão facilmente. – O Alec e eu quase nos divorciámos porque ele se recusou a assumir que me amava. Não deixes que isso aconteça convosco. Se a amas, tens de lhe dizer e tens de a tratar bem. O Alec acabou a sofrer e a rastejar durante meses numa tentativa de salvar o nosso casamento. Não deixes que chegue a isso, Luca.

Viro-me para a minha esposa e suspiro.

– Não sou eu – digo-lhe. – O problema não sou eu, é ela. Ela não me ama e não tem qualquer interesse em transformar isto em algo mais. Não imaginas a quantidade de truques a que tive de recorrer para que casasse comigo.

A Elena olha-me nos olhos de forma perscrutadora.

– Alguma vez lhe disseste que a amas e que o vosso casamento já não é só de conveniência? Como sabes que ela não está apenas a respeitar os limites que acordaram porque não sabe que queres que deixe de o fazer?

Olho para ela, quase sem reação, mas ela limita-se a sorrir com ar cúmplice, afastando-se depois e dirigindo-se à Valentina.

– Vamos investir – diz, dando o braço à minha esposa. – Temos a Windsor Finance debaixo de olho há algum tempo e já ouvi o suficiente para ficar convencida.

A Valentina olha para mim com tanta satisfação no olhar que é impossível não sorrir. Ah, foda-se! Estou perdido. A Elena Kennedy tem razão. Estou perdidamente apaixonado pela minha esposa.

Quarenta e oito

Valentina

Estou sentada na cama com o meu portátil, a ler as notícias sobre o rápido declínio da empresa do meu pai. As ações do Luca parecem ter desencadeado uma avalanche de investigações. Está a ser atacado de todos os lados. Até a situação fiscal está a ser auditada. Parece que o meu marido não está a deixar nenhuma ponta solta e isso, por mais estranho que pareça, aquece-me o coração. Nunca ninguém me defendeu desta forma. Nunca tive alguém verdadeiramente do meu lado, até agora.

– Que é que te deixou com essa cara?

Sobressalto-me e fecho a página das notícias assim que o Luca sai da casa de banho vestindo apenas uns *boxers*. Percorre o meu rosto com um olhar curioso, e eu abano a cabeça.

– Oh, nada – mordo o lábio e abro um documento ao calhas. – Estava só a ver as nossas próximas aquisições estratégicas. Não estamos nada longe de concretizar o projeto do teu pai, sabias? Já alcançámos tanto!

– Era mesmo isso que estavas a ver? – murmura ao entrar na cama. – Não estavas a ver as notícias sobre a ReInsure?

Semicerro os olhos e ele ri-se.

– Irrita-me que me conheças tão bem, Luca.

– Ai sim? – pergunta, deitando-se de lado, com a cabeça apoiada no cotovelo.

– Adoro ser a pessoa que melhor te conhece. Adoro descortinar o que cada uma das tuas expressões quer dizer.

O meu coração parece que para e desvio o olhar. Às vezes, questiono-me se faz isto de propósito. Parece que adora ver-me envergonhada.

– Tem piada? Fazeres-me corar?

– Sim – suspira –, é o meu passatempo favorito.

Mordo o lábio e abano a cabeça, de coração acelerado. Também adoro ser a pessoa que melhor o conhece. Nunca pensei que o casamento pudesse ser isto. É muito melhor do que esperava. O tempo voa quando estamos juntos, a ponto de me fazer desejar que não tivéssemos definido um prazo de validade. O Luca faz-me desejar que este fosse um casamento de verdade.

– Que empresas está a considerar, minha querida esposa que nunca para de trabalhar?

Viro o portátil e deixo-o ler o documento. O sorriso dele desvanece-se.

– Que foi? – pergunto, olhando outra vez para o documento. As empresas que escolhi foram muito bem investigadas, não devia haver qualquer problema.

– Não é nada – diz o Luca, de repente muito sério.

Percorro-lhe o rosto com o olhar, à procura de sinais.

– Diz-me a verdade – murmuro com o coração acelerado por outros motivos agora. Há algo na expressão dele que me deixa extremamente nervosa.

Ele olha para mim com a mandíbula cerrada.

– Esta – diz, apontando para o ecrã. – Metric Payment Systems. Pertence à família da minha ex-namorada.

Sinto crescer uma sensação desconhecida no estômago e desvio o olhar. Lembro-me de quando me disse que sabia reconhecer as marcas da traição em mim e que tinha deixado no passado a mulher que o marcara a ele. A ideia de o Luca amar alguém enche-me de uma raiva inexplicável.

A Metric é uma subsidiária do grupo empresarial da família White. Têm tanto prestígio como os Windsors e se juntassem as duas famílias formariam um colosso. Mordo o lábio enquanto revejo a informação que compilei.

– Isso importa? – pergunto, suavemente. – Disseste-me que a tinhas deixado no passado, que importa se uma empresa que queremos adquirir pertence à família dela?

Olha-me nos olhos e, desta vez, parece ser ele quem procura um sinal.

– Ela é a diretora executiva da Metric. Se a comprarmos, teremos de trabalhar diretamente com ela. Estás confortável com isso?

A diretora executiva da Metric? *Jessica White*? Baixo o olhar, tomada pelo ciúme. Obviamente, o Luca nunca namoraria com alguém simples. Claro, tinha de ser uma mulher linda, bem-sucedida, inteligente e rica. Devia ter adivinhado que a ex-namorada dele seria alguém com quem eu nunca me poderia comparar.

– Porque não estaria? – pergunto, com a raiva a notar-se na minha voz. – Não acordámos manter as nossas vidas pessoal e profissional separadas? Comprar esta empresa é um elemento-chave dos teus planos de expansão.

– Muito bem – murmura. – Não te preocupa que ela me tente seduzir? Sempre que a vejo em algum lado, faz questão de dizer que gostava de reatar a nossa relação. Não será diferente se trabalharmos juntos. Estás confortável com isso?

Fico a olhar para ele por um instante, a tentar desvendar o que não me está a dizer. Não estaríamos a ter esta conversa se ele já não tivesse sentimentos por ela, certo?

– Podemos ter acordado ser fiéis um ao outro, mas acordámos, principalmente, que o nosso casamento não teria amor. Não me diz respeito se ainda tens ou não sentimentos por ela, desde que não me traias.

O Luca fecha o meu portátil e põe-no de parte.

– A sério? – pergunta, puxando-me para debaixo dele. Equilibra-se nos braços com o corpo pressionado contra o meu. Há raiva no seu olhar e algo mais, algo que não consigo identificar.

Passa-me uma mão pelo cabelo e inclina-me a cabeça, expondo o meu pescoço

antes de me pousar os lábios na pele.

– Não te importas que eu finja que és a Jessica enquanto faço isto? – beija-me abaixo da orelha e gemo. Depois, desce os lábios e baixa as alças do meu pijama, expondo-me as mamas. – Não te importa o que sinto ou penso, não é? – pergunta. – Não te importas que eu pense nela enquanto te lambo os mamilos, assim. – A minha mão passeia-se pelo cabelo dele e agarro-o com força quando ele me chupa um mamilo de forma punitiva. – Se fechar os olhos, quase consigo imaginá-la – murmura, antes de se dedicar ao outro mamilo.

– Para – peço com a voz a falhar. – Para com isso.

Ele soergue-se e olha-me nos olhos.

– Porquê? – pergunta. – Não é isto que queres? Estabelecer limites entre nós sem te preocupares com o quanto me afastas, para não teres de admitir a ti mesma que também sentes que há algo entre nós?

Desvio o rosto, mas ele pega-me no queixo e obriga-me a olhar para ele.

– Olha para mim – pede em tom grave. – Olha-me nos olhos e diz-me que não sentes nada por mim. Diz-me que só eu é que me estou a apaixonar, só eu é que quero mais. Consegues olhar-me nos olhos e mentir-me, Valentina? Consegues mentir-me como mentes a ti própria?

– Luca – sussurro.

– Não consegues, pois não?

Abano a cabeça, sentindo um aperto na garganta.

– Então para de fingir que não queres saber do que eu faço. Para de fingir que não te importas, como se isto fosse só mesmo um negócio. Ambos sabemos que, já há muito tempo, deixou de ser só isso. – Encosta a testa à minha e inspira tremulamente. – Não nos podes deixar ser felizes juntos? – pergunta com a voz a falhar. – Não fui eu que perdi a tua confiança, porque é que sou eu que estou a pagar por isso?

– Luca... eu... – murmuro, sem saber que dizer.

– Eu amo-te, Valentina Windsor.

O tormento no rosto dele contrasta com as suas palavras e só faz com que o meu coração fique ainda mais apertado, mesmo estando inundado do mesmo amor.

– Amo-te e estou cansado de fingir.

O Luca sai de cima de mim e senta-se de costas para mim com o rosto enterrado nas mãos.

– Não consigo fazer isto – murmura.

Ponho-me de joelhos e fico a olhar para ele por um momento. Estou tão aterrorizada, que não me consigo mover. Pela primeira vez em anos, tenho mais medo de perder alguém do que de me magoar.

Aproximo-me, sem pensar, e abraço-o pela cintura, ficando atrás dele, com a testa encostada ao seu ombro.

– Paremos de fingir, então – murmuro. – Paremos os dois de fingir, Luca, porque eu acho... eu acho que também te amo.

Quarenta e nove

Luca

Levanto a cabeça ao escutar as palavras dela. A sua voz ouviu-se pouco mais do que

um sussurro, como se tivesse medo de dizer que me ama, não fosse isso dar azar.

– Diz isso outra vez – peço-lhe, virando-me.

Ela olha para mim com aqueles lindos olhos repletos de vulnerabilidade, aquele cabelo caído pelo peito, tapando o pijama de seda vermelho. Faz todo o sentido que esteja vestida de vermelho neste momento.

– Amo-te – murmura.

Puxo-a para mim, sentando-a ao meu colo.

– Outra vez.

– Amo-te, Luca. Sei que não devia, sei que não faz parte do nosso acordo, mas amo-te.

– Que se lixe o acordo – digo-lhe. – Só existe porque era a única forma de seres minha.

Mergulho a mão nos seus cabelos e abraço-a com força, de coração descompassado. Vejo o medo no olhar dela, a vulnerabilidade que não me esconde. Não a consigo confortar com palavras, mas o tempo fará esse trabalho.

Viro-lhe o rosto ternamente e beijo-a, devagar e prolongadamente, desejando que os meus gestos consigam transmitir o que as palavras não conseguem.

– Luca – sussurra enquanto a deito de novo na cama.

Tem o cabelo espalhado pelas almofadas e parece tão desarmada, tão confiante, tão... minha e só *minha*. Como posso garantir que nunca a vou desiludir?

Deito-me em cima dela e beijo-a suavemente abaixo da orelha, fazendo-a tremer.

– Amo-te – sussurro-lhe ao ouvido antes de descer, seguindo para a clavícula. – Amo cada pedacinho seu, Senhora Windsor.

Os dedos dela deslizam pelo meu cabelo enquanto vou descendo, e a forma como se contorce debaixo de mim deixa-me louco. Esta noite, quero deixá-la tão louca como me deixa. Quero que esteja desesperada por mim.

A minha esposa geme quando passo os lábios por um dos mamilos, e sorrio encostado à sua pele antes de o começar a lambar. Está sensível, e adoro isso nela.

– Minha linda Rainha do Gelo – murmuro, Tateando entre as suas pernas. – Estás a derreter para mim. Sentes? Estou a ficar com os dedos encharcados.

Ela cora e fica tão bonita quando lhe prendo o mamilo entre os dentes, provocando-a, enquanto a penetro com dois dedos. Estou a levar as coisas devagar, mas sei que ela quer mais.

– Luca – geme ela –, por favor.

Afasto-me dela e sorrio.

– Por favor o quê? – a forma como o meu coração transborda de amor e desejo por esta mulher é surreal. Isto é tudo o que sempre quis.

– Por favor, fode-me!

Meu Deus!

– Preciso de ti mais perto de mim – murmuro, sentando-me encostado à cabeceira da cama. – Vem cá. – Ela senta-se ao meu colo e puxa-me rapidamente os *boxers* para baixo. – Se queres, vem buscar-me. Sou teu, Valentina.

A minha esposa sorri e pega-me na pila, mantendo os olhos nos meus enquanto me monta.

– Porra! – gemo. – Sabes sempre tão bem.

Ela ri-se e a sua gargalhada faz-me palpar o coração. Ponho uma mão na cintura dela e pego-lhe no rosto com a outra, enquanto o meu polegar lhe acaricia os lábios.

– Amo-te – suspira ela enquanto se apodera de mim.

Foda-se!

– Estás a realizar todos os meus sonhos – digo-lhe, agarrando-lhe as ancas. – Não vou ser meigo contigo agora, Valentina.

Agarro-a com força enquanto a penetro à bruta e ela geme. Nunca foi tão bom como agora. Puxo-a para mim pelo cabelo, com o coração a mil. Quero perder-me nela esta noite. Nunca senti isto com ninguém. A Valentina inclina-se e beija-me, sem nunca parar de mover as ancas, tão desesperada como eu.

A maneira como geme o meu nome encostada aos meus lábios, entre beijos, deixa-me doido.

– Amo-te – murmuro uma e outra vez, com o coração a transbordar de emoções que não consigo conter. Há tanto tempo que reprimo as palavras, que elas teimam em sair esta noite.

– Eu também te amo – diz-me, e ouvi-la leva-me ao Céu. Ouvi-la dizer isto neste tom sensual, enquanto estou dentro dela? É melhor do que qualquer sonho.

A forma como me monta leva-me à loucura, e tento ao máximo controlar-me quando ela geme mais alto. Vê-la perder o controlo comigo é um privilégio.

– Luca – murmura, afastando os lábios dos meus. Passa-me uma mão pelo cabelo e agarra-o com força, com o rosto contra o meu pescoço.

Amo-a tanto! Deixo escapar um riso quando a agarro novamente pelas ancas e a penetro mais fundo, dando-lhe o que ela quer. Está no limite e adoro como perde a energia nesse momento.

– Sim – geme –, *por favor*.

Mordo o lábio quando ela me chupa o pescoço, deixando uma marca. Nunca o tinha feito e o arrepio que me provoca quase me faz vir.

Sinto os músculos dela contraírem-se à volta do meu pau e gemo alto, perdendo o controlo.

– Foda-se, Valentina! – murmuro.

Ouço-a gemer-me ao ouvido, com os lábios encostados ao meu pescoço. Meu Deus! Venho-me dentro dela e agarro-a com força. A minha cabeça cai-lhe sobre o ombro. Esta mulher faz de mim o que quer.

Ela ri-se enquanto tenta recuperar o fôlego, e eu não consigo evitar rir-me também.

– Amo-te, Luca – diz, e a alegria sincera que lhe oiço na voz obriga-me a continuar a sorrir.

Puxo-a para os meus braços e beijo-lhe a testa. O meu coração continua descompassado. Nunca me senti tão feliz. Tenho a certeza de que daqui a cinquenta anos ainda me vou lembrar deste momento.

A Valentina relaxa no meu abraço e eu afago-lhe as costas ternamente, sentindo a sua respiração acalmar. Já adormeci com ela nos braços várias vezes, mas nunca me senti assim. Nunca me senti tão *inteiro*, tão completo.

A minha esposa dá-me um beijo no pescoço. Tem a perna sobre mim e a cabeça no meu peito.

– Aquela aquisição – murmuro –, se quiseres, podes avançar. Não quero saber da Jessica. Não tens com que te preocupar. Só queria que soubesses, porque também não gosto que o Ben passe o dia de roda de ti. E odeio como olha para ti no escritório e inventa desculpas para passar tempo contigo. A tua história com ele deixa-me desconfortável e inquieto, e não quero que sintas o mesmo.

Sinto o olhar dela e a fago-lhe as costas para a tranquilizar. Não quero que nada se intrometa entre nós. Está tão próxima de mim, mas ainda quero mais.

– Eu quero comprar a Metric porque é o melhor para a empresa. Quando nos casámos, prometi que te ajudava a concretizar o que o teu pai idealizou, e esta é, basicamente, a última peça. – Hesita. – Mas quero saber o que se passou. Não a quero encarar e ser apanhada desprevenida. Se há algo que deva saber, prefiro ouvi-lo de ti.

Viro-me de lado para a olhar nos olhos. Estou relutante em relembrar uma parte do meu passado, mas, se não o fizer, ela vai ficar a remoer o assunto, como eu fiz em relação ao Ben.

– Ela e eu somos do mesmo círculo social, por isso, desde crianças, sempre nos cruzámos muitas vezes. Não diria que era uma amiga, mas era uma conhecida.

A Valentina olha para mim com tanta atenção, que me faz sorrir numa tentativa de a tranquilizar. Que está à espera que eu diga para ter uma expressão tão apreensiva? É óbvio que está à espera do pior.

– Quando fomos para a faculdade e acabámos na mesma turma, ficámos amigos. As coisas com ela eram fáceis e naturais, e só muito tempo depois percebi porquê. Cruzava-me muito com ela, estava em todo o lado. Apaixonar-me por ela foi simples e natural, e saber que as nossas famílias aprovariam a relação também facilitou as coisas. Namorámos enquanto estávamos na faculdade, e eu estava prestes a apresentá-la à minha avó. Ia pedir a aprovação dela para nos casarmos.

A Valentina encolhe-se e desvia o olhar com uma expressão repleta de dor. Pegolhe delicadamente no rosto e obrigo-a a olhar para mim.

– Pouco antes do dia em que ia falar com a minha avó, descobri que a Jessica me tinha traído com vários homens durante toda a nossa relação. Ainda não sei quem o fez, mas recebi um envelope sem remetente com fotografias dela com outros homens. Confrontei-a, e ela riu-se na minha cara. Disse-me que era idealista e imaturo por pensar que seríamos fiéis toda a vida. Discutimos, e ela admitiu que só se aproximou de mim porque a família dela lhe disse para o fazer. Escolheu a mesma faculdade para onde eu ia, e o que eu achava que era o destino tinha sido cuidadosamente orquestrado por ela. Ela não me queria, só queria ser uma Windsor. Acabei tudo e nunca olhei para trás. Foi por isso que achei que não me oporia a um casamento de conveniência. Pensei que algo contratual seria melhor para mim. Dessa forma, nunca teria de me preocupar se era real ou não.

Ela levanta a mão e passa a ponta dos dedos pela minha testa com um olhar angustiado.

– Como pôde ela fazer-te isso? – pergunta com a voz a falhar.

Pego na mão dela, entrelaço os nossos dedos e levo-a aos lábios.

– Se não o tivesse feito, podíamos não estar aqui. Em última instância, tudo na vida me trouxe até ti. Disseste-me que não me preocupasse com o Ben, e eu tenho dado o meu melhor, apesar da forma como ele anda sempre atrás de ti... por isso, peço-te o mesmo. Se vais seguir com esta aquisição, promete-me que não te vais preocupar com coisas que não merecem preocupação. Promete-me que te vais lembrar de que és a única mulher que eu amo, a única que quero.

Ela anui.

– Prometo – sussurra, olhando-me nos olhos com uma ponta de incredulidade e com um sorriso tão doce que gostava de gravar na memória. – Amo-te, Luca. Não estou menos

assustada, mas vales a pena o risco. Se acabares por quebrar o que resta do meu coração, não me vou arrepender.

– Nunca te vou magoar – prometo-lhe. Depois de tudo o que passámos, nunca mais deixarei que algo se intrometa entre nós, nem sequer as inseguranças dela. Para o resto das nossas vidas, provar-lhe-ei que a sua confiança em mim é merecida.

Cinquenta

Valentina

Rejeito uma chamada do Ben pela décima vez esta noite, chateada por ele ter conseguido o meu número de telemóvel. Tem tentado encontrar desculpas para falar comigo fora das reuniões em que, infelizmente, temos os dois de estar presentes, e tenho dado o meu melhor para o evitar. Foi assim antes? Como é que me apaixonei por este assédio incessante?

Não preciso de o tolerar por muito mais tempo. Dentro de alguns dias, a direção tomará uma decisão e, quando o fizer, já não teremos de trabalhar juntos. Mesmo que ele fique na Windsor Finance, não terei necessariamente de o ver.

O Luca fecha o portátil e põe-no na mesa de centro, irritado.

– Há quanto tempo é que isto dura? – pergunta-me em voz suave, recostando-se no sofá.

Tira-me o portátil e fecha-o também, com movimentos cuidadosamente controlados, que denunciam quão irritado está.

– Eu... queres dizer...

– Há quanto tempo é que esse otário te liga? Estão a terminar os dois meses. Tens falado com ele durante este tempo todo?

– Só sobre trabalho – asseguro-lhe.

Os olhos do Luca faíscam e ele senta-me ao seu colo, com as minhas costas contra o peito dele.

– Porquê? – pergunta com os lábios encostados ao meu pescoço. – És a única colega que tem? Não pode falar com mais ninguém? Sabes que é só uma desculpa.

Os dentes dele roçam-me o pescoço e morde-me a pele por um instante, antes de a chupar, deixando uma marca.

– *Luca* – resmungo de coração descompassado. É irresistível quando é assim tão possessivo. Acabei a adorar tudo o que odiava nele.

As mãos dele percorrem-me o corpo e puxa-me as alças do pijama para baixo, expondo as minhas mamas.

– Sabes que só te quero a ti – murmuro, deitando a cabeça para trás. Os lábios dele encontram os meus e beija-me vagarosamente enquanto enfia uma das mãos nas calças do meu pijama. Solto um leve gemido quando me acaricia o clitóris com o dedo do meio.

O telemóvel começa a tocar outra vez, e ele para de me beijar.

– Atende. Se eu descubro que esta chamada não é sobre trabalho, haverá

consequências.

O dedo do Luca desce do meu clitóris para dentro de mim precisamente quando atendo o telemóvel, obrigando-me a morder o lábio.

– Val? – diz o Ben, parecendo bêbedo. – Onde estás?

O Luca penetra-me com outro dedo e eu gemo.

– Em casa, claro. São quase dez da noite. Onde é que estaria?

– Preciso de te ver – ouço o Ben dizer, mas não consigo pensar em nada porque o Luca tem dois dedos a entrar e a sair de dentro de mim e sinto-o a ficar com tesão.

Os lábios dele roçam-se contra a minha orelha e ele morde-a.

– Não me parece que seja uma chamada de trabalho – sussurra em tom ameaçador.

Põe a mão que tem livre na minha mama e belisca-me o mamilo enquanto me penetra mais fundo com os dedos.

– Porquê? – pergunto ao Ben com a voz rouca.

O Luca tira os dedos de dentro de mim e eu resmungo.

– Põe-te de joelhos – murmura, reposicionando-me no sofá para que fique de rabo no ar. Agarra a parte de trás do meu pescoço e pressiona-me a cara contra o sofá antes de pôr o telemóvel perto de mim em alta voz.

– Sinto tanto a tua falta, Val. Por favor, preciso de te ver. Dá-me dez minutos contigo.

Os dedos do Luca enrolam-se nas calças do meu pijama e puxam-nas para baixo, até aos joelhos, levando com elas as cuecas.

– Não – digo. – Se isto não é sobre trabalho, vou desligar. Estou ocupada, Ben.

O Luca passa a mão pela minha vulva antes de me penetrar com três dedos, à bruta, fazendo-me gemer discretamente.

– Por favor, não desligues – pede o Ben, felizmente sem imaginar a situação em que me encontro.

– Não faz mal – diz o Luca. – Vamos ouvi-lo – continua, comendo-me com os dedos sem dó nem piedade. Gemo contra as almofadas do sofá quando me lambe a vulva. Nem quero saber que imagem tem de mim neste momento, meio despida, de rabo no ar, com a cara contra o sofá.

– Ainda te amo, Val. Sei que se passaram anos, mas nunca deixei de pensar em ti. Éramos jovens e imaturos quando namorámos, mas agora é diferente. Se me deres outra oportunidade, vou tratar-te melhor.

O Luca faz círculos com a língua no meu clitóris, negando-me o que mais quero e movo as ancas para o posicionar, mas ele ri-se e faz-me ficar quieta. Toca-me no ponto G com os dedos enquanto me leva à loucura com a língua. Se continuar assim, vai fazer-me vir na cara dele num instante, e tem perfeita noção disso.

– Por favor – gemo.

– Por favor o quê? – pergunta o Ben. – Diz-me, Val. Que posso fazer para te reconquistar? Como me posso redimir? Que faço para ganhar o teu perdão?

O Luca ri-se e lambe-me o clitóris de uma maneira que me faz vibrar.

– Isso – murmura –, diz-lhe o que queres, Valentina.

Empurro-me contra a cara dele, e ele dá-me, por fim, o que tanto quero. A língua dele é tão incansável como os dedos, e levam-me ao limite.

– Queres vir-te para mim, Valentina? – murmura.

– *Sim* – gemo.

– Diz-me o quê – implora o Ben em tom impaciente. – Faça qualquer coisa.

O Luca ri-se e lambe-me com luxúria, sem parar, até os meus músculos se contraírem à volta dos seus dedos.

– Luca – gemo, incapaz de continuar a abafar a voz. – Oh, meu Deus, *Luca*.

– Linda menina – diz o Luca, já sem sussurrar. – És uma linda menina, Valentina. Diz-me, queres o meu pau?

– Sim – gemo, em êxtase. – Por favor, Luca, come-me, preciso de ti.

Ele agarra-me pelo cabelo e puxa-me para cima, arqueando as minhas costas e penetrando-me só um pouco.

– Queres mais? – pergunta, entrando mais. – Diz-me que me amas, Valentina, e pode ser que te dê mais pau.

Excita-me a forma como me puxa o cabelo. É ridículamente excitante deixá-lo ser controlador.

– Amo-te, Luca – digo-lhe num tom suplicante. – Amo-te tanto. Por favor. *Por favor*.

Ele entra todo dentro de mim e gememos os dois.

– Foda-se! – rosna, agarrando-me as ancas com mais força. – Diz-me a quem pertences, Valentina.

– A ti – gemo. – Sou toda tua. Só tua.

– Linda menina – murmura, esticando-se para pegar no meu telemóvel, sobressaltando-me. Tinha-me esquecido completamente do Ben!

Olho por cima do ombro e o Luca continua a comer-me, com o telemóvel encostado ao ouvido.

– Ela disse que estava ocupada. Já ouviste o suficiente ou queres ouvi-la a vir-se outra vez? – pergunta a olhar-me nos olhos com uma expressão de pura satisfação enquanto me penetra, agora mais devagar.

O Luca desliga a chamada e larga o telemóvel, dando-me toda a atenção, penetrando-me com mais intensidade, como nunca fez.

– Eu avisei-te de que haveria consequências – diz-me.

Eu sorrio, e ele sai de dentro de mim só para voltar a entrar, penetrando-me à bruta, até ao fundo.

– Luca, se a consequência é esta, vou sempre portar-me mal.

Cinquenta e um Valentina

Sorrio de mim para comigo enquanto percorro, incrédula, o meu novo gabinete. Tive inveja do gabinete do Stephen durante anos – principalmente porque era eu que fazia o trabalho dele. Nunca pensei conseguir este reconhecimento. É um sonho tornado realidade.

– Estás orgulhosa de ter subido na horizontal?

Viro-me e deparo-me com o Ben. O rosto dele está vermelho da raiva reprimida.

– Ben – murmuro, e o meu rosto aquece quando me lembro da última vez que falámos.

Tenho estado receosa de me cruzar com ele desde então, na dúvida se iria aguentar o embaraço. Não acredito que o Luca me deixou tão delirante que não consegui pensar em mais nada senão nele. Não é nada meu perder o controlo, mas o Luca forçou-me a isso.

– Não sabia que eras uma galdéria, Val. Se querias tanto o lugar, não era preciso teres recorrido ao Luca Windsor. Devias ter recorrido a *mim*. Disse que te dava o lugar se me desses outra oportunidade, por que raio foste ter com ele? Era preciso rebaixares-te desta forma?

Ele olha-me com tanto desprezo, que me é impossível não rir. Demorou, mas, finalmente, já não me sinto intimidada por ele e pelas suas supostas ofensas. Sim, não devia ter atendido, mas não me vou sentir culpada por ter prazer com o meu marido.

– Rebaixar-me? Sim, suponho que foi o que fiz. Tinha a cara contra o sofá, afinal.

Os olhos do Ben faíscam de raiva e dá um passo na minha direção.

– Diz-me a verdade, Val. Ele tem algum trunfo contra ti? A forma como te fez implorar e as coisas que te disse. Nem parecias tu.

Sorrio e afasto o cabelo da cara.

– Ben, só porque nunca conseguiste fazer-me vir, não quer dizer que o Luca não consiga. Nunca me viste agir assim ou dizer aquelas coisas porque nunca me excitaste como o Luca me excita.

Os olhos dele enchem-se de dor, mas não sinto qualquer remorso.

– Não te incomoda saber que ganhaste este lugar com o teu corpo? Enquanto aqui trabalhares, o Luca vai ter-te na mão. Vais continuar a pôr-te de joelhos para

ele, vais ser a puta dele?

– Sabes que mais? – pergunto-lhe. – Ele ainda não me pôs de joelhos – franzo a testa com ar de pena. – Não é justo, agora que penso no assunto. Tenho de corrigir isso.

– Isto é tudo uma piada para ti?! – exclama o Ben. – Só dormiste com ele ou tens andado a dormir com todos os chefes? Foi assim que chegaste tão longe quando ainda és tão nova?

Sorrio e abano a cabeça, divertida.

– Se subisse na horizontal, não me tinha dado ao trabalho de competir contigo. O lugar seria simplesmente meu. É assim tão difícil admitires que perdeste? – O Ben fica a olhar para mim, incrédulo, e eu desato-me a rir. – Tens noção de que fui contratada pela Anne Windsor, a avó do Luca? Se lhe tivesse ido pedir o lugar, seria meu, imediatamente. É a maior acionista da empresa, tem poder absoluto. O facto de ter competido contigo significa que *não* usei os meus contactos. Além disso, se não fosse pelo teu pai, nem sequer estarias a competir por este lugar, seu hipócrita.

Ele cerra os dentes e abana a cabeça.

– Estou tão desiludido contigo – diz. – Tinha-te em grande consideração. Pensei que eras diferente de todas as outras mulheres que conheci e arrependia-me de te ter perdido como nunca me tinha arrependido de nada. Mas és exatamente o que sempre disseste que não serias. És a puta de um homem rico. Ele vai acabar por se fartar de ti, e eu vou apreciar esse momento. Não terias ficado com o lugar se não fosse ele e, a seu tempo, irás perdê-lo também por causa dele.

O meu sorriso desvanece-se à medida que as acusações dele se tornam mais pessoais. Ele sabe a história dos meus pais e sabe como isso me magoa. Como tem coragem de usar o meu passado contra mim?

– E vais continuar. – viro a cabeça ao ouvir a voz do Luca.

Entra no meu gabinete e dirige-se à minha secretária com uma placa nas mãos.

– Para o resto da vida, vais arrepender-te de a teres perdido, porque tens razão, Ben. Ela é diferente de qualquer mulher que conheças.

Põe a placa que mandou fazer com o meu nome na secretária, virada para mim e para o Ben, e eu arquejo. Diz «*Valentina Windsor, Diretora de Operações*».

O Luca olha para mim, pensativo.

– Se calhar devia dizer «Valentina Windsor, a puta do Luca». Foi falta de visão, não foi? Queres que faça uma para o nosso escritório em casa?

Arregalo os olhos e depois desato-me a rir. Com uma piada, o Luca fez desaparecer a minha dor. Abraça-me pela cintura e puxa-me para ele com um sorriso.

– Amo-te – diz-me. – E estou muito orgulhoso de ti. Espero que saibas isso. Ninguém merece tanto este lugar como tu, e sei que vais levar esta empresa ao sucesso. Eu e a Windsor Finance não seríamos *nada* sem ti.

Anuo, grata, e ele vira-se para o Ben, que parece não conseguir tirar os olhos da minha placa.

– A minha esposa não precisa que eu trave as batalhas por ela, por isso tenho

estado calado, mas não te vou tolerar muito mais. Acho que fui claro ao telefone no outro dia, mas és tão estúpido que parece que não percebeste. A Valentina é *minha*. Se consegues sequer vê-la na tua visão periférica, já quer dizer que estás demasiado próximo. Eu não sou um homem paciente. Da próxima vez que te apanhar perto dela, pode dar-me para te fazer desaparecer para sempre. – Passa uma mão pelo cabelo e semicerra os olhos. – Afinal, já não há qualquer motivo para conviveres com a minha esposa. Não quero tornar a ver-te refletido nos olhos dela, por isso, desaparece-lhe da vista.

O Ben olha para mim com a raiva a transformar-se em desespero.

– Casaste com ele – diz num tom derrotado.

– Até parece que estás desiludido por eu não ser apenas a *puta* dele.

O Ben passa uma mão pelo cabelo, cabisbaixo.

– Porque não me disseste?

– Porque o faria? Quem achas que és para me pedires uma explicação?

O Luca faz um som de concordância, visivelmente satisfeito com as minhas palavras. É estranho como pode ser tão mesquinho às vezes e ao mesmo tempo tão adorável.

– Se és a esposa dele, porque te deste ao trabalho de competir pelo lugar? Era óbvio que seria sempre teu.

O Luca abraça-me com mais força, e eu abano a cabeça subtilmente.

– Porque uma coisa é a minha vida pessoal e outra é a minha vida profissional.

O Luca não teve qualquer interferência na escolha. Fui nomeada diretora de operações porque *mereci*. Percebo que te seja difícil compreender isso, Ben, mas é a verdade.

Ele olha para mim, visivelmente sem palavras.

– Sai – diz o Luca. – Não te quero voltar a ver perto do gabinete da minha esposa. Aconselho-te vivamente a apresentares a tua demissão, mas estou disposto a esperar. És tão estúpido, que não te vais aguentar muito tempo.

O Ben lança-me um último olhar antes de se virar e ir embora com o rosto marcado pelo remorso. Vê-lo ir embora parece-me uma conclusão. Não foi só a traição, ele é realmente uma péssima pessoa, e magoa-me saber que já fui tão parva a ponto de me apaixonar por ele.

– Sabes que a placa não pode ficar aqui, não sabes? – murmuro.

O Luca suspira e olha para ela.

– Posso esperar – diz. – Vou esperar que estejas pronta para a ter na tua secretária, Valentina. Contigo consigo ser paciente.

Fico a olhar para ele com o coração a palpar. Manter o nosso casamento em segredo era uma parte fundamental do nosso acordo. Que aconteceria se contássemos a toda a gente?

Cinquenta e dois

Luca

Onde vamos? – pergunta a minha esposa com um enorme sorriso, enquanto nos encaminhamos para o nosso heliporto. – A Sierra, a Raven e a Alanna queriam vir cá hoje para celebrar a minha promoção.

Abano a cabeça.

– Não as vais ver na próxima semana? Hoje és minha!

Elas decidiram que, mensalmente, iam fazer uma noite de mulheres, no mesmo dia em que os homens têm a noite de póquer, por isso, só precisam de esperar uns dias para monopolizar o tempo da minha esposa.

– Está bem – diz-me. – Mas és tu quem lhes vai explicar porque é que não podem vir cá hoje.

Resmungo ao pensar no rol de queixumes que a minha irmã vai disparar. A cada duas semanas, recebo um *email* dela a queixar-se de que não vê a Valentina tanto como antes. Pelo que entendo, o Ares recebe o mesmo *email*. Tenho pena do pobre homem que case com a minha irmã.

A Valentina sorri quando a ajudo a subir para o helicóptero.

– Diz-me – grita, sobrepondo-se ao ruído –, onde vamos?

Aperto-lhe o cinto de segurança. Reparo momentaneamente na aliança dela. Tem-na usado com muito mais frequência, e, cada vez que lha vejo no dedo, não consigo não sorrir.

– Já vais ver.

Observo-a enquanto aterramos, apreciando o choque e o espanto na sua expressão. Vê-la compensa o esforço que tive de fazer para descobrir se este lugar existia e a quem pertencia.

Salto do helicóptero assim que as hélices param e abro os braços para a minha esposa. Ela ri-se ao saltar para mim, e eu agarro-a, fazendo-nos girar antes de a pôr no chão.

– Isto não está a acontecer – diz, olhando para as águas calmas à nossa frente e para a enorme árvore no meio do lago, numa ilha só sua. – Sempre pensei... como é que isto é real?

Fico a observá-la enquanto observa a paisagem, incapaz de desviar o olhar. Imaginava como reagiria ao ver ao vivo a imagem que tem colada na parede do quarto há tantos anos, e tenho de admitir que a realidade supera a minha imaginação.

– Anda – digo ao dar-lhe a mão para a encaminhar para a canoa que nos espera. – Vamos ver a tua árvore favorita de perto.

– Podemos? – pergunta. – Isto não é propriedade privada? Achas que podemos?

Sorriso-lhe e anuo.

– Passou a ser propriedade dos Windsors. Comprei-a para ti, meu amor.

Preferia que o Xavier me tivesse cobrado um balúrdio pela transferência de propriedade, mas, em vez disso, fiquei a dever-lhe um favor. Considero-o um amigo, mas

as únicas pessoas em quem confio plenamente são os meus irmãos. Aposto que vai cobrar-me esse favor numa altura inconveniente e que me vai custar mais do que o dinheiro que podia ter pagado.

Vale a pena, ainda assim, só para poder ver a Valentina a sorrir desta maneira. Nunca a vi tão deslumbrada. Não consigo parar de olhar para ela enquanto remo a caminho da sua árvore. Tenho de admitir que é um bonito cenário. A ilha é quase inexistente, criando a ilusão de que a árvore está pousada no lago, sozinha. Como as águas são calmas, também os reflexos do céu e da árvore são magníficos. Percebo porque esta imagem inspirou tanto a Valentina.

Quando já estamos perto, paro de remar e fico a olhar para a minha esposa. Ela admira a paisagem enquanto eu observo a sua beleza.

– Não há nada que não faça por ti – murmuro, mais para mim do que para ela.

A Valentina vira-se e sorri com o olhar repleto do mesmo amor que sinto por ela.

– Obrigada. Isto... é um sonho tornado realidade.

Pego-lhe na mão e seguro-a entre as minhas.

– A partir de agora, tornarei reais todos os teus sonhos.

Ela sorri, de olhos a brilhar.

– Farei o mesmo por ti, Luca.

Abano a cabeça e levo a mão dela aos lábios.

– Já o fizeste – murmuro. – Tornaste reais todos os meus sonhos quando disseste que me amavas.

A Valentina cora e desvia o olhar, escondendo um enorme sorriso. Não me canso dela. Para o resto das nossas vidas, quero fazê-la sorrir desta forma.

– Bem, pensando melhor, há um desejo que podes tornar realidade – digo com a voz ligeiramente trémula. Ela olha para mim, curiosa. – Podemos esquecer o contrato? – pergunto, extremamente nervoso.

Ela esbugalha os olhos e a insegurança substitui o amor que ainda agora vi no seu olhar.

– Nada na vida é garantido, Valentina. É verdade que algumas coisas não resultam, mas isso não pode ser motivo para viver com medo e antecipar o pior. Sei que te estou a pedir algo que para ti é difícil. Sei do que tens medo, mas esse medo nunca vai passar. Eu nunca vou deixar de te amar e nunca te vou trair. Nunca vou querer mais ninguém além de ti.

Ela olha para as mãos com uma expressão atormentada. Como a posso convencer a dar-nos uma oportunidade sincera?

– Quando nos casámos, acreditava que um casamento de conveniência era o melhor para nós. Pensei que o melhor era não haver qualquer risco de confusão ou de nos magoarmos, mas agora percebo que a vida não é a preto e branco. Por ti, arrisco tudo. Aposto que não me queres só porque sou um Windsor e que vamos ser felizes mesmo sem uma cláusula que nos obrigue a estarmos juntos. Escolho acreditar que ficarás comigo, mesmo que eu perca tudo. Podes, em troca, ter fé em mim e no nosso casamento? Dás-nos uma oportunidade? Por favor, dá-me uma hipótese de te provar que te vou escolher sempre, aconteça o que acontecer.

A minha esposa olha para mim e parece que o tempo para. Nunca me senti tão nervoso. Nunca arrisquei tanto. Nunca quis nada quanto quero o seu amor incondicional. Não sei se o meu coração aguenta se ela me disser «não».

– Não foi isso que acordámos – diz com um olhar implorante. – Dissemos que acabava tudo no fim do contrato, mesmo que quiséssemos continuar.

– Que se lixe o contrato – digo-lhe. As minhas palavras soam apressadas e apaixonadas. – Esquece isso. Foi um contrato que nasceu do medo e da desconfiança e não

quero nada disso entre nós. Posso entrar num avião amanhã e nunca aterrar, Valentina. Não há garantias nenhuma na vida, exceto uma: vou amar-te até ao fim dos meus dias.

Ela olha para a aliança e respira fundo.

– Então promete-me que nunca me vais deixar, Luca. Promete-me que vais lutar por nós, mesmo quando eu, inevitavelmente, te afastar porque tenho medo. Promete-me que não vais desistir de nós, mesmo quando parecer que não há esperança.

Sorrio-lhe e levo a mão dela aos meus lábios.

– Prometo-te que a única coisa que não farei por ti será deixar-te. Aconteça o que acontecer.

Ela anui, apesar de o medo ser inequívoco na sua expressão, e sinto-me aliviado. Está a dar-nos uma oportunidade, e vou garantir que nunca se arrependerá disso.

Cinquenta e três

Valentina

O meu coração bate descompassado enquanto me dirijo ao meu gabinete a usar aliança pela primeira vez. Até agora, ninguém reparou, e se alguém o fez, não me disse nada. Não sei se isso me faz sentir aliviada ou desapontada.

Tenho medo das reações negativas, especialmente por estarmos a assumir o nosso casamento tão pouco tempo depois da minha nomeação como diretora de operações, mas, acima de tudo, tenho medo de magoar ainda mais o Luca.

Hesito por um momento antes de pegar na placa que o Luca me ofereceu e de a colocar na secretária. «*Valentina Windsor, Diretora de Operações.*»

Ver o nome «Windsor» após o meu fazia-me sentir indigna dele e com medo, mas agora já não me sinto assim. Sorrio e escondo o rosto nas mãos, estranhamente nervosa. Tenho de a mostrar ao Luca. Sei que os olhos do meu marido se vão encher daquele misto de orgulho e possessividade a que não resisto.

Olho para as notas adesivas rosa na minha secretária e desato-me a rir. Não me lembro da última vez que me senti tão livre, tão feliz. Devia começar a trabalhar, mas há algo que tenho de fazer primeiro.

– Bom dia, Val! – diz a Jane quando passo pela minha antiga secretária. Uma equipa inteira de assistentes pessoais e chefes de operações está a assumir o meu lugar e surpreende-me que sejam precisas seis pessoas para fazer o que eu fazia sozinha. – O chefe tem uma reunião daqui a quinze minutos, acho que não tem muito tempo livre esta manhã.

Sorrio-lhe e anuo em agradecimento, entrando depois no gabinete do Luca. Ele levanta os olhos do ecrã e a sua expressão séria dá lugar a um sorriso.

– Pensei que já tinhas saído – digo. Quando eu era sua secretária executiva, chegávamos a qualquer reunião dez minutos antes da hora. – Não me digas que já estás a arruinar as minhas rotinas tão bem definidas.

O Luca recosta-se na cadeira e percorre com o olhar a blusa vermelha que tenho vestida.

– E o que vinhas fazer ao meu gabinete sem eu cá estar? – pergunta, detendo o olhar no meu decote.

Aproximo-me dele e mostro-lhe a nota adesiva rosa que tinha escondida atrás das costas.

– Vinha colar isto no teu ecrã – murmuro, colando a nota cuidadosamente. – Estragaste-me a surpresa.

«*Amo-te.*

Senhora Windsor

P. S. Tenho uma confissão a fazer. Passa no meu gabinete depois da tua reunião.»

Iluminam-se-lhe os olhos ao ler a nota.

— É a minha nota preferida até agora — murmura com o olhar repleto do que esperava ver. Amor, orgulho, posse. — Qual é a confissão? — pergunta, agarrando-me a mão. Esbugalha os olhos quando percebe que estou a usar a aliança. — Não a tiraste — sussurra, encantado. Olha para mim e levanta-se, agarrando-me pela cintura. — Sei que disseste que sim, mas não sabia se estavas mesmo a falar a sério. Pensei que ias querer começar devagar e tinha medo de exigir demais de ti. Isto... não fazes ideia de como me deixa feliz!

Pego na mão nua dele e franzo a testa.

— Alguma vez falhei com a minha palavra? — pergunto, pressionando a mão dele contra a face e fechando os olhos por um instante. — Isto não está certo.

Largo-lhe a mão e pego na gravata, desatando-a num movimento único. O Luca sorri e morde o lábio, apertando-me a cintura com mais força. Olho-o nos olhos enquanto pego no colar dele.

— Isto tem de ir à vida — digo-lhe, e as minhas últimas dúvidas dissipam-se quando abro o fecho do colar. Pego na aliança e ponho-lha no dedo, sorrindo.

— Tens a certeza? — pergunta, com alguma dúvida na voz. — Não podemos voltar atrás, Valentina. Nunca te vou deixar e, a partir deste momento, nunca escaparás ao nome Windsor.

A minha aliança podia passar por uma peça de herança ou um presente, mas a dele é claramente uma aliança de casamento. Dentro de algumas horas, haverá rumores sobre nós em todo o escritório. Anuo.

— Nunca estive tão certa. Eu amo-te, Luca. Não tenho qualquer dúvida. Quero-te por inteiro.

Ele agarra-me o cabelo e puxa-me para si, os nossos lábios encontram-se e sinto nos dois o desespero que me faz perder a razão. Ele beija-me devagar e intensamente, deixando-me a vibrar de desejo quando para. Encosta a testa à minha com a respiração ofegante.

— Deixa-me cancelar a reunião.

Rio-me e beijo-o.

— Claro que não!

— Por favor?

Mordo-lhe o lábio e dou-lhe outro beijo, no canto da boca.

— Nem sonhes. — Ele resmunga e lança-me um olhar suplicante, fazendo-me rir. — Passa no meu gabinete depois da reunião para te fazer a tal confissão.

Ele ergue uma sobrancelha e abana a cabeça.

— Vais-me deixar na expectativa a manhã toda, não vais?

Afasto-me com um enorme sorriso.

— Vou!

O meu sorriso apaga-se quando me viro e vejo três dos assistentes pessoais a olhar pelas paredes envidraçadas de olhos esbugalhados. Eles... viram...

— Oh, meu Deus!

Como é que me esqueci deles? Da minha antiga secretária vê-se todo o gabinete dele.

O Luca ri-se e eu lanço-lhe um olhar fulminante, sem sucesso.

– Finalmente – diz com uma expressão de contentamento.

Abano a cabeça ao sair do gabinete com o rosto em brasa. Nenhum dos assistentes me consegue encarar, estão tão vermelhos como eu devo estar. Ainda me sinto a arder quando me sento, por fim, escondida no meu gabinete.

Ele faz-me mesmo perder o controlo. Quando estou com ele, sou uma versão de mim que pensei que tinha perdido. É-me permitido ser assim tão feliz? Estou a pedir muito quando rezo para que isto dure para sempre?

Suspiro, mas a minha felicidade morre um bocadinho quando olho para os *emails*. Parece que a Jessica não aceita a proposta de compra se não for o Luca o seu intermediário. Isto deixa-me desconfortável e odeio que tenha esse efeito em mim. Quero ser capaz de confiar no meu marido, principalmente porque não tenho dúvidas de que o merece.

– Valentina.

Levanto a cabeça, surpreendida, e olho para o relógio.

– Luca, saí do teu gabinete há quinze minutos.

Ele encolhe os ombros, dirigindo-se a mim.

– Aquela reunião não era importante. Podia ter sido um *email* e consegui acabá-la num ins... – deixa a frase a meio quando repara na placa.

– Foda-se! – pragueja com uma expressão da qual nunca me vou esquecer.

Para em frente à minha secretária e percorre a placa com os dedos. Então é isto a felicidade completa, é isto que se *sente*.

– A confissão – diz, olhando ora para mim, ora para a placa, como se não pudesse parar de olhar para ela – era isto?

Quando me olha assim sinto que acabam todas as minhas preocupações. Prometi-lhe que nos ia dar uma oportunidade sincera e é isso que vou fazer. Pego no comando e fecho as persianas do meu gabinete, recusando-me a cometer o mesmo erro duas vezes. O Luca arregala os olhos e sorri maliciosamente antes de se encaminhar para mim.

– Prometes que me perdoas? – pergunto, levantando-me da cadeira e empurrando-o, fazendo com que se sente ele nela.

Ele ri-se, recostando-se na cadeira, fascinado.

– Sabes que sim, nunca poderás fazer nada que eu não perdoe.

– Não teria tanta certeza. – Ele ergue as sobrancelhas quando me ponho de joelhos entre as pernas dele. – Isto é tudo um estratagema elaborado que dura há anos. Enganei-te bem.

Por um momento, vejo a sua fé em mim vacilar, mas ponho-lhe as mãos nos joelhos e ele sorri.

– Conta-me lá, então.

Subo as mãos pelas coxas dele enquanto o olho nos olhos, não conseguindo esconder o sorriso.

– Luca, eu não gosto de cor-de-rosa.

Ele dá uma gargalhada e agarra-me o cabelo.

– *O quê?* Então e os marcadores e as notas adesivas? As canetas e os cliques? As atas que me entregavas impressas em papel rosa?

Desaperto-lhe as calças e agarro no pau dele, deliciada por ele já estar com tesão. Lambo os lábios e encosto-os à cabeça da pila.

– Só o fiz porque sei o quanto *odeias* rosa. Desculpa. Mereço ser castigada por te ter enganado, não achas?

– Acho – diz ele, apontando com o pau na direção da minha boca.

Ele agarra-me pelo cabelo e eu enfio-o na boca, provocando-o com a língua. Saber como ele me deseja deixa-me excitada em segundos. Há algo especial em ser verdadeiramente desejada.

– Minha linda mentirosa – murmura, tirando a pila da minha boca. Resmungo, desapontada, e ele ri-se e levanta-se, ficando o pau dele ao nível dos meus olhos. Agarra-o e reparo na aliança enquanto o esfrega. – Vou-te comer a cara e castigar-te pelo tormento que me causaste.

Agarra-me na nuca e enfia a pila na minha boca, mantendo-me quieta enquanto me come. É o único homem a quem sou submissa, e ele sabe e adora.

– Amo-te tanto – geme, penetrando com mais intensidade, mais rápido, mas sem nunca me fazer engasgar ou sufocar. Olho para ele e vejo que me olha com devoção profunda, o que me faz chupá-lo com mais luxúria.

Pensava que já não tinha coração, mas talvez fosse porque ele mo roubou antes de eu dar por isso.

Cinquenta e quatro

Luca

Olho para o meu relógio de bolso e sorrio para a fotografia da Valentina que lá coloquei. O meu pai disse-me uma vez que mo dava se eu me casasse e que devia lá pôr uma fotografia da minha esposa. Nunca pensei que alguma vez substituísse a velha e desvanecida fotografia da minha mãe, mas percebo-o agora.

Sei porque me disse para pôr uma fotografia da minha esposa neste relógio. Dá-me perspetiva e lembra-me do motivo por que faço o que faço. Lembra-me de que cada segundo não produtivo podia ter sido passado com ela, o que me deixa ainda mais chateado por estar sentado onde estou.

– O preço que apresentas é justo – diz a Jessica.

Fecho o relógio e suspiro.

– Então porque insististe em reunir comigo em vez de aceites a proposta?

Ela olha para a minha aliança de vez em quando com uma expressão indecifrável. Sei que quer perguntar se é uma aliança de casamento, mas, surpreendentemente, ainda não o fez. Irrita-me ter de olhar para ela, mas irrita-me mais ainda que a Valentina tenha insistido nesta reunião.

Sei porque o fez. Quer provar-me que está mesmo a dar uma hipótese ao nosso casamento e que escolhe confiar em mim, apesar das suas inseguranças. Está a tentar provar que não vai deixar que a vida pessoal interfira nos nossos objetivos profissionais, mas não é isso que quero.

Quero que perca a cabeça por minha causa, como eu perco com qualquer homem que se aproxime dela. Quero que seja ciumenta e irracional, que perca o controlo quando o assunto sou eu. De vez em quando, quero que fique tão louca como eu. Preciso de saber que me ama da mesma forma, que a deixo doida.

– Não sabes mesmo porque pedi para me reunir contigo pessoalmente?

Suspiro e passo uma mão pelo cabelo.

– Não e, sinceramente, não quero saber. Não me interessa que recuses a nossa oferta. Não foi ideia minha comprar a Metric. Só estou aqui porque me disseram para estar.

O que quero é ir para casa. Há meia hora que estou aqui sentado e quero voltar para a minha esposa. A princípio, pensei que ela viesse, que não me fosse deixar jantar com a minha *ex-namorada*, mas não apareceu. Sinto-me mais frustrado a cada segundo que passo sem ela.

Ainda estou inquieto com a Valentina, receoso de que mude de ideias ou de que não sinta o mesmo que eu. Irrita-me que consiga separar tão bem a vida pessoal da profissional, quando eu não consigo fazer isso. Deixava colapsar a minha empresa toda se isso a fizesse feliz, mas ela nem uma aquisição quer perder, mesmo que para a conseguir eu tenha de jantar com a minha *ex-namorada*.

– Que queres dizer com isso? – pergunta a Jessica. – Se não foi uma decisão tua, foi de quem?

– Minha.

Endireito-me na cadeira, sorrindo, enquanto o meu coração acelera. Os olhos da Valentina encontram os meus e a ponta de insegurança que leio neles deixa-me descansado. É tóxico, uma loucura, eu sei, mas não me interessa.

Levanto-me e puxo uma cadeira para a mesa onde eu e a Jessica estamos, feliz por ser uma mesa pequena. A Valentina terá de se sentar ao meu lado, com a perna encostada à minha.

– Sou a Valentina – diz –, diretora de operações da Windsor Finance e a responsável pelo plano de expansão.

Apertam as mãos, e a Jessica parece irritada quando a Valentina se senta ao meu lado. Ponho-lhe uma mão na coxa e inclino-me sobre a orelha dela.

– Linda menina – sussurro. – Mereces uma recompensa por teres vindo.

A minha esposa vira o rosto, e os nossos narizes roçam-se um no outro.

– Não estás zangado por ter vindo? – pergunta.

– Pelo contrário!

Sorrio-lhe enquanto ela entrega à Jessica um documento com o resumo da proposta.

– Desculpe ter vindo tão tarde – diz num tom perfeitamente profissional. – O Luca pediu-me que viesse, mas estava numa reunião que se prolongou e pensei que já não conseguisse vir.

É impossível resistir-lhe quando age assim. Apetece-me fazer com que perca o controlo. É tão sensual quando está a negociar. Ela não faz ideia do número de reuniões em que tive de disfarçar a tesão e abstrair-me das fantasias que construí na minha mente.

A Jessica olha para a minha esposa enquanto ela resume os termos da oferta, olhando de vez em quando para a minha aliança. Estou contente por a Valentina ter aparecido, mas devia ter-se apresentado como Valentina Windsor. Talvez não mereça uma recompensa, mas antes um castigo.

– A nossa proposta não implica que... – subo a mão pela coxa dela, por baixo da saia, e a voz falha-lhe enquanto me viro ligeiramente para ela para que os meus movimentos não levantem suspeitas – que haja mudanças na direção.

Cora, e eu olho para ela, fingindo estar absorto no que diz, enquanto lhe desvio as cucas.

– Juntar-se à Windsor Finance daria à Metric acesso a financiamento adicional e a estudos que... – passo um dedo pela vulva dela, percebendo que está a ficar cada vez mais molhada – que são propriedade da nossa empresa. – Pensei que me fosse lançar um olhar repreendedor, mas, em vez disso, abre as pernas.

Penetro-a com dois dedos e sinto-os desaparecer dentro dela. Algo nesta mulher me deixa completamente louco. Acho que nunca tive a minha pila tão dura! Nada me dá mais prazer do que tentá-la com um orgasmo quando está a fazer o possível para manter o controlo de que tanto se orgulha.

– Seria, então, uma proposta de parceria? – pergunta a Jessica, olhando alternadamente para cada um de nós. O desconforto que mostra leva-me a questionar-me se está a perceber o que se passa debaixo da mesa ou se é apenas porque estou sentado tão perto da Valentina. Não é nada profissional e ela sabe isso. Não há como enganar, eu e a Valentina somos, claramente, mais do que colegas de trabalho.

– Exatamente – responde a Valentina. Sorri e pega no meu copo de vinho, bebendo um trago e deixando-lhe uma marca de batom.

Esfrego-lhe o clitóris com o polegar, sofregamente, e ela morde o lábio. No princípio, só a queria provocar, mas agora quero que se venha, aqui, sentada a esta mesa.

Olho para o copo enquanto continuo a esfregar-lhe o clitóris, a provocá-la com mais força. Com a mão que tenho livre, viro o copo para que a marca de batom fique virada

para mim e, depois, pego nele e bebo um gole, pondo os meus lábios sobre a marca dos dela. Acho que estou obcecado pela minha esposa!

A Jessica cerra os dentes e a Valentina contorce-se, incapaz de estar quieta quando a estou a levar ao limite. Tenho os dedos tão molhados. Seria tão fácil penetrá-la agora com a pila e só consigo pensar nisso. Quanto tempo demoramos a chegar a casa? Se a deixar no limite, será que despacha esta reunião?

Inclino-me sobre ela e os meus lábios roçam-lhe a orelha enquanto a toco com mais luxúria e enfió os dedos mais fundo.

– Quero que te venhas – sussurro.

A respiração dela é irregular, e, quando me endireito, ela olha para mim, corada, com tanto desejo no olhar que me podia vir só com esta imagem.

– Luca – murmura, abanando a cabeça, o meu nome soando como uma súplica. Sorrio com o coração a transbordar de amor. Sou louco por ela!

Pego-lhe na nuca e puxo-a à bruta para mim. Beijo-a e ela geme contra os meus lábios quando a faço vir e sinto os seus músculos contraírem-se contra os meus dedos. Amo tanto esta mulher, com todo o meu coração! Nunca senti nada assim e acho que nunca me vou cansar dela.

Ela liberta-se do meu beijo e encosta a testa ao meu ombro, tremendo ligeiramente. Tiro os dedos de dentro dela, sentindo um arrepio de prazer pela espinha.

– Peço desculpa – digo à Jessica, que nos olha com uma expressão que só pode ser descrita como ciúme e tormento. – Parece que a minha esposa não se está a sentir bem. É melhor levá-la para casa.

– Esposa? – repete ela com o olhar repleto de mágoa e derrota.

Envolvo a Valentina com um braço. Ela é incapaz de levantar o rosto. Fica tão engraçada assim. Sei que me vai fazer pagar por isto, mas não resisti.

– Sim, a *minha esposa*.

A Valentina olha-me nos olhos, visivelmente perturbada, e sou incapaz de não sorrir.

– Foste tu que me obrigaste a vir aqui – digo-lhe, continuando a sorrir. – Agora que também... vieste... e resumiste a nossa proposta, podemos dar a reunião por encerrada e ir para casa.

Os olhos dela faíscam, mas sei que está a tentar esconder um sorriso quando se vira para a Jessica.

– Peço imensa desculpa – diz. – O meu marido tem razão, não me sinto bem. Por favor, contacte-me diretamente se quiser discutir mais algum aspeto e marcamos uma nova reunião.

Finalmente! Mal posso esperar por a ter na cama e lhe dissipar qualquer dúvida que ainda tenha. Uma a uma, vou fazer com que desapareçam, até estar segura de que é a única mulher que me interessa.

Cinquenta e cinco

Luca

Suspiro, irritado, enquanto me dirijo à casa do Lexington para a noite de póquer.

Preferia ter ficado em casa com a minha esposa, o que é de doidos, porque a noite de póquer costumava ser o melhor do meu mês. Gostava de estar com os meus irmãos, mas agora parece que estou a sacrificar tempo que devia passar com a Valentina. Ainda assim, não posso faltar, até o Dion veio. Se ele vem de Londres, não há desculpa que eu possa usar quando moro a dez minutos da casa do Lex.

Franzo a testa quando encontro o Xavier e o Zane à porta, a conversarem de modo intenso.

– Não pode ter sido ela – diz o Zane com a voz tensa.

– Não pode ter sido *quem*? – pergunto.

Olham os dois para mim com surpresa e ergo uma sobrancelha. O Zane desvia o olhar e passa a mão pelo cabelo com uma expressão atormentada. Que raio o deixou tão agitado?

Encaro o Xavier e cruzo os braços.

– Desembucha ou digo à Sierra que tens vindo às nossas noites de póquer. Como é que achas que vai reagir?

Sinceramente, as hipóteses são muitas. A Sierra odeia o Xavier. Pode aparecer e antagonizá-lo, pode pedir à equipa de segurança que o bana, ou pode usar a localização dele contra ele. Saber exatamente onde ele está uma vez por mês? É uma informação perigosa nas mãos dela.

Não percebo porque um homem como o Xavier permite à minha irmã fazer tanta asneira. Ela tortura-o! Se fosse comigo, já tinha ido presa por umas quantas coisas. Imagino que releve por cortesia e pela amizade que temos construído ao longo dos anos.

– A Celeste – diz o Xavier e paro de sorrir.

– O quê? – olho para o Zane, preocupado. Não admira que o meu irmão, sempre tão calmo e inabalável, esteja tão frenético.

– Eu disse-lhe que a faria pagar se mais alguma vez me aparecesse à frente – diz, num tom calmo. – Para o bem dela, espero que fique longe!

Anuo, preocupado. O Zane tenta esquecer o assunto e entra na casa, mas só a menção do nome dela deixou-o agitado. Espero que ela não se aproxime, mas sei que será inevitável. Eles são como a traça e a luz, só não sei qual é qual.

– Onde está o Dion? – pergunto quando me sento.

O Lexington encolhe os ombros e serve-me uma bebida.

– Disse que surgiu qualquer coisa e está atrasado e para começarmos sem ele.

Anuo e dou um gole na minha bebida, observando os meus irmãos. Estão todos entusiasmados por estar aqui a pôr a conversa em dia, exceto eu e o Ares. Ele cruza o olhar comigo e sorri, cúmplice, erguendo o copo na minha direção.

Brindo com o meu copo e ele abana a cabeça.

– Estou perdoado por te ter incentivado quando apareceste aqui bêbedo há uns meses?

Sorrio e o Lex distribui as cartas.

– Perdoei-te assim que a Valentina aceitou casar comigo.

O Ares ri-se.

– Alimenta esta cadeia. Um por um, chegará a hora de todos. Como tanto eu como tu encontrámos a felicidade graças ao incentivo que recebemos, é justo retribuir esse favor.

Anuo e levanto o copo. O Ares tem razão. Somos todos uns idiotas e o que nos salva é este laço, a nossa família.

– Não é possível que não estejas a fazer batota – diz o Xavier com os olhos a faiscar de irritação.

O Xavier não gosta de perder, o que torna ainda mais difícil perceber como aceita perder negócios imobiliários de milhões para a minha irmã. Quase não o consegui convencer a desfazer-se da propriedade onde está a árvore da Valentina.

– Sim – diz o Lex –, é a terceira vez seguida que ganhas. Batoteiro!

Encolho os ombros.

– Que querem que diga? É uma questão de sorte.

A Valentina deu-me um beijo de boa sorte antes de eu sair de casa, e acredito que resultou. Também ajuda ter-me dito que me deixa comer-lhe a cara se *ganhar* dinheiro em vez de perder. A minha esposa não gosta de dinheiro malgasto e eu não gosto de a desiludir.

– Que nojo! – diz o Zane com os olhos semicerrados. Ainda está agitado, mas parece-me estar a acalmar. – É óbvio que estás a pensar na Val e é nojento.

– Sim – concorda o Lex –, é como se fosse nossa irmã, ó tarado. Pelo menos disfarça. Tens escrito na cara aquilo em que estás a pensar – estremece e lança-me um olhar fulminante.

– Que raio é isto? Não posso pensar na minha *esposa*?

– Bah! – diz o Xavier. – «*A minha esposa*» – imita-me de forma ridícula. – Já pareces o Ares. O casamento deu cabo de vocês. É nojento!

Olho para o Ares, pedindo apoio, mas ele apenas encolhe os ombros, impávido e sereno.

– Deixa-os estar – diz-me. – Espera até ser a vez deles. O carma é lixado.

O Lexington faz uma careta.

– Não me vou tornar num parvo por causa de uma mulher.

O Ares e eu trocamos um olhar cúmplice e sorrimos.

– Sim, sim – dizemos em uníssono.

O Lexington é o nosso irmão mais novo e, de todos, é o mais sensível. É o que se vai apaixonar mais e será delicioso assistir a isso.

A porta abre-se e o Dion entra com uma expressão de raiva, juntando-se a nós na mesa de jogo. Não diz uma palavra, pega no meu copo, esvazia-o e volta a pô-lo na mesa com um estrondo.

– Dá as cartas – diz ao Lex, batendo na mesa.

Para minha surpresa, o Lex faz o que ele lhe pede sem abrir a boca, apesar do seu olhar preocupado. O Dion nunca perde a calma, ninguém sabe como reagir. Mesmo quando éramos crianças, era o que nunca discutia por causa dos brinquedos e nunca cedia às nossas tentativas de começar uma discussão. Sempre foi extremamente calmo e sensato, até mais do que o Ares. Mas não deixa de ser um Windsor, e só uma coisa nos afeta desta maneira.

– Viste a Faye hoje? – pergunto em tom suave, paciente.

Sempre fingiu não querer saber da sua noiva, mas sei que isso não é verdade. Vi como olhava para ela enquanto dançavam no casamento do Ares. Era exatamente como o Ares olhava para a Raven: com um desejo pelo qual se sentia culpado.

O Dion olha para mim, surpreso.

– Tu sabias? – o tom dele é acusatório, incisivo.

Abano a cabeça, confuso, e ele vira-se para o Zane.

– *Tu* devias saber. Diz-me que não me escondeste isto, Zane.

O Zane levanta as mãos e abana a cabeça.

– Não faço ideia do que estás a falar – responde imediatamente. – Que aconteceu?

O Dion afunda-se na cadeira e passa uma mão pelo cabelo.

– Encontrei-a num dos teus hotéis hoje – diz ao Zane. – Estava a subir para o quarto...

com o *namorado*.

A sala fica em silêncio, nenhum de nós sabe o que dizer.

– Foda-se! – murmuro.

Apesar de estarem noivos, a Faye e o Dion mal se falam. Consigo compreender que tenham casos aqui e ali antes do casamento, mas um deles estar numa relação meses antes do casamento? Fico doente só de pensar na Valentina apaixonada por outro homem. Nem consigo imaginar o que o Dion está a sentir.

– Que vais fazer? Ela pediu-te para terminarem o noivado? – pergunta o Lex.

– Não – responde, fazendo uma careta –, *implorou-me* para não o fazer. Além disso, eu nunca o poderia fazer, mesmo que quisesse. Achas mesmo que me casava com ela se o pudesse evitar?

Respiro fundo e encho o copo. Até o Ares permanece em silêncio. Sempre tive esperança de que o Dion e a Faye fizessem com que as coisas resultassem, mas como, com tanta coisa a intrometer-se entre eles?

Cinquenta e seis

Valentina

Sorrio enquanto a Jessica assina o contrato. O olhar dela alterna entre os papéis que tem à frente e a placa com o meu nome. Pouco depois da nossa reunião, o Luca enviou uma circular a anunciar o nosso casamento e a anular a norma de não-confraternização. Para minha surpresa, não houve reações negativas. Esperava que as pessoas falassem nas minhas costas sobre eu ter subido na horizontal, mas nem sequer ouvi rumores disso.

Ouvi queixas sobre o Luca já não estar solteiro, e, surpreendentemente, também recebi alguns olhares de coração partido, mas ninguém fez comentários desagradáveis sobre nós. Houve piadas sobre a norma de não-confraternização e parece que o Theo anda a dizer que *sempre* soube que havia algo entre nós, mas não ouvi qualquer comentário desagradável. Pelo contrário, nas últimas semanas, toda a gente nos tem dado os parabéns e celebrado connosco. Nunca tinha percebido a quantidade de pessoas que torcia por nós. Mais do que uma vez me disseram que somos um casal tão coeso, que é fácil acreditar no futuro da nossa união. Acho que nunca me senti tão feliz.

– Estou entusiasmada por trabalhar em equipa – diz-me a Jessica com uma expressão sombria.

Não tenho dúvidas de que não queria assinar este contrato, mas a nossa proposta era irrecusável. Vai permanecer como diretora executiva e só lhe pedimos para usarmos a propriedade intelectual e a tecnologia que eles desenvolveram. Em troca, recebem financiamento adicional e acesso a quase todos os nossos recursos, permitindo que possam crescer mais do que conseguiriam sozinhos.

– Eu também – respondo, apertando-lhe a mão.

A Jessica olha novamente para a placa e suspira.

– Admira-me que se tenha casado com alguém como tu. Qual é o objetivo? Passar a perna à avó ao fingir que está apaixonado por ti?

O meu sorriso desvanece-se e respiro fundo. Os funcionários da empresa podem estar contentes por nós, mas já mais do que uma pessoa do círculo social do Luca questionou o nosso casamento. A maioria pensa que é impossível que me ame. Talvez por terem visto ao longo dos anos como somos profissionais e frios, mesmo em situações sociais. Ou talvez pensem que não sou boa o suficiente para ele. Mais de uma vez ouvi dizerem que foi ridículo terminar o noivado com os Ivanovs por alguém como eu.

– Não faça isso – digo-lhe com uma expressão neutra. – Não deites abaixo outra mulher só porque ela tem o que não era suposto ser teu. Vais encontrar a tua própria felicidade, Jessica. Tenho a certeza.

Ela franze a testa e cruza os braços.

– Não te faças de superior ao pé de mim – atira. – Conheço-o melhor do que ninguém. Sou a única mulher que ele amou verdadeiramente. Aquela pequena demonstração pública de afeto ao jantar? Aquilo não foi amor. Foi luxúria, um ato dirigido a *mim*. Ele está a usar-te e a divertir-se com isso, mas, quando chegar o momento, vai deixar-te sem sequer olhar para trás. Quanto mais tempo estiverem juntos, mais óbvio será que não pertences ao nosso mundo, e quanto mais te esforçares, mais te vais magoar. – Dá um passo atrás e sorri. – Mas não adianta dizer-te isto, o tempo vai mostrá-lo. Espero que aproveites enquanto dura. Sei como pode ser divertido estar com o Luca. Ele sabe como nos fazer sentir que somos a única mulher no mundo, que não sente por mais ninguém o que sente por nós. Talvez seja por ser uma pessoa muito focada. É pena que não se consiga concentrar numa única coisa por muito tempo. Era bom que o seu foco nunca mudasse, não era?

Ri-se ao sair do meu gabinete e eu sento-me, inquieta. Não quero que ela me afete, mas acabou de verbalizar os meus maiores medos. Que acontecerá quando o Luca perceber que somos mesmo muito diferentes? E se o foco dele de facto mudar? Não me surpreenderia que escolhesse abandonar-me se deixasse de lhe ser útil – afinal, sempre tive essa expectativa ao longo dos anos. Fui parva por ter pensado que estes sentimentos seriam duradouros?

– Valentina?

Desperto dos meus pensamentos quando ouço a voz do Luca. Levanto os olhos e vejo-o encostado à ombreira da porta. Parece-me preocupado.

– Que se passa? Alguma coisa correu mal com o contrato da Metric?

Abano a cabeça e levanto-me, dirigindo-me a ele. Ele enlaça-me com um braço e pega-me no rosto.

– Que foi, então? Alguma coisa que a Jessica disse?

Olho-o nos olhos e suspiro.

– Vais olhar para mim desta forma para sempre? – pergunto, dizendo as palavras sem as pensar antes.

– Para sempre – ele responde sem hesitar.

Sorrio e abraço-lhe o pescoço.

– Nem sequer sabes do que estou a falar.

– Não preciso de saber. Sei que te vou amar para sempre.

– Mesmo quando eu for velha e tiver rugas?

Ele anui.

– Sim. Vou memorizar cada uma das tuas rugas e vê-las como provas dos anos felizes que passámos juntos. Vou envelhecer contigo, meu amor. Vais deixar de me amar quando perder os meus abdominais definidos? E se me cair o cabelo?

Contraio os lábios e abano a cabeça.

– Não sei... o que mais amo em ti é essa cara laroca.

O Luca ri-se e puxa-me para ele, inclinando a cabeça e beijando-me uma vez, duas vezes, até se afastar, gentilmente.

– Nenhum casamento é perfeito e vamos viver diferentes fases ao longo da vida. Seremos mais felizes numas alturas do que noutras, mas estarei sempre ao teu lado. Isso posso prometer-te. Não posso eliminar todos os teus medos, mas, daqui a dez anos, vamos recordar este momento e eu vou dizer-te «Eu bem te disse!».

Ponho-me em bicos de pés e beijo-o com o coração pesado. Nunca pensei voltar a confiar num homem, mas aqui estou, disponível para acreditar em cada palavra que me diz.

– Mal posso esperar por esse dia – murmuro.

O Luca afaga-me o cabelo e sorri com o olhar repleto de amor.

– Também eu, meu amor, mas não nos podemos esquecer de apreciar cada dia até lá chegarmos, está bem?

Anuo, já com as preocupações desvanecidas.

– Amo-te – digo-lhe. – Nunca te disse isto, mas estou-te muito grata por nunca me exigires confiança, ou fé, e nunca te zangares com as minhas inseguranças. Sei que não deve ser fácil estar casado comigo, mas tu... Luca, se existem almas gémeas, acho que és a minha.

A forma como sorri faz-me disparar o coração. Inclina-se sobre mim, mas, mesmo antes de os seus lábios tocarem nos meus, os nossos telemóveis começam a tocar. Dou um passo atrás e franzo a testa ao pegar no meu.

– Olá, mãe – digo, surpreendida por ela me estar a ligar quando sabe que dentro de uma hora estarei em sua casa com o Luca. Vamos passar o fim de semana com ela e com a *Abuela*.

– Val – diz ela de voz embargada –, a *Abuela*... Vem para casa, por favor.

Olho para o Luca, que me olha de volta com o rosto pálido e o telemóvel colado ao ouvido. Deixa cair o braço e o telemóvel cai ao chão com um estrondo que se ouve perfeitamente no meu gabinete silencioso. O desgosto nos seus olhos diz-me tudo o que a minha mãe não conseguiu dizer.

Cinquenta e sete

Valentina

Olho para o caixão fechado e os meus olhos enchem-se de lágrimas novamente. Vi-a pela última vez e mata-me saber que nunca mais a verei. A *Abuela* estava tão bonita com o seu vestido preferido. Tenho tentado aceitar o que aconteceu, mas só quando cheguei ao cemitério, repleto de pessoas que a adoravam, é que percebi que era real.

O Luca enlaça-me pela cintura e encosto-me a ele. Desde que recebemos a chamada que não sai do meu lado. Recordo tudo desfocado, mas lembro-me de fragmentos: ele a pôr-me no duche, a pedir-me a mim e à minha mãe para comermos alguma coisa. Cuidou de nós o melhor que sabe e se não fosse ele, não sei se conseguiria estar aqui hoje.

– Val.

Olho para cima e vejo a avó Anne, a Sierra, a Raven, o Ares, o Dion, o Zane e o Lexington à minha frente. Todos carregam expressões de pesar.

– Que estão aqui a fazer? – murmuro. Pensei que alguns deles viessem, mas não pensei que o Dion viajasse para estar no funeral da minha avó.

O Zane desvia-me o cabelo do rosto, gentilmente, e suspira.

– Somos a tua família – diz-me.

A Sierra dá-me o braço e a Raven beija-me a testa. É o bastante para desatar a chorar. Soluços rasgam-me a garganta.

Tenho tentado ao máximo não chorar porque hoje deve ser uma celebração da vida dela, não um dia de luto. Mas só consigo pensar no buraco negro que a sua ausência criou. Arde-me o peito e não consigo controlar os meus pensamentos. Os joelhos falham-me e quase caio, mas o Luca e a Sierra amparam-me. O Luca puxa-me para ele e abraça-me enquanto me esforço para abafar os soluços, incapaz de conter as lágrimas. A minha mãe começa também a chorar, e o Luca envolve-a com um braço, abraçando-nos às duas enquanto desmoronamos.

– Como é que ela me pôde deixar sozinha? – pergunto, incapaz de aceitar que perdi a mulher que mais amava. A *Abuela* morreu em paz, durante uma sesta, mas parece-me tão injusto. Fiz tudo para que tivesse os melhores cuidados que o dinheiro pode pagar e não foi o suficiente.

– Estava na hora dela – diz-me a minha mãe. – Ela... está com o *Abuelo* agora, minha querida.

Sinto-me perdida sem a minha *Abuela*. Ela era o meu porto seguro, a única

coisa constante na minha vida e a única pessoa que me amou incondicionalmente. Sinto-me culpada, penso em todas as vezes que a negligenciei por causa do trabalho – cada uma, um pecado do qual nunca serei absolvida. Sou consumida por perguntas para as quais não tenho resposta. Porque trabalhei tanto? Para quê? Porque não passei mais tempo com ela? Perguntou-me uma vez o que eu teria quando chegasse à idade dela, que memórias teria criado. Percebo agora que me estava a dizer para aproveitar a vida ao máximo e eu desiludi-a. O Luca abraça-me com força até eu parar de chorar. Nunca senti tanta mágoa. Perdi tanto ao longo dos anos, mas nada me custou tanto como isto.

– Não tens de fazer isto se não quiseres – diz-me o Luca quando o padre me indica que me aproxime.

Como única neta da *Abuela*, é suposto partilhar histórias felizes dela, para honrar a sua memória e apaziguar a dor dos que aqui se reuniram para celebrar a sua vida. É a coisa mais difícil que alguma vez farei, mas não a vou desiludir. Afinal, é a última coisa que posso fazer por ela.

O Luca aperta-me a mão e depois deixa-me ir. Mantém os olhos em mim quando me posiciono em frente ao microfone. Não sei mesmo o que faria sem ele. Tratou de tudo, de cada pormenor, até falou com a seguradora e com a agência funerária. Deu-me força, e não faço ideia de como lhe posso agradecer.

– Obrigada por estarem aqui hoje para celebrar a vida extraordinária que a minha avó viveu – digo.

Vejo tantas caras familiares, todas com lágrimas nos olhos. A *Abuela* era o meu mundo, mas é óbvio que influenciou muitas outras vidas. Parece que está aqui o bairro inteiro. Quase todas as lojas fecharam, estão todos aqui.

– A minha *Abuela* – murmuro com a voz a falhar – era tudo para mim. Era o exemplo que eu seguia, a minha maior motivadora e a minha melhor amiga. A simples ideia de continuar a viver sem a sua orientação é aterradora, mas sei que darei continuidade às lições que me ensinou. – O Luca olha para mim com tanto orgulho, como se soubesse quão difícil isto é para mim, que me sinto um pouco aliviada. – Quando penso na minha *Abuela*, penso em risos, lições de vida, abraços reconfortantes e travessuras sem fim. Uma das memórias preferidas que tenho dela é até bastante recente. Alguns saberão que me casei há uns meses e não sabia como lhe dizer. Foi uma decisão algo impulsiva e tinha medo de que ficasse zangada comigo ou de que não aceitasse que me tivesse casado em segredo, sem que pudesse estar presente. Estava a tremer quando levei o meu marido a casa dela, mas, quando descobriu que tínhamos casado, riu-se e disse «finalmente». Provocou-me e torturou-me, lembrando-me das inúmeras vezes que disse mal do meu marido antes de nos termos apaixonado. Na altura não percebi, mas ela queria tornar aquela situação menos difícil para mim, ao mesmo tempo que me mostrava a sua aceitação e apoio incondicionais, como sempre. Era isso que ela fazia. Fazia-nos sentir bem-vindos e amados, a todos. Tratava toda a gente de forma calorosa.

Respiro fundo enquanto as pessoas à minha volta sorriem e, por um momento, sinto que ela está aqui comigo, feliz por eu estar a homenagear memórias felizes e

não a chorar por ela.

– A *Abuela* e o meu marido achavam que eu não sabia, mas ela ligava-lhe frequentemente, para saber de nós e para lhe contar histórias da minha infância. Às vezes, ele chegava a casa com comidas específicas ou pequenos presentes, e eu sabia que tinha falado com a minha *Abuela*, porque só ela me conhecia assim tão bem. Agora percebo que estava a passar-lhe o testemunho. Queria assegurar-se de que eu não ia perder as coisas de que mais gostava, porque sabia que eu nunca falaria dessas pequenas coisas que me fazem feliz. Ela era assim. Muitos dos que aqui estão terão beneficiado da sua generosidade, da sua forma peculiar de nos fazer sentir especiais. Ela entrava num sítio e toda a gente sorria, porque nunca se sabia o que ela ia dizer. Era imprevisível, engraçada e tão doce. Não seria quem sou sem ela e sei que muitos de vocês sentem o mesmo. Ela deu de comer a muitos de nós e estava sempre lá com um sorriso amável e palavras reconfortantes. Vou lembrá-la para sempre assim e espero que vocês também.

Cinquenta e oito

Luca

Entro no quarto de infância da Valentina e encontro as cortinas fechadas. O seu pequeno corpo está escondido debaixo dos cobertores. Passou uma semana e ela recusa-se a sair da cama, a menos que eu a obrigue.

Suspiro levemente enfiando-me na cama com ela, aninhando-me, abraçando-a pela cintura, com a cabeça dela apoiada no meu peito. Ela fica apreensiva por um momento e não diz uma palavra. Há dias que não temos uma conversa como deve ser e nada do que digo ou faço tem resposta. Estou cada vez mais preocupado e mata-me não saber que fazer para que ela se sinta melhor.

– Há uma coisa que não te contei – admito, sem saber se este é o momento certo.

Ela não responde, nem quando a abraço com mais força.

– Alguns dias... *antes*... eu almocei com a *Abuela*. As senhoras com quem ela jogava bingo não acreditavam que te tinhas casado. Ela mostrou-lhes notícias sobre mim e gabou-se de eu ser um Windsor, mas elas achavam que estava a mentir. – Sorrio ao lembrar-me desse dia. – Ela ligou-me e pediu-me que lá fosse imediatamente. Soava como tu às vezes soas, a forma como mandava em mim. Percebi, então, a quem tinhas ido buscar a tua atitude. Pela forma como falava, era óbvio que eu estava em alta voz. Ouvi as outras senhoras a zombar dela, a dizer que estava a levar a brincadeira longe demais.

Ela vira-se um pouco para mim, percorre-me o rosto com os olhos. É a primeira vez em dias que olha para mim como deve ser.

– Obviamente, larguei tudo para ir ter com ela. Levei o carro mais caro e conduzi até ao centro comunitário onde ela jogava bingo, e, sem surpresa, ela estava à porta, à minha espera, com as amigas. Estacionei à frente delas, deixando que admirassem o carro. Aproximei-me dela e levantei-a no ar, fazendo-nos girar como às vezes faço contigo. Ela riu-se e, tirando os momentos em que estou contigo, nunca me senti *tão* feliz. Estava tão orgulhosa e sentia-se vingada ao apresentar-me às amigas. Nunca a tinha visto assim e entrei no jogo o tempo inteiro, o que ela adorou.

– A sério? – pergunta a Valentina, e eu anuo. Vira-se completamente para mim, e o meu coração dispara. Está tão perto, mas nunca a senti tão distante.

– Há mais. Uns vinte minutos depois, a polícia de trânsito chegou a dizer que ia rebocar o meu carro. A *Abuela* nunca soube, mas estava tudo combinado. Quando ela me ligou, percebi o que se estaria a passar e pensei que, para a vingar da zombaria a que tinha sido exposta por minha causa, devia fazer as coisas em grande. Então, temos lá a polícia. Segundos depois, o Zachary Kingston para o carro dele ao lado do meu, com uma escolta policial. Imediatamente, a polícia de trânsito afasta-se e pede desculpa.

A Valentina olha para mim de olhos esbugalhados, com uma expressão extasiada.

– Quando nos casou, o Zach disse-me que isso não chegava para pagar o favor que me devia, por isso, ainda me estava a dever uma. Cobrei-o nesse dia. Ele fez-me uma enorme festa a cumprimentar-me e depois pediu imensas desculpas por se ter atrasado para a

reunião, mas que a alteração de local tinha sido muito em cima da hora. Disse a todas as senhoras que a *Abuela* devia ser extremamente importante para mim e que era melhor nunca a ofenderem. – Sorrio timidamente e abano a cabeça. – Não havia reunião nenhuma, mas ele foi impecável a desempenhar o seu papel. Então, lá estava a *Abuela*, comigo e com o presidente da câmara ao lado. As amigas estavam doidas, e ela, incrivelmente orgulhosa. Acho que nunca a vi mais feliz.

– Porque é que ela nunca me contou isto?

Pego-lhe no rosto ternamente e beijo-lhe a testa.

– Quando a levei a casa, fez-me prometer que não te contava. Quando lhe passou o entusiasmo, ficou envergonhada. Disse-me que te tinha criado para saberes que o que ela tinha feito não estava certo e que não queria que soubesses como tinha sido mesquinha. A *Abuela* não te queria desiludir, e eu prometi que ia ficar calado em troca de um favor. Espero que ela me perdoe por te estar a contar isto.

– Que favor? – pergunta a minha esposa de testa franzida.

Rio-me e pego no telemóvel.

– Pedi-lhe que gravasse uma mensagem para eu te mostrar se alguma vez tivéssemos uma discussão feia. Algo que te fizesse perdoar-me de imediato. Ela já não estava bem, e eu queria algo a que me pudesse agarrar por muito tempo.

Mostro-lhe o vídeo e os olhos dela enchem-se de lágrimas assim que carrego no *play*.

– Val – diz a *Abuela* no ecrã –, não estejas chateada com o Luca. Ele ama-te mais do que tudo, mas não deixa de ser um homem, e os homens são *estúpidos*, Princesa.

A Valentina ri-se e é a primeira vez que o faz desde que recebemos a notícia. Olho para ela com espanto enquanto vê o vídeo e agradeço à *Abuela* por lhe devolver o sorriso, visto que eu não fui capaz.

– Sempre que o trouxeste cá a casa, nunca tirou os olhos de ti por mais de cinco segundos. Quando ele acha que não estás a ver, sorri como se tivesse ganhado a lotaria, porque *ese estúpido niño* acha que és o melhor prémio do mundo.

Ao fundo, ouve-se a minha voz.

– Está a chamar-me estúpido, *Abuela*? Eu percebi o que disse!

A Valentina ri-se ao mesmo tempo que chora, olhando-me nos olhos por um instante. A *Abuela* olha para mim no vídeo antes de voltar a encarar a câmara.

– Ele é bem-intencionado, Princesa. Conhecendo o Luca, é muito provável que não te quisesse magoar. Se achas que o podes perdoar, por favor, perdoa. Não fiques zangada durante muito tempo. Não desperdices tempo, está bem? Ele ama-te e eu também. – Faz uma pausa, semicerrando os olhos. – Mas se achas que não o podes perdoar, vem para casa, Val. Se quiseses, dou-lhe um enxerto de porrada!

Neste ponto, é óbvio que lhe tiro o telemóvel e ouve-se uma gargalhada dela ao fundo.

– É minha neta – diz-me enquanto a imagem mostra o passeio –, vou ficar sempre do lado dela.

Eu respondo.

– Era suposto ter ficado do meu lado desta vez, *Abuela*. Nem sabe o que posso ter feito quando lhe mostrar isto. Talvez só esteja zangada por eu trabalhar até tarde!

– Então, não a devias ter deixado à espera – grita-me a *Abuela*, e desatamo-nos os dois a rir antes de o vídeo terminar.

Pego no rosto da minha esposa e suspiro.

– Escusado será dizer que ia editar o vídeo antes de to mostrar. Que lata, ralhar comigo por algo que nem sequer fiz!

Ela olha-me nos olhos e, pela primeira vez em dias, vejo uma ponta de alegria na sua expressão.

– Amo-te – sussurra. – Tanto!

Dou-lhe um beijo na testa e inspiro profundamente.

– Amo-te mais, Valentina.

Cinquenta e nove

Luca

O lho para o meu relógio de bolso ao entrar na casa da *Abuela*. Estou a chegar mais tarde do que o habitual e espero que a Valentina não tenha estado à minha espera. Assumi praticamente todo o seu trabalho e isso só me faz apreciá-la ainda mais. Sem a minha esposa e a rotina de trabalho que criámos, tudo leva dez vezes mais tempo. Nunca estive tão exausto, stressado ou *sozinho*. Apesar de a ver todos os dias, sinto a sua falta como nunca.

Já se passaram semanas, mas ela mal fala e recusa-se a voltar para casa. Nem sei bem se ela me quer ver. Parece-me que lhe sou indiferente e, embora eu saiba que é apenas a dor do luto, isso magoa-me. Os meus irmãos e a minha avó vêm vê-la e, a cada semana que passa, estamos cada vez mais preocupados.

Mata-me saber que não a consigo confortar e que a minha presença não lhe diz nada. Questiono-me se sobrestimeei o que ela sente por mim, o que me faz sentir, imediatamente, um otário por ser tão egoísta. Ainda me lembro do que sofri quando perdi os meus pais, e a Valentina está a passar pelo mesmo.

Paro, surpreso, quando vejo a minha sogra sentada ao fundo das escadas.

– Mãe – murmuro. Pouco tempo depois do funeral, pediu-me que a chamasse «mãe», como a Valentina, mas ainda me parece algo estranho. O sinal de aceitação, no entanto, é muito bem recebido neste momento.

– Luca – diz ela, de voz embargada. Olha para mim com os olhos repletos de lágrimas não choradas. – Por favor, não desistas da minha filha. Eu agi mal e nunca vos devia ter separado durante tanto tempo. Nunca devia ter pensado que serias como o pai da Val, ou que a desprezarias. Sei que não te tratei bem no início e que não tenho o direito de te pedir isto neste momento, mas imploro-te. Por favor, não desistas dela.

Ajoelho-me em frente a ela e pego-lhe nas mãos.

– Não o farei – prometo. Ela parece tão desamparada e desesperada que nem sei que dizer. – Que se passa? A Valentina disse alguma coisa que a preocupou?

Ela hesita por um instante, e sinto-me inquieto.

– Sobe – acaba por dizer.

Anuo e ajudo-a a levantar-se, e ela observa-me enquanto subo as escadas. Os degraus rangem com o meu peso. Paro em frente ao quarto da Valentina, a ganhar coragem. Mata-me vê-la tão apática e esforço-me diariamente para a animar quando, na verdade, vê-la definhar me mata por dentro. Abro a porta e encontro-a deitada na cama, como sempre.

– Olá, amor – murmuro, desapertando a gravata.

Ela nem sequer olha para mim, e isso deixa-me de rastos. Só quero que me sorria como era habitual. Até preferia a Rainha do Gelo a este inferno.

Mordo o lábio e decido que isto não pode continuar. Puxo os cobertores, expondo-lhe o corpo seminu, mas nem isso a faz virar-se e olhar para mim. Percorro-a com o olhar e reparo na *t-shirt* velha que tem vestida. Nem sequer tocou nas coisas que lhe trouxe de

nossa casa. Porquê?

– Vá lá, Valentina – digo-lhe, aproximando-me.

Ela suspira quando lhe pego ao colo, mas o seu olhar permanece vazio. Só quando a levo até à casa de banho e a ponho no duche é que me responde.

– Tomei um duche há umas horas – resmunga.

Entro no duche com ela e abro a torneira, ficando com a roupa encharcada em segundos.

– Eu sei – murmuro.

A casa de banho é o único sítio pelo qual abandona o quarto, mas, claramente, por pouco tempo, porque o cabelo dela está todo emaranhado e oleoso. Nunca a tinha visto preocupar-se tão pouco com o seu bem-estar.

– Luca – diz ela com os olhos arregalados quando repara no meu fato encharcado, percorrendo-me o corpo e detendo-se nas minhas meias.

A *t-shirt* dela cola-se ao corpo, expondo cada uma das suas curvas, e suspiro ao despir, devagar, o meu casaco.

– Ajuda-me – digo-lhe, pondo-lhe as mãos na minha camisa.

Ela olha para mim com uma expressão indecifrável. Por um momento, acho que me vai rejeitar e que se vai embora, mas começa a desabotoar-me os botões, movendo os dedos devagar.

Algo brilha nos olhos dela quando a camisa se abre por completo e observo-a cuidadosamente enquanto acabo de a despir.

A Valentina encosta-se à parede do duche e olha para mim. Parece que voltámos ao tempo antes de sermos casados porque, mais uma vez, não faço ideia do que está a pensar. Também agora dava tudo para saber.

– Agora isto – digo, pondo-lhe as mãos nas minhas calças.

Ela hesita momentaneamente, mas acaba por me ajudar também a despi-las sem uma única queixa, até ficar nu à sua frente.

– Não me queres – murmura, olhando para o meu pénis. Pela primeira vez em semanas, vejo emoções nos olhos dela, mesmo que muito temporárias. *Medo. Rejeição. Dor.*

Sorrio-lhe enquanto agarro nas bordas da *t-shirt* e lha levanto.

– Quero-te sempre. Mas é difícil ficar excitado quando olhas para mim como se não suportasses a minha presença.

A Valentina levanta os braços, e eu dispo-lhe a *t-shirt*, deixando-a apenas com uns calções rosa. Agarro-os e ela olha-me nos olhos enquanto os puxo para baixo. Aproximo-me dela e encurralo-a, ladeando-a com os braços à altura da sua cabeça.

– Vamos lavar o teu cabelo? Acho que te vais sentir melhor.

Ela olha para mim e põe as mãos no meu peito. Será que tem noção de que é a primeira vez que me toca em semanas?

– Queres... lavar-me o cabelo?

Sorrio e agarro-lhe numa madeixa de cabelo.

– Pareces desiludida. Estavas à espera de mais?

Ela olha para mim e, por um momento, tensiona os maxilares.

– Só se passaram algumas semanas. Já andas a satisfazer as tuas necessidades noutra sítio?

Franzo a testa, ofendido por me perguntar isto. Não me posso passar com ela, mas sabe exatamente como me irritar.

– Não, claro que não. – Afasto-me e pego no champô, espalhando-o com calma pelo seu cabelo. – Vira-te.

Ela vira-se de costas e eu lavo-lhe o cabelo, massajando-lhe o couro cabeludo. Permanece em silêncio enquanto lhe enxaguo o cabelo e ponho o condicionador, seguindo

as instruções que a Sierra me deu.

– Se quiseres, podes – diz-me, sem qualquer emoção.

– O quê?

– Se quiseres dormir com outra pessoa, podes.

Agarro-lhe os ombros e viro-a para mim, com força, quase a perder a paciência. Ela dá um passo atrás e encosta-se à parede com um olhar provocador.

Até agora, enquanto me parte o coração, é deslumbrante, e odeio isso. Nunca lhe serei imune.

– O que é que me disseste? – pergunto com voz suave.

– Ouviste bem, Luca.

Passo uma mão pelo cabelo e olho para o teto por um instante, tentando manter-me calmo quando sei que é uma batalha perdida. Empurro-a contra a parede, com o corpo contra o dela, e agarro-a pelo cabelo, virando-lhe o rosto para mim.

– Ouve bem o que eu te digo, Valentina Windsor – digo em tom de ameaça. – Nunca vou querer ninguém além de ti. Enquanto viver, a única mulher com quem vou dormir é contigo. *Só contigo*. Mais ninguém. Amo-te, Valentina.

Vejo esperança no olhar dela e é tudo de que preciso. Só um sinal que me diga que ainda me ama da mesma forma. Vou aguentar-me pelos dois. Vou amá-la mais intensamente para compensar a dor que sente.

Ela desvia o olhar e eu suspiro, dando um passo atrás, e agarro no sabonete. Como posso ter perdido a paciência com ela? Devia ter tido mais controlo.

– Que se passa nessa tua linda cabecinha? – pergunto num tom muito mais paciente enquanto passo o sabonete pelo seu corpo.

A respiração dela suspende-se quando lhe pego no peito e os meus polegares lhe afagam os mamilos. Sinto-os endurecer e ela olha para mim com desejo e provocação.

– Eu vi as fotografias – diz-me num tom acusador.

Franzo a testa, confuso, e continuo a provocá-la, já visivelmente excitado.

– Que fotografias?

– Tuas e da Jessica.

Baixo as mãos e observo-a de perto, notando que a respiração dela se torna ofegante. Está a acusar-me de algo que só aconteceu na sua cabeça, mas prefiro isso à indiferença. O que ela viu foi, provavelmente, uma fotografia minha a reunir-me com a Jessica e a equipa dela. Nunca estivemos sozinhos, mas a imprensa deve tê-la feito pensar o contrário. O *The Herald* anda a tentar descobrir coisas sobre mim e a Valentina desde que fizemos o comunicado, mas a nossa segurança não o permite. Não somos figuras públicas como o Ares e a Raven, não há muito que possam dizer sobre nós.

– Amor – murmuro, percorrendo-lhe as coxas com as mãos –, quem achas que anda a fazer o teu trabalho? Sou eu que estou a tratar da aquisição.

Ela faz uma careta e eu rio-me, fazendo escorregar os dedos por entre as suas pernas. Tem o clitóris inchado, e gemo quando vejo o olhar dela repleto de prazer enquanto a acaricio.

A Valentina arqueia as costas, pedindo-me mais em silêncio. Há tanto tempo que não olhava para mim desta maneira!

– Nunca vou querer outro corpo que não este – murmuro e penetro-a com dois dedos, sentindo os músculos dela contraírem-se contra eles, apertando-os. Se a comer agora, será como da primeira vez. Será difícil penetrá-la até ao fim, mas, agora que me olha desta maneira, parte de mim quer torturá-la. Quero ver o olhar dela brilhante de desejo por mim.

Enterro os dedos nela e curvo-os, tocando-lhe onde sei que gosta.

– Luca – geme, e é música para os meus ouvidos. Já passou demasiado tempo.

Ela agarra-se ao meu pescoço e arqueia mais as costas. Nunca me senti tão consumido por desejo. Vou enlouquecer se não a possuir imediatamente.

Beijo-a e sinto-me aliviado quando ela se põe em bicos de pés e retribui o beijo.

– Foda-se! – gemo encostado à boca dela. – Senti tanto a tua falta.

Ela passa os dedos pelo meu cabelo e eu afasto-me ligeiramente para olhar para ela, precisando de um vínculo maior. É de loucos a necessidade que tenho dela. Quero muito mais do que o seu corpo.

– Olha para mim – peço, e ela obedece com o olhar repleto de desejo e insegurança. – Amo-te, Valentina Windsor.

Ela olha-me nos olhos enquanto a como com os dedos, provocando-a, atormentando-a. Nunca desvia o olhar enquanto a levo ao orgasmo. Nunca me cansarei dela.

Sessenta

Valentina

O Luca abraça-me na cama, a pele dele toca na minha. Há muito tempo que não me sentia assim. Por alguns momentos, fez-me sentir viva outra vez.

Estava tão certa de que ia querer continuar depois de me ter dado um orgasmo, mas limitou-se a pentear-me o cabelo até estar completamente desembaraçado. Não sei que pensar. Mesmo agora, percebo que ainda está com tesão, mas, depois do duche, secou-me o cabelo e trouxe-me para a cama.

Odeio como me sinto insegura, como me é difícil controlar os pensamentos, mesmo quando tenho perfeita noção de que estou a ser irracional. É como se fosse apanhada numa espiral descendente e o meu cérebro se virasse contra mim e alimentasse cada um dos pensamentos negativos.

Quando não estou a pensar na *Abuela* e em como a negligenciei e lhe falhei, penso no Luca e em como somos incompatíveis. A *Abuela* pediu-me uma vez que pensasse no que me faz feliz e que o perseguisse... mas ainda não sei o que é a verdadeira felicidade. É isto real? Quanto tempo levará o Luca a cansar-se de mim?

Agora que não estou no trabalho, estará ele a chegar à conclusão de que nem precisa de mim? Tenho medo de o perder, mas, ao mesmo tempo, não consigo evitar afastá-lo ainda mais. Faça o que fizer, só consigo pensar que ele estará melhor sem mim. Tento convencer-me de que não é verdade, mas sei que ele vai acabar por me deixar. É uma questão de tempo. Toda a gente me deixa.

– Valentina – murmura, puxando-me para si.

Olho para ele, está a observar-me com uma expressão apreensiva. Sinto o medo apoderar-se de mim e, de repente, tenho a certeza de que é agora. Vai dizer-me que se fartou de mim, que lhe dou demasiado trabalho. Ou pior, que encontrou outra pessoa.

– Vamos...

Interrompo-o e beijo-o, não quero ouvir o que vai dizer. Só mais um pouco. Quero existir só mais um pouco neste mundo em que o Luca me ama. Não quero estilhaçar já esta ilusão.

Ele resmunga e agarra-me pelo cabelo, com força. Normalmente, já me teria puxado para debaixo dele, mas, esta noite, apenas me beija ternamente. É como se me estivesse a fazer a vontade, como se já não me quisesse da mesma forma.

Desço a mão pelo peito dele, pelo abdómen, e ele respira fundo quando lhe agarro no pénis.

– Valentina – repreende.

– Chiu – digo, olhando-o nos olhos enquanto o estímulo. Ele lateja nas minhas mãos. Normalmente, já me teria aberto as pernas e dito que ia enlouquecer se não me comesse imediatamente, mas, esta noite, fica só a olhar para mim, sem se mover, com o corpo inteiro em tensão.

Empurro-lhe o peito e ele cai de costas, resmungando.

– Que estás a fazer? – pergunta com incerteza na voz.

Nunca me senti tão sozinha. Nunca senti o coração tão vazio. Gostava de saber o que estou a fazer, mas não sei. Só sei que preciso de algo dele. Só não sei o que é.

Ponho-me de joelhos e inclino-me, com a mão a agarrar-lhe a base do pau. Ele geme e, por um momento, sinto-me desejada. Nunca tiro os olhos dos dele enquanto me debruço e levo os lábios à sua pila. O Luca parece-me atormentado, mas não está a perder o controlo comigo.

Observo-o com atenção enquanto enfio a cabeça da pila na boca e a percorro com a língua. Chupo-a com intensidade, desejando que ele me force a enfiá-la mais fundo na boca. Quero que me trate como era habitual, perdendo o controlo.

A mão do Luca treme aproximando-se de mim.

– Amor – murmura –, estou a três segundos de me vir... acho que não vou aguentar muito esta noite.

O meu coração contrai-se de dor e chupo-o mais fundo. Está a rejeitar-me e a usar uma desculpa conveniente. Eu sei como é o Luca. Aguenta horas se eu lhe pedir.

A minha cabeça sobe e desce e ele geme o meu nome como se fosse uma oração.

– Valentina – suspira –, por favor, meu amor.

Sinto a pila dele contra a minha garganta e, finalmente, agarra-me no cabelo com força enquanto se empurra contra mim e sinto-me aliviada. Assim que sinto o pau dele a latejar, tiro-o da boca.

– Não – resmunga com uma expressão angustiada.

Sorrio-lhe, com o coração muito mais calmo, enquanto me ponho em cima dele. Ele respira de forma ofegante e agarra-me pela cintura, com os olhos na minha vulva. Pego-lhe na pila e faço-a desaparecer entre as minhas pernas.

– Tão bom – geme. – És perfeita, meu amor. Excitou-te estares a chupar-me?

Gemo e sento-me para o sentir dentro de mim até ao fundo. Há tanto tempo que não fazíamos isto, o tamanho dele é irreal. Ele aperta-me as ancas com força, mas não se move para cima e para baixo como era costume. Em vez disso, deixa-se estar deitado e observa-me pacientemente.

Não é isto que quero. Não quero que me faça a vontade. Não quero que me deixe apenas satisfazer as minhas necessidades. Quero que seja tão apaixonado e descontrolado como costumava ser.

Monto-o devagar e ele move as ancas comigo, gentilmente, penetrando-me fundo em cada movimento. Olha-me nos olhos quando põe um polegar contra o meu clitóris, fazendo com que me roce nele a cada movimento. Quero fazê-lo perder o controlo, mas é ele quem me está a fazer perder a cabeça. Não quero que seja assim. Não quero que se foque no meu prazer como se o dele não importasse.

Preciso do antigo Luca, o que era impaciente comigo porque ficava louco com o meu toque. Quando age assim, deixa-me ainda mais assustada. Tenho muito medo de o estar a perder e isto é mais uma prova disso. Quero que ele me apazigue todos os pensamentos irracionais, cada insegurança, cada voz na minha cabeça que me diz que não sou suficientemente boa.

– Estou quase, amor – geme e esfrega-me o clitóris. Vai fazer-me vir outra vez e não quero perder o controlo antes dele.

Mordo o lábio e monto-o mais intensamente, mas, a cada movimento, o toque dele é mais pujante. Geme o meu nome e começa, finalmente, a contorcer-se dentro de mim como esperava, levando-me ao limite.

O Luca põe o braço em cima da boca e morde-o ao sentir os meus músculos contraírem-se contra ele enquanto tenho um orgasmo ainda maior do que o anterior. Fecha os olhos e vem-se ao mesmo tempo que eu.

– Foda-se – geme, tremendo as pestanas –, amo-te tanto!

Olho para ele de coração vazio.

– Vamos acabar com isto – sussurro.

Ele abre os olhos e faz uma careta, agarrando-me pela cintura.

– Isto o quê?

– Isto. Nós.

Sinto-me entorpecida ao dizer isto. Dói-me o coração, mas sinto-me, sobretudo, extenuada. No fundo, sei que é inevitável e não quero que se arraste mais tempo.

– Estou cansada de estar contigo. Estou farta de me sentir tão insegura e inadequada e não quero continuar a questionar quanto mais tempo isto durará. Nada disto é real, e sabes isso. Não quero continuar a viver sob o teu comando. Quero felicidade verdadeira, e nunca serás capaz de me dar isso, Luca. Desde o início que fui apenas uma ferramenta para ti e estou farta de pensar no que será de mim quando deixar de te ser útil.

Ele olha para mim em choque, com dor e tormento no olhar. Respira tremulamente e tapa a cara com o braço, escondendo-se de mim. Fica em silêncio por um momento, e eu faço um movimento ligeiro. Ainda o sinto dentro de mim, mas, por algum motivo, tenho demasiado medo de sair de cima dele. Parece que tudo entre nós vai ruir se o fizer.

– Tu... Valentina... – tira o braço da cara e o olhar dele dá cabo de mim. Nunca o vi tão magoado. – Estás infeliz no nosso casamento? – Vira a cara para desviar o olhar. – Este tempo todo, sentiste-te presa?

O Luca abana a cabeça quando eu baixo o olhar e fico em silêncio, sem saber que dizer. Uma parte de mim não quer fazer isto, enquanto outra sabe que é inevitável e será melhor afastá-lo agora do que deixar que isto se arraste. Mesmo que ele pense que me ama, será passageiro e deverá encontrar uma mulher que realmente o mereça. Nunca serei eu.

Pega-me com cuidado para se poder levantar e vira-se de costas para mim quando se senta à beira da cama. Enterra o rosto nas mãos e respira fundo.

– *Vamos para casa* – murmura. – Era o que te ia dizer há pouco. Disse-te que a

única coisa que nunca faria seria deixar-te ir embora, mas que direito tenho eu de fazer isso se te estou a sufocar?

Levanta-se e pega no seu saco. Eu sento-me sobre os joelhos e observo-o a vestir-se, com o coração em chagas. Parte de mim grita para que retire o que disse, mas não consigo parar esta espiral, mesmo tendo-me arrependido imediatamente.

Ele vira-se para mim enquanto abotoa a camisa.

– Pensei que fosses diferente – murmura. – Nunca conheci uma mulher que me quisesse pelo que sou, mas pensei que tu querias, Valentina. Parece que me enganei. – Ri-se sem qualquer vontade e abana a cabeça. – Eu amo-te – diz, mas o tom é ríspido. – Amo-te com tudo o que tenho, mas tu sentas-te aí e destróis-me como se eu não fosse nada para ti. A razão pela qual te casaste comigo desapareceu, então desfazes-te assim de mim?

Olha para mim com o seu belo rosto marcado por uma expressão de impotência.

– Estou a esforçar-me ao máximo para acreditar que isto é só a dor do luto a falar, mas estás a partir-me o coração, meu amor. Que queres que faça? Que queres que diga? – Fecha os olhos por um instante e respira fundo. – Diz-me que não sentes o que disseste. Diz-me que me amas e que o nosso casamento não foi só um meio para atingir um fim.

Olho para as mãos. Sinto o corpo inteiro entorpecido. Bem no fundo, sinto que uma pequena parte de mim quer que fale, que não o deixe ir, mas a escuridão embarga-me a voz. Ele só levará alguns meses a ultrapassar isto. Tenho a certeza.

– Valentina, se é a isto que chamas amor, não o quero.

Ele fecha o saco e vira-se de costas. Vejo-o sair do quarto, deixando-me sozinha pela primeira noite desde que perdi a *Abuela*.

Magoa-me, mas sei que é pelo melhor.

Sessenta e Um

Luca

Olho para a minha aliança enquanto me recosto no sofá desta casa vazia e silenciosa. Quando é que este sítio se tornou incompleto sem a Valentina? Estar aqui é doloroso porque tudo me lembra dela. Nem para o escritório consigo ir sem pensar nela. Infiltrou-se tão profundamente na minha vida, que não posso ir a lado nenhum sem pensar nela.

Suspiro ao pegar no meu relógio de bolso e olho para a fotografia. Nunca mais me contactou, e não sei que fazer. Não sei se foi apenas a dor do luto que a fez agir desta maneira ou se há mais qualquer coisa. Os sentimentos que tinha por mim eram assim tão superficiais, tão passageiros?

Parte de mim quer correr de volta para ela, mas outra parte acha que isso seria perseguição. Já lhe pedi demasiado e, nas últimas semanas, deixou claro que não me quer perto. Até que ponto posso forçar a minha presença? Fiquei ao seu lado, semana após semana, mesmo quando mal reagia. Devia ter percebido mais cedo? Devia ter previsto que, até ela, me ia deixar de querer quando eu já não tivesse utilidade. Sem a avó e sem os cuidados que eu lhe proporcionava, já não precisa de mim.

Fecho os olhos enquanto imploro a mim mesmo que pare de pensar nisto.

– É a Valentina – murmuro a falar sozinho –, conheço-a melhor do que ela se conhece neste momento. Ela não é assim.

Eu sei que é verdade e que devia voltar a casa da mãe dela e enfrentar a dor, mas tenho medo de o fazer e de que isso me leve a ter de admitir que as coisas entre nós realmente acabaram. Aqui, estou num limbo onde posso fingir que está tudo bem. Se lá for e a enfrentar, ela pode partir-me o coração de vez, e não sei se estou pronto para isso.

Se for honesto comigo, parte de mim acreditou verdadeiramente que afastar-me por uns dias a faria perceber o mal que nos estava a fazer. Talvez devesse acreditar nas palavras dela e aceitar que a mulher que amo mais do que a vida... não me ama.

Endireito-me quando ouço o som da porta da entrada a fechar. O meu coração dispara. *Por favor, penso, mal mantendo a sanidade. Que seja ela!*

O meu coração desfaz-se em cacos quando vejo a minha avó entrar na sala com cinco guarda-costas atrás dela. Suspiro e volto a enterrar-me no sofá, sentindo-me perdido. Não tenho energia para indagar o que está aqui a fazer.

– Luca – diz, dirigindo-se a mim.

Levanto o rosto para a encarar, mas não me sinto com forças para fingir. Tenho o coração partido e sinto falta da minha esposa.

Ela suspira e, por um momento, noto hesitação no seu rosto, mas depois endireita-se.

– Soube que tu e a Val estão a quebrar o compromisso que assumiram comigo – diz em tom firme. – A Val saiu de casa há semanas e nas últimas duas não dormiste com ela. O acordo estipula um máximo de três noites, Luca. Desculpa, mas tenho de fazer isto. Todos os teus ativos no Windsor Bank estão congelados e não estás autorizado a entrar em

nenhuma propriedade dos Windsors, incluindo esta casa. E, claro, incluindo também as casas dos teus irmãos.

Olho, incrédulo, para a minha avó.

– Está a brincar comigo, certo? A minha esposa não está em casa porque perdeu um membro da família, e a avó sabe isso perfeitamente.

A avó anui e sorri sem gosto.

– Eu não disse que ela tinha de estar *aqui* contigo. Disse que deviam estar juntos e não estão. Se ela está a viver o luto em casa da mãe, então, é onde deverias estar. Não vou abrir exceções para ti, Luca. Já me desobedeceste quando te casaste com ela, e eu deixei passar isso. Não te darei outra oportunidade.

Ela acena com a cabeça a um dos guarda-costas e ele põe um saco em cima da mesa de centro.

– Tens dez minutos para fazeres a mala até estes senhores te escoltarem. Podes levar um dos carros, mas estás proibido de o vender, porque pertence à família.

Continuo a olhar para ela, cada vez mais incrédulo.

– Como me pode fazer isto só porque desobedeci a uma das suas regras ridículas? A obediência cega é mesmo mais importante para si do que a minha felicidade e o meu bem-estar? – passo uma mão pelo cabelo e rio-me enquanto ela me olha com uma expressão totalmente neutra. – Está a fazer de mim um exemplo para que os meus irmãos não se atrevam, não é? Acha mesmo que o pai e a mãe iam querer que me fizesse isto? Como vai viver com a consciência de que os está a desiludir da pior maneira possível?

Ela suspira.

– Oito minutos – informa-me, sem qualquer demonstração de afeto.

Levanto-me, a arder de raiva.

– Espero que valha a pena perder um neto por algo tão ridículo como isto, porque nunca vou voltar a esta casa. Até ao fim da sua vida, nunca mais me vai ver. Estou farto de ser um peão nas suas mãos.

– Cinco minutos – responde com um sorriso.

Como pode olhar para mim desta maneira, completamente indiferente ao que se passa? Será que me ama sequer, e aos meus irmãos, ou somos só uma forma de expandir o seu legado?

Suspiro enquanto reúno os meus bens mais preciosos e algumas mudas de roupa. Como é possível ter perdido tudo num par de dias? Em que ponto é que tudo começou a falhar?

Sessenta e Dois

Valentina

A porta do meu quarto abre-se, e sinto-me inundada por uma esperança que se desvanece assim que vejo a Sierra e a Raven. Não devia esperar o regresso do Luca depois de o ter afastado, mas há uma pequena parte minha, irracional, que quer que ele lute por mim, mesmo quando o trato desta forma. É injusto, e não quero pensar ou agir assim, mas torno-me impotente perante o medo.

Elas sorriem-me ao se sentarem na cama.

– Como te sentes? – pergunta a Sierra, enquanto a Raven me pega na mão.

– Bem.

A Raven aperta-me a mão e abana a cabeça.

– Tu não estás bem, Val. Há semanas que não estás em ti. Estou preocupada contigo. Estamos todos.

Olho além dela e vejo o Ares, o Zane, o Dion e o Lexington à porta.

– Que estão aqui a fazer todos? – pergunto, confusa. Têm-me visitado à vez, mas nunca vieram todos juntos.

A Sierra põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha num gesto ternurento.

– Hoje é a noite de póquer e eles pensaram que o Luca estaria aqui.

Franzo a testa, confusa.

– Como assim? Ele não está em casa?

O Ares entra no quarto com uma expressão cautelosa.

– A avó expulsou-o de casa há uns dias porque vocês não cumpriram as regras. Proibiu-o de entrar em qualquer propriedade Windsor e não o vemos desde então. Não recebeste um *email* a informar que a avó te despediu?

Arregalo os olhos quando percebo o que se está a passar. Só podíamos estar separados durante três noites. Como é que me esqueci disso? Fui tão egocêntrica que pus em risco tudo aquilo pelo que o Luca lutou?

– Onde é que ele está?

O Ares abana a cabeça.

– Não sei. Pensei que estivesse aqui.

O Lexington pega no telemóvel com uma expressão preocupada.

– Vou ligar ao Silas.

O Zane entra no quarto também e percorre-me o rosto com o olhar.

– Que aconteceu, Val? Para nós, é óbvio que o Luca está perdidamente apaixonado por ti, e há muito mais tempo do que tu pensas. Que se passou?

O Dion apoia-se na ombreira da porta, calado, como sempre, mas sinto que está desiludido comigo. Tem todo o direito! Começo a tremer quando ganho

consciência de tudo. Que fiz eu? Agarro-me aos cobertores com força e sinto que os meus olhos se enchem de lágrimas. Afastei-o de tal forma, que ele não pensou que pudesse recorrer a mim quando mais precisou. Sempre soube que não o merecia, mas isto prova-o.

– Encontrei-o – diz o Lex. – Está no Cascade Hotel. Como não pôde entrar em nenhum dos nossos hotéis, foi para a concorrência. Tenho o número do quarto.

Anuo ao levantar-me, e a Raven sorri-me pegando num saco que tinha posto perto da minha cama.

– Tenho a roupa perfeita para ti.

Sorrio-lhe e, pela primeira vez em semanas, é um sorriso genuíno.

– Claro que tens.

Os homens saem do quarto, mas o Dion detém-se a olhar para mim por um instante.

– Eu levo-te – diz, antes de fechar a porta.

Vinte minutos depois, estou, de coração inquieto, sentada no carro do Dion com um vestido vermelho que a Raven desenhou para mim. O Dion ter insistido em dar-me boleia, quando seria algo normalmente feito pela Raven e pela Sierra, só pode significar uma coisa: quer falar comigo. O Dion sempre foi assim. Não fala em público, todas as conversas significativas que tive com ele foram sempre em privado, a dois.

Penso no Luca e respiro tremulamente. Que lhe vou dizer? Como posso pedir desculpas por tudo o que disse, pela forma como agi? E se ele não me quiser ver?

– Vai correr tudo bem, Val. Não sei o que se passa entre vocês, mas, até para mim, é óbvio que amas o meu irmão. Também percebo que teres perdido a tua avó te deixou deprimida. É algo que me é mais familiar do que gosto de admitir, e precisas de ajuda, Val. Procura ajuda antes que isto te destrua e à tua relação com o Luca. Eu devia ter pedido ajuda quando perdi os meus pais, mas não posso voltar atrás no tempo. Faz o que eu não tive coragem de fazer, por mais difícil que seja. O Luca merece-o, não achas?

Anuo, cabisbaixa. Ele tem razão, claro. Não posso deixar que esta escuridão me engula ainda mais. Não quando começa a destruir quem amo.

– Lamento isto tudo – sussurro.

– Eu sei que sim – diz o Dion em tom suave. – Não tens de ser perfeita, sabes? Os outros não veem isto porque estão sempre contigo e já se habituaram, mas eu vejo. Estás sempre a esforçar-te demasiado, parece que receias que deixemos de te querer por perto se não nos fores útil. Trabalhas demasiado e dás tudo para agradar a toda a gente, até que não resta nada de ti. Não tens de fazer isso, Val. Nós adoramos-te como és, sempre adorámos. Eras família muito antes de te teres casado com o Luca e isso nunca vai mudar. Não precisamos de que faças nada por nós, e não tens de ser útil. Só tens de ser tu própria. – Olha para mim e sorri timidamente quando repara que estou a chorar.

Encosta o carro e abre os braços para mim.

– Anda cá – diz, ternamente. Envolve-me num abraço apertado, e eu desfaço-me em lágrimas. – Há nove anos que és a minha irmã mais nova, Val – exclama,

apertando-me. — Tal como a Sierra e a Raven. Nada mudará isso, estás a ouvir? Não tens de te esforçar para ser amada. Mereces ser amada tal como és, e nós amamos-te. Sei que há demónios nessa cabeça sobre os quais nunca falarás comigo, e isto é o máximo que posso fazer por ti, minha querida. Quero que saibas que tens quatro irmãos mais velhos e duas irmãs doidas que te vão sempre apoiar em tudo. Estamos todos aqui para ti, para de achar que és tu contra o mundo, pode ser? Para de nos afastar e para de ter medo de nos perder. Não vai acontecer. Prometo-te.

Afasto-me, e ele limpa-me as lágrimas num gesto meigo. Leio alguma preocupação no seu olhar.

— Agora, tens de me prometer que isto fica entre nós, porque se o Luca sabe que fiz chorar a esposa dele, acho que não passo de hoje. O quanto o meu irmão te ama não é brincadeira.

Sorrio por entre as lágrimas e anuo. Às vezes, é-me difícil acreditar nisto, mas o Dion tem razão. Sou amada incondicionalmente, mesmo nos meus piores dias.

Especialmente pelo meu marido.

Não sei como vou fazer por merecer o seu perdão, depois de tudo o que lhe disse, mas agora entendo. A vida não faz sentido sem ele.

Sessenta e Três

Valentina

T remo ao olhar para a porta do quarto de hotel do Luca, os meus pensamentos entram em turbilhão. Não sei o que lhe dizer e tenho medo de que não me queira ver. Aconteceu algo tão significativo e nem sequer me procurou. Afastei-o de vez? Será que acha que sou demasiado para aturar? Demasiada dor, demasiada insegurança. Uma trabalhadeira desgraçada.

Mesmo agora, a insegurança toma conta de mim, tenta convencer-me de que não sou boa o suficiente, não o posso ajudar e serei apenas um fardo.

Não precisamos de que faças nada por nós e não tens de te tornar útil. Só tens de ser tu própria.

Lembro-me das palavras do Dion, uma rede de segurança perante as dúvidas que tentam anular qualquer pensamento positivo. Será suficiente ser eu mesma? *Por favor*, sussurro, motivando-me a ser mais forte, a lutar com mais determinação. O Luca esteve ao meu lado várias semanas sem se queixar uma única vez. Estou tão magoada como nessa altura, mas como posso dizer que o amo se nem isto consigo fazer? Se ele preferir que eu me vá embora e não me quiser ver, mereço-o. Mas ele merece o meu melhor esforço, seja como for.

Bato à porta e fico à espera com o coração na garganta. Há semanas que não me sinto eu mesma, ainda menos agora. Levei anos a tornar-me mais forte e mais independente, mas, aqui estou, destroçada, prestes a enfrentar o homem que me reconstruiu pedaço a pedaço.

Sou consumida pelo ódio por mim mesma, pela vergonha e pela incerteza, mas o meu amor por ele mantém-me aqui de pé, mesmo sentindo que é a coisa mais difícil que já fiz.

A porta abre-se e o meu coração para quando vejo o meu marido à minha frente, despenteado, com as calças de fato de treino de que mais gosto abaixo da cintura e o tronco nu. Senti mais a sua falta do que tive noção, e a forma como me olha dá-me esperança de que sinta o mesmo.

– Valentina – murmura, em choque –, que estás aqui a fazer?

Sinto-me dominada pelos nervos, mas decido ser forte. Sorrio com esforço e passo por ele, com medo de que me feche a porta e me prive de lhe dizer tudo o que quero.

Viro-me para o encarar quando o ouço fechar a porta. Ele caminha na minha direção, hesitante, com uma expressão cautelosa. Percorre-me o corpo com o olhar,

detendo-se no vestido vermelho que estou a usar. Por um momento, estou certa de que há dor nos seus olhos, mas, depois, ele suspira e sorri. Há muito tempo que não via este sorriso – é o sorriso que dá a toda a gente menos a mim: distante, educado, *falso*.

– Estás com bom ar – diz em voz suave. – Parece que te sentes melhor, fico feliz por isso.

Observa-me por um instante e depois abana a cabeça, desviando o olhar. Mesmo quando lhe disse que devíamos acabar tudo, não senti que fosse algo tão final como sinto agora. Que fui eu fazer?

Tremo ao me dirigir a ele, o desespero dita cada movimento que faço. Estou disposta a perder-me por inteiro, mas não a perdê-lo.

Paro à sua frente, e o Luca olha-me de alto a baixo com uma expressão indecifrável. Há tanto tempo que não estava à frente dele sem que imediatamente me abraçasse! Isso magoa-me. Mata-me saber que fui eu que provoquei isto.

– Perdoa-me – murmuro. Os meus olhos enchem-se de lágrimas e cerro os punhos, forçando as unhas contra a pele. – Por favor, perdoa-me, Luca. Eu não sinto nada do que disse. Eu...

Ele só precisa de um segundo para me puxar para si, e, assim que me sinto envolvida pelo seu abraço, desato a chorar. Um soluço desprende-se da minha garganta, apesar do meu esforço em contê-lo, e o Luca abraça-me com mais força.

– Não tenho nada a perdoar – diz-me, precipitadamente, como se não suportasse ouvir-me chorar. – Nada, meu amor.

Enterro o rosto no peito dele e abraço-o com força, sem querer que este abraço alguma vez acabe.

– Desculpa – choro. – Não estava em mim e entrei numa espiral de pensamentos negativos que só piorava. Convenci-me de que não me amavas e de que não me querias. – As palavras saem em catadupa e esforço-me por *respirar*. – Depois, comecei a pensar que estarias melhor sem mim, e talvez seja verdade, mas, Luca... Desculpa, mas acho que não te posso deixar ir. Mesmo que mereças melhor, mesmo que eu não seja a pessoa certa para ti, mesmo que te magoe... não consigo.

Ele agarra-me os ombros e afasta-se um pouco para olhar para mim, perscrutador. Nunca tinha visto insegurança no olhar do Luca, mas é dessa forma que olha para mim agora.

– Mesmo se eu for pobre? Mesmo que, por minha causa, tenhamos perdido a casa e o trabalho? – a voz dele é suave, ligeiramente trémula.

– Ainda mais – digo-lhe. – Eu só preciso de *ti*, Luca. Até acho que era isso tudo que se intrometia entre nós, como se não pudéssemos ser verdadeiramente iguais por eu não me sentir à tua altura. Sentia que tinha de estar sempre a dar provas do meu valor, porque tinha medo de que me deixasses se já não te fosse útil.

Ele pega-me no rosto com uma expressão angustiada.

– Como é possível teres pensado isso? Amo-te acima de tudo, Valentina. Eu sei que comecei por te propor um casamento de conveniência, mas foi só porque, de

outra forma, nunca te casarias comigo. Não concordámos que o nosso casamento passava a ser real? Como pudeste duvidar do meu amor por ti?

Ponho-lhe os braços à volta do pescoço e pestanejo para afastar as lágrimas.

– Ainda me amas? – pergunto com a voz a tremer.

O Luca sorri e o meu coração parece que para. Este sorriso! Este é o meu sorriso, só *meu*.

– Eu nunca deixei de te amar, nem por um segundo. Vivemos umas semanas difíceis, mas o meu amor por ti sobrevive a isso. Foi só uma discussão, meu amor. É uma fase que vamos ultrapassar. Não te disse uma vez que íamos passar por fases, algumas melhores do que outras? Prometi-te que estaria ao teu lado em todas, não prometi? Nunca me devia ter ido embora.

– Como não voltaste... pensei...

Ele suspira e beija-me a testa.

– Estava magoado e achei que dar-te espaço seria bom para nós. Não queria arriscar dizer alguma coisa de que me arrependesse quando já estavas a sofrer o suficiente. Estava só a dar-nos espaço e tempo, mas, depois, a minha avó desalojou-me e fiquei sem saber que fazer. Vou ser sincero contigo, Valentina, estava com medo.

Ele afasta-se e passa uma mão pelo cabelo, com a mesma insegurança que vi há pouco a voltar ao seu olhar.

– De quê? – pergunto.

Olha para mim de forma suplicante, como que a pedir-me que o tranquilize.

– De que não me quisesses se não fosse um Windsor. Toda a vida, estive rodeado de mulheres que me usaram pela minha fortuna e pelos meus contactos, e, quando disseste que querias acabar tudo, temi o pior. Já não precisavas de mim, e eu...

– Desculpa – digo-lhe com a voz a falhar. – Nunca mais te vou fazer duvidar de mim. Prometo-te, Luca. Eu... fui insensível e egoísta e com os meus esforços para te afastar antes que me abandonasses, magoei-te mais do que achava possível.

– Faço uma pausa e olho para ele, na expectativa de que a minha sinceridade seja evidente. – Nunca te quis por seres um Windsor, Luca. Se precisasse de dinheiro, podia pedi-lo à Sierra ou à tua avó, mas, em vez disso, casei-me contigo. Não foi... não foi porque precisava de ti. Foi porque *queria* estar contigo, apesar de tudo o resto. Isso não mudou. *Eu amo-te*.

Ele ri-se e pega numa madeixa do meu cabelo, hipnotizado.

– Eu amo-te mais, Valentina Windsor.

Olho-o nos olhos com o coração descompassado. Até agora me sinto inundada de medo, mas vou agarrar-me à esperança que vejo no olhar dele. A partir deste momento, escolho o Luca. Em vez do medo, da insegurança, da incerteza – contra tudo e contra todos.

Sessenta e Quatro

Luca

A Valentina dá-me a mão quando entramos em casa da mãe dela. Já aqui estive tantas vezes, mas, desta vez, parece diferente. Sinto-me um falhado, uma vergonha. Apesar disso, a minha sogra sorri-me quando me vê.

– Estás aqui – diz-me sem qualquer julgamento na sua expressão. Talvez ainda não saiba do que aconteceu. – Já comeste? Senta-te.

Leva-nos para a sala, e eu sento-me em silêncio, sem saber que dizer. Quando a Valentina me disse para vir para casa com ela, em vez de estar a gastar dinheiro num hotel, fez sentido e concordei. Mas, agora, arrependo-me. Não me quero intrometer, e de certeza que isto fará com que a mãe dela não me veja com bons olhos.

– Relaxa, Luca – diz a minha sogra. – Esta casa também é tua. Na verdade, é da Val, uma vez que foi ela que a pagou. Não precisas de te sentir culpado. Serás sempre bem-vindo aqui.

– Eu... nós... não vamos incomodar por muito tempo – prometo-lhe. – Vou encontrar um novo trabalho rapidamente.

Dou a mão à Valentina, e ela aperta-a, tranquilizando-me.

– Estou preocupada com vocês – diz ela, olhando depois para a minha esposa. – Gosto muito de ti, Luca, mas nem sempre foi assim. Quando vocês se casaram, tive medo que levasses a minha filha pelo mesmo caminho que eu fiz. Ter-te sentado aqui, em circunstâncias tão parecidas... preocupa-me. Eu sei que amas a Val, mas o amor nem sempre é suficiente. A única razão pela qual tenho fé em ti é porque já aqui viveste algumas semanas e nunca te incomodaste com as coisas que desagradavam ao Miguel. Vite lavar a louça e arrumar a casa, e deixas sempre tudo impecável. Parece-me que te vais dar bem sem os luxos que tiveste a vida toda, mas por quanto tempo? Quanto tempo vais levar a culpar a minha filha por tudo o que perdeste? Quanto tempo vais levar a perceber quão arduamente vais ter de trabalhar? Esta foi a mesma situação que mudou o homem que eu pensava que conhecia.

– Mãe – murmura a Valentina, mas eu aperto-lhe a mão e abano a cabeça.

– Eu percebo as suas preocupações – digo-lhe –, mas acredito piamente que vou provar que não tem razão. Desde que perdi os meus pais que tive de provar o meu valor. Tive de me emancipar e conquistar tudo o que tenho. Mesmo no trabalho, eu e a Valentina começámos por baixo e subimos juntos. Já o fizemos uma vez e podemos fazê-lo novamente. Somos uma grande equipa, e acredito mesmo que não há nada que não possamos ultrapassar.

As minhas palavras podem soar confiantes, mas, no fundo, tenho medo de as desiludir às duas. A última coisa que quero é fazer sofrer a minha esposa. A simples ideia de não conseguir cuidar dela mata-me por dentro. Ela precisa de mais repouso e não de mais preocupações. Quero que tenha tempo para viver o seu luto, mas, em vez disso, está aqui, pronta para ir à luta por mim. Não devia andar à procura de emprego neste momento e não quero que se preocupe comigo, mas que posso eu fazer? Sinto que a estou a deixar

ficar mal, mas sou tão egoísta, que não a posso deixar ir.

– Vai correr tudo bem, mãe – diz a Valentina. – Prometo. Não te preocupes connosco, está bem? O Luca não é como o pai. Vês isso, não vês?

– Vejo – admite, e isso é o suficiente para mim. É tudo o que quero. O resto terei de o provar. Não sou nada como o Miguel. Pode dizer-se muita coisa da minha avó, mas ela garantiu que não crescíamos mimados e presunçosos. Trabalhámos todos para ter o que temos, e isso deu-nos capacidade de sobreviver em qualquer ambiente.

A Valentina dá-me a mão a caminho do quarto, tudo à minha volta me parece novidade. A porta fecha-se, e olho para a cama dela por um momento com o coração despedaçado.

Quero felicidade verdadeira, e nunca serás capaz de me dar isso, Luca.

É mais verdade agora do que era na altura. Foi por pena que me procurou? Senti que me devia alguma coisa?

– Por favor, não faças isso – suspira, e eu olho para ela, de coração partido. – Pareces tão destroçado, Luca.

Pego-lhe no rosto e suspiro.

– Agora é a tua oportunidade – murmuro. – Se não te faço feliz, esta é a tua oportunidade para te afastares. Não tenho nada para te oferecer, Valentina. Nunca te vou culpar por isso e não há nada que possa fazer para que fiques comigo. A última coisa que quero é arrastar-te para o fundo.

Ela abana a cabeça e agarra-me nas mãos.

– Eu não te disse? Nunca mais te vou abandonar, por mais egoísta que isso seja. Não te posso dizer que não estou assustada ou que me sinto lindamente agora, porque isso não é verdade. Ainda me sinto insegura e não te posso garantir que não vou dizer alguma coisa que te chateie. Quando as coisas ficarem feias, é possível que te continue a afastar e a dizer coisas que não sinto. Posso contar contigo, mesmo assim? Se eu prometer que me esforço para melhorar, ficas comigo?

O meu coração parece que para quando encosto a minha testa à dela.

– Nada do que possas dizer ou fazer me levará a deixar-te, Valentina. És, sem dúvida, o amor da minha vida. És a melhor coisa que me aconteceu. Quando me casei contigo, aceitei todas as tuas versões: as boas, as más e as loucas. Não quero só a melhor versão. Quero-te por inteiro, meu amor.

Ela dá-me um abraço apertado.

– Vai correr tudo bem, não vai?

– Vai – murmuro e inclino-me para a beijar. – Vamos fazer o que fazemos melhor, Valentina. Vamos à luta! Por nós e pelo futuro que sabemos que podemos ter.

Sessenta e Cinco

Valentina

– Que se passa? – pergunta o Luca quando entro no quarto com os olhos colados ao telemóvel. Está sentado à secretária e levanta-se para vir na minha direção. Hesito por um instante, mas ele estica-me a mão e sorri. – Outro «não»?

– Sim – admito, dando-lhe a mão e entrelaçando os nossos dedos, derrotada. Há três semanas que ele saiu do hotel, e já perdi a conta aos «nãos» que recebi. Sabendo quão qualificada sou para os empregos a que estou a concorrer, isto deveria ser impossível. – Lembra-me da última vez que procurei emprego – resmungo com os olhos semicerrados.

O Luca sorri, envergonhado, e leva a mão ao pescoço.

– Lamento que seja assim – murmura. – Nunca me vais perdoar por isso, pois não? Não te devia ter posto na lista negra, eu sei. Mas que querias que fizesse? Estavas tão decidida a deixar-me e sabes que eu não ia deixar que isso acontecesse.

Cruzo os braços e olho para ele.

– Dizes que lamentas, mas não me pareces arrependido, Luca.

Ele ri-se e passa uma mão pelo cabelo.

– Eu admito que isto é uma merda. Ninguém me devolve as chamadas e ninguém aceita o meu currículo. Estamos, de certeza, numa lista negra, é uma experiência horrível. De certa forma, é a vingança perfeita pelo que te fiz.

Olho-o intensamente e espeto-lhe um dedo na barriga, chateada.

– Continua a não ser um pedido de desculpas.

– Desculpa ter-te magoado – diz-me sinceramente. – Mas não te vou pedir desculpa por fazer tudo ao meu alcance para te manter ao meu lado. Se foi um comportamento um pouco psicótico e, sem dúvida, tóxico? Claro! Fazia o mesmo outra vez? *Sim*, sem dúvida. Não me posso arrepender de ter feito algo que levou a que te tornasses minha mulher. Cada passo que demos nos últimos anos levou-nos a isto. Se pudesse voltar atrás no tempo, faria de novo tudo o que fosse preciso para continuares a ser minha.

– Não tens emenda – digo-lhe.

– Sou apenas apaixonado por ti – contra-argumenta ele. – Sou irrevogavelmente, loucamente, *incondicionalmente* apaixonado por ti.

– Como é que posso ficar zangada contigo quando dizes essas coisas?

– Não podes, meu amor – murmura e puxa-me para ele, abraçando-me pela cintura. – Mas se precisas de te apaziguar, o meu corpo está à tua disposição.

Desato-me a rir e fico surpreendida com o som. Há tanto tempo que não me ria assim! As últimas semanas não foram fáceis e ainda me sinto assombrada pela dor do luto, que me ataca em vagas, intercalada com inseguranças e medos. Mas

isto é o que me faz olhar em frente. A paciência do Luca, o seu amor.

– Ai sim? – murmuro com um sorriso matreiro. – Como achas que podes apaziguar a minha raiva?

O Luca ri-se e levanta-me nos seus braços, fazendo-me suspirar. Enrolo as pernas à sua volta e ele encosta-me à parede.

– Então, como é óbvio, a primeira coisa será um beijo.

Encosta os lábios aos meus e beija-me vagarosamente, excitando-me, até me ter a roçar nele.

– E depois?

Ri-se e vira-nos.

– Depois, levo-te para a cama – diz enquanto me senta à beira da cama, com os pés assentes no chão.

– Para quê?

Ele começa a puxar-me o vestido para cima.

– Para despir isto.

Faz descer as minhas cuecas pelas pernas e não consigo não me rir. Ele faz-me tão feliz, é surreal!

– Queres saber o que acontece a seguir? – pergunta enquanto se põe de joelhos à minha frente, entre as minhas pernas.

– Quero – gemo ao sentir que me beija a coxa.

– A seguir, vou provar a tua vulva. Vou comer-te com a língua até que te esqueças do motivo por que estás chateada comigo.

Arquejo quando sinto a língua dele. Ele pega-me nas pernas e põe-nas em cima dos seus ombros, com as mãos nas minhas ancas, e cumpre o que prometeu. A língua do Luca percorre o meu clitóris em círculos, e, em minutos, estou quase a vir-me. Há algo na forma como me toca. Esteja a ser bruto ou paciente, o toque dele é sempre repleto de devoção.

– Por favor – digo, mas ele ri-se e para. – *Luca!* – queixo-me. Deixou-me no limite, necessitada e frustrada. – Isto não é um pedido de desculpas, é tortura!

Ele ri-se e desabotoa as calças, olhando-me nos olhos enquanto liberta o pau. Nunca me vou cansar desta vista. A forma como olha para mim, a mão a agarrar o pénis, a aliança a refletir a luz. Tudo isto faz-me disparar o coração como nunca aconteceu com mais ninguém.

O Luca pega-me nas pernas, põe-nas outra vez sobre os ombros e começa a penetrar-me devagar.

– Meu amor – murmura –, adoro fazer-te vir com a língua, mas hoje quero estar dentro de ti. Não há nada melhor do que vir-me contigo.

Entrelaço os tornozelos atrás da cabeça dele enquanto me penetra até ao fundo, comendo-me sem nunca deixar de olhar para mim, mantendo-me num determinado ângulo. Sabe que não me consigo controlar muito tempo quando me deixa tão no limite, mas esforço-me por me conter. Quero que aprecie cada segundo tanto como eu.

– Sabe tão bem estar dentro de ti, é um vício. Foda-se! A minha coisa preferida.

Eu rio-me, mesmo a rebentar de paixão. Nunca pensei que isto fosse possível. Nunca pensei que fosse possível ter divertimento, amor, paixão e alegria, tudo ao mesmo tempo. Deve ser isso a felicidade.

– Mais – peço, e o olhar do Luca muda. Adoro fazer com que se descontele. Faz-me sentir ridículamente desejada.

– Assim? – pergunta, a rodar um pouco as ancas de cada vez que me penetra. Sai quase completamente de dentro de mim para depois voltar a penetrar-me até ao fundo, com força, uma e outra vez.

– Sim – gemo –, sim, isso. Não aguento... – não aguento quase tempo nenhum quando me come assim.

– Amo-te – geme o Luca, e eu mordo o lábio com força, sentindo um poderoso orgasmo a atingir-me em vagas. Ele geme e come-me com mais intensidade, vindo-se logo a seguir a mim. – Amo-te tanto!

Sorrio-lhe, contraindo os músculos, apreciando como ele geme de cada vez que o faço.

– Eu amo-te mais – digo-lhe.

Não pensei que fosse capaz de amar alguém como o amo a ele. Abriu um precedente que não se vai repetir. Mostrou-me o que é a felicidade verdadeira e, para o resto das nossas vidas, vou fazer tudo o que for possível para garantir que ele sente o mesmo.

Sessenta e Seis

Valentina

Onde vamos? – pergunto, confusa. Estamos no carro há mais de uma hora e as estradas cada vez me parecem menos familiares.

– É surpresa – diz o Luca.

A voz dele treme ligeiramente, e eu estudo-o com atenção. Está a esconder-me alguma coisa, e não sei porquê. Irá fazer-me uma surpresa romântica? Desde que perdemos o trabalho que não saímos juntos. Ainda tenho a maioria das minhas poupanças, mas temos de ser prudentes por enquanto. Além disso, não somos o tipo de pessoas que pensam em relaxar quando têm tantas preocupações.

O Luca para o carro à beira de uma estrada empoeirada e vira-se para mim. Ele está... está a tremer?

– Põe isto, por favor – diz, com uma gravata na mão.

Faço uma careta, confusa, e ele tapa-me os olhos com a gravata, ainda a tremer.

– Uma venda? A sério, Luca, que raio se passa?

Ele não me responde e sai do carro. Está tão estranho esta noite que não sei o que pensar. As nossas rotinas tornaram-se totalmente previsíveis, ultimamente. Passamos o dia a responder a anúncios e a ajudar a minha mãe com a casa e passamos a noite a falar e a apreciar a companhia um do outro. É uma vida simples, mas muito mais agradável do que pensei que poderia ser. Esta noite é um estranho desvio à norma.

– Cuidado – diz o Luca, envolvendo-me com um braço. – Vamos mais devagar, ainda falta um pouco.

– Sabes que eu não gosto de surpresas – murmuro. Sou demasiado obcecada por controlo e odeio não saber o que se está a passar. Esta noite, apanhou-me desprevenida.

– Espero que gostes desta – diz-me em tom inseguro. – Vou pegar-te ao colo. Agarra-te a mim.

– *Ao colo?* – grito ao sentir-me no ar e depois a ser pousada em algo que me parece ser um barco. Ele tira-me a venda e olho em volta, em choque. Estamos no lago da minha árvore. Vejo-a ao longe, iluminada com grinaldas de luzes, mas isso nem é o mais chocante. Há centenas de lanternas na água. Cada uma com uma nota adesiva rosa: todas escritas *por mim* ao longo dos anos.

O Luca sorri, nervoso, com o olhar repleto de emoções que não consigo descrever. Isto é mais do que amor. É reverência.

– Como? – murmuro. – Como é que... estas... como é que...

– Guardei-as – diz-me com a voz a tremer. – Durante anos, guardei cada nota simpática que me escreveste. Na verdade, a maioria delas tem insultos dissimulados, mas, ao longo dos últimos nove anos, escreveste-me mais de cem notas simpáticas. Algumas podem não parecer, mas cada uma das notas que aqui estão fez-me sorrir. As que estão aqui, no início do lago, são simples, de quando começámos a trabalhar juntos. Tão simples como «Espero que tenhas um ótimo dia» ou «Parabéns pela assinatura do contrato». Outras são um pouco mais pessoais, mais meigas. Ao longo dos anos, o teu tom mudou – aponta para uma que diz «É uma honra trabalhar contigo».

Lembro-me de a escrever depois de ele me apoiar quando cometi um erro enorme.

– E estas – diz, parando de remar quando chegamos a meio do lago – foram escritas quando comecei a perceber que me estava a apaixonar por ti, mas não o queria admitir nem a ti nem a mim.

Aponta para algumas lanternas à volta do barco, e eu rio-me.

– Acho que me estava a sentir mais confortável contigo – murmuro, olhando em volta para as notas passivo-agressivas.

«Custa-te assim tanto sorrir de vez em quando aos novos funcionários?»

«Tu és o chefe. Beber dessa maneira não te vai safar das responsabilidades. Trata dessa ressaca!»

«Se continuares a pedir-me que te traga um café, não me responsabilizo pelo que possa conter. Este é o último que te trago hoje.»

Dou uma gargalhada e abano a cabeça.

– Eu era assim tão ousada? – Depois, calo-me, com o sorriso a desaparecer. – Espera... – murmuro –, Luca, eu escrevi isto há dois anos.

Ele olha para mim com uma expressão vulnerável.

– Sim – murmura.

Continua a remar até estarmos perto da árvore, cobertos pelas suas folhas. Todo este cenário é mágico, e não acredito que ele fez isto por mim.

– Estas são as minhas favoritas – diz-me, apontando à volta.

«Amo-te. Assinado: Senhora Windsor.»

«O teu gabinete é ao lado do meu, mas tenho saudades tuas.»

«Tenho uma surpresa para ti depois da reunião, vem ter comigo.»

«Armário dos arrumos? Eu + Tu? Às 15h?»

«Marido, mereço uma recompensa por ter fechado aquele acordo. Que tal 200 beijos?»

Ele pega-me na mão e leva-a aos lábios. A forma como me olha faz disparar o meu coração ainda mais do que o habitual.

– Tudo isto é um retrato da nossa relação. Nunca pensei muito nisso, mas já sentia alguma coisa por ti quando comecei a guardar as tuas notas adesivas, há seis anos. Quando a minha avó me mandou fazer a mala e sair de casa, a caixa com as tuas notas foi a primeira coisa em que peguei. Não imaginas quantas vezes olhei para elas ao longo dos anos. Nunca soubeste, mas estavas, silenciosamente, a

motivar-me sempre. Sem ti, não seria quem sou. És a base de tudo o que sou, de tudo o que serei.

O Luca larga a minha mão, e sinto borboletas na barriga quando o vejo pôr a mão no bolso e pegar numa pequena caixa do Laurier. Com cuidado, baixa-se e apoia-se num joelho, tentando manter o barco o mais imóvel possível.

– Isto – diz-me, abrindo a caixa – foi a segunda coisa em que peguei.

Olho estupefacta para o deslumbrante anel de noivado. Isto não está a acontecer!

– Mas... nós já somos casados. – A minha resposta é este comentário estúpido.

O Luca ri-se e pega-me na mão.

– Eu sei, mas quero que tenhas tudo a que tens direito. Quando peguei neste anel para o trazer comigo, tínhamos discutido, e eu tinha andado a questionar-me se teria sido um erro ter-te forçado a casar comigo. Apesar disso, mesmo nessa altura, sabia que não te podia deixar ir embora. És o amor da minha vida, e nunca vou deixar de lutar por ti, *por nós*. Sei que não te mereço, Valentina, mas és a luz da minha vida. Dás cor aos meus dias mais sombrios e dás-me esperança quando tudo à minha volta me parece perdido. És o centro de tudo o que eu sou. Até ao meu último suspiro, isto será verdade.

Ele tira o anel da caixa e segura-o nos dedos.

– Se deixares, farei tudo ao meu alcance para te ver sorrir todos os dias. Carregarei os teus fardos como meus e estarei ao teu lado, aconteça o que acontecer. Vou dar-te um carregamento infinito de notas adesivas rosa e até canetas rosa.

Rio-me e ele sorri com os olhos a brilhar.

– Para o resto dos nossos dias, permites-me ser o homem que te chama «minha»? Posso ser a pessoa em quem te apoias, a quem dás permissão para te amar? Valentina, casas comigo?

Anuo com lágrimas nos olhos.

– Sim, Luca. *Sim!*

Ele respira de alívio, como se pensasse mesmo que havia a hipótese de eu dizer «não», e desato-me a rir entre lágrimas. O Luca põe-me o anel de noivado no dedo, alinhado com a aliança, e depois inclina-se sobre mim. Pega-me na parte de trás do pescoço e puxa-me para ele.

– Obrigado – suspira encostado aos meus lábios – por me escolheres. Mesmo agora.

Encosto a minha testa à dele e respiro fundo.

– Vou escolher-te sempre, Luca. Uma e outra vez, independentemente dos desafios que nos esperem. És e serás sempre a minha alma gémea. Amo-te mais do que alguma vez poderás compreender.

Ele beija-me, e a minha respiração suspende-se.

– Eu amo-te mais – murmura.

Sessenta e Sete

Luca

A Valentina olha para o anel de noivado e segura-o à luz, observando o diamante a cintilar. Solta um risinho tímido, e o meu coração parece que para. Há já alguns dias que a pedi em casamento e ela não para de olhar para o anel. Deixa-me feliz tê-lo feito. Ela merece toda a felicidade que lhe possa proporcionar – só gostava de poder fazer mais, de lhe poder dar mais.

Estar com ela, assim, elimina qualquer dúvida que alguma vez tive, mas preferia viver em permanente receio para o resto da vida se isso me permitisse dar-lhe tudo o que deseja. Não é esta a vida que quero que ela tenha. Por minha culpa, perdeu o trabalho pelo qual tanto lutou. Está a ser afastada do mercado em que cresceu por mérito próprio, simplesmente porque é minha mulher. Será justo pedir-lhe tanto?

– Luca – diz, subindo as mãos pelo meu peito até à parte de trás do pescoço –, no que estás a pensar?

A expressão dela é de preocupação, e odeio isso. Não sorri tanto como antigamente, e sei que isso se deve, em parte, ao luto que ainda carrega, mas também a mim. A Valentina nunca o admitiria, mas sei que está cada vez mais preocupada com o futuro. Sabe tão bem como eu que um «Beijo da Morte» dos Windsors significa que nunca vamos encontrar trabalho no nosso mercado. Ninguém irá arriscar ofender a minha avó.

– Tenho de te dizer uma coisa – digo, com cuidado, enlaçando-a com os braços.

A Valentina aninha-se no meu abraço com um olhar curioso. Olha para mim com tanta fé, e nada me assusta mais do que desiludi-la.

– Recebi uma proposta de trabalho de uma empresa no Canadá. Não sei se vamos conseguir escapar à influência da minha avó se ficarmos aqui. Sei que se vai cansar disto tudo a seu tempo e acho que não nos vai castigar para sempre, mas também não podemos continuar a viver nesta incerteza.

A Valentina anui com um olhar frio, calculista e tão sensual. Há muito tempo que não a via tão arditosa.

– Aceita – diz-me. – A mudança será cara, mas se há uma coisa que sei sobre nós é que sobrevivemos em qualquer lado. Já o fizemos antes, Luca. Vamos fazê-lo outra vez. Adoro a tua avó, mesmo agora que não me fala, mas não vou ficar sentada a vê-la destruir tudo o que construímos. Vamos salvar o que conseguirmos e concentrar-nos na nossa felicidade.

Anuo e pego-lhe docemente no rosto. Pelo que sei, a Raven e a Sierra têm estado distantes ultimamente, sem dúvida impedidas de nos ajudarem. A Valentina tentou escondê-lo de mim, mas sei que foi a casa da minha avó algumas vezes e lhe negaram a entrada. Nunca esperei que a minha avó levasse as coisas tão longe e sinto-me magoado pela Valentina.

Percebo que me castigue, não só por me ter casado com a Valentina contra a sua vontade, mas também por ter quebrado o acordo. Aceito as consequências, mas ela devia deixar a minha esposa fora disto. Não sei se lhe consigo perdoar a dor que causou.

A Valentina dá um passo atrás e remexe no guarda-roupa.

– Se for preciso, podemos sempre vender isto – abre um guarda-joias e eu arregalo os olhos.

– Valentina, de onde é que isso veio?

Ela olha para o conjunto de joias com rubis incrustados com um olhar apreensivo.

– Deu-me a tua avó como prenda de aniversário.

– Quando? – pergunto em voz suave, apesar do tom urgente.

Ela franze o rosto.

– Pouco tempo depois do casamento do Ares. Nós estávamos zangados, e eu não ia aos jantares de família há algum tempo. Ela devia saber que eu estava aqui, e não no meu apartamento, porque apareceu aqui a dizer que estava com desejos da comida da *Abuela*. Jantámos juntas, as quatro, e ela deu-me isto como prenda de aniversário tardia. Disse que tinha saudades minhas e que havia sempre lugar para mim à vossa mesa. – O rosto dela contorce-se de dor e desvia o olhar. – O que, afinal, não é verdade.

Tiro-lhe o guarda-joias das mãos e observo os diamantes e os rubis no colar de herança que, por algum motivo, pertence agora à minha esposa, como é suposto. Pouso-o com cuidado na secretária e escondo as mãos nos bolsos, incapaz de fazer com que parem de tremer.

– Olha – murmuro, pegando na carteira e tirando de lá a antiga e desvanecida fotografia da minha mãe. Passo-a à Valentina e ela esbugalha os olhos.

– Esta... esta fotografia não devia estar no teu relógio de bolso? – pergunta, confusa. Olha com mais atenção e arregala os olhos ainda mais. – O meu colar. A tua mãe está a usá-lo nesta fotografia.

Anuo e desvio-lhe o cabelo do rosto.

– Este é o colar que a minha avó deu à minha mãe quando entrou na família. É um símbolo de aceitação, destinado apenas a noras. Sei que a Raven recebeu uma peça de herança quando casou com o Ares, mas... foi *depois* de se casarem. Porque te daria algo com tanto significado quando, logo depois, me obrigou a ficar noivo da Natalia?

A Valentina olha para mim tão confusa quanto eu.

– Não pode ser verdade – diz.

Que jogo é este que a minha avó está a jogar? É incrivelmente engenhosa, e sinto cada vez mais que eu e Valentina fomos apanhados numa artimanha sua.

– Se tens esta fotografia na carteira, o que está no teu relógio de bolso?

Desvio o olhar, embaraçado, e a Valentina semicerra os olhos ao meter a mão no meu bolso. Arregala os olhos quando abre o relógio e olha para mim com tanto amor, que quase me põe de joelhos.

– Lembro-me deste dia – diz-me. – Íamos ao baile de solidariedade dos Kennedys e perguntaste se me podias tirar uma fotografia. Porque a tens aqui? E a fotografia da tua mãe?

Pego-lhe no rosto e sorrio.

– Este relógio era do meu pai. Ele sempre disse que mo dava quando me casasse e que, nessa altura, devia substituir a fotografia por uma da minha esposa. Disse-me que, sempre que visse as horas, me ia lembrar do que realmente importa e que me faria ponderar se o meu tempo não era mais bem gasto em casa. Disse-me que o manteve focado no que é importante num mundo cada vez mais barulhento. Ele tinha razão. Sempre que vejo as horas, penso em ti, e isso mudou tudo. Lembro-me de que nada é mais importante do que tu. És a minha família, Valentina, e estás em primeiro lugar. Estarás sempre.

– Não sei o que fiz para te merecer – diz-me –, mas estou muito grata por ser a tua esposa. Amo-te, Luca. Sei que tens andado desmotivado, mas prometo-te que vai correr tudo bem. Tenho fé no que podemos alcançar juntos e espero que tu também. Não me interessa se temos de recomeçar do zero, desde que estejas ao meu lado. Faria tudo de

novo, uma e outra vez, se isso significasse que ficávamos juntos. Nada é mais importante do que tu, Luca. Nem a minha carreira. Nem o dinheiro. Nem o prestígio, certamente. Só preciso de ti. Só de ti.

Olho para ela e anuo, com o meu coração inquieto já apaziguado. Ela tem razão, claro. Podemos sobreviver em qualquer lugar. Só gostava de que o nosso amor não nos tivesse custado tanta coisa. Quero poder cuidar dela e fazê-la feliz e sinto que a estou a desiludir.

Sessenta e Oito

Luca

Por favor, liguem-me quando aterrarem – diz-me a minha sogra com o olhar repleto de preocupação. Tem-nos apoiado incansavelmente nas últimas semanas, e questiono-me se ver-nos perseverar a ajudou a curar as suas feridas. Parece-me que sim. Deixou de recear que eu abandone ou magoe a Valentina, e também a minha esposa me parece mais tranquila. Nunca tinha percebido a distância que ainda nos separava, mas ela tinha razão. Havia uma desigualdade entre nós, em parte porque eu tinha vantagens sobre ela, mas também porque o nosso casamento estava assente em termos contratuais que pareciam forçados.

Por um lado, escolhemo-nos um ao outro, mas, por outro, nunca saberíamos se íamos ficar juntos se não fosse pelas circunstâncias que levaram ao nosso casamento. Tudo o que vivemos nas últimas semanas foi uma bênção pela qual estarei sempre grato. Saber que a minha esposa quer ficar comigo, mesmo não tendo eu um tostão e apesar dos tempos difíceis que vamos enfrentar, não tem preço e deu-nos uma intimidade mais profunda. Não há qualquer vestígio de relutância ou sentimento de culpa na sua atitude. Está mesmo empenhada na nossa relação, em qualquer circunstância.

– *Luca* – diz a Valentina, e ouço urgência no seu tom. – A aplicação diz que estão a fazer a última chamada para o nosso voo. Como assim? Pensei que ainda tínhamos uma hora. Que fazemos?

Sorrio e agarro-lhe na mão.

– Corremos!

Damos um beijo de despedida à mãe dela e desatamos a correr de mãos dadas. A minha esposa solta risinhos enquanto passamos à frente de toda a gente na fila da segurança, explicando o que se passa com o nosso voo, e não para de sorrir até chegarmos à porta de embarque.

– Dissemos que queríamos novas aventuras e novas experiências... – diz ela com os olhos a brilhar. – Esta é uma das minhas preferidas até agora. O Luca Windsor a correr para apanhar um voo. Se não estivesse a correr ao teu lado, diria que era carma pela quantidade de vezes que tive de correr de saltos altos pelo aeródromo Windsor porque precisavas de um determinado documento!

Sorrio envergonhado e levo as nossas mãos unidas aos lábios.

– Fazemos assim – digo-lhe –, para o resto das nossas vidas, vou deixar-te castigar-me pelas maldades que te fiz. Ouvi dizer que os castigos corporais estão na moda. Talvez seja algo que te interesse.

Ela ri-se e abana a cabeça.

– Não é castigo suficiente seres casado comigo? – responde enquanto a assistente de bordo regista os nossos bilhetes.

– Não – digo com ar sério –, é uma enorme bênção e uma honra.

Dirigimo-nos ao avião e paramos, sem reação, à porta.

– Que raio se passa aqui? – resmungo quando dou conta de que este *não é* um avião comercial. É o jato privado dos Windsors, e estão dentro dele rostos que não esperava ver aqui.

– Luca – diz a minha avó. – Val. – Sorri com a sua habitual expressão indecifrável.

Olho em volta, chocado, e vejo que os meus irmãos, a Raven, a Faye, o Silas e a Alanna se levantam.

– Conseguiram – diz o Lex, segurando no telemóvel. Vira-o para mim para me mostrar o código que pisca no ecrã. – Estava farto de estar à espera, mas se calhar «Última Chamada» foi demais. Tiveram de correr?

A avó aclara a voz e olha para mim com remorso no olhar.

– Luca, achas que consegues perdoar esta velhota intronizada? A Val só piorava depois da morte da avó, e eu tinha muitas dúvidas sobre a vossa relação. Quando voltaste para casa sem a Val e não saíste durante dias, senti que tinha de intervir. Eu vi como ela definhava e pensei que ia despertar, mas, à medida que as semanas iam passando, a distância entre vocês só aumentava. A Val precisava de um objetivo para viver, algo por que lutar. Precisavam os dois. – Desvia o olhar. – Vi uma oportunidade de vos dar um recomeço e agarrei-a. Foi por minha causa e da minha manipulação que vocês se casaram, com tanto que ainda havia a separá-los, e achei que tinha de corrigir os meus erros. Fiz o que pude para eliminar as circunstâncias que levaram ao vosso casamento, para que tivessem a oportunidade de se escolherem um ao outro, como deveria ter acontecido desde o início.

Eu e a Valentina olhamos um para o outro, sentindo que acabámos de resolver um quebra-cabeças.

– Brincou com as nossas vidas – murmuro, sem saber se me sinto zangado ou aliviado.

– Desde o início – acrescenta a Valentina, incrédula.

– Quando é que isto começou? – pergunto com a voz estranhamente calma.

A avó hesita e, depois, tira uma fotografia da sua carteira. Entrega-ma, e eu e a Valentina ficamos a olhar para ela, em choque.

– Estes são vocês os dois, a Valentina tinha dias – explica enquanto olhamos para a fotografia onde estou eu, com cinco anos, com um bebé ao colo. Pareço aterrorizado, mas enamorado, e a Valentina era minúscula. – Luca, os teus pais tinham ido visitar os da Valentina e levaram-te com eles. Apaixonaste-te por ela, e eles brincaram com isso, dizendo que deviam já combinar o vosso casamento. Afinal, a Val era uma Garcia, e os vossos pais eram amigos.

A Valentina fica apreensiva, e eu aperto-lhe a mão com força. Não lhe poderia esconder a amizade dos nossos pais para sempre, mas gostava que tivesse sido possível.

– Começou por ser uma piada, mas, nos anos seguintes, a tua mãe continuou a falar nisso. Ela adorava a Val e costumava dizer, a brincar, que queria ter outra filha, mas que, como isso não era possível, ia adotar a Val como nora. Nunca foi nada formal e, no máximo, foi tudo uns comentários aqui e ali, mas percebi que era algo que a tua mãe queria para ti. – Ela desvia o olhar novamente com uma expressão de mágoa. – Quando perdemos os teus pais, perdi o rasto à Val, até que ela se candidatou para trabalhar connosco. Falei com a mãe dela, para saber o que achava de um casamento de conveniência, mas ela opôs-se veementemente e disse-me que faria com que a Val se despedisse se eu voltasse a tocar no assunto. Ela nem sequer queria que a Val trabalhasse connosco, não queria ter nada que ver com a nossa família. Não duvido que, se a Val tivesse outras oportunidades de emprego, lhe tivesse pedido que as aceitasse. Eu não podia fazer nada e percebi que se estivessem destinados a ficarem juntos, como a tua mãe pensava, algo iria, naturalmente, acontecer entre vocês. Esperei anos e nada. Pior, a Val deixou de vir aos nossos jantares... então arrisquei, na esperança de que tudo acabasse

como eu achava que ia acabar.

Abraço a Valentina pela cintura. Nenhum de nós consegue desviar o olhar da fotografia.

– Forçou um noivado com os Ivanovs – murmuro. – Ou eu o cancelava por causa da Valentina ou casava com a Natalia e ganhávamos um importante aliado. A avó não tinha nada a perder.

– É verdade – admite a avó. – Mas não pensei que o passado te fosse atormentar. Devia ter percebido que a minha intervenção ia resultar no choque das vossas personalidades fortes. Era óbvio quando vos via juntos. Estavam apaixonados, e esse amor foi crescendo durante o casamento, mas havia barreiras intransponíveis entre vocês. Quando já se viveu tanto como eu, é mais fácil detetar as feridas que as pessoas carregam. Vocês não tinham noção, mas elas eram visíveis. Sei que não acreditam em mim, mas eu só queria a vossa felicidade.

Olho para os meus irmãos.

– E vocês? Estavam todos metidos nisto?

A avó põe-me uma mão no ombro e abana a cabeça.

– Não te zangues com eles – murmura. – Eu sou a única que merece a tua raiva. Cada um deles veio interceder por ti, um a um, e recusaram-se todos a ir aos jantares de família enquanto eu não vos fizesse voltar para casa. Tive de lhes contar tudo, e todos eles vos amam tanto que se afastaram quando foi preciso. Disse-lhes que íamos esperar seis semanas para que vocês encontrassem o caminho de volta um para o outro, sem qualquer intervenção externa, e que, depois, eu vos contaria tudo.

A Valentina olha para a Sierra, para a Raven e para a Alanna.

– É por isso que têm estado tão caladas no nosso grupo de mensagens e não me têm atendido as chamadas?

Elas anuem e os olhos da Sierra enchem-se de lágrimas.

– Eu não sei guardar segredos, Val. Estive tão perto de te contar tudo sempre que falávamos, mas a avó tinha razão. Vocês os dois têm personalidades tão fortes, que precisavam de resolver tudo sozinhos, sem as circunstâncias que vos forçaram a estar juntos. Sei que estás zangada comigo, mas não me arrependo do que fiz.

– E a lista negra? – pergunto, com a raiva surpreendentemente controlada. – Como pudeste fazer isso à Valentina depois de ela ter lutado tanto para chegar a diretora de operações?

A avó sorri.

– Não estão na lista negra e as vossas funções na Windsor Finance mantêm-se. Para ser honesta, estou quase a implorar-vos que voltem ao trabalho. Já estou velha para trabalhar tanto. Enviei uma circular a informar toda a gente que, por motivos pessoais, iam estar ausentes. O Silas e o Lexington intercetaram todas as vossas candidaturas e enviaram as respostas negativas. Não podíamos arriscar que houvesse rumores sobre desentendimentos na família, não tínhamos outra hipótese. Felizmente, vocês usam telemóveis e computadores da empresa, que são fáceis de controlar, ou, pelo menos, foi o que o Lexington e o Silas disseram. Só não conseguimos intercetar a candidatura para o Canadá.

Olho para a minha esposa sem saber que dizer ou fazer. Nem sequer sei que pensar. Sabia que a minha avó andava a tramar alguma coisa, mas isto é muito mais do que poderia ter imaginado.

– Por agora – diz o Dion –, sentem-se.

– Onde vamos? – pergunto.

– Não é para o Canadá, isso é certo – comenta o Zane.

Viro-me para a Valentina, e ela anui. É quanto basta para a encaminhar para os nossos

lugares habituais, apesar de ter a cabeça num turbilhão. Se é aqui que quer estar, então é aqui que ficamos.

Sessenta e Nove

Luca

Estás bem? – pergunta a Valentina com voz terna.

Viro-me para ela e o meu olhar percorre a enorme suíte de hotel. aterrámos no Havai, mas não sei que pensar desta inesperada viagem em família.

– Não sei – respondo com sinceridade. – E tu?

Ela anui.

– Fiquei surpreendida com a fotografia, mas faz sentido que os nossos pais se conhecessem. Magoa-me saber que o meu pai é de alguma forma responsável por eu ter conseguido o meu trabalho, mas também sei que fiz tudo ao meu alcance para provar a toda a gente, e a mim mesma, que mereço este lugar. Esta revelação não me deixa feliz, mas não interessa. Tudo o que interessa é que a avó Anne me deu uma oportunidade, a razão pela qual o fez é irrelevante.

– Eu sabia – digo-lhe com a voz meiga. – Quando nos cruzámos com ele, confrontei a minha avó, e ela admitiu que os nossos pais eram amigos. Fiquei preocupado contigo. Não queria que isto nublasse quão arduamente trabalhaste e não te contei.

Ela sorri e inclina ligeiramente a cabeça.

– Já tinha percebido. Fizeste o que achaste que era o melhor para mim, certo?

A Valentina dirige-se a mim e envolve-me o pescoço com os braços, mantendo os seus olhos nos meus.

– Da mesma forma, a avó Anne também tinha boas intenções – murmura. – Se pensarmos nisto objetivamente, não beneficiámos com as suas atitudes? Esquece as tuas emoções, Luca. Se parares de pensar no facto de termos sido manipulados e te focares no objetivo dela, dirias que ela fez o que achou que era melhor para nós?

Puxo-a para mim e ela põe-se em bicos de pés.

– Odeio quando és tão racional – sussurro encostado aos lábios dela. – Não me podes deixar ficar zangado?

Ela enterra os dedos no meu cabelo e abana a cabeça.

– Como, se sei que ela teve boas intenções? Só consigo pensar no que faria se fosse a *Abuela*. Ficaria zangada? Iria arrepender-me do tempo que passei a discutir com ela? Se ela não tivesse feito o que fez, estaríamos juntos? Estaríamos aqui, em pé de igualdade? Luca, diz-me com honestidade. Achas que o nosso casamento seria assim tão forte sem ela?

Suspiro e pego-lhe ao colo, sem querer admitir que tem razão. Não quero ser racional neste momento, não enquanto estiver tão zangado. Como posso não culpar a minha avó por todo o stress que causou? Podia perdoá-la se ela não tivesse tocado na Valentina, mas, durante semanas, deixou que a minha esposa acreditasse que tinha perdido tudo. Estava a lidar com a perda da avó e, de repente, teve também de lidar com a perda do trabalho pelo qual tanto tinha lutado. Como pode ela perdoar-lhe isto tão facilmente?

A Valentina enrola as pernas na minha cintura e sorri-me.

– Sabes que tenho razão. Se ela não te tivesse expulsado, se calhar, eu não tinha saído

da espiral em que estava. Só consegui porque senti que precisavas de mim. Se isso não tivesse acontecido, continuaria convencida de que estavas melhor sem mim.

Faço um som que traduz as minhas reservas, enquanto a levo para a cama.

– Talvez.

Ela ri-se e abana a cabeça quando a deito na cama. O cabelo dela espalha-se pelas almofadas num lindo desenho, e fico a olhar por um instante.

– Estou tão apaixonado por ti – murmuro, hipnotizado.

Hoje, tem vestidas umas *leggings* simples e uma *t-shirt* largueirona, e, mesmo assim, não consigo parar de olhar para ela. É tão linda!

– Odeio até a ideia de alguém te magoar. Saber que foi a minha família que te deu preocupações quando já estavas a passar por tanto é imperdoável.

– Mas eu nem sequer os culpo por isso – diz. – E acho que devias fazer o mesmo. Sei o quanto sentiste a falta da tua família, e tu sabes o quanto eles te amam. São algo loucos, mas têm o coração no sítio certo.

Deito-me, virado para ela.

– Independentemente do que decidires, estarei ao teu lado – diz-me.

Fico a olhar para ela, incrédulo. Como pode desculpar as ações da minha avó tão facilmente? Puxo-a para mim e envolvo-a num abraço apertado, pensando na *Abuela*. Verdade seja dita, se tivesse sido a *Abuela* a fazer-nos isto, eu também a desculparia imediatamente. Percebo o que ela quer dizer, e tem razão quando diz que tudo acabou bem, mas e se tivesse corrido mal?

A Valentina deita-me de costas e senta-se em cima de mim, passando as mãos pelo meu corpo. Sorri quando se levanta para despir as *leggings*.

– Diz-me que também sentes isto – murmura, continuando a percorrer-me o corpo com as mãos.

Sorrio quando me despe a *t-shirt* com o olhar repleto do mesmo amor que sinto.

– Esta intimidade entre nós não existia há umas semanas. É diferente agora, não é?

Anuo ainda com reservas. Mais uma vez, tem razão, e eu não o quero admitir. Observo o corpo dela e suspiro, feliz, enquanto desaperta o sutiã e sorri antes de o deixar cair.

Estico os braços para lhe tocar, mas ela abana a cabeça.

– Nada de mãos – murmura. – Deita-te e aprecia. Tenho de te dizer uma coisa e vais ouvir. Se o fizeres, deixo que me comas como quiseres.

Resmungo, descontente, e ponho, relutantemente, as mãos atrás da cabeça. As mãos dela deslizam sobre a minha braguilha e ela olha-me nos olhos enquanto abre o fecho.

– Lembras-te de quando te disse que achava que te odiava? – pergunta enquanto me pega na pila.

Resmungo novamente, irritado com essa lembrança, mas não podendo fazer nada, porque fico à sua mercê quando me toca assim.

– Claro que me lembro.

Ela sorri ao despir as cuecas e senta-se em cima de mim, nua. Morde o lábio e esfrega-se no meu pau, provocando-me.

– Deixei de te odiar há muito tempo, mas não sei se todo o ressentimento teria desaparecido se não tivesse tido a hipótese de te escolher sem qualquer constrangimento.

Gemo quando a cabeça da minha pila a penetra, mas ela afasta-se. Faz o mesmo várias vezes, deixando-nos aos dois loucos. A forma como geme quando o meu pau se roça no clitóris dela é incrível, e não sei quanto tempo vou aguentar.

– Se a tua avó não tivesse feito o que fez, eu nunca teria tido a oportunidade de saber o que farias se estivesses no lugar do meu pai. Ia viver com um medo irracional o resto da vida.

– Amor – gemo –, *por favor*. Como queres que me foque no que estás a dizer quando

estás toda molhada e a roçares-te em mim? Quanto tempo mais me vais torturar?

Ela ri-se e deixa-se penetrar pela cabeça da minha pila.

– Tu sabes que não me ias ouvir se eu não te encurralasse.

– Provocadora! – murmuro. – Vais pagar por isto.

Ela ri-se e deixa-me entrar mais fundo. Devia servir de consolação, mas só me deixa mais doido.

– Luca – geme, e eu rio quando percebo que está a ter tanta dificuldade em concentrar-se como eu, enquanto move as ancas, fazendo com que o meu pau entre e saia dela. – Tu... se... – gagueja, perdendo o raciocínio.

Empurro-me contra ela, penetrando-a mais, mas ela é mais rápida do que eu. Lança-me um olhar reprovador e impede-me de a penetrar até ao fundo. Está a levar-me à loucura!

– Luca, se não tivesse acontecido o que aconteceu, poderias ter a certeza de que eu estaria contigo se não fosses um Windsor?

– Está bem – gemo –, admito, ganhaste! Tens razão. O que ela fez eliminou os nossos piores medos. É verdade.

Ela sorri e deixa-me penetrá-la até meio. Estou a delirar, admito que não sou nada nas mãos da minha esposa.

– Mais uma coisa – diz, tirando-me de dentro dela outra vez –, diz-me que perdoas a tua família.

Passo uma mão pelo cabelo e empurro-me contra ela, desesperado.

– Faço tudo o que me pedires. Só quero que sejas feliz. Se é isso que queres, é isso que farei.

– Ainda bem – murmura ela, deixando-me, finalmente, entrar todo dentro dela. É surreal a forma como a vagina dela suga o meu pau. – Em troca, eu também te quero fazer feliz, Luca. Fode-me!

Sorrio ao agarrá-la e viro-nos, quase saindo de dentro dela e penetrando-a outra vez até ao fundo. Ela geme e agarra-me o cabelo enquanto a como da maneira que tanto queria.

– Disse-te que ias pagar pela tortura – digo-lhe.

Ela sorri e enrola as pernas à minha volta.

– Espero bem que sim – murmura, beijando-me a seguir.

Valentina Windsor. Tenho a certeza. Vou desejá-la da mesma maneira quando formos velhos e grisalhos. É a minha alma gémea. *Ela*.

Setenta

Luca

Seguro na mão da Valentina enquanto caminhamos pela praia, escolhendo o caminho mais longo até ao restaurante onde nos vamos encontrar com todos para tomar o pequeno-almoço. Este é, sem dúvida, um dos nossos *resorts* mais bonitos. Tudo nele é romântico, e é difícil continuar zangado com a minha família neste cenário. É tão raro termos todos tempo livre ao mesmo tempo, que não o quero desperdiçar a discutir com eles, e de certeza que foi nisso que a avó pensou quando nos trouxe para aqui.

É matreira, mas tenho de admitir que talvez tenha estado errado em relação a ela. Sempre pensei que não tinha qualquer interesse na nossa felicidade, mas é óbvio que tem. Há anos que anda a conspirar, mas, no fundo, era porque queria o melhor para mim. Queria realizar o desejo da minha mãe e, dessa forma, garantiu que eu me casava com o amor da minha vida. Não posso ficar zangado por isso.

– Aquele é o Dion? – pergunta a Valentina, apontando para a frente. – Porque é que está a andar tão longe da Faye?

Franzo a testa e semicerro os olhos.

– Acho que sim – murmuro. – Que estão a fazer?

Eu e a minha esposa ficamos a ver o Dion a aproximar-se da Faye. É óbvio que ela não tinha percebido que ele estava atrás dela, porque se vira, sobressaltada, e quase deixa cair o telemóvel.

– Parece que estão a discutir – diz a Valentina em tom preocupado.

Faltam só umas semanas para o casamento deles e não parece que se estejam a dar muito bem. Tendo em conta a linguagem corporal do Dion, suspeito que ela estivesse a falar com o namorado ao telemóvel. Que grande trapalhada! Nunca vi o Dion perder a cabeça desta forma, mas suponho que seja normal que a única pessoa que o faça perder a calma seja a sua futura esposa.

A Valentina suspira quando o Dion pega no telemóvel da Faye e o atira ao mar.

– Foda-se! – murmuro antes de me desatar a rir.

A minha esposa dá-me uma cotovelada e lança-me um olhar repreendedor.

– Não tem piada, Luca.

Encolho os ombros.

– Até tem. Ele sempre disse que não se queria casar com ela, mas aquilo parece-te um homem que não quer saber da sua noiva? O Dion é sempre tão certinho e inabalável, olha para ele agora. Ela vai derrubar todas as defesas dele e vai ser engraçado ver isso acontecer. A culpa é dele por se ter mantido afastado dela por tanto tempo. A Faye, mesmo que não seja de propósito, vai fazê-lo pagar pela indiferença, e eu vou ficar a assistir.

A Valentina abana a cabeça e arrasta-me com ela. O Dion e a Faye chegam à sala do pequeno-almoço antes de nós, e não me surpreende vê-los sentados em pontas opostas da longa mesa. Toda a gente se cala quando entramos e as mulheres olham para a Valentina

com olhares de cachorrinho, claramente com remorsos por nos terem escondido os planos da avó.

– Vieram – diz a avó, levantando-se. Aponta para as cadeiras ao lado da dela e sorri. – Sentem-se.

A Valentina aperta-me a mão e lança-me um olhar encorajador. Raios! Ela tem razão, não tem? O nosso casamento é mais forte agora do que antes. É mais verdadeiro. Não há nada que se meta entre nós e, goste ou não, é graças à minha avó.

Ajudou-a a sentar-se. Os meus irmãos olham todos para mim, a maioria com dificuldade em me encarar. Até o Ares tem um ar culpado. São todos uns otários.

A minha esposa põe-me a mão na coxa, e eu olho para ela. Sorri-me de uma forma tão doce, tão implorante, que sou obrigado a ceder. Viro-me para a minha avó e suspiro.

– Não estou menos zangado, mas percebo as suas intenções. – Olho para cada um dos meus irmãos com uma raiva latente. – Vou esquecer isto, mas se algum de vocês prejudicar a minha esposa outra vez, abandono-vos a todos. Brinquem comigo à vontade, já estou habituado, mas não se atrevam a tocar-lhe. É inaceitável e, seja de que forma for, pagarão por isso.

A Valentina belisca-me a perna e endireita-se.

– O que ele quer dizer é que vos adoramos a todos e, embora estejamos magoados com as vossas ações, sabemos que o fizeram por amor. Afinal de contas, estamos melhor agora e é isso que importa. Vocês são a família que eu nunca tive e, mesmo que sejam metediços, não aguentaria perder-vos. Não teria ultrapassado a perda da minha avó e, sinceramente, acho que não seria quem sou hoje sem vocês.

Vira-se para a minha avó e sorri.

– Se não fosse a avó Anne, não teria conseguido o trabalho que se tornou uma parte tão importante da minha identidade e não teria tido a chance de estudar. Não teria, certamente, aprendido o suficiente para, com a minha idade, já ser diretora de operações da Windsor Finance. Além disso, é a razão pela qual eu e o Luca estamos juntos, e estou grata por tudo isso. – Recosta-se na cadeira e olha para mim por um instante, antes de se virar para a minha família. – Tal como o Luca, *estou* magoada, mas estamos a dar-vos uma oportunidade de nos compensarem.

– Tudo o que quiserem – diz a avó, com uma expressão inédita para mim. Parece estar arrependida, grata e tão cheia de amor.

A Valentina olha para mim e eu anuo, sorrindo.

– Queremos casar-nos – diz, ternamente. – Aqui, com todos vocês presentes. Adorava que a minha mãe também aqui estivesse. Imagino que isso seja possível, não acham?

A Sierra solta um gritinho e agarra o braço da Raven. Todos os meus irmãos sorriem. O alívio que se sente na sala é palpável. Ponho um braço sobre os ombros da Valentina, e ela encosta-se a mim.

– Apesar de estarmos legalmente casados, não tivemos uma cerimónia – digo. – Por respeito à avó da Valentina, queremos que seja uma cerimónia íntima, e este sítio é perfeito para isso.

A Raven levanta-se com os olhos arregalados de excitação.

– Meu Deus – murmura –, há tanta coisa a fazer! Tenho o vestido perfeito para ti. Vou pedir que o enviem.

A Sierra levanta-se também e sorri.

– Deixem tudo connosco – diz. – Deem-nos dois dias e vamos organizar o casamento dos vossos sonhos.

A Valentina olha para mim e sorri com os olhos a brilhar. Nunca os teria perdoado tão facilmente se não fosse ela. Ela é tudo para mim. É a calma de que o meu caos precisa. A luz que ilumina a minha escuridão. O amor da minha vida.

Setenta e Um

Luca

Estou de pé no altar montado na praia, dentro de um coreto, que a Sierra mandou construir para nós. É lindíssimo e parecido com aquele onde beijei a Valentina pela primeira vez. Tenho de admitir que a minha família se esmerou. Mal dormiram durante dois dias. Passaram cada segundo a organizar este casamento, e isso nota-se. Está tudo perfeito até ao mais ínfimo pormenor. Transformaram a praia num oásis florido, e sei que isso era exatamente o que a Valentina queria.

– Porque estás tão nervoso? – pergunta-me o Zane, enquanto os meus irmãos ocupam os seus lugares ao meu lado. – Sabes que já estás casado, certo?

Lanço-lhe um olhar implacável, e ele ri-se.

– Se ainda não nos perdoaste, vais fazê-lo quando vires a Val – diz o Ares. – A Raven esmerou-se com o vestido.

Reviro os olhos.

– Só dizes isso para te gabares de como a tua esposa é ótima estilista. Cala-te lá um bocadinho!

O Lexington ri-se.

– Sim, alguém que lho diga. Além disso, quem foi que se esmerou mais? Fui eu que tive de ir buscar a tua sogra.

– E foi a única coisa que fizeste, ó sacana – diz o Zane. – Escapaste quando a Sierra e a Raven se puseram a dar ordens. Fazes ideia do quanto sofremos?

Resmungo e levo a mão ao bolso. O meu objetivo era pegar no relógio de bolso, mas os meus dedos encontram um papel. Sorrio quando vejo que é uma nota adesiva rosa. Meu Deus, até a letra dela eu amo! Mal posso esperar por vê-la. Desde que dissemos que nos queríamos casar, a avó afastou-a de mim, dizendo que não podia ver a noiva antes do casamento. Tem sido uma tortura!

«Luca, os últimos dois dias pareceram-me intermináveis e tenho mais saudades tuas do que pensava ser possível. Estou ansiosa por caminhar até ao altar, mas, mais ainda, pelo resto da nossa vida juntos. Obrigada por amares todas as minhas versões, principalmente quando achei que não merecia ser amada. Amo-te!»

– És um sortudo – diz o Dion, com uma ponta de nostalgia na voz.

Desperto do meu transe e escondo o recado da Valentina no bolso. Não era suposto ele tê-lo lido. Sorrio-lhe e olho para a Faye, sentada ao lado da avó, do Silas e da Alanna. A Valentina pediu-lhe que fosse dama-de-honor, mas ela recusou, talvez por saber que era um convite feito apenas para que não se sentisse excluída. Sempre gostei dela e, ao longo dos anos, interagi com ela o suficiente para perceber que é boa pessoa. É bondosa e sensata, e, mesmo que o Dion não o veja, é perfeita para ele.

– És tão sortudo como eu – digo-lhe. – Só ainda não o percebeste.

Ele faz troça, mas eu ignoro-o porque a Sierra e a Raven aparecem ao fundo do corredor. Caminham até nós de mãos dadas, e é impossível não rir. Discutiram tanto sobre

quem devia ser a dama-de-honor, que a Valentina acabou por as nomear às duas.

Se este casamento me mostrou alguma coisa foi o quanto eu e a Valentina somos amados. Percebo agora como foi capaz de perdoar tão rapidamente. Todos os que aqui estão querem o melhor para nós e haverá pouca coisa que não fizessem por nós. Talvez os tenha tomado por garantidos algumas vezes, mas nunca mais o farei. A Valentina nem o vai permitir.

– Uau! – murmuro quando a vejo.

Ela caminha na minha direção, de braço dado com a mãe. Está a usar um vestido justo lindíssimo que lhe abraça as curvas e termina numa cauda que se arrasta atrás dela. Tem o cabelo solto, como eu adoro, envolvendo o seu corpo e caindo em lindas ondas.

– Meu Deus! – Se há um momento do qual me quero lembrar para sempre, é deste.

Ela olha para mim e sorri de faces rosadas. Nunca nada fez tanto sentido. A minha sogra põe uma mão sobre a minha e sorri-me com um nível de confiança que nunca me tinha mostrado.

– Eu sei que a vais fazer feliz – diz, e eu anuo. Olha para um e para o outro e acena com a cabeça antes de se afastar.

Os meus irmãos e a Raven seguem-lhe o exemplo e sentam-se todos, deixando-me a mim e à Valentina sozinhos com a oficiante ao nosso lado.

– Estamos hoje aqui reunidos para testemunhar a união de Valentina e Luca – diz ela, e não consigo suprimir um sorriso.

Ansiava por este dia há mais tempo do que a Valentina alguma vez saberá. Ela num vestido de noiva é uma fantasia minha mais antiga do que seria suposto. Quando a cerimónia começa, só me consigo focar nela, e o seu olhar diz-me que sente o mesmo.

A oficiante pede-nos que troquemos os votos. Pego na aliança que ela me dá e sorrio enquanto a ponho na ponta do dedo da Valentina.

– Um *mínimo* de três anos foi tudo o que te pedi – digo-lhe, ternamente. – Porque na altura já sabia que três anos não ia ser tempo suficiente. Era o mínimo, mas agora parece-me mesmo muito pouco tempo. Se for possível, quero passar três vidas contigo, Valentina. Vou ser verdadeiro contigo e honrar-te de todos os modos possíveis. Amar-te-ei durante todas as fases da nossa vida, nos altos e nos baixos, na alegria e nos desafios, no melhor e no pior.

Ela sorri, trémula, visivelmente emocionada, e eu devolvo-lhe o sorriso e enfio-lhe a aliança no dedo.

– Luca – diz com a voz a tremer enquanto aproxima a aliança da ponta do meu dedo –, três vidas? Não me parece que seja tempo suficiente! Durante anos, caminhámos lado a lado, e prometo que é isso que vamos continuar a fazer. Independentemente dos desafios que encontrarmos, estarei ao teu lado, a apreciar cada passo que dermos juntos. Vou partilhar a tua alegria e a tua mágoa, os teus desafios e as tuas vitórias. Prometo amar-te, só a ti, por quem és, em todas as fases da nossa vida. No melhor e no pior, Luca, quero tudo contigo.

O meu coração falha uma batida quando me põe a aliança no dedo, e olho para ela, com satisfação. Sempre adorei usar aliança, mas agora parece-me mais especial. Não acredito que estamos aqui, depois de tudo pelo que passámos. Anos de distância, ressentimento e incontáveis provações. Mas tudo me levou até ela. E só nos tornou mais fortes.

– Declaro-vos marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Sorrio ao enlaçá-la pela cintura e puxo-a para mim. A nossa família irrompe em ovação quando os nossos lábios se encontram, mas tudo se desvanece, até existir apenas a minha esposa. Três vidas não será tempo suficiente.

Epílogo

Valentina

O lho furiosamente para o Luca e bato com a pasta na mesa de reuniões da sala da administração.

– Não vamos investir nisso – digo-lhe. – Precisamos de mais ativos líquidos e não concordo com esta distribuição.

Vários dos membros da administração anuem, enquanto outros se mantêm cabisbaixos, com medo do Luca. Já se habituaram às nossas querelas. Podemos ter um casamento muito feliz, mas quem nos vê apenas no trabalho terá dificuldade em acreditar nisso.

O Luca levanta-se e fulmina-me com o olhar.

– Parece que te esqueces de quem é o diretor executivo, Valentina. Se eu digo que vamos investir, vamos investir.

– Então temos de repensar a posição de diretor executivo, porque se pensas que isto é um bom investimento, não serves para a função.

– Dr. e Dra. Windsor – diz Hana Tanaka, a nossa diretora de *compliance* –, talvez seja melhor levar o tema a votação. Reunimo-nos novamente para a semana? Se os dois nos puderem dar uma ideia do retorno do investimento das vossas propostas, começamos por aí. Não temos de fechar o orçamento anual numa única reunião.

A Hana nunca se impressiona connosco. Acho que nunca a vi perder a calma.

– De acordo – ouve-se na sala, todos ansiosos para que esta reunião termine, suponho.

Todos os membros da administração se levantam e saem da sala, e eu e o Luca fazemos o mesmo, lançando farpas um ao outro. Ele segue-me até ao meu gabinete e olho-o por cima do ombro.

– Não tens trabalho para fazer? – pergunto.

Ele ri-se de forma provocadora.

– O meu gabinete é ao lado do teu, Valentina. Porquê? Tinhas outra coisa em mente?

Sorrio maliciosamente.

– E se te disser que sim?

O olhar do Luca torna-se sombrio e ele empurra-me para dentro do gabinete, fechando a porta e pondo-me contra ela. Pressiona o botão que fecha as persianas e sorri.

Os lábios dele encontram os meus, e gemo quando me beija. O Luca agarra-me nos pulsos e eleva-os acima da minha cabeça, prendendo-me contra a porta.

– Podes parar de me pôr a pila dura durante as reuniões da administração? Adoro quando és dominadora.

Rio-me encostada aos lábios dele quando ele pressiona o corpo no meu, sentindo um arrepio de desejo. A mão que tem livre percorre-me o corpo, apalpa-me as mamas e começa a descer por mim abaixo.

– Luca – aviso quando mete a mão debaixo da minha saia.

Ele sorri e morde-me o lábio.

– Disseste mesmo que eu não sirvo para diretor executivo? – pergunta num tom de voz grave, perigoso.

Disfarço um sorriso que depressa desaparece quando ele enfia um dedo dentro de mim.

– Parece que este diretor executivo incompetente te deixa muito molhada. É o que faço melhor, não achas?

O polegar dele roça-se no meu clitóris com força, castigando-me, e eu gemo, incapaz de suprimir o desejo. Ele sabe perfeitamente como me deixar louca e adora fazê-lo. Afasta-se ligeiramente para me olhar nos olhos, claramente a apreciar o meu tormento.

– Se te fizer vir contra esta porta, deixas-me investir no negócio de biotecnologia?

Abano a cabeça e esforço-me por esconder o prazer.

– *Não.*

Ele beija-me, enrolando vagarosamente a língua na minha.

– E se me puser de joelhos para te lamber?

Os movimentos dele intensificam-se e sabe que me está a levar ao limite. Reconheço-o no sorriso dele.

– Não – digo, libertando os pulsos –, mas se me comeres, estou disposta a falar sobre isso.

Ele resmunga e afasta-se para desapertar as calças, mas, assim que abre a braguilha, alguém bate à porta.

– Foda-se! – murmura. – Quem quer que seja está despedido.

Passa uma mão pelo cabelo e endireita as roupas, e eu faço o mesmo. Estamos os dois igualmente frustrados. Andamos tão ocupados que, muitas vezes, simplesmente adormecemos quando chegamos a casa. Estas rapidinhas no escritório têm sido o melhor dos nossos dias.

– Entre – digo ao sentar-me atrás da secretária. O Luca está ao meu lado com o braço apoiado nas costas da minha cadeira.

Ficamos apreensivos quando vemos três homens entrarem no gabinete, e a postura do Luca torna-se defensiva.

– Que raio fazem aqui? – protesta. – Pensei que lhe tinha dito que não podia aparecer aqui sem uma marcação?

Olho, em choque, para o meu pai e reconheço vagamente os homens que o acompanham. Um é Hugo Garcia, o presidente do império Garcia e primo mais

velho do meu pai. É quem tem o poder na família, mas raramente aparece em público. Vê-lo aqui é suficientemente chocante, mas é o homem mais novo que me faz levar uma mão ao coração de tão estupefacta que estou. Mateo Garcia... o meu irmão mais novo. Vi-o de relance em alguns eventos, mas nunca estivemos tão perto.

– Venho trazer presentes e um pedido de desculpas – diz o Hugo ao meu marido, sorrindo educadamente. Olha para mim e põe uma mão no ombro do meu pai. – Tenho ligado, mas rejeitas as minhas chamadas, Luca.

O Mateo olha para o nosso pai, e esbugalho os olhos quando lhe dá um pontapé na parte de trás das pernas, fazendo-o cair de joelhos no meu gélido chão de mármore.

– Pede desculpa à minha irmã ou é a última vez que me pões a vista em cima – murmura em voz sumida, como se não quisesse que eu ouvisse.

O Hugo aclara a voz e olha para mim como que pedindo desculpas.

– Quando a nossa corporação recebeu vários golpes da família Windsor, ficámos sem saber o que se passava – diz-me. – Que eu soubesse, não tínhamos feito nada que ofendesse os Windsors e tive de investigar. Levou algum tempo, mas cheguei à verdade. Valentina, não há palavras que compensem a dor e a perda que foste forçada a sofrer. Para mim, nada é mais importante do que a família e quero que saibas que o comportamento do teu pai nada tem que ver comigo ou com o resto da família Garcia. Não apoiamos nem aceitamos a forma como te tratou e, embora perceba que não queiras saber de nós, gostávamos muito de ter uma hipótese de te conhecer. Como teu tio, quero que saibas que haverá sempre lugar para ti ao meu lado. Sei que estás casada, mas, para mim, serás sempre uma Garcia.

O Mateo encaminha-se para a minha secretária com o olhar repleto do mesmo remorso que vejo nos olhos do meu tio.

– Nunca soube da tua existência – diz delicadamente. – Se soubesse que tinha uma irmã mais velha, nunca teria ficado calado e deixado que isto acontecesse. Não sabes, mas há anos que te admiro. Já eras uma inspiração para mim muito antes de descobrir que somos parentes e, se me deres uma oportunidade, gostava muito de te conhecer. Respeitarei a tua escolha, mas quero que saibas que isto não são palavras ocas. Eu e o meu tio queremos compensar-te pelo que aconteceu.

Passa-me um molho de documentos com um sorriso trémulo. O Luca põe-me uma mão no ombro enquanto olho para os documentos de olhos arregalados.

– Estão a dar-me ações da Garcia Lda. e da ReInsure?

O Hugo anui.

– És uma Garcia. As ações do teu pai foram redistribuídas entre ti e o teu irmão, como deve ser. Mesmo que não queiras ter nada que ver connosco, é o mínimo que podemos fazer por ti. Claro, espero que o vejas como um sinal de boa-fé e nos dês uma hipótese. Já perdemos tanta coisa, e eu não vou para novo. Posso nunca ocupar o lugar de um pai, mas, se deixares, gostava de fazer parte da tua vida.

Vejo os documentos e depois levanto a cabeça para o olhar nos olhos.

– Inteligente – murmuro. – As ações da Garcia são um verdadeiro presente, admito, mas as da ReInsure? Significam que ou salvo e reconstruo a empresa ou a perda será minha.

O Hugo sorri.

– A culpa não é exatamente minha. O teu marido apenas me permitiu chegar até ti se te desse tudo o que o teu pai ganhou ao afastar-se de ti, o que inclui a propriedade onde está a sede da ReInsure. É claro que tenho esperança de que reconstruas a empresa, mas a decisão é tua. A família Garcia não é assim tão frágil que não aguente a perda de uma empresa no imenso império que detemos. Se quiseres dar cabo dela de vez, eu ajudo-te. Sendo uma Garcia, não tenho dúvidas de que és tão temperamental como o teu irmão. Talvez isso te tranquilize.

Recosto-me na cadeira e abano a cabeça.

– Se provocar mais danos à empresa, isso irá afetar os funcionários e não tenho nada contra eles. – Olho para o meu tio com frieza. – Vou transformá-la na Windsor Insurance.

Esperava que ficasse ofendido, mas apenas sorri e anui.

– Faz o que quiseres, Valentina. A empresa é tua.

O Mateo bate com o pé no nosso pai, e eu fico a olhar para ele, surpresa por ver este homem arrogante de joelhos.

– Peço-te desculpa – diz, parecendo estar em sofrimento.

O pedido de desculpas parece-me vazio, como se apenas lamentasse ter sido apanhado e não a dor que causou. Sempre pensei que toda a família Garcia me rejeitava. Nunca pensei que fossem apenas o meu pai e os meus avós e não sei o que pensar sobre isso.

O Hugo sorri-me novamente.

– Gostava muito que visitasses a nossa casa um dia destes, Valentina. Tens muitos primos que gostavam de te conhecer. A minha esposa, a tua *Tia* Liliana, gostava que jantasses connosco. Posso pedir-te que, por favor, penses nisso?

Anuo com o coração dividido. A ideia de ter, afinal, uma família, de ser querida e amada por ela... pensei que tinha desistido disso, mas mentiria a mim mesma se dissesse que as palavras dele não me deram esperança.

– Eu... vou pensar sobre o assunto, *Tio*.

O sorriso dele em resposta é tão amplo que me custa a crer que o homem que está à minha frente poderia facilmente rivalizar com a avó Anne.

– Fico à espera – diz-me, e eu sorrio.

Olho para o meu marido e vejo que me observa com orgulho. Orquestrou tudo isto apenas porque queria justiça para mim. Vou certificar-me de que se sente tão amado como eu, em cada segundo de cada dia, para o resto das nossas vidas. E, com alguma sorte, farei tudo de novo se nos encontrarmos noutra vida – porque só uma vida com este homem não será suficiente para mim.

Epílogo: Dez anos depois

Luca

– Que fizeste hoje na escola? – pergunto ao meu filho, Evan.

Ele ri-se e agarra-se à minha perna com os seus bracinhos, apertando-me com força. O meu coração mal aguenta. É tão adorável e tão parecido com a mãe.

– Brinquei com os meus amigos – diz-me. – E vi a Bella no recreio.

– Ai sim? – murmuro, enquanto esperamos pela Isabella à porta da escola. – Ela estava com medo? Foi o primeiro dia, tomaste conta da tua irmã, não tomaste?

O Evan desata-se a rir e abana a cabeça.

– A Bella? Ó pai, ela nunca tem medo de nada!

Disfarço um sorriso e anuo. Ele tem razão. A minha filha só tem quatro anos, mas é destemida. Tem o temperamento e inteligência da Valentina, o que é maravilhoso, porque ver a minha esposa a lidar com a sua versão infantil é o melhor dos meus dias.

– Papá!

O meu coração quase explode de cada vez que a ouço dizer isto. Baixo-me e apanho-a quando salta para os meus braços, pondo-me as suas mãozinhas atrás do pescoço. Que doçura! Está, outra vez, vestida de rosa dos pés à cabeça, bandoleta incluída. Acho hilariante porque parece um castigo pelo enjoo de rosa a que a Valentina me sujeitou. A Isabella recusa-se a usar tudo o que não seja rosa, e a minha esposa fica furiosa, enquanto a Raven adora.

Dou a mão ao Evan, e a Isabella permanece pendurada em mim como uma macaquinha.

– Vamos ter com a mãe? – pergunta o Evan, entusiasmado. – Fiz uma prenda para ela.

Rio-me e anuo.

– Vamos – respondo, enquanto os sento dentro do carro. – E porque é que eu não tenho uma prenda também? – pergunto, sentando-me à frente deles. O nosso motorista fecha a porta ao mesmo tempo que ponho o cinto de segurança.

O Evan ignora-me deliberadamente, obrigando-me a suprimir um sorriso. São os dois tão obcecados pela Valentina como eu, e não os culpo por isso.

– Papá – diz a Isabella –, mostrei-te o que o *Tío* Mateo me deu por ter começado a escola?

Ela estica o braço e arregalo os olhos quando vejo a sua pequena pulseira com um pendente. O otário do meu cunhado deu-lhe uma pulseira com diamantes? É louco?

– É uma pulseira Milagro com um pendente de coração. Ele diz que dá sorte.

O Evan anui e puxa um colar de dentro da camisola.

– Eu também tenho um, mas o meu é uma mão.

Afundo o rosto nas mãos por um instante quando percebo que o pendente do Evan também tem diamantes. A minha família foi proibida de lhes comprar prendas ridículas, mas os Garcia são teimosos. Ainda há uns dias, apareceram dois carros em miniatura à frente da nossa casa, um rosa e um preto, apenas porque o Hugo tinha comprado um

carrao novo e queria que os miúdos tivessem carros a condizer. Vão dar comigo em doido!

A Isabella sobressalta-se.

– Chegámos! – Olha sempre para o escritório com tanta reverência, é adorável!

– Dr. Windsor – ouço à minha volta enquanto me dirijo ao elevador. Cada funcionário faz questão de me cumprimentar e aos miúdos.

– Posso carregar no botão? – pergunta o Evan, e eu anuo e pego-lhe ao colo para que chegue aos botões.

Ele envolve-me o pescoço com os braços e caminhamos assim até ao gabinete da Valentina, com a Isabella a correr à nossa frente. Não sei a quem foi buscar esta energia toda. É um verdadeiro turbilhão!

– Mamã! – grita.

A Valentina levanta o olhar da secretária e sorri. O rosto ilumina-se-lhe quando a Bella corre para ela e lhe salta para os braços.

– Minha linda – murmura e beija a Bella na bochecha.

O Evan salta do meu colo para se lhes juntar, e eu suspiro, ficando para trás, derrotado e abandonado.

– Então e eu? – pergunto, mas os miúdos ignoram-me. Assim que veem a mãe, abandonam-me. Eu faria o mesmo!

A Valentina sorri-me e fica a olhar para mim.

– Amo-te, Luca – diz-me.

Caracas! Nunca me canso de o ouvir. Ao longo dos anos, passámos por tantas fases na nossa relação, e cada uma nos aproximou ainda mais. Pensava que não a podia amar mais do que a amava há dez anos, mas, a cada dia, o meu amor continua a crescer.

Dirijo-me à minha família e inclino-me para beijar a minha esposa na testa.

– Eu amo-te mais, meu amor – murmuro, roçando a orelha dela com os lábios. – Vou mostrar-te quanto logo à noite – sussurro.

– Mamã! – diz a Isabella, e eu afasto-me, apreciando como ela ainda cora com as coisas que lhe digo. – O meu professor perguntou o que quero ser quando for grande, e eu quero ser como tu. Quero trabalhar aqui. Posso?

O Evan anui e abraça a mãe com força.

– Eu também quero!

A Valentina tem-lhes incutido uma boa ética profissional e isso vê-se. É carinhosa e paciente e nunca os pressiona demasiado, mas assegura-se de que sabem o valor do trabalho árduo, seja nas tarefas domésticas ou nos trabalhos de casa.

– Queres ser uma diretora executiva, Bella? – pergunto. – O trabalho da mãe não é fácil, sabias?

Dois anos depois de a Isabella ter nascido, a Valentina tornou-se diretora executiva e eu tornei-me presidente da empresa, ficando mais liberto para os miúdos. Foi a nossa melhor decisão. Ela é perfeita na função e adora isto mais do que eu.

Desvio o cabelo do rosto da Bella num gesto terno, e ela fica a fazer mil perguntas à mãe sobre o trabalho dela. O meu coração quase explode de tanto amor. Não sabia o que era a felicidade verdadeira antes da Valentina, e os miúdos melhoraram a nossa vida já perfeita.

– Eu bem te disse! – murmuro.

A Valentina olha para mim, confusa. Eu sorrio-lhe.

– Há dez anos, disse-te que ainda não podia apagar todos os teus medos, mas que, daí a dez anos, ia olhar para ti e dizer «eu bem te disse!».

Os olhos dela iluminam-se e ela anui. A sua expressão enche-se de um amor tão poderoso, que preciso de todas as forças para ficar quieto e não desatar a fugir dos miúdos com ela nos braços.

– Eu bem te disse! – murmuro. Ela ri-se.

– Nunca fiquei tão feliz por teres razão – diz-me. – Amo-te tanto, Luca.

Passo a mão pela sua face, com o coração a rebentar de emoções que não posso descrever apenas como amor, mas essa é a única palavra que se aproxima.

– Eu amo-te mais – murmuro.

A cada segundo de cada dia, amo-a mais.

Table of Contents

1. Um
 1. Luca
2. Dois
 1. Luca
3. Três
 1. Valentina
4. Quatro
 1. Valentina
5. Cinco
 1. Luca
6. Seis
 1. Luca
7. Sete
 1. Valentina
8. Oito
 1. Luca
9. Nove
 1. Valentina
10. Dez
 1. Luca
11. Onze
 1. Luca
12. Doze
 1. Valentina
13. Treze
 1. Luca
14. Catorze
 1. Valentina
15. Quinze
 1. Luca
16. Dezasseeis
 1. Valentina
17. Dezassete
 1. Luca
18. Dezoito
 1. Valentina
19. Dezanove
 1. Valentina
20. Vinte

1. Valentina
21. Vinte e um
 1. Luca
22. Vinte e dois
 1. Valentina
23. Vinte e três
 1. Luca
24. Vinte e quatro
 1. Valentina
25. Vinte e cinco
 1. Valentina
26. Vinte e seis
 1. Valentina
27. Vinte e sete
 1. Luca
28. Vinte e oito
 1. Valentina
29. Vinte e nove
 1. Valentina
30. Trinta
 1. Valentina
31. Trinta e um
 1. Valentina
32. Trinta e dois
 1. Luca
33. Trinta e três
 1. Luca
34. Trinta e quatro
 1. Valentina
35. Trinta e cinco
 1. Luca
36. Trinta e seis
 1. Valentina
37. Trinta e sete
 1. Valentina
38. Trinta e oito
 1. Valentina
39. Trinta e nove
 1. Luca
40. Quarenta
 1. Luca
41. Quarenta e um
 1. Valentina
42. Quarenta e dois

1. Luca
43. Quarenta e três
 1. Luca
44. Quarenta e quatro
 1. Valentina
45. Quarenta e cinco
 1. Valentina
46. Quarenta e seis
 1. Luca
47. Quarenta e sete
 1. Luca
48. Quarenta e oito
 1. Valentina
49. Quarenta e nove
 1. Luca
50. Cinquenta
 1. Valentina
51. Cinquenta e um
 1. Valentina
52. Cinquenta e dois
 1. Luca
53. Cinquenta e três
 1. Valentina
54. Cinquenta e quatro
 1. Luca
55. Cinquenta e cinco
 1. Luca
56. Cinquenta e seis
 1. Valentina
57. Cinquenta e sete
 1. Valentina
58. Cinquenta e oito
 1. Luca
59. Cinquenta e nove
 1. Luca
60. Sessenta
 1. Valentina
61. Sessenta e Um
 1. Luca
62. Sessenta e Dois
 1. Valentina
63. Sessenta e Três
 1. Valentina
64. Sessenta e Quatro

1. [Luca](#)
65. [Sessenta e Cinco](#)
 1. [Valentina](#)
66. [Sessenta e Seis](#)
 1. [Valentina](#)
67. [Sessenta e Sete](#)
 1. [Luca](#)
68. [Sessenta e Oito](#)
 1. [Luca](#)
69. [Sessenta e Nove](#)
 1. [Luca](#)
70. [Setenta](#)
 1. [Luca](#)
71. [Setenta e Um](#)
 1. [Luca](#)
72. [Epílogo](#)
 1. [Valentina](#)
73. [Epílogo: Dez anos depois](#)
 1. [Luca](#)

Page List

1. [4](#)
2. [5](#)
3. [7](#)
4. [9](#)
5. [10](#)
6. [11](#)
7. [12](#)
8. [13](#)
9. [14](#)
10. [15](#)
11. [16](#)
12. [17](#)
13. [18](#)
14. [19](#)
15. [20](#)
16. [21](#)
17. [22](#)
18. [23](#)
19. [24](#)
20. [25](#)

21.	26
22.	27
23.	28
24.	29
25.	30
26.	31
27.	32
28.	33
29.	35
30.	36
31.	37
32.	38
33.	39
34.	40
35.	41
36.	42
37.	43
38.	44
39.	45
40.	46
41.	47
42.	48
43.	49
44.	50
45.	51
46.	52
47.	53
48.	54
49.	55
50.	56
51.	57
52.	58
53.	59
54.	60
55.	61
56.	62
57.	63
58.	64
59.	65
60.	66
61.	67
62.	68
63.	69
64.	70

65.	71
66.	72
67.	73
68.	74
69.	75
70.	76
71.	77
72.	78
73.	79
74.	80
75.	81
76.	82
77.	83
78.	84
79.	85
80.	86
81.	87
82.	88
83.	89
84.	90
85.	91
86.	92
87.	93
88.	94
89.	95
90.	96
91.	97
92.	98
93.	99
94.	100
95.	101
96.	102
97.	103
98.	104
99.	105
100.	106
101.	107
102.	108
103.	109
104.	110
105.	111
106.	112
107.	113
108.	114

109.	115
110.	116
111.	117
112.	118
113.	119
114.	120
115.	121
116.	122
117.	123
118.	124
119.	125
120.	126
121.	127
122.	128
123.	129
124.	130
125.	131
126.	132
127.	133
128.	134
129.	135
130.	136
131.	137
132.	138
133.	139
134.	140
135.	141
136.	142
137.	143
138.	144
139.	145
140.	146
141.	147
142.	148
143.	149
144.	150
145.	151
146.	152
147.	153
148.	154
149.	155
150.	156
151.	157
152.	158

153.	159
154.	160
155.	161
156.	162
157.	163
158.	164
159.	165
160.	166
161.	167
162.	168
163.	169
164.	170
165.	171
166.	172
167.	173
168.	174
169.	175
170.	176
171.	177
172.	178
173.	179
174.	180
175.	181
176.	182
177.	183
178.	184
179.	185
180.	186
181.	187
182.	188
183.	189
184.	190
185.	191
186.	192
187.	193
188.	194
189.	195
190.	196
191.	197
192.	198
193.	199
194.	200
195.	201
196.	202

197.	203
198.	204
199.	205
200.	206
201.	207
202.	208
203.	209
204.	210
205.	211
206.	212
207.	213
208.	214
209.	215
210.	216
211.	217
212.	218
213.	219
214.	220
215.	221
216.	222
217.	223
218.	224
219.	225
220.	226
221.	227
222.	228
223.	229
224.	230
225.	231
226.	232
227.	233
228.	234
229.	235
230.	236
231.	237
232.	238
233.	239
234.	240
235.	241
236.	242
237.	243
238.	244
239.	245
240.	246

241. [247](#)
242. [248](#)
243. [249](#)
244. [250](#)
245. [251](#)
246. [252](#)
247. [253](#)
248. [254](#)
249. [255](#)
250. [256](#)
251. [257](#)
252. [258](#)
253. [259](#)
254. [260](#)
255. [261](#)
256. [262](#)
257. [263](#)
258. [264](#)
259. [265](#)
260. [266](#)
261. [267](#)
262. [268](#)
263. [269](#)
264. [270](#)
265. [271](#)
266. [272](#)
267. [273](#)
268. [274](#)
269. [275](#)
270. [276](#)
271. [277](#)
272. [278](#)
273. [279](#)
274. [280](#)
275. [281](#)
276. [282](#)
277. [283](#)
278. [284](#)
279. [285](#)
280. [286](#)
281. [287](#)
282. [288](#)
283. [289](#)
284. [290](#)

285. [291](#)
286. [292](#)
287. [293](#)
288. [294](#)
289. [295](#)
290. [296](#)
291. [297](#)
292. [298](#)
293. [299](#)
294. [300](#)
295. [301](#)
296. [302](#)
297. [303](#)
298. [304](#)
299. [305](#)
300. [306](#)
301. [307](#)
302. [308](#)
303. [309](#)
304. [310](#)
305. [311](#)
306. [312](#)
307. [313](#)
308. [314](#)
309. [315](#)
310. [316](#)
311. [317](#)
312. [318](#)
313. [319](#)
314. [320](#)
315. [321](#)
316. [322](#)
317. [323](#)
318. [324](#)
319. [325](#)
320. [326](#)
321. [327](#)
322. [328](#)
323. [329](#)
324. [331](#)

Landmarks

1. [Cover](#)